



DESAFIOS DA ARTETERAPIA: SAÚDE, EDUCAÇÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS

Maria Glória Dittrich

Sonia Bufarah Tommasi

(Organizadoras)

ISSN: 2447-6048





UNIVALI

UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ

Rua Uruguai, 458 - Centro - Itajaí/SC - 88302-901

Reitor

Valdir Cechinel Filho

Vice-Reitor de Graduação e Desenvolvimento Institucional

Carlos Alberto Tomelin

Vice-Reitor de Extensão e Assuntos Comunitários

José Carlos Machado

Vice-Reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação

Rogério Correa

Procurador Geral

Rodrigo de Carvalho

Diretora Administrativa

Cleonice Aparecida Trai

D45 Desafios da arteterapia: saúde, educação e políticas públicas (X : 2018 : Balneário Camboriu, SC).

Anais do 13º Congresso Brasileiro de Arteterapia e X Jornada Catarinense de Arteterapia / Maria Glória Dittrich, Sonia Bufarah Tommasi (Organizadoras): Ed. da Univali, 2018.

Disponível em: www.univali.br/periodico

Associação Catarinense de Arteterapia – Acat; União Brasileira de Associações de Arteterapia – Ubaat; Universidade do Vale do Itajaí, SC:

Anais do 13º Congresso Brasileiro de Arteterapia e X Jornada Catarinense de Arteterapia, UNIVALI – Campus Balneário Camboriú – 11 a 13 de outubro de 2018.

ISSN: 2447-6048

Sistema requerido : Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso : World Wide Web

1. Políticas Públicas - Eventos. 2. Educação.

3. Saúde – Políticas Públicas.

I. Título. II. Dittrich, Maria da Gloria, Tommasi, Sonia Bufarah.

Maria Glória Dittrich
Sonia Bufarah Tommasi
(Organizadoras)

UNIVALI - Campus Balneário Camboriú - 11 a 13 de outubro de 2018

ASSOCIAÇÃO CATARINENSE DE ARTETERAPIA - ACAT
UNIÃO BRASILEIRA DE ASSOCIAÇÕES DE ARTETERAPIA - UBAAT
UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ - UNIVALI

COMISSÃO ORGANIZADORA

COORDENAÇÃO

Maria Glória Dittrich - UNIVALI, ACAT, UBAAT, CDVBA

MEMBROS DA ORGANIZAÇÃO

Sonia Bufarah Tommasi - CENSUPEG, UNIPAZ, ACAT, UBAAT

Heloisa Beatriz Machado - UNIVALI

Maria Denise Mesadri Giorgi - UNIVALI

Edeltraud Fleischmann Nering - ACAT, CENSUPEG

Mariléa Bermadete Hoffmann Loos - ACAT

Rikeli Ferreira Thives Hackbarth - ACAT

Larissa Fernanda Dittrich - ACAT, UNIVALI

Douglas Leoni - ACAT

Marily Regina Mattos Voltolini - ACAT

Celia Maria da Conceição Silva - ACAT

Karla Simone da Silva Espindola - ACAT, CDVBA

Aurea Mafra Silva - ACAT

Vera Regina Bedin - ACAT, CDVBA

Solange Schmachtenberg Appel - ACAT

Aline Franco - ACAT

Christiane Mesadri Córdova Diniz - ACAT

Vanderléa Ana Meller - UNIVALI

Maria Carolina Ulrich - UNIVALI

COMISSÃO CIENTÍFICA

COORDENAÇÃO DA COMISSÃO CIENTÍFICA

Sonia Maria Bufarah Tommasi - CENSUPEG, UNIPAZ, ACAT, UBAAT

Maria Glória Dittrich - UNIVALI, ACAT, UBAAT, CDVBA

MEMBROS DA COMISSÃO CIENTÍFICA

Larissa Fernanda Dittrich - UNIVALI, ACAT, CDVBAE

Karla Simone da Silva Espindola - ACAT, CDVBAE

Edeltraud Fleischmann Nering - ACAT, CENSUPEG

Lígia Diniz - AARJ

Ângela Philippini - AARJ

Diego da Silva - APAT

Marcia Regina do Nascimento - APAT

Luzia Sampaio de Athayde - ASPOART

Lucia Maria de Fatima Jácome - ASPOART

Angélica Shigihara de Lima - AATERGS

Catia Usevicius Maia - AATERGS

Vinicius Andrade de Souza - ASBART

Maria Celeste Carneiro dos Santos - ASBART

Sandro Leite - AATESP

Maíra Bonafé Sei - UEL, AATESP

Rikeli Ferreira Thives Hackbarth - ACAT

Flora Elisa de Carvalho Fussi - ABCA

Jaqueline Comazzi Lemos de Oliveira - ABCA

Glícia Manso - AARTES

Luciana Silvestre - AARTES

Otilia Rosângela da Silva - AMART

Denise Araújo de Oliveira e Sousa - AMART

Andréa Graupen - ARTE-PE

Deolinda Fabietti - AATESP

Tania Freire - AATESP

Micheline Ramos de Oliveira - UNIVALI

Carlos Golembiewsky - UNIVALI
Vanderléa Ana Meller - UNIVALI
Paulo Rogério Melo de Oliveira - UNIVALI

APOIO TÉCNICO

Maria Carolina Ulrich - UNIVALI
Carolayne Edna dos Santos - UNIVALI
Bruna Santos Piacesi - UNIVALI
Gabriela Kandini - UNIVALI
Luciane Pillar - UNIVALI
Igor Haskel - UNIVALI
Carolina Godinho Pahl - UNIVALI
Elielson Bernardino - UNIVALI

COMISSÃO CULTURAL

Maria Glória Dittrich - ACAT, UNIVALI, CDVBA
Douglas Leoni - ACAT
Marily Regina Mattos Voltolini - ACAT
Aurea Mafra Silva - ACAT

ASSESSORIA

Personalité Eventos



APRESENTAÇÃO

A conjuntura de crise econômica, social, política e cultural que o Brasil vem vivenciando nos últimos anos e que se apresenta no cotidiano da vida em sociedade, implica mudanças políticas na educação e na saúde. Tais mudanças apontam necessidades para se organizar políticas de inclusão da arteterapia como uma prática integrativa em saúde nas dinâmicas institucionais no território brasileiro.

Diante da complexidade do real vivido em sociedade, a vivência de políticas públicas na saúde, na educação tem levado pesquisadores e professores a criar e compreender campos interdisciplinares do conhecimento e da interconexão humana nas práticas de cuidado à saúde humana, visando explicações sobre a natureza da política pública, seus processos e impactos sociais. Segundo, Souza (2006) política pública pode ser entendida como o campo do conhecimento que busca, ao mesmo tempo, “colocar o governo em ação” e/ou analisar ações” construídas e compartilhadas socialmente dentro de um pensar e agir criativo e crítico, tendo em vista o bem comum no desenvolvimento da qualidade de vida do ser humano no seu ambiente eco social, político, econômico e cultural.

Esta ideia perpassa a Arteterapia como prática integrativa em saúde (Portaria MS nº. 145/2017) uma política pública que, no Brasil através da União Brasileira de Associações de Arteterapia (UBAAT), cada vez mais cresce no mundo da educação no que diz respeito a formação do arteterapeuta e do cuidado à saúde do ser humano, dentro de clínicas, de hospitais, de unidades de Saúde e outros espaços privados de atenção à saúde humana. Diante do exposto, o 13º Congresso Brasileiro de Arteterapia e da X Jornada de Arteterapia foi uma promoção da Associação Catarinense de Arteterapia (ACAT) em parceria com a Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), no seu Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Gestão de Políticas Públicas (PMGPP) nas suas linhas de pesquisa “Dinâmicas Institucionais das Políticas Públicas” e “Aspectos Socioambientais e Culturais das Políticas Públicas” e do Curso de Graduação em Enfermagem. O evento tratou sobre os desafios da arteterapia na saúde, na educação sendo ela uma política pública reconhecida ministerialmente. A arteterapia é uma prática integrativa e complementar em saúde e configura-se como um campo de saberes interdisciplinares (arte, literatura, psicologia, filosofia, teologia) que oportunizam através da livre expressão artística processos terapêuticos sobre as dores e sofrimentos humanos.

O programa se compôs de conferências, mesas redondas, roda de conversa, comunicações em pesquisa, minicursos e oficinas em arteterapia, pois visou-se o fortalecimento de laços entre arteterapeutas que integram as Associações de Arteterapia que fazem parte da UBAAT, pesquisadores, grupos de pesquisa, professores, alunos de pós-graduação e graduação, gestores, políticos e instituições.



O Congresso gerou novas aberturas para se perceber a panorâmica contextual das Políticas Públicas no Brasil e a Arteterapia, estimulando o desenvolvimento da pesquisa e das práticas educativas na formação do arteterapeuta, bem como na importância da inserção da arteterapia no SUS.

O Congresso aconteceu em 3 dias de trabalho nos turnos matutino, vespertino e noturno. A estruturação do programa se deu dentro de cinco eixos temáticos:

- Arteterapia e as políticas de formação do Arteterapeuta
- Arteterapia e as políticas de práticas integrativas e complementares em saúde
- Arteterapia, saúde, educação e espiritualidade
- Arteterapia: Mitos e Contos
- Experiências inovadoras em Arteterapia

Estes anais estão organizados conforme os eixos citados anteriormente e a modalidade da apresentação escolhida pelos pesquisadores, sendo elas: apresentação oral, apresentação em pôster, apresentação em roda de conversa (para relatos de experiência), oficina ou mesa redonda. Cada seção será nominada conforme a organização de eixo e modalidade no qual a pesquisa foi submetida.

Destaca-se que este número é uma edição especial, inserida no Portal de Periódicos da UNIVALI (<https://siaiap32.univali.br/seer/>), dentro do Periódico Mãos de Vida.

Maria Glória Dittrich

Sonia Bufarah Tommasi

Organizadoras



PROGRAMAÇÃO OFICIAL

13º CONGRESSO BRASILEIRO DE ARTETERAPIA E X JORNADA CATARINENSE DE ARTETERAPIA

11 de OUTUBRO de 2018

9:00 / 10:00h ABERTURA SOLENE

Local: Auditório 7

10:00h / 11:15h CONFERÊNCIA

Espiritualidade, Arte e Educação: desafios para a Formação do Arteterapeuta

Maria Cândida Moraes - UCB, CNPq

Coordenação: Maria Glória Dittrich - UNIVALI, ACAT, UBAAT, CDVBA

Local: Auditório 7

11:30h / 13:00h OFICINA

Eixo Arteterapia: Mitos e Contos

Oferenda para Afrodite: Uma experiência de amor-próprio e autocuidado

Oneide Regina Depret - UNIP

Coordenação: Otilia Rosângela da Silva - AMART, UBAAT

Local: Bloco 7 Sala 202

11:30h / 13:00h OFICINA

Eixo Arteterapia, Saúde, Educação e Espiritualidade

Arteterapia e ancestralidade: a conexão fundamental com nossas raízes

Fabia Lombardi - Reverbera

Coordenação: Marily Regina Mattos Voltolini - ACAT

Local: Bloco 7 Sala 208



11:30h / 13:00h OFICINA

Eixo Arteterapia: Mitos e Contos

Os fios que contam histórias: bordando seu mito pessoal, uma jornada heroica

Daniel Franco de Oliveira - Clínica POMAR, RJ

Coordenação: Aurea Mafra da Silva - ACAT

Local: Bloco 7 Sala 209

11:30h / 13:00h OFICINA

Eixo Experiências Inovadoras em Arteterapia

O fenômeno artístico

Zília Nazarian - Atelier Arteterapêutico Espaço Aberto

Regina Chiesa - Atelier Arteterapêutico Espaço Aberto

Coordenação: Solange Schmachtenberg Appel - ACAT

Local: Bloco 7 Sala 214

11:30h / 13:00h OFICINA

Eixo Experiências Inovadoras em Arteterapia

Nas asas do tempo: oficina de SoulCollage®

Rosiara Pereira Cavalcanti - A Rosa do Sol Cultura e Arte

Coordenação: Deolinda Fabietti - AATESP

Local: Bloco 7, Sala 215

11:30h / 13:00h OFICINA

Eixo Experiências Inovadoras em Arteterapia

Acidente de Percurso: como lidamos com rupturas no decorrer de nossas vidas

Kira Burro - Solar Azul do Galo Cantante

Coordenação: Sandro José Leite - PUC São Paulo, CENSUPEG, AATESP

Local: Bloco 7, Sala 216



14:00h / 15:00h CONFERÊNCIA

Arte do Encontro e Ecologia da Presença

Roberto Crema - UNIPAZ

Coordenação: Sonia Maria Bufarah Tommasi - CENSUPEG, UNIPAZ, ACAT, UBAAT

Local: Auditório 7

15:00h / 15:25h INTERVALO – CAFÉ

Local: Foyer

15:30h / 17:30h MESA REDONDA

Eixo Arteterapia e as Políticas das Práticas Integrativas Complementares em Saúde

Um percurso em arteterapia no SUS

Glícia C. Manso - Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil da Prefeitura Municipal de Vitória ES

A utilização de recursos expressivos com adolescentes no contexto do acolhimento institucional: dois casos

Sandro José Leite - PUC São Paulo, CENSUPEG, AATESP

Arteterapia ajudando a atingir nosso potencial

Otília Rosângela da Silva - AMART, UBAAT

Coordenação: Sonia Maria Bufarah Tommasi - CENSUPEG, UNIPAZ, ACAT, UBAAT

Local: Auditório 7

15:30h / 17:30h MESA REDONDA

Eixo Arteterapia, Saúde, Educação e Espiritualidade

As narrativas implícitas na arte da criança: possibilidade de invenção e de reinvenção

Dilaina Paula dos Santos - AATESP

Arteterapia como recurso para o tratamento da depressão: estudo de caso

Edeltraud Fleischmann Nering - CENSUPEG, ACAT

Eros e Psiquê: um caminho possível para pensar a docência

Lídia Lacava - Faculdades Facon/SP

Coordenação: Vera Regina Bedin - ACAT, CDVBA

Local: Auditório 4



15:30h / 17:30h MESA REDONDA

Eixo Arteterapia: Mitos e Contos

Resgatando Forças Ancestrais - atividades expressivas inspiradas na mitologia africana na promoção do autoconhecimento e desenvolvimento pessoal

Oneide Regina Depret - UNIP

O sagrado, o feminino e a ciranda da criação: mitologia, arteterapia e expansão da consciência

Patrícia Pinna Bernardo - UNIP

Coordenação: Mariléa Bermadete Hoffmann Loos - ACAT

Local: Bloco 7, Sala 208

15:30h / 17:30h MESA REDONDA

Eixo Experiências Inovadoras em Arteterapia

Arteterapia como facilitadora de uma aprendizagem criativa em educação, saúde e inclusão

Luciana Pellegrini Baptista - Fundação das Operárias de Jesus

Psicoterapia: do consultório para o ateliê de arteterapia

Lara Scalise - UFMS

A arteterapia como elo criativo no resgate do arquétipo paterno organizando a psique masculina

Célia Lima dos Santos - UNIP

Wabi Sabi e Arteterapia: quando oriente orienta leituras possíveis

Angélica Shigihara Lima - INFAPA, AATERGS

Coordenação: Luzia Sampaio de Athayde - ASPOART

Local: Bloco 7, Sala 209

12 de OUTUBRO de 2018

8:30h / 10:30h MESA REDONDA

Eixo Arteterapia, Saúde, Educação e Espiritualidade

Cuidar e educar para o Bem Viver: o jeito, o lugar e o poder das mulheres na arte terapêutica e política de curar

Anete Roese - CDVBA

Arteterapia e Espiritualidade Natural: a descoberta do sentido de vida

Maria Glória Dittrich - UNIVALI, CDVBA, ACAT, UBAAT



A Arteterapia como instrumento criativo e transformador do adoecer

Sonia Maria Bufarah Tommasi - CENSUPEG, UNIPAZ, ACAT, UBAAT

Coordenação: Lígia Diniz - AARJ, UBAAT

Local: Auditório 7

12h LANÇAMENTO DE LIVROS

Local: Foyer

10:30h / 12:00h MESA REDONDA

Eixo Arteterapia e as Políticas de Formação do Arteterapeuta

Arteterapia: Pesquisa, Educação E Saúde Integral a Pacientes e Profissionais do Hospital da Universidade Federal Fluminense

Denise Vianna - UFF, AARJ

O psicóide na obra de Jung e suas implicações no trabalho arteterapêutico

Paola Vergueiro - Centro Universitário São Camilo

Por que ensinar História da Arte em Arteterapia?

Sandro José da Silva Leite - PUC São Paulo, CENSUPEG, AATESP

Coordenação: Edeltraud Fleischmann Nering - CENSUPEG, ACAT

Local: Auditório 7

10:30h / 12:00 MESA REDONDA

Eixo Arteterapia: Mitos e Contos

Lente Interior - poesia, contos e cordéis como expressão da história das mulheres do Cabo

Svetlana Romagna Valentim - FPS

Da necessidade da saúde integral: uma reflexão a luz dos conhecimentos míticos

Larissa Fernanda Dittrich - ACAT, UNIVALI, CDVBA

Mitos como narrativas simbólicas: uma visão psicanalítica

Paulo Rogério Melo de Oliveira - UNIVALI

O resgate da intuição como iniciação: histórias, bonecas, bruxas e formação de arteterapeutas

Rogéria Rodrigues Figueiredo - AMART

Coordenação: Igor Rodrigo Haskel - UNIVALI



Local: Auditório 4

13:30h / 15:30h CONFERÊNCIA

Arteterapia no Contexto das Práticas Integrativas e Complementares de Saúde

Angela Philippini - FAVI, Clínica Pomar de Arteterapia

Coordenação: Anita Oliveira Mussi - IJRS, IAAP, UNESC

Local: Auditório 4

16:00h / 18:00h APRESENTAÇÃO ORAL

Eixo Experiências Inovadoras em Arteterapia

Coordenação: Celia Maria da Conceição Silva - ACAT

Local: Bloco 7 Sala 109

16:00h / 18:00h APRESENTAÇÃO ORAL

Eixo Arteterapia, Saúde, Educação e Espiritualidade

Coordenação: Solange Schmachtenberg Appel - ACAT

Local: Bloco 7 Sala 1112

16:00h / 18:00h APRESENTAÇÃO ORAL

Eixo Arteterapia: Mitos e Contos

Coordenação: Douglas Leoni - ACAT, FURB

Local: Bloco 7 Sala 113

16:00h / 17:30h OFICINA

Eixo Experiências Inovadoras em Arteterapia

Arte, amor e êxtase - contatando a sua musa interior

Patrícia Pinna Bernardo - UNIP

Coordenação: Larissa Fernanda Dittrich - ACAT, UNIVALI, CDVBA

Local: Bloco 7 Sala 203



16:00h / 17:30h OFICINA

Eixo Arteterapia: Mitos e Contos

Autocura do feminino sagrado: uma jornada da heroína em busca da sua força maior

Rosedy Palopoli de Oliveira - ASBART

Livia Siqueira Mendonça - ASBART

Coordenação: Lucia Maria de Fatima Jácome - ASPOART

Local: Bloco 7 Sala 207

16:00h / 17:30h OFICINA

Eixo Arteterapia: Mitos e Contos

Os três cabelos de ouro - a ideia, a pausa e a criação

Bonna Graziella Straccialini Spadacini

Coordenação: Luzia Sampaio de Athayde - ASPOART

Local: Bloco 7 Sala 208

16:00h / 17:30h OFICINA

Eixo Arteterapia, Saúde, Educação e Espiritualidade

O arquétipo da criança divina

Ligia Diniz - AARJ, UBAAT

Coordenação: Mariângela Fuganti - CDVBA

Local: Bloco 7 Sala 209

16:00h / 17:30h OFICINA

Eixo Arteterapia: Mitos e Contos

O segredo por trás da porta

Cristiane Gerolis de Moraes

Jussara Gomes da Costa

Coordenação: Carolayne Santos - UNIVALI

Local: Bloco 7 Sala 214



16:00h / 17:30h OFICINA

Eixo Arteterapia, Saúde, Educação e Espiritualidade

Memórias da Pele, Palavras da Alma

Eliana Nunes Ribeiro - AARJ

Coordenação: Carolina Godinho Pahl - UNIVALI

Local: Bloco 7 Sala 215

16:00h / 17:30h OFICINA

Eixo Experiências Inovadoras em Arteterapia

Movimento Criativo: arte e expressão no processo terapêutico

Priscila Ferreira

Coordenação: Bruna Santos Piacesi - UNIVALI

Local: Bloco 7 Sala 108

16:00h / 17:30h OFICINA

Eixo Arteterapia: Mitos e Contos

Resgatando a Ancestralidade Feminina

Vera Regina Bedin - ACAT

Coordenação: Igor Rodrigo Haskel

Local: Bloco 7 Sala 216

17:30h / 18:00h APRESENTAÇÃO DE PÔSTER

Coordenação:

Diego da Silva - APAT

Carolayne Santos - UNIVALI

Bruna Santos Piacesi - UNIVALI

Local: Foyer

13 de OUTUBRO de 2018

8:30h / 9:30h CONFERÊNCIA

Mito e Rito - Caminho para o Sagrado



Lígia Diniz - AARJ, UBAAT

Coordenação: Maria Glória Dittrich - UNIVALI, ACAT, UBAAT, CDVBA

Local: Auditório 7

9:40h / 11:10h MESA REDONDA

Eixo Arteterapia, Saúde, Educação e Espiritualidade

A construção de saberes e vínculos em sala de aula: processos arteterapêuticos em aulas de arte no ensino regular

Bonna Graziella Straccialini Spadacini

A Cerâmica na Arteterapia

Elainy Mota Pereira - UNESP

Arteterapia: cuidados com mães cuidadoras

Marilice Costi - Sana Arte

Coordenação: Vera Regina Bedin - ACAT, CDVBA

Local: Auditório 4

9:40h / 11:10h MESA REDONDA

Eixo Experiências Inovadoras em Arteterapia

O jogo de pintar - uma contribuição para o arteterapeuta

Soraya de Carvalho Lucato - FAMOSP

Arteterapia afrocentrada: olhares e pensamentos sobre o multiculturalismo na prática da arteterapia

Adélia Azevedo dos Santos - Clínica Pomar/RJ

Arteterapia, Patchwork, Appliqué e Quilting - um espaço de liberdade para a ressignificação da história de vida na maturidade

Eliana Maria Brunelli Yazbek - UNIP

Coordenação: Maria Glória Dittrich - UNIVALI, ACAT, UBAAT, CDVBA

Local: Bloco 7 Sala 112

9:40h / 11:10h MESA REDONDA

Eixo Experiências Inovadoras em Arteterapia

Atendimento arteterapêutico com idosos em diferentes espaços e situações



Tania Cristina Freire - Centro dia Senior Vita Exclusive Care, AATESP

Zilia Maria Nazarian - AATESP

Deolinda Fabiatti - AATESP

Coordenação: Edeltraud Fleischmann Nering - CENSUPEG, ACAT

Local: Bloco 7 Sala 215

9:40h / 11:10h OFICINA

Eixo Experiências Inovadoras em Arteterapia

Arteterapia e culinária: uma metáfora da alma

Alinne Manso - IFEP

Glícia Manso - IFEP

Coordenação: Douglas Leoni - ACAT, FURB

Local: Bloco 7 Sala 113

9:40h / 11:10h OFICINA

Eixo Experiências Inovadoras em Arteterapia

Ver ou enxergar- técnicas de desenho em arteterapia para ampliação de consciência

Valeria Gonçalves da Cruz Monteiro - UNIP

Coordenação: Igor Rodrigo Haskel - UNIVALI

Local: Bloco 7 Sala 202

9:40h / 11:10h OFICINA

Eixo Arteterapia e as políticas de formação do Arteterapeuta

Fitoenergética e a Arteterapia

Jussara Gomes da Costa

Wilma Santos Ribeiro

Coordenação: Carolyne Santos - UNIVALI

Local: Bloco 7 Sala 203

9:40h / 11:10h OFICINA

Eixo Experiências Inovadoras em Arteterapia



Caderno criativo e escrita de si - encadernação artesanal e escrita criativa

Jandira Paes de Carvalho de Melo - Instituto Casa do Todos - São Paulo SP

Coordenação: Celia Maria da Conceição Silva - ACAT

Local: Bloco 7 Sala 207

9:40h / 11:10h OFICINA

Eixo Arteterapia, Saúde, Educação e Espiritualidade

Movimento e leveza, um novo olhar...

Marlene Pires Maciel - Ateliê Casa da Vila

Coordenação: Marily Regina Mattos Voltolini - ACAT

Local: Bloco 7 Sala 208

9:40h / 11:10h OFICINA

Eixo Arteterapia: Mitos e Contos

Um conto e um encontro com os estilos de aprendizagem na visão da psicologia analítica

Lídia Lacava - Faculdades Facon

Coordenação: Lucia Maria de Fátima Jácome - ASPOART

Local: Bloco 7 Sala 209

9:40h / 11:10h RODA DE CONVERSA

Coordenação: Mariléa Bermadete Hoffmann Loos - ACAT

Local: Bloco 7 Sala 214

11:30h / 12:30h CONFERÊNCIA DE ENCERRAMENTO

Abordagem Gestáltica na Arteterapia: desafios para uma prática integrativa no cuidado à saúde

Selma Ciornai - Instituto Sedes Sapientiae, ISS, Brasil, AATESP

Coordenação: Sonia Bufarah Tommasi - ACAT, CENSUPEG, UNIPAZ, UBAAT

Local: Auditório 7

13:00h SOLENIDADE DE ENCERRAMENTO

Local: Auditório 7



PÓS-EVENTO

13 de OUTUBRO de 2018

14:30h / 17:30h MINICURSO

A contação de histórias na Arteterapia

Cleide Jussara Müller Pareja - UNIVALI

Local: Bloco 7 Sala 108

14:30h / 17:30h MINICURSO

O feminino tecendo a alma - uma jornada ao mundo inferior

Anita Oliveira Mussi - IJRS, IAAP, UNESC

Local: Bloco 7 Sala 109

14:30h / 17:30h MINICURSO

A história que me conta: sensibilizar o arteterapeuta para perceber história como caminho desde o self

Eliana Ribeiro - Pomar, AARJ

Local: Bloco 7 Sala 112

14:30h / 17:30h MINICURSO

Arteterapia com idosos: um caminho repleto de possibilidades

Luciana Machado - AARJ

Local: Bloco 7 Sala 113

14:30h / 17:30h MINICURSO

Fundamentos psicoterapêuticos para o trabalho com grupos na Arteterapia

Anete Roese - CDVBAE

Local: Bloco 7 Sala 202

13:30h / 16:00h MINICURSO

Contribuições da Arteterapia para o envelhecimento Ativo

Angela Philippini - POMAR

Local: Bloco 7 Sala 207



Anais do 13º Congresso Brasileiro de Arteterapia e
X Jornada Catarinense de Arteterapia

14:30h / 17:30h MINICURSO

O jogo mancala/caravana na arteterapia: movendo as sementes na trajetória da vida

Dilaina Paula dos Santos - AATESP

Local: Bloco 7 Sala 208



**PROGRAMAÇÃO CULTURAL OFICIAL DO 13º CONGRESSO BRASILEIRO DE
ARTETERAPIA E X JORNADA CATARINENSE DE ARTETERAPIA**

11 de OUTUBRO de 2018

8:00h / 18:00h

Exposição de artes

Local: Foyer

8:00h / 9:00h

Apresentação musical

Duo UNIVALI

Local: Foyer

9:00h / 10:00h

Abertura solene

- Apresentação musical

Banda UNIVALI

- Hino Nacional

Barbara Damásio

- Apresentação teatro/poesia

Douglas Leoni

Local: Auditório 7

11:30h / 12:00h

Apresentação musical

Duo UNIVALI

Local: Foyer

14:00h / 14:30h

Apresentação Boi de Mamão

Local: Foyer

Programação



15:00h / 15:30h

Apresentação musical

Duo UNIVALI

Local: Foyer

17:30h / 18:00h

Apresentação dança

Street dance UNIVALI

Local: Foyer

12 de OUTUBRO de 2018

8:00h / 19:30h

Exposição de artes

Local: Foyer

8:00h / 8:40h

Apresentação poesia

Grupo de Teatro Temporal ART/Itapema

“A ORIGEM DA FOME”

/Autor: Braulio Bessa / ARTISTA: AMANDA LIS

FORMENTON (Apoio)

Local: Foyer

10:00h / 10:30h

Apresentação musical

Apresentação MPB – Aline Vicente - PsicoMusicar

Local: Foyer

15:30h / 15:45h

Apresentação de dança

Programação



Dança do ventre 3ª idade Grupo Pró Família Blumenau

Local: Foyer

18:00h / 18:30h

Apresentação teatro/poesia

Hang Ferrero

13 de OUTUBRO de 2018

8:00h / 19:30h

Exposição de artes

Local: Foyer

8:30h / 8:45h

Apresentação de dança

Dança portuguesa - Grupo Tropeiro do litoral

Local: Foyer

11:10h / 11:30h

Apresentação musical

As Passarinhas

Local: Foyer

11:30h / 11:45h

Apresentação musical

Coral UNIVALI

Local: Auditório 7

12:30h / 13:00h

Apresentação Dança/Teatro

A Cor Do Som - Fundação Cultural de Bombinhas

Local: Foyer

Programação



A ESPIRITUALIDADE NATURAL NO CUIDADO INTEGRAL E A NEUROSE NOOGÊNICA

Maria Glória Dittrich - UNIVALI, ACAT, UBAAT, CDVBA

gloria.dittrich@univali.br

RESUMO: Esta pesquisa teórica, fenomenológica, tratou do tema sobre espiritualidade natural e sua relação com o cuidado integral e os desafios da neurose noogênica. O objetivo geral foi compreender a concepção de espiritualidade natural no cuidado integral e os desafios da neurose noogênica. Dentro de hermenêutica fenomenológica, fazendo a conexão entre a intencionalidade, percepção, compreensão e descrição clara e distinta das reflexões críticas resultantes das categorias chave da pesquisa, se utilizou fontes primária e secundárias que abrangeram publicações impressas ou eletrônicas com foco em Frankl e Lukas, Tillich, Maturana e Dittrich. As categorias para a compreensão do objeto de estudo foram: espiritualidade natural, cuidado integral, ser humano e neurose monogênica. Os resultados mostram que na contemporaneidade o ser humano sente que perdeu o controle do ritmo do real em que vive, pois, o conhecimento tornou-se difuso e complexo e as relações alcançam um provisoriedade antes não vivida com tanta intensidade. Isso muito frequentemente o fascina, mas também o amedronta. Vive-se a provisoriedade do ser diante do outro, do fazer, do conhecer, do saber e do conviver. Esse novo ritmo tem impactos sobre a vida das pessoas, perturba o viver com qualidade de felicidade, especialmente com um sentido existencial que traz a razão do porquê viver diante do outro, da cultura, da natureza e do sentimento e percepção da transcendência. Quando o ser humano não consegue descobrir um sentido em sua vida e se frustra diante de suas vivências, essas frustrações existenciais, ligadas a questão de princípios e valores no sentido do viver, são chamadas de frustrações monogênicas. Tais frustrações tem impactos na saúde da pessoa, as quais implicam na efetividade de um cuidado integral que considere o ser humano multidimensionalmente, complexo, emergente e dinâmico na sua forma de viver e conviver no mundo. O combate às frustrações e a falta de sentido de vida pode dar-se através das vivências de amor, sofrimento, trabalho e da criatividade como caminhos de descoberta de novas formas de ser e de significar a existência.

PALAVRAS CHAVE: Espiritualidade natural; Ser humano; Cuidado integral; Neurose noogênica



REFERENCIAS

DITTRICH, M. G. **Arte, criatividade, espiritualidade e cura**. Blumenau: Nova Letra, 2010.

DITTRICH, M. G. **Natureza e criatividade: o ensino da arte pictórica**. Itajaí: Editora UNIVALI, 2001.

DITTRICH, M. G.; ULRICH, M. C. G. Uma visão fenomenológica sobre a arteterapia e a espiritualidade natural. In DITTRICH, Maria Glória. Org. **Arteterapia, espiritualidade natural, métodos e experiências**. Itajaí: UNIVALI, 2018.

FRANKL, V. E. **Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo**. Aparecida (SP): Editora do Santuário, 1989.

FRANKL, V. E. **A presença ignorada de Deus**. 10º. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2007.

FRANKL, V. E. **Em busca do sentido: um psicólogo no campo de concentração**. 41 ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2017a.

FRANKL, V. E. **A presença ignorada de Deus**. 18. ed. rev- São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2017b.

FRANKL, V. E. **Logoterapia e análise existencial**. São Paulo: Editorial Psy II, 1995.

HIGUET, E. A. **Cura e salvação em Tillich e Jung: estudos da religião**. Psicologia, saúde e religião, em diálogo com o pensamento de Paul Tillich. São Paulo: Universidade Metodista, v.16, 1999.

LUKAS, E. **Prevenção psicológica: a prevenção de crises e a proteção do mundo interior do ponto de vista da logoterapia**. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 1992.

MATURANA, H.; VARELA, F. **A árvore do conhecimento**. Campinas: Editorial Psy II, 1995.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 1.ed.. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1971.

TILLICH, P. **A coragem de ser**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.



A ARTETERAPIA COMO INSTRUMENTO CRIATIVO E TRANSFORMADOR DO ADOECER

Sonia Bufarah Tommasi - ACAT, CENSUPEG, UNIPAZ, UBAAT

soniabtommasi@gmail.com

RESUMO: Uma das propostas teóricas da Arteterapia é conhecer o ser humano integral, dentro de sua totalidade multidimensional. Desde os tempos mais remotos, o ser humano é percebido em sua tridimensionalidade, corpo, mente e espírito. E o quanto o desequilíbrio de um campo afeta os outros em suas dimensões. Portanto, o equilíbrio e a harmonia são essenciais para se manter a saúde, e ter uma vida saudável e plena. O desequilíbrio pode levar ao adoecimento, que se expande em todas as direções, atingindo, as mínimas partículas das multidimensões do ser. Neste momento o ser humano é invadido por uma sensação de fragmentação, como se o corpo estivesse se dissolvendo, a mente fica turva, e o espírito parece que fica distante. Como relatou um paciente “A cabeça doe, parece que o cérebro está amarrado com fios de arame farpado. Sinto que estou sendo rasgado ao meio, partindo o coração em vários pedaços”. Mas o que foi que provocou tudo isso? Como o mundo de repente desabou, virou de ponta cabeça? Porque essa dor, essa doença? Geralmente, os sintomas de uma doença aparecem após um sofrimento emocional, que pode ser causado por medos, incertezas, ansiedade, angústias, decepções, tristezas, mágoas, perdas, separações, solidão e outras emoções. A psicossomática explica com maestria essa relação emocional com o corpo. É comum que a pessoa que está em luta com o inconsciente, que não vê os significados simbólicos de seus sonhos, desenvolva doenças físicas e emocionais. É comum atribuir as fobias, a ansiedade e as tensões neuróticas a vários problemas externos, em geral considerados insolúveis. O rompimento com o inconsciente, geralmente, surge da pressão que mecanismos de defesa exercem sobre os componentes rejeitados e desconhecidos do inconsciente. O sentimento de ser excluído, está presente na maioria das pessoas. Um dos objetivos da Arteterapia é a conscientização deste sentimento de exclusão, e durante o processo integrar os elementos dissociados. Como resultado da transformação os impulsos deixariam de ser ameaçadores e destrutivos e se converteriam em elementos úteis e criativos. A doença alcança maior dignidade quando é reconhecida não apenas como sofrimento sem sentido, mas também como experiência significativa e simbólica. A ideia de que o inconsciente, também, contém o potencial de cura, e não apenas elementos perturbadores, foi uma das descobertas conclusivas e revolucionárias de Jung. A Arteterapia alicerçada



na teoria analítica de Jung, propicia ao indivíduo a possibilidade de expressar seus símbolos mais profundo. Ao entrar em contato com seu inconsciente compreende sua dor e seus temores.

PALAVRAS-CHAVE: Arteterapia, adoecer, cura, inconsciente

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, J. S. **Mitologia grega**. Petrópolis: Vozes, 1998.

FRANZ, von M. L. **Psicoterapia**. São Paulo: Paulus, 1999.

GIORDANI, M.C. **História da Grécia**. Petrópolis: Vozes, 1992.

JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

JUNG, C.G. **A prática da psicoterapia**. Petrópolis: Vozes, 1988.

MEIER, C. **O sonho e ritual de cura-incubação antiga e psicoterapia moderna**. São Paulo: Paulus, 1999.

PEREIRA, M.H. R. **Estudos de história e cultura clássica**. Lisboa: F.C. Gulbenkian, 2003.

REÍSÍN A. **Arteterapia semânticas e morfologias**. São Paulo: Vetor, 2006.

TOMMASI, S. M. B. **Arte terapia e loucura**. São Paulo: Vetor, 2005.

WHITMONT E. C. **A busca do símbolo**. São Paulo: Cultrix, 1995.



ARTETERAPIA: PESQUISA, EDUCAÇÃO E SAÚDE INTEGRAL A PACIENTES E PROFISSIONAIS DO HOSPITAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Denise Vianna - UFF

arte.vianna@gmail.com

RESUMO: O Programa de extensão Terapia Expressiva® como veículo de Cuidado Integral no Hospital Universitário Antonio Pedro (HUAP) - Universidade Federal Fluminense (UFF), supervisionado presencialmente por duas docentes arteterapeutas, tem suas atividades realizadas também por bolsistas de extensão e cerca de 20 arteterapeutas voluntários em estágio de aperfeiçoamento. O programa existe desde 2010, antecipando a resolução publicada pelo Ministério da Saúde em 2017 que admitiu a arteterapia como uma das Práticas Integrativas e Complementares disponibilizadas aos usuários do Sistema Único de Saúde. Ação central do programa, o Curso Cuidar de si com Arte vem oferecendo anualmente, a 40 profissionais e estudantes de graduações diversas, dinâmicas e noções básicas de Arteterapia, buscando implementar sua qualidade de vida e assim humanizar o cuidado prestado. O programa contribui na formação multiprofissional, publica as evidências da eficácia da Arteterapia (VIANNA, 12) como promotora da integralidade obtidas por Pesquisa-Ação, e constrói na prática uma rede multidisciplinar e interinstitucional, envolvendo profissionais das múltiplas graduações, docentes, técnicos, alunos, pacientes, familiares e cuidadores. Ações assistenciais no Núcleo de Atenção Oncológica - sala de infusão venosa da quimioterapia e sala de espera, e na enfermaria de hemato-oncologia - tanto comprovam a eficácia da arteterapia como benéfico a pacientes ambulatoriais e internados e a seus cuidadores (familiares e funcionários do hospital), quanto servem como campo de estágio para os alunos do curso e como sala de aula para alunos de graduação. Os objetos feitos na atividade e os próprios pacientes são fotografados por um bolsista de comunicação ou cinema, gerando imagens que alimentam o blog (terapiaexpressivauff.blogspot.com.br). Parcerias interinstitucionais e atividades lúdicas, educacionais e artísticas - como danças circulares no hall de entrada do hospital, exposições e simpósios - oportunizam um intercâmbio entre vários saberes e culturas. Objetivos: Melhorar a qualidade de vida e humanizar o cuidado de profissionais do hospital. Apresentar a graduandos e profissionais de saúde a arteterapia como promotora da integralidade do cuidado oferecido a pacientes, familiares e cuidadores. Pesquisar e publicar evidências sobre a eficácia da arteterapia no hospital universitário. Facultar campo hospitalar de estágio voluntário oficial a arteterapeutas. O curso de educação permanente é composto pelo



trabalho de campo e por aulas semanais de arteterapia de quatro horas de duração teórico-práticas-vivenciais, durante dez meses. O curso seleciona 40 alunos ou profissionais de diversas áreas mediante uma entrevista - favorecendo alunos, voluntários e os lotados em instituições públicas e filantrópicas. Nas ações assistenciais todos os pacientes presentes nos locais de ação, assim como seus acompanhantes e os funcionários disponíveis no momento das ações, podem participar. O curso propõe que os alunos estudem conteúdos que servem de base à arteterapia, e que lidem com diversos materiais expressivos, experimentando vivências que irão oferecer aos pacientes e seus acompanhantes nas ações de assistência em campo. Nos ambulatórios e enfermarias, o mesmo método aplicado aos alunos do curso se reproduz: uma história é contada, é feita uma indução sensibilizadora e são distribuídos suportes nos quais as pessoas possam se expressar. Durante o processo, estimula-se o livre compartilhamento do que todos sentem, gerando um material que é fonte terapêutica e de avaliação. Questionários semiestruturados, aplicados antes e após cada sessão, registram o sentimento predominante informado pelo paciente, bem como sua percepção sobre as mudanças ocasionadas pelas atividades em sua condição física, emocional, mental e espiritual. Toda produção expressiva é fotografada sob consentimento livre para registro, divulgação e estudos posteriores. De 2010 até o momento, cerca de setenta pacientes por semana são alcançados pelas ações. Estima-se que mais de 5.000 pacientes, além de seus acompanhantes e profissionais do setor, tenham sido beneficiados - o que é atestado pelos trabalhos publicados advindos de pesquisas quali-quantitativas (VIANNA, 2012, 2013 a, 2013 b), e pelas redes sociais do programa (blog e *Facebook*). Até o momento, o curso foi ministrado a cerca de um grupo de 280 alunos, à quem, segundo as pesquisas realizadas, foi brindada significativa melhora na qualidade de vida e no serviço prestado (VIANNA, 2016). A fotografia mostrou elevado potencial terapêutico: a visualização da imagem criada e de sua própria imagem após a vivência foi veículo para a percepção de coragem e de núcleos saudáveis para além da doença (VIANNA, 2014). A arteterapia, uma das Práticas Integrativas e Complementares do Sistema Único de Saúde, se apresenta como um veículo de cuidado integral de fácil aceitação pelos profissionais de saúde como um instrumento integrante, não concorrente aos procedimentos terapêuticos convencionais do cuidado no âmbito hospitalar. Unificando diagnóstico, terapêutica e prevenção, esta ferramenta não se propõe a tratar doenças, mas sim a parte saudável de pessoas inseridas em sua realidade social, considerando o próprio hospital, que é parte e produto dela, organismo-objeto do cuidado. As narrativas dos pacientes oncológicos graves internados ou nas sessões de quimioterapia venosa deixaram claro que a expressão de suas emoções trouxe-lhes conforto do nível físico ao espiritual, havendo renovação das perspectivas de enfrentamento dos estados de desesperança e impotência, tão comuns nas pessoas com doenças graves como é o câncer. O alento recebido pela



equipe e pelas atividades, segundo todos os participantes no programa, foi o elemento catalizador para uma maior adesividade ao tratamento médico clínico. As pesquisas demonstraram que, para que os pacientes se sentissem mais aliviados, esperançosos e fortes, foram fundamentais as reflexões sobre a vida, suas necessidades, as habilidades disponíveis e as perspectivas futuras. Relações mais amistosas estreitaram os laços entre os funcionários e os pacientes, trazendo-lhes uma atmosfera mais acolhedora. O programa vem contribuindo para a saúde integral de profissionais e pacientes, a humanização e o trabalho em rede de equipes multiprofissionais desse hospital universitário. Foi atestado que a arteterapia, vinculada aos serviços de saúde das universidades pode, concomitantemente, melhorar a efetividade do ensino, a qualidade de vida e o cuidado oferecido pelos profissionais de saúde. Além disso, ficou evidente que o projeto vem funcionando como escola de aperfeiçoamento hospitalar teórico e prático para arteterapeutas.

PALAVRAS-CHAVE: Arteterapia; Cuidado Integral; Humanização; Extensão Universitária

REFERÊNCIAS

LUZ, M.T. Cultura contemporânea e medicinas alternativas: Novos paradigmas em saúde no fim do século XX. **Rev Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 7, n.1, 1997.

VASQUES, E. **TECI-HUAP: Cuidando do cuidador**. Vídeo no Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=G1McVlotd9A&t=2s>>

VIANNA, D. **Terapia Expressiva: a arte de cuidar com arte**. In: NASCIMENTO, M.C.; GUEDES, C.R. (orgs). **Saúde, Sociedade e Cultura, Ciências Sociais e Humanas para alunos de graduação em saúde**. São Paulo: HUCITEC, 2016.

VIANNA, D. (Org.). **Terapia expressiva: a arte do afeto colorindo um hospital**, livro e DVD. Niterói: Editora da UFF; 2014.

VIANNA, D. **A Terapia Expressiva como estratégia de Cuidado Integral no Núcleo de Atenção Oncológica do Hospital Universitário Antônio Pedro**. Dissertação (Mestrado); Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2013 a.

VIANNA, D, *et al.* Infusion of Life: patient perceptions of expressive therapy during chemotherapy sessions. **Eur Jour Cancer Care**; v, 22, 2013 b.

VIANNA, D, *et al.* **Terapia Expressiva: veículo de cuidado integral num hospital universitário**. **Cad Naturologia terapias Compl**, v. 1, n.1, SC: Periódicos UNISUL, 2012.



O PSICÓIDE NA OBRA DE JUNG E SUAS IMPLICAÇÕES NO TRABALHO ARTETERAPÊUTICO

Paola Vieitas Vergueiro - Centro Universitário São Camilo

paola.vv@hotmail.com

RESUMO: A compreensão do conceito de “arquétipo psicóide” proposto por Jung, implica em um desafio que é tomado, neste estudo, como oportunidade. O conceito apresenta-se de diferentes formas ao longo da sua obra, revelando características paradoxais e multidimensionais. Na palestra "O espírito da psicologia" apresentada em Eranos, em 1946, Jung apresenta pela primeira vez a hipótese da qualidade psicóide do arquétipo, que trata da sua natureza espiritual e física, expressando a conjunção dos maiores opostos do mundo. (JAFFÉ, 1989) O conceito, proposto em fase tardia do autor, tem sido tratado por diversos pensadores da Psicologia Analítica como revelador das suas aproximações ao paradigma da Complexidade (SHAMDASANI, 2005, BOECHAT, 2004; MORIN, 2006, 2015). As origens de tais fundamentos podem ser observadas desde o início da obra de Jung e no seu método de trabalho, pelo qual construiu a Psicologia Analítica. Aniela Jaffé ao estudar a vida e da obra do autor, afirma que as observações não ocupavam o primeiro lugar no seu estilo de trabalho. Por trás delas pairava uma imagem, um arquétipo ou uma visão, até que a imagem no seu espírito estivesse amparada pela realidade interna e externa. O que costumamos ver em seus trabalhos acabados, fundamentados em teorias e dados empíricos seria, em função disto, o resultado do esforço de Jung para adequar suas intuições iniciais à linguagem científica da época. (JAFFÉ, 1989). As obras em que trata do arquétipo psicóide surgem após os seus 70 anos: A Natureza da Psique (1947/1986), *Mysterium coniunctionis* (1955-56/1990a) Estudos Alquímicos (1954/2002) e Sincronicidade (1952/1990b) – todas elas produto da fase madura do autor. Ao tratar de diferentes maneiras a qualidade do arquétipo, Jung busca alcançar o ambicioso objetivo de adotar uma linguagem neutra que incorpore a existência de uma realidade não psíquica, visando unir as diferentes áreas da ciência. (SHAMDASANI, 2005; BOECHAT, 2004). Em Energia Psíquica (1948/1990a), publicada também nesta fase da sua vida, afirma os dois princípios que regem a energia psíquica: o mecânico-causalista e o energético-finalista. Esta proposição inclui na lógica explicativa dos eventos o princípio a-causal que dá fundamento à obra Sincronicidade (1990c). Estas obras traduzem os fundamentos científicos da Psicologia Analítica, distintos do paradigma cartesiano e moderno. A resultante prática da abordagem com base nestes pressupostos e de sua aproximação ao paradigma da Complexidade se manifesta na valorização das



diferentes formas disciplinares e na construção do conhecimento na interface de diferentes saberes e linguagens pelas quais a psique pode se manifestar. A leitura simbólica traduz tais possibilidades, tendo em sua base os arquétipos, presentes na expressividade artística em geral. (BOECHAT, 2004; LAUREIRO, 2006). Em função disto, justifica-se este estudo que propõe a colaboração entre a arteterapia, a psicologia analítica e o novo paradigma em ciência. O objetivo é realizar uma análise do conceito psicóide na obra de Jung, visando descortinar alguns dos seus múltiplos sentidos e relações com a arteterapia. Este trabalho se utiliza de um método qualitativo, ao estudar teoricamente o conceito “psicóide” dentro da Obra Completa de Carl Gustav Jung nos volumes VIII/2, VIII/3, XIII e XIV em português. O corpo deste estudo é composto de uma seleção dos aspectos principais do conceito “psicóide” presentes nos quatro volumes em que é citado na obra de Jung, que visa analisar e agrupar os seus principais sentidos. Organiza estes principais conteúdos nos tópicos a seguir:

- a) Os arquétipos se originam na dimensão transcendente e se manifestam em todas as dimensões humanas;
- b) A psique como intermediária das dimensões do espírito e da matéria;
- c) Corpo / Psique / Espírito como sistemas interdependentes;
- d) O homem é capaz de interferir nas funções inconscientes
- e) O psicóide como ponte de passagem
- f) Arquétipo, psicóide e sincronicidade
- g) Como trabalhar com base nestes pressupostos?

Analisa, também, os termos utilizados com referência ao psicóide, e os sentidos deles decorrentes. Finaliza oferecendo exemplos da leitura simbólica com base na qualidade psicóide do arquétipo, evidenciando sua aplicabilidade à arteterapia e sua relação com outras áreas do conhecimento teórico e prático. Neste tópico analisamos os desafios e oportunidades da aplicação da psicologia analítica à arteterapia, com foco especial no conceito “psicóide”. O conceito de arquétipo psicóide é fundante na obra de Jung, pois contém as bases para a leitura de diferentes dimensões do psiquismo e sua relação com as demais dimensões humanas, bem como a relação entre diferentes áreas do conhecimento e linguagens. Neste sentido, pode ser evidenciado em um método de pesquisa e intervenção. A proposição de esquemas universais e inatos liga a psicologia analítica à física quântica e à teoria da Complexidade, afirmando sua sintonia com o paradigma atual de ciência, evidenciando-se no trabalho arteterapêutico. É prospectivo que tal leitura seja multiplicada e aplicada em interface com diferentes áreas do conhecimento.



PALAVRAS-CHAVE: Psicóide; Psicologia; Arteterapia; Jung.

REFERÊNCIAS

BOECHAT, W. **O corpo psicóide a crise de paradigma e o problema da relação corpo-mente**. Rio de Janeiro, 2004, 167 p. Tese de Doutorado em Saúde Coletiva, área de concentração em Ciências Humanas e da Saúde - Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

JAFFÉ, A. **From life and work of Carl Gustav Jung**. Daimon Verlag. 1989.

JUNG, C.G. **A natureza da psique**. Obras Completas de Carl Gustav Jung. Volume XII. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

JUNG, C.G. **A energia psíquica**. Obras Completas de Carl Gustav Jung. Volume VIII/I. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 1990a.

JUNG, C.G. **Mysterium coniunctionis**. Obras Completas de Carl Gustav Jung. Volume XIV/2. 3 ed. Petrópolis: Vozes. 1990b.

JUNG, C.G. **Sincronicidade**. Obras Completas de Carl Gustav Jung. Volume III/3. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1990c.

JUNG, C.G. **Estudos alquímicos**. Obras Completas de Carl Gustav Jung. Volume XII. Petrópolis: Vozes, 2002.

LAUREIRO, M.S. (org). **Psicopatologia psicodinâmica simbólico-arquetípica - una perspectiva junguiana de integración em psicopatología y clinica analítica**. Montevideo: Prensa Médica Latinoamericana, 2006.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

SHAMDASANI, S. **Jung and the making of modern psychology: The Dream of a Science**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

YOUNG-EISENDRATH, P.; DAWSON, T. **Manual de Cambridge para estudos Junguianos**. Porto Alegre: Artmed, 2002.



POR QUE ENSINAR HISTÓRIA DA ARTE EM ARTETERAPIA?

Sandro José da Silva Leite - PUC, SP

sandroleite@terra.com.br

RESUMO: A História da arte vai além dos registros realizados por artistas, contam especialmente as muitas e variadas histórias humanas que se desenrolam ao longo dos tempos. Enquanto material disponível para apreciação e pesquisa, estes registros servem como recursos imprescindíveis para que o arteterapeuta em formação possa entrar em contato com a dimensão estética que a obra e os movimentos e períodos revelam, com os símbolos que são expressados e o quanto de psicologia estes carregam. De outro lado, o paciente também se revela por meio de sua produção, tanto estética, simbólica quanto psicologicamente. Objetivo: enfatizar a importância do ensino da História da arte em Arteterapia a partir dos aspectos: estético, psicológico e simbólico, ampliando assim a compreensão do futuro arteterapeuta sobre a produção artística como registro de histórias humanas. Enquanto registro de histórias humanas, a História da arte passa a virar tema de pesquisa, aprofundamentos e especulações quando a arte conquista o status como meio de expressão, em suas diversas linguagens. Em grande parte, o Renascimento, movimento eminentemente europeu que percorreu vários países e tendências estilísticas a partir do final do século XIV, demarca a florescência de genialidades que impulsionam a diversidade de estilos, apontam tendências e tornam tênue a relação entre vida pessoal e obra. Giorgio Vasari (1511-1574), pintor e arquiteto italiano, investe nas histórias dos artistas como agentes que produzem e também se revelam artisticamente, ratificando o imbricamento entre os domínios da vida privada, da obra e da vida social. O terceiro domínio é largamente problematizado a partir das obras de Jacob Burckhardt (1818-1897), Aby Warburg (1866-1929) e Arnold Hauser (1892-1978). Burckhardt (2017) analisa a relação entre biografia e autobiografia como elementos que apontam para a compreensão dos rumos em direção à noção de identidade moderna, inaugurada especialmente no Renascimento, mas já em processo antes disso. Warburg (2013) se debruça sobre a atemporalidade dos temas, símbolos, propondo uma história da arte assentada sobre a dimensão que a obra revela, independentemente do tempo em que foi produzida. Certas obras são o que Jung (2018) posteriormente definiu como “símbolo vivo”. Hauser (2000) investe numa aprofundada relação entre arte, cultura e sociedade, sinalizando entre outras coisas, a função da arte enquanto meio e registro de histórias humanas. Diante do exposto, considerar que a História da arte traz subsídios para se compreender o humano, seu comportamento, costumes, os símbolos que emprega ao longo do tempo



e em diversas culturas, é o primeiro passo para que seja adotada como disciplina que, a partir da dimensão estética que lhe é inerente, possa revelar muito além do que propõe mostrar. Quando a História da arte deixa de ser apreciada apenas como um *modus operandi* focado na produção de artefatos e ideias, para uma ampliação do fazer humano imbricado não só na constatação da dinâmica consciente-inconsciente que se apresenta no processo criativo, mas especialmente no entroncamento entre a dimensão individual em relação à coletividade, passa a ser de interesse na formação do arteterapeuta. O paciente, tanto quanto o artista, produzem visibilidades. Estas, assim como as histórias, informam (Manguel, 2001). Nesse sentido, o valor que se aplica à obra, seja no contexto arteterapêutico, no ateliê, sejam os *environments*, é a chave para a compreensão do fundo humano que se expressa plasticamente. Analisar as obras de arte, movimentos e períodos artísticos do ponto de vista não só estético, também simbólico e psicológico aguça a visão deste fundo humano e suas diversas facetas, ampliando sobremaneira a compreensão das histórias humanas que se revelam por meio da arte e, por isso, merecem destaque na formação do futuro arteterapeuta. Por que ensinar História da arte em Arteterapia? Porque aquele que cria é um imbricado estético, simbólico e psicológico. Desse ponto de vista, o conhecimento de obras, movimentos e períodos da História da arte durante a formação do arteterapeuta, contribui para a compreensão de que toda produção é fruto de um imbricado conjunto de elementos. Como reitera Manguel (2001), de que todas as imagens contam histórias, assim é para o artista, quanto o é para o paciente.

PALAVRAS-CHAVE: História da Arte; Formação; Arteterapeuta

REFERÊNCIAS

BURCKHARDT, J. **A cultura do renascimento na Itália:** um ensaio. São Paulo: Companhia de bolso, 2017.

HAUSER, A. **História social da arte e da literatura.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

JUNG, C. G. **Tipos psicológicos** [OC 6]. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

MANGUEL, A. **Lendo imagens:** uma história de amor e ódio. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

WARBURG, A. **A renovação da antiguidade pagã:** contribuições científico-culturais para a história do Renascimento europeu. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.



ARTETERAPIA COMO FACILITADORA DE UMA APRENDIZAGEM CRIATIVA EM EDUCAÇÃO, SAÚDE E INCLUSÃO

Luciana Pellegrini Baptista - Fundação das Operárias de Jesus

lucianapellegrinibr@yahoo.com.br

RESUMO: O presente relato tem como material minha experiência no atendimento como Psicóloga e Arteterapeuta em ambiente hospitalar (Hospital Naval do RN (2008/2010) e Hospital dos Servidores do Estado - RJ (2016/2017), na APAE/RN (2007/2010) e no contato com alunos da rede particular de Ensino Fundamental - RJ (2015/2018). O objetivo é de trazer experiências dos trabalhos desenvolvidos nestes ambientes, contribuindo para enriquecer o olhar dos profissionais de Arteterapia no tema proposto. No Hospital Naval, minha atividade se dava no ambulatório e na enfermaria. No ambulatório dedicava-me aos em atendimentos terapêuticos regulares. Na enfermaria, trabalhava com grupos de idosos e de hipertensos, oferecendo oficinas arteterapêuticas. No Hospital dos Servidores, participei do Projeto do Espaço Incorporarte, atendendo como Arteterapeuta, no setor de Oncologia Infantil, na Sala de Quimioterapia. Na APAE, fui contratada, inicialmente, como Psicóloga num trabalho de equipe multidisciplinar para atender as necessidades dos pacientes comprometidos nos aspectos biopsicossociais. O intuito desse trabalho era a inclusão, de modo que os pacientes alcançassem melhora na interação social, na aprendizagem dentro da própria Instituição e no ensino regular, quando possível, e, finalmente, a profissionalização. No ambiente escolar minhas experiências tiveram início em 2015 e ainda se mantêm. O atendimento se dá, motivando alunos matriculados no Maternal, no Pré I e no Pré II, com faixa etária entre três a cinco anos e no Ensino Fundamental, com faixa etária de 6 a 9 anos. Minha proposta é que percebam e utilizem formas criativas para lidar com os desafios da aprendizagem, não só dos conteúdos, mas dos relacionamentos sociais e afetivos, com vistas à sua formação como cidadãos. As ferramentas que utilizo para as atividades compreendem atividades de contação de histórias, expressão corporal, artes plásticas, musicais, cênicas, abrangendo dança, desenho, música, teatro, escultura e pintura. Em todos os espaços de trabalho as experiências foram instigantes e houve resultados significativos nas práticas realizadas, levando em conta as necessidades e limites dos pacientes. Atuando como Psicóloga a partir de 1990 e como Arteterapeuta desde 2001 considero que as duas formações como áreas afins, complementando-se de forma harmoniosa e enriquecendo o trabalho do terapeuta e favorecendo o atendimento ao cliente com práticas motivadoras.



PALAVRAS-CHAVE: Aprendizagem Criativa, Saúde, Educação, Inclusão

REFERÊNCIAS

ALESSANDRINI, C.D. **Tramas criadoras na construção do ser si mesmo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999

BACHELARD, G. **A água e os sonhos**. Ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

BACHELARD, G. **A psicanálise do fogo**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BACHELARD, G. **A Terra e os devaneios da vontade**. Ensaio sobre a imaginação das forças. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

BERNARDO, P.P. **A prática da arteterapia: correlações entre temas e recursos**. Vol. II. São Paulo: Editora do Autor, 2009.

BERNARDO, P.P. **A prática da arteterapia: correlações entre temas e recursos**. Vol. VI., 2 ed., São Paulo: Arterapinna Editorial, 2009.

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BULFINCH, T. **O livro de ouro da mitologia histórias de deuses e heróis**. 11 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

COSTA, M.I.M.; DIAS, C.M.S.B. **A prática da psicoterapia infantil na visão de terapeutas nas seguintes abordagens: psicodrama, gestalt terapia e centrada na pessoa**. Estudos de Psicologia Campinas, 2003.

CHEVALIER, J. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, número**. 18 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

DOHME, V.D'Â. **Técnicas para contar histórias**. São Paulo: Informal Editora, 2000.

ESTÉS, C.P. **O Jardineiro que tinha fé: uma fábula sobre o que não pode morrer nunca**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

FOGHIERE, Y.C. **Psicologia fenomenológica: fundamentos, métodos e pesquisa**. São Paulo: Pioneira, 1993.

GREENE, L.; BURKE, J.S. **Uma viagem através dos mitos: O significado dos Mitos como um guia para a vida**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2001.

GRINBERG, L.P. **Jung: o homem criativo**. São Paulo: FTD, 2003.



- LIEBMANN, M. **Exercícios de arte para grupos**: Manual de Temas, jogos e exercícios. São Paulo: SUMMUS, 2000
- MATOS, G.A.; SORY, I. **O ofício do contador de histórias**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- MENEZES, A.B. **Figuras do feminino na canção de Chico Buarque**. São Paulo: Boitempo, 2000.
- MILITÃO, A.; **Rosse**: Histórias e Fábulas aplicadas a Treinamento. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2005.
- OAKLANDER, V. **Descobrimo crianças**: a abordagem gestáltica com crianças e adolescentes. São Paulo: Summus, 1980.
- PERLS, F.S.; HEFFERLINE, R.; GOODMAN, P. **Gestalt terapia**. São Paulo: Summus, 1997.
- PHILIPPINI, A. **Cartografias da coragem**. Rio de Janeiro: Poma, 2001.
- POSKITT, K. **O labirinto maluco**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2003.
- POUSADOUX, C. **Contos e lendas da mitologia grega**. São Paulo: Companhia da Letras, 2001.
- SHIRLEY, R. **Arteterapia para famílias**: abordagens integrativas. São Paulo. Summus, 1998.
- SILVA, L.P.B. **Bruxas e fadas sapos e príncipes**: os contos de fadas em experiências Arteterapêuticas. Rio de Janeiro: Wak, 2006.



PSICOTERAPIA: DO CONSULTÓRIO PARA O ATELIÊ DE ARTETERAPIA

Lara Nassar Scalise - UFMS

larascalise@hotmail.com

RESUMO: Este trabalho apresenta a psicoterapia em um ateliê de arteterapia na perspectiva cultural e histórica, considera que o ser humano se constitui por meio de processos educativos (informal e formal), os quais promovem nas experiências vividas a aprendizagem para o desenvolvimento de novos sentidos de subjetivação que visam modificar as configurações subjetivas promovendo um novo reposicionamento do sujeito em relação ao seu sofrimento atual. As vivências proporcionadas pela arteterapia tornam-se novas aprendizagens que possibilitam a produção de novos sentidos e significados sobre situações que integram a história de vida do sujeito. Barros e Ferreira (2016), Reis (2014), Coqueiro, Vieira, Freitas (2010), Saviani (2004), realizaram estudos sobre a importância da arteterapia como meio de promoção de saúde e constataram que se trata de um recurso valioso para estimular a criatividade, além de constituir um mecanismo de reequilíbrio psíquico. Temos como objetivo compreender o movimento dos processos e formações subjetivas em contexto psicoterápico, por meio de ações e relações desenvolvidas em um ateliê de arteterapia. Trata-se de uma prática que se apresenta como meio para conhecer o psiquismo dos indivíduos e dos fenômenos da vida social; a arte, além das várias formas de expressão artística, torna-se um instrumento de trabalho específico no campo da psicologia clínica. A linguagem artística, ao proporcionar condições para o indivíduo expressar suas vivências internas, favorece a ampliação da consciência sobre elas (Ciornai, 1995). Andrade (2000) acrescentou que ela propicia a expressão da interioridade do homem, e, assim, favorece a comunicação com o terapeuta. A função criadora da arte é ponto comum entre as abordagens psicológicas, pois coloca o sujeito como artífice e produtor de um trabalho, garantindo-lhe condições de reflexão, daí o seu caráter formador. Surge a questão: do consultório para o Ateliê em arteterapia como um espaço de construção para novas formações subjetivas em psicoterapia. Quando uma pessoa procura atendimento psicológico, ela está em busca de soluções para seus problemas ou seus conflitos. Concebemos os problemas como parte da vida do sujeito, como mola propulsora para desestabilizá-lo e, a partir daí construir outros caminhos para o enfrentamento desses problemas. Os "outros caminhos" são possibilidades a serem construídas artesanalmente, decifrando cada "ato", cada passo, promovendo o desenvolvimento de reflexões e, conseqüentemente, de novos sentidos subjetivos. Segundo González-Rey (2007), a psicoterapia não é pode ser assumida como um processo de descobrimentos nem de



soluções centradas na figura no terapeuta, ela deve ser reconhecida como um processo de produção de novos sistemas de subjetivação para o sujeito. Novas vias que promovem recursos internos para o enfrentamento de soluções para os problemas atuais. O ateliê de arteterapia é o espaço onde será construído o cenário para o desenvolvimento das ações e relações que visam à produção de sentidos subjetivos no processo de enfrentamento e superação dos conflitos, promovendo, dessa forma, a emergência do sujeito. Reconhecemos um Ateliê de arteterapia com base no significado em francês para “estúdio”, que é definido como um espaço de construção no qual é possível experimentar, manipular e produzir os mais variados tipos de arte; desse modo, associado à psicoterapia, constitui um espaço em que uma pessoa, em atendimento, poderá expressar emoções e sentimentos por meio da atividade artística, as quais aparecem nas suas produções simbólicas. Assim a transformação da ideia de consultório para ateliê, tirando a centralidade e a onipotência da figura do psicoterapeuta do processo de “cura” dos problemas, para a ênfase na construção de possibilidades de enfrentamento dos danos geradores de conflitos para o sujeito. A metodologia nos atendimentos segue pontos importantes. Os estímulos visuais que se fazem presentes no ateliê têm a intenção de inspirar as possibilidades de atividades a serem executadas. Em cada atendimento, após a definição do que será realizado, sempre em parceria com a pessoa, o foco se volta para a atividade e para a observação do processo de execução da mesma. Os encontros são individuais com duração de 45 minutos. Os materiais são diversos, de papelaria e artes até alternativos como sucatas e recicláveis, utilizados de acordo com a necessidade de cada criança para a atividade a ser construída. Esses se constituem como instrumento indutor, que provoca a expressão de conteúdos subjetivos, permitindo que o profissional construa informações sobre a dinâmica psicológica da criança, por meio da análise construtivo-interpretativa. A proposta tem a arte como processo da produção das emoções, por meio da construção das atividades criadas, o que permite que o criador se reconheça nelas e, desse modo, estabeleça um canal de comunicação consigo mesmo, promovendo um convite à reflexão sobre os motivos que geram a situação em que se encontra. Os sentidos subjetivos que vão sendo produzidos em atendimento no ateliê se constituem como unidades psicológicas simbólico-emocionais, sendo considerados mobilizadores de recursos psicológicos, que alteram e conduzem o sujeito para uma nova produção de configurações subjetivas, (Rossato, Martins & Mitjans Martinez, 2014). Na execução das atividades, o que importa não é o fato em si, mas como o sujeito subjetiva essa vivência, fundamental para permitir que a livre expressão ocorra por meio do construído. É o convite à criação e produção simbólica dos sentimentos e da possibilidade de produzir novos sentidos subjetivos. Considerando o exposto, reconhecemos a psicoterapia infantil como um espaço/tempo de movimento dos processos e formações subjetivas. O ateliê de arteterapia mostrou-se



favorecedor de novas possibilidades, novos caminhos para implementar ações dentro do contexto psicoterápico, tirando os fenômenos psicológicos da clausura da clínica da patologia, abrindo propostas para práticas que qualificam as diferentes expressões do sujeito diante das dificuldades que aparecem nas condições concretas da vida, sem enclausurá-las em classificações pré-estabelecidas, rompendo com a supremacia do modelo biomédico.

PALAVRAS-CHAVES: Psicoterapia; Artes; Psicologia Clínica

REFERÊNCIAS

ANDRADE, L.Q. **Terapias expressivas**. São Paulo: Vetor, 2000.

BARROS, M.F.; FERREIRA, L.C. A arte como estratégia de intervenção psicoterapêutica. In: **Psicologia e Saúde em Debate**. Suplemento - I Simpósio Científico De Práticas Em Psicologia. 2016. Disponível em: <<https://psicodebate.files.wordpress.com/2016/11/v2s1a1.pdf>>

CIORNAI, S. Arte-terapia: o resgate da criatividade na vida. In: CARVALHO, M.M.M. J. (Org.) **A arte cura? Recursos artísticos em psicoterapia**. Campinas, SP: Editorial Psy II. pp. 59-6, 1995.

COQUEIRO, N.F.; VIEIRA, F.R.R.; FREITAS, M.M.C. Arteterapia como dispositivo terapêutico em saúde mental. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 23, n. 6, 2010, pp. 859-862. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307023868022>>

COQUEIRO, N.F.; VIEIRA, F.R.R.; FREITAS, M.M.C. **Psicoterapia, subjetividade e pós-modernidade: uma aproximação histórico-cultural**. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

REIS, A.C. Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do psicólogo. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 2014, v. 34, n. 1, p 142-157, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v34n1/v34n1a11>>

SAVIANI, I. Ateliê terapêutico - encontrarte: viver arte, criar e recriar a vida. In. CIORNAI, S. (Org.). **Percursos em arteterapia: arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia, supervisão em arteterapia**. São Paulo: Summus Editorial, 2004.

ROSSATO, M.; MARTINS, L.R.R.; MITJÁNS, A.M. A Construção do cenário social da pesquisa no contexto da epistemologia qualitativa. In: MITJÁNS, A.M.; NEUBERN, M.; MORI, V.D. (Orgs). **Subjetividade contemporânea: discussões epistemológicas e metodológicas**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2014.



A ARTETERAPIA COMO ELO CRIATIVO NO RESGATE DO ARQUETIPO PATERNO ORGANIZANDO A PSIQUE MASCULINA

Célia de Lima dos Santos - UNIP

cel.0201@hotmail.com

RESUMO: Em minha experiência profissional, como psicóloga clínica, observo o quão dificultoso e escasso é a procura e comprometimento da figura masculina no setting terapêutico. Não importam como estão se constituindo atualmente os arranjos familiares, quando ocorre a ausência paterna seja física, psicológica ou mesmo no âmbito da ausência de suporte emocional, resta uma lacuna na psique do indivíduo, que buscará respostas, muitas vezes, em nível inconsciente, com ideias transferenciais ou mesmo sobre a compreensão e a relação estabelecida com o pai ausente. Este estudo propõe evidenciar que a atuação deficiente do pai na vida dos filhos, sua ausência seja física ou emocional, seja em nível passivo e/ou pela agressividade, física ou verbal podem gerar consequências desastrosas na vida do filho, como delinquência, repetições patológicas de comportamento, relacionamentos abusivos, e existem pesquisas documentadas de alguns casos de homossexualidade masculina e feminina. O objetivo central desse estudo foi fundamentar o tema baseado “em ausência de pai”, configurado especificamente no arquétipo paterno permitindo tecer uma breve organização, referenciando Neumann (1995) que cita o processo de “fragmentação de arquétipos”, ou seja, de que para a consciência, o “arquétipo paterno” se fragmenta num grande grupo de arquétipos e símbolos inter-relacionados. Assim sendo, buscou-se estudar a respeito do resgate das crenças, valores e forças oriundas do masculino, propondo ressignificações em prol da reorganização da psique do participante não importando o âmbito da ausência, mas possibilitando ao indivíduo fazer essa caminhada rumo ao cosmos como organização do retorno ao centro de si mesmo. A proposta tem como reflexão o uso de processos expressivos em Arteterapia relacionados com os processos de estruturação ao entrar em contato com esse arquétipo à luz das categorias míticas do Pai, em que referenciei Colman e Colman (1990) na obra “O Pai – Mitologia e reinterpretação dos Arquétipos”, na qual investigaram as mitologias e suas representações arquetípicas da figura do pai, dividindo-as em cinco categorias mitológicas: Pai Criador, possibilita compreender o “ato criativo”; Pai Terra, considera a evolução dos arranjos familiares, esse Pai aprende com a mãe-terra a ser cuidadoso e a nutrir; Pai Céu, associado às mitologias celestes com características de proteção, provisão e julgamento; Pai Real, enfatiza o modelo de pai em que unifica tanto as características do Pai Céu e Pai Terra e, por último, Pai-Diádico, com conotação de dual, propõe que



ambos genitores explorem qualidades do reino do céu e da terra, portanto, pressupõe a importância do pai encontrar o equilíbrio, muito propício à caminhada proposta por ambos autores no enriquecimento da identidade pessoal e coletiva. Segundo Grinberg (1997), somos guiados queiramos ou não pelos arquétipos com predisposição para desempenhar papéis como os de mãe, pai, filho irmãos entre outros. Assim sendo, ao nos depararmos com tais arquétipos nem sempre enfrentamos heroicamente ou com sabedoria os desafios de nossa vida. Portanto, o arquétipo paterno traz na sua bagagem subjetiva uma carga do inconsciente coletivo, das imagens de muitas gerações que podem levar o sujeito a se estruturar. Foram realizadas 8 oficinas arteterapêuticas, uma vez por semana, com quatro participantes; dois homens e duas mulheres com idade acima de 19 anos. Foi feito um recorte, com escolha de um indivíduo do sexo masculino de 35 anos, como sujeito desse estudo. As oficinas arteterapêuticas foram baseadas na obra - O Pai, Mitologia e Reinterpretação dos arquétipos - de Colman e Colman, e nos livros de Patrícia P. Bernardo, embasados com contos e mitos. Para cada oficina o material foi escolhido apropriadamente conforme o tema que seria trabalhado, tais como; pintura, confecções de objetos temáticos e esculturas, recorte e colagens, argila, fitas, cola, tintas, miçangas, materiais duros, EVA, cartolina, papéis para presente entre outros. Cada oficina apresentou um tema baseado em um momento do processo do Ciclo Paterno, propondo uma caminhada evolutiva. Ao longo deste trabalho, pôde-se perceber que a Arteterapia se tornou um instrumento enriquecedor para auxiliar no processo de resgate das características do Arquétipo Paterno, com o objetivo que abarca a ausência psicológica tanto quanto a física, correspondendo à ausência em espírito e a ausência emotiva; sobre aspectos do pai na organização da psique. Ficou muito clara a importância dos objetivos se relacionarem com os materiais expressivos, de associá-los aos ciclos referentes às características do Arquétipo Paterno, interligando-os aos ciclos da personalidade, ocorrendo assim, uma visível aceitação, congruência e levando o participante à conscientização em prol de uma caminhada evolutiva e organização da psique. Foi possível, também, constatar que o contato e manuseio com os recursos arteterapêuticos puderam desenvolver um estado de concentração, conduzindo o paciente a um relaxamento e atenção, fortalecendo-o para ainda mais atingir o objetivo proposto, desencadeando um vínculo e comprometimento maiores com o projeto. Durante todo o processo terapêutico, foi também constatada a importância em relação à fundamentação teórica, no sentido de que se entrelaçou adequadamente não só com a Arteterapia, mas também com as questões conflituosas em relação ao gênero masculino. Ocorreram assim, neste contexto, a confirmação de novas posturas, mais seguras e conscientes quanto ao tema citado, evidenciados na ausência de Pai no sentido do resgate das características do arquétipo Paterno a exemplo do próprio paciente escrever que finalizou esse projeto se sentindo mais protegido,



com mais sabedoria, verdade, conhecimento, harmonia e gratidão. Assim sendo, pode-se concluir que esse trabalho demonstrou que ainda existem muitas possibilidades para a continuidade de outras pesquisas baseadas no masculino, cabendo ao terapeuta uma busca contínua por novos recursos favorecendo que a Arteterapia encontre o respaldo merecido através de novos estudos relacionados ao gênero masculino. Foram suscitadas novas propostas e formas para envolver indivíduos de todos os gêneros, visto que, notou-se a ausência de estudos mais aprofundados sobre a temática. Pelo fato de o pai sempre se mostrar oculto em suas relações com seus filhos, é necessário um novo olhar que dê mais suporte à figura masculina/paterna.

PALAVRAS-CHAVE: Arteterapia; Arquétipo Paterno; Ciclos da Personalidade; Mitos.

REFERÊNCIAS

- BERNARDO, P.P. **A prática da arteterapia.** correlações entre temas e recursos. Temas centrais em Arteterapia. Vol. I. 4 ed. São Paulo. Arteterapinna, 2013a.
- BERNARDO, P.P. **A alquimia nos contos e mitos e a Arteterapia:** criatividade, transformação e individuação. Vol. V. 2 ed. São Paulo: Arteterapinna, 2013b.
- BERNARDO, P.P. **Mitologia africana e arteterapia:** a força dos elementos em nossa vida. Vol. VIII. 2 ed. São Paulo: Arteterapinna, 2012.
- BERNARDO, P.P. **O arquétipo da vida e da morte.** Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, São Paulo, 1996, v. 14, n.1, p. 92-115, 1996.
- BYINGTON, C.A.B. **Desenvolvimento da personalidade.** São Paulo: Ática, 1987.
- BULFINCH, T. **O livro de ouro da mitologia:** histórias de deuses e heróis, 26 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
- COLMAN, A.; COLMAN, L. **O pai:** Mitologia e Reinterpretação dos arquétipos. São Paulo: Cultrix, 1990.
- CORNEAU, G. **Pai ausente, filho carente.** O que aconteceu com os homens? 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- HURSTEL, F. **As novas fronteiras da paternidade.** Campinas: Papirus, 1999.
- NEUMANN, E. **História da origem da consciência.** 10 ed. São Paulo: Cultrix, 1995.



SANTOS, C.L. **Intuição, liderança e tomada de decisão**: um estudo qualitativo. 154p. Dissertação de Mestrado. Universidade Nove de Julho. São Paulo, 2002.



WABI SABI E ARTETERAPIA: QUANDO ORIENTE ORIENTA LEITURAS POSSÍVEIS

Angélica Shigihara - INFAPA / AATERGS

angeshigihara@gmail.com

RESUMO: O arteterapeuta utiliza como ferramenta elementos expressivos das artes para trabalhar diferentes aspectos em contexto terapêutico. E se utilizar elementos da cultura oriental para esta finalidade? Esta pesquisa nasce de uma necessidade de encontrar entrelaçamentos vindos da história e teoria dos elementos artístico-expressivos que emergiam no meu trabalho como artista plástica e como arteterapeuta. Compartilho descobertas de elementos visuais-artísticos desta filosofia, algumas propostas estéticas da cultura japonesa de meus ancestrais, heranças familiares intangíveis que minha produção como artista desvelava, assim como recursos interessantes e peculiares que em algum momento fizeram parte de processos terapêuticos e que hoje vejo como vindos de minha cultura como sansei. Este trabalho pretende analisar parte da arte oriental, especificamente o conceito do wabi-sabi, seus significados e pressupostos, valores espirituais e bases metafísicas, e como podem ser fonte de inspiração ou abrir possibilidades de releituras para o trabalho do arteterapeuta. Surgiu o interesse deste estudo, inicialmente a partir de meus trabalhos artísticos, pinturas e pequenos objetos, que no olhar de observadores especialistas e colegas da área das artes viam neles a influência da arte japonesa. Após expor determinados objetos em mostras coletivas, (Pedra, Papel e Tesoura, mãos em movimento - Pelotas em 2017 e PALIMPSESTO, SP em 2018) o aspecto compositivo e a materialidade das obras, revelavam inconscientemente minhas origens ancestrais como sansei. Quem conheceu estes objetos chamados de “Homenagens”, comentavam que eles tinham muito da simplicidade e rusticidade deste conceito japonês. Fui buscar então subsídios que corroborassem teoricamente esta influência inconsciente, movida por um sentimento especial, um mês após a morte inesperada de meu pai. Um homem dedicado com amor e respeito a minha mãe, onde sua energia recarregava-se com a modelagem de bonsais no jardim de casa. Minha mãe descendente de italianos, catalães e basco-franceses com sensibilidade de artista, anos atrás, fez curso de Sumi-e. Influências que eu vejo agora como marcantes nas minhas escolhas plásticas. A literatura encontrada, escassa, por questões filosóficas, de transmissão netamente vivencial, não racional, de seus pressupostos filosóficos e metafísicos, (KOREN, 1997), ofereceu-me suporte para fazer a costura entre o pensamento wabi-sabi, minha arte e algumas propostas ao longo de meus 18 anos de trabalho como arteterapeuta. Seja o conceito de wabi-sabi, sejam os princípios da estética japonesa, como as diferentes manifestações culturais e artísticas, como a



cerimônia do chá, o origami, o Shodō, o Omikuji (mensagens boro), o Kintsugi (reparar cerâmica com material nobre – ouro ou prata, arte de aceitar a imperfeição) e a ikebana: serviram de inspiração para propostas que num momento determinado foram parte de intervenções terapêuticas com diferentes públicos que tive oportunidade de trabalhar (individual ou em grupo), em atelier, oficinas ou seminários. Foi inspirador para grandes transformações em diferentes campos do fazer e saber, e até para um novo modo de vida. “WABI alude a uma construção filosófica, um caminho espiritual, ao interno e subjetivo, e acontecimentos no espaço. SABI refere-se a um ideal estético, a objetos materiais, arte e literatura, o externo e o objetivo, e aos acontecimentos no tempo.” A partir da base de que a verdade vem da observação da natureza se descobrem os valores espirituais do wabi-sabi: impermanência, imperfeição, incompletude, em constante transformação ou dissolução. O wabi-sabi desvela o oculto, efêmero e sutil. O tempo, a ordem cósmica, a existência e o inevitável. Convida a desprender-se de todo o desnecessário, em conexão com o fluxo natural. Muito além de admirar, gostar ou compreender o pensamento wabi-sabi, acredito que a importância de mirar, modificar, refletir, admirar, mudar, eliminar o desnecessário, recriar e perceber a simplicidade, assombrar-se e degustar o aqui e agora, vai além de um conceito de beleza. Pode ser o caminho para novos convites por meio de propostas estéticas para provocar reflexões, mudanças e mais leveza, na vida e no set terapêutico.

PALAVRAS-CHAVE: Wabi-Sabi; Arteterapia; Cultura.

REFERÊNCIAS

BRINKER, H. **O zen na arte da pintura**. São Paulo: Pensamento, 1985.

WELWOOD, J. **Em busca de uma psicologia do despertar**. Budismo, psicoterapia e o caminho da transformação espiritual individual. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

KOREN, L. **Wabi-sabi para artistas, designers, poetas y filósofos**. Barcelona: Ed. Hipotesis Renart, 1997.



DA NECESSIDADE DA SAÚDE INTEGRAL: UMA REFLEXÃO A LUZ DOS CONHECIMENTOS MÍTICOS

Larissa Fernanda Dittrich - UNIVALI, CDVBA

centrodavinci@hotmail.com

Paulo Rogério Melo de Oliveira - UNIVALI

RESUMO: No século XXI a crise na saúde atravessa grandes desafios. O ser humano conquistou um patamar técnico notável com a evolução da ciência médica, capaz de realizar grandes feitos, como o transplante de órgãos e a inseminação artificial (ESPÍNDOLA; DITTRICH, 2015). Entretanto, um dos grandes problemas que caracteriza a fragilidade da ciência médica é a falta de humanização quando da aplicação técnica de seus recursos tecnológicos. Para lutar contra o processo de desumanização da saúde e buscar outros saberes capazes de propiciar a prevenção e a promoção da saúde, o SUS implementa práticas integrativas e complementares no cuidado integral à saúde do paciente. Partindo desta percepção e procurando ampliar o horizonte de reflexão, esta pesquisa tem como tema a importância e a necessidade da retomada da saúde integral. Para isso, busca-se apoio nos modelos oferecidos pelas narrativas míticas, especialmente os mitos gregos que abordam mais diretamente a cura e a saúde, práticas associadas miticamente à figura de Apolo e de Asclépio, considerado o pai da medicina. Logo, o objetivo geral desta pesquisa é explorar as narrativas míticas de Apolo, Asclépio, Quíron, Hígia e Panacéia, e suas possíveis relações com o processo saúde-doença na nossa contemporaneidade. Nestes mitos, encontramos a gênese simbólica dos diferentes modelos de saúde contemporâneos, como o biomédico e o modelo de saúde integral. A intenção é estudar algumas narrativas míticas, de um ponto de vista arquetípico, a fim de relacioná-las com o processo saúde-doença da atualidade. Neste contexto, o problema desta pesquisa é o seguinte: Em que medida as narrativas míticas sobre doença, cura e saúde, nos ajudam a pensar os caminhos ou a retomada da saúde integral no mundo atual? O objetivo geral da pesquisa foi de explorar as narrativas míticas de Apolo, Asclépio, Quíron, Hígia e Panacéia, e suas possíveis relações com o processo saúde-doença da contemporaneidade. Esta pesquisa foi de cunho bibliográfico com abordagem fenomenológica. Investigou-se livros, artigos científicos, teses que dizem respeito ao objeto de estudo. A metodologia para captação e compreensão dos dados foi a hermenêutica fenomenológica. As noções junguiana de arquétipo, a teoria da complexidade, de Morin, a sociedade da medicalização, de Bauman, o conceito de corpo-criante, de Dittrich, e as interpretações dos mitos propostas por diferentes autores auxiliaram a ler os mitos antigos como possibilidades de críticas do



presente. O mito de Hígia, que representa a arte da conservação da saúde, a prevenção da doença e a promoção da saúde é o fundamento do conceito de saúde integral e o mito de Panacéia, que representa a arte de curar, o fundamento da ideia da sociedade da medicalização, ou seja, o foco da saúde é na doença e no seu tratamento. O estudo dos mitos gregos, particularmente as narrativas referentes a Asclépio e suas duas filhas, entendidas, em certa medida, como manifestações dos atributos do pai referentes à cura e à saúde, ao final desse estudo, possibilitou se pensar em um arranjo híbrido entre os modelos biomédico e da saúde integral, para além da dicotomia que comumente se afirma entre os dois polos. Abre-se, com isso, a possibilidade de se pensar a gestão da saúde na atualidade com base na concepção integral, que se sustentou ao longo do trabalho, sem, todavia, perder de vista a importância do modelo curativo-biomédico. O estudo mostrou que os mitos, ainda que distantes temporalmente, e expressos numa linguagem simbólica e alegórica, dizem muito sobre a condição humana. No caso da saúde, a riqueza simbólica dos mitos gregos remete ao entendimento não racionalizável de como a saúde era pensada e vivenciada de uma forma integral, ainda que, posteriormente, com o legado dos Asclépiades, Hipócrates passou a desenvolver conhecimentos considerados científicos, originando a medicina científica, como o ser humano a conhece nos dias atuais. O símbolo Apolo, grande deus da beleza, da harmonia e da saúde, que representa a dimensão totalizadora da saúde, passou a ser a referência mítica para pensar a saúde integral. Seu filho Asclépio atuava na fronteira entre o mundano e o divino. Ele realizou grandes descobertas para a medicina, mas se deixou levar pela vaidade, ressuscitando os mortos e mudando a ordem da natureza, sendo, assim, castigado por Zeus de forma punitiva e exemplar. Ele passou a ser um símbolo ambivalente, tanto da cura do corpo quanto da alma. A descendência de Asclépio, Hígia e Panacéia, frutos da ambivalência do pai, foi por esta pesquisadora interpretada como modelos que simbolizam a força viva dos mitos nas práticas da saúde. Logo, na sociedade líquida a medicalização, a prevenção e a promoção na saúde são desafios permanentes nas Políticas Públicas em saúde e tem raiz mitológica. Foi com base nesses personagens, que encerram símbolos poderosos, que esta pesquisadora se inspirou para problematizar as experiências na área da saúde. O estudo dos mitos gregos, particularmente as narrativas referentes a Asclépio e suas duas filhas, entendidas, em certa medida, como manifestações dos atributos do pai referentes à cura e à saúde, ao final desse estudo, possibilitou se pensar em um arranjo híbrido entre os modelos biomédico e da saúde integral, para além da dicotomia que comumente se afirma entre os dois polos. Abre-se, com isso, a possibilidade de se pensar a gestão da saúde na atualidade com base na concepção integral, que se sustentou ao longo do trabalho, sem, todavia, perder de vista a importância do modelo curativo-biomédico.



PALAVRAS-CHAVE: Saúde integral; Mitos; Modelo biomédico; Políticas Públicas.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2011.

BRANDÃO, J. **Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega**. Vol. I. Petrópolis: Editora Vozes, 1991.

DITTRICH, M.G. **Arte e criatividade espiritualidade e cura: a teoria do corpo-criante**. Blumenau: Nova Letra, 2010.

ESPÍNDOLA, K.S.S.; DITTRICH, M.G. **Arteterapia no cuidado integral à saúde**. Itajaí: Editora UNIVALI, 2015.

ELIADE, M. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2016.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

MATURANA, H.; VARELA, F. **A árvore do conhecimento**. Campinas: Psy II, 1995.

MORAES, M.C. **Transdisciplinaridade, criatividade e educação: fundamentos ontológicos e epistemológicos**. São Paulo: Papyrus, 2015.

MORIN, E. **O método: a natureza da natureza**. Mira Sintra: Publicações Europa, 1977.



LENTE INTERIOR – POESIA, CONTOS E CORDÉIS COMO EXPRESSÃO DA HISTÓRIA DO CENTRO DAS MULHERES DO CABO

Svetlana Valentim – FPS

lanavalentim@hotmail.com

Delielbe Dalla Corte – FPS

RESUMO: O mundo moderno considera a arte muito importante, num discurso “arte pela arte”, porém notamos um distanciamento entre o objeto e a ideia do que ela pode vir a servir. Pois a arte possui um instrumento próprio, que é ampliar nossa capacidade para ir além dos limites impostos pela natureza. A arte compensa algumas fraquezas inatas, neste caso, mais mentais do que físicas, fraquezas que podemos chamar de psicológicas. Um instrumento é uma extensão do corpo que permite realizar um desejo e é necessário por causa de algum impedimento da nossa constituição física. Podemos citar como funções da arte: rememoração, esperança, sofrimento, reequilíbrio, compreensão de si, crescimento e apreciação. No Centro das Mulheres do Cabo, uma organização feminista - que tem como missão construir a igualdade de gênero e raça e afirmar os direitos humanos das mulheres, foi fundada em 1984, e atende de forma direta 3000 (Três mil) pessoas por ano. O método da intervenção baseou-se no uso do cordel, como forma de expressão artística; com uma finalidade arte terapêutica. Pois, para se compreender um grupo social devemos estar abertos às suas poesias, músicas, danças que são expressões da alma. Durante a fase da observação e da escuta, a partir da convivência com o grupo social estudado, verificou-se o discurso das dores enfrentadas. O método utilizado nesse trabalho foi da coleta de dados e trabalho de campo. Diante dessa escuta o projeto foi tomando forma e a nossa intervenção no lugar de se restringir ao público feminino e suas dores - foi ampliado para todo o público atendido pela ONG que são: as mulheres, as crianças, e os jovens da região. Com o objetivo de elaborar um projeto de intervenção para promover a expressividade da criatividade e bem-estar dessa comunidade foi proposto o Concurso Cultural Lente Interior: poesias, contos e cordéis como expressão da história do Centro das Mulheres do Cabo, estabelecendo uma ponte saudável entre o consciente e inconsciente da comunidade. A expressão artística revela a interioridade do homem e fala do modo de ser e visão de cada um e seu mundo; tendo em vista que é este um dos princípios norteadores da Política Nacional de Humanização; a valorização da dimensão subjetiva e social em todas as práticas de atenção e gestão, fortalecendo/estimulando processos integradores e promotores de compromissos e responsabilização. Pois a humanização como uma política transversal supõe



necessariamente que sejam ultrapassadas as fronteiras, muitas vezes rígidas, dos diferentes núcleos de saber/poder que se ocupam da promoção da saúde. O objetivo central será desvendar as pequenas alegrias que estão repletas no mundo já que a arte possui esta característica. Estas “pequenas alegrias” se tornarão poesias, contos e cordéis que serão coletadas e passarão por uma triagem. O Concurso Cultural Lente Interior: poesia, contos e cordéis como expressão da história do Centro das Mulheres do Cabo será realizado anualmente, como parte dos festejos da sua data de aniversário anual. A escrita pode ser entendida como terapêutica, pois aciona a criatividade, na sua poética discursiva e coloca o sujeito como protagonista da sua subjetividade autônoma; tendo em vista que a humanização é descrita no campo da saúde, como uma aposta ética/estético/política. Proporciona mudanças nos campos afetivo, interpessoal e relacional, como também é central na promoção e no bem-estar da pessoa. A intervenção não visa um processo terapêutico, mas contribui para a promoção da saúde psíquica da comunidade cooperando para corrigir e compensar todo um arcabouço de fragilidades psicológicas. A arte oferece meios para auxiliar nesta reparação através de: corretivo da memória fraca, provedor de esperança, uma fonte de dignidade para o sofrimento, um agente de equilíbrio, autoconhecimento, um guia para ampliação da experiência e recuperação da sensibilidade.

PALAVRAS-CHAVE: Arteterapia; Criatividade; Saúde Mental.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Humanização:** documento base para gestores e trabalhadores do SUS/Ministério da Saúde. Brasília, 2004.

LOIOLA, R.S.; ANDRIOLA, C.J.S. **A arteterapia como instrumento do psicólogo na clínica.** Revista de Psicologia, v. 11, n. 35, 18-31. 2017

PEDRO, C.B.; GUEDES, O. As conquistas do movimento feminista como expressão do protagonismo social das mulheres. **Simpósio sobre Estudos de Gênero e Políticas Públicas**, 2010.

REIS, A. C. Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do Psicólogo. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 34, n. 1. 2014.



UM PERCURSO EM ARTETERAPIA NO SUS

Glícia Manso Paganotto - CAPS I, Vitória ES

gliciamanso@hotmail.com

RESUMO: Nosso mundo está adoecido por falta de Afeto, embora fala-se muito em afetividade, a priori as duas palavras podem parecer a mesma, mas existe uma singularidade que distingue Afeto de Afetividade. A afetividade tem sido nos dias atuais, o exercício de um pretenso afeto! A afetividade como uma moeda de troca, assim como outros sentimentos em nossa contemporaneidade. Acontece que afeto não é troca, é comunhão. Não só em Arteterapia, mas em todo trabalho que envolve o “ato cuidador” é imprescindível o afeto. Afetar-se pela demanda que o outro traz, envolver-se acolhendo-o, muitas vezes em necessidades que nem ele mesmo, ainda percebeu em si. A nossa contemporaneidade, imediatista e veloz acabou também com a convivência familiar, berço das trocas de aprendizado e nutrição dos afetos. As demandas advindas dessa solidão coletiva, viraram um problema de saúde pública, acarretando variados problemas de saúde física, mental, emocional, além dos distúrbios comportamentais que cresce assustadoramente comprometendo adultos, jovens e crianças, assim como a sociedade como um todo. As demandas que chegam todos os dias no serviço público, seja na atenção primária em saúde ou nos centros de especialidades (os CAPS's) perpassam por violências domésticas, inadaptação social de todos os níveis, inclusive escolar, ocorrências de automutilação, tentativas e culminância de suicídio, lamentavelmente com grande incidência também entre jovens e crianças. O objetivo do presente artigo é refletir sobre a Arteterapia como uma ferramenta de trabalho, contextualizando-a historicamente, discutindo os pressupostos fundamentais que sustentam esta prática e apresentando suas principais abordagens teóricas. E sua atuação com diversos público alvo no SUS. Este trabalho vem contribuir no sentido de mostrar um panorama geral acerca da Arteterapia utilizada sistematicamente no serviço público. Permitirá a estudantes e a População em geral conhecer uma especialização de que ainda pouco se fala, nos meios acadêmicos. E que avança ao refletirmos sobre a própria contribuição desse campo de saber em atuação seja na clínica individual ou no trabalho coletivo, seja no serviço público e outros contextos, como um meio para trabalharmos com a (inter) subjetividade em uma concepção estética e simbólica do humano, com ênfase não só no acompanhamento do sujeito adoecido, mas priorizando a prevenção do adoecimento e a promoção de saúde como preconiza a portaria do próprio Ministério da Saúde e a política das práticas integrativas e complementares, onde a Arteterapia é uma dessas práticas. O que se quer mostrar aqui é que a



Arteterapia é um poderoso canal expressivo da subjetividade humana, que permite ao Arteterapeuta e a seus atendidos, seja ele um indivíduo, seja um grupo, acessar conteúdos emocionais e (re)significá-los através da própria atividade expressiva. Uma grande diversidade de temas, desde traumas e conflitos emocionais, aspectos das relações interpessoais em um grupo, expectativas profissionais, gênero e sexualidade, identidade pessoal e coletiva, entre outros, podem ser abordados através da livre expressão. É uma ferramenta que amplia as possibilidades criativas e de expressão, indo além da abordagem tradicional, que é baseada na linguagem verbal. A mediação da expressão livre na comunicação apresenta algumas vantagens, entre as quais a linguagem mais direta do universo emocional, pois não passa pelo crivo da razão do discurso verbal. Além disso, com a atividade expressiva, facilitamos o contato do sujeito com suas questões por um viés criativo, e não apenas dando forma a determinado conteúdo subjetivo, mas também podendo reconfigurá-lo em novos sentidos. A ideia central é a atividade criadora como um instrumento e a projeção materializada num fazer expressivo, como um caminho de transformação subjetiva. Como método de trabalho do arteterapeuta, a Arteterapia no SUS mas precisamente nos CAPSI (Centro de Atenção Psicossocial Infância Juvenil) onde atualmente trabalho com diferentes abordagens teóricas, tem se mostrado, eficaz no acompanhamento terapêutico de crianças e adolescentes oriundos das mais variadas queixas, em meu exercício profissional a escolha da linha teórica, e de materiais obedecem ao que mais se identifique, ou se faça necessária na demanda apresentada, trabalhar com crianças no processo arteterapêutico podemos contar com o lúdico, o criativo no ato aparentemente do brincar. O jogo de fantoches, a massinha de modelar, o desenho e a pintura, a construção feita de sucata, nos proporcionam novas formas para encarar a dor e ressignificá-la, muitas vezes em um objeto que traz de volta a alegria, o prazer e o resgate da confiança e da autoestima. As abordagens consideradas principais e que foram as primeiras a marcar presença no desenvolvimento da Arteterapia foram a psicanálise, a psicologia junguiana, e a Gestalterapia. Embora cada uma delas tenha seu modo próprio de trabalhar com o fazer criativo, todas reconhecem que a livre expressão promove o autoconhecimento e potencializa a criatividade, habilidades essenciais ao desenvolvimento, tanto de um indivíduo como de um grupo com quem o Arteterapeuta esteja trabalhando. Embora possa ser desenvolvida a partir de diferentes referenciais teóricos, a Arteterapia se define em todos eles por alguns pontos em comum: o autoconhecimento, o uso das artes como meio à expressão da subjetividade, a livre expressão, sem compromisso estético ou formal, que está ao alcance de todos, sem prévio conhecimento de arte, e a maior facilidade de falar sobre o si mesmo sem se sentir invadido. Sua noção central é que as linguagens expressivas reflitam (em muitos casos melhor do que a verbal) nossas experiências interiores, proporcionando uma ampliação da consciência acerca dos



fenômenos subjetivos (Ciornai, 1995). Liomar Quinto Andrade, que é psicólogo clínico e autor do livro *Terapias Expressivas*, define que a expressividade ou a arte se torna um instrumento de trabalho quando combinada a um objetivo educacional ou terapêutico, apresentando como pressupostos fundamentos da Arteterapia:

A expressão artística' revela a interioridade do homem, fala do modo de ser e visão de cada um e seu mundo. Esse ato revela um suposto sentido, e cada teoria e método em arte-terapia ou terapia expressiva se apodera desse ato diferentemente, por intermédio desse fazer “arte”, expressar-se, o terapeuta pode estabelecer um contato com o cliente possibilitando a este último o autoconhecimento, a resolução de conflitos pessoais e de relacionamento e o desenvolvimento geral da personalidade (Andrade, 2000, p.18)

O autor utiliza aspas quando remete à arte porque, no âmbito da Arteterapia, as atividades expressivas não têm uma finalidade estética, ou seja, a produção artística não é realizada e analisada por seu valor estético como obra de arte. Finalmente podemos dizer que a despeito da discussão sobre a qualidade artística ou não dos trabalhos produzidos em Arteterapia, o importante para nós no exercício profissional no CAPSI, é que a atividade expressiva se torne um instrumento à expressão e à reflexão dos sujeitos. Como atividade terapêutica, o que aqui se pretende não é propriamente fazer arte, mas sim, exercitar a criatividade, proporcionar que no fazer criativo se produzam outros modos de objetivação e de subjetivação. Desse modo, ela possa ser utilizada como recurso no contexto clínico, da saúde pública, com intervenções, que minimizem o sofrimento de crianças e adolescentes, devolvendo-lhes o sorriso, a autoconfiança na vida e nas pessoas, empoderando-se de sua criatividade para seguir novos caminhos. Vencendo dificuldades físicas, cognitivas, emocionais e sociais junto a indivíduos, famílias, grupos sociais e equipes de trabalho. Portanto, na Arteterapia, o fazer expressivo se constitui como mediação no processo de autoconhecimento e de (re) significação do sujeito acerca de si próprio e de sua relação com o mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Criança e Adolescente; Arteterapia; Criatividade; Autoconhecimento

REFERÊNCIAS

ANDRADE, L.Q. *Terapias expressivas*. São Paulo: Vetor, 2000.

JUNG, C.G. *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

RABELLO, N. *O desenho infantil*. Rio de Janeiro: WAK, 2014.



Anais do 13º Congresso Brasileiro de Arteterapia e
X Jornada Catarinense de Arteterapia

URRUTIGARAY, M.C. **Interpretando imagens, transformando emoções.** Rio de Janeiro: WAK, 2006.



A UTILIZAÇÃO DE RECURSOS EXPRESSIVOS COM ADOLESCENTES NO CONTEXTO DO ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL: DOIS CASOS

Sandro José da Silva Leite - PUC, SP

sandroleite@terra.com.br

Liliana Liviano Wahba - PUC, SP

RESUMO: A adolescência demarca um período importante do desenvolvimento, que adquire conotações especiais quando ocorre dentro de uma instituição de acolhimento. Além das demandas típicas desse período, outros agravantes podem impulsionar o adolescente a comportamentos de risco. Recursos que venham a auxiliar o desenvolvimento saudável são usados em situação de institucionalização, entre os quais a introdução de recursos expressivos no contexto do abrigo visa abarcar o adolescente em sua singularidade, provendo-lhe meios para poder se expressar de forma criativa e segura. Assim, é possível não só contribuir para a prática reflexiva por meio do processo criativo, mas também sondar mais a fundo as atribuições adolescentes típicas no contexto institucional. Na presente apresentação, por meio de dois casos, procura-se ilustrar o quanto a utilização de recursos expressivos contribuiu para a externalização das problemáticas vivenciadas pelos adolescentes, como: a utilização de drogas e a evasão como estratégia para poder viver uma vida própria, longe da instituição. Objetivo: Introduzir recursos expressivos como desenho e pintura com adolescentes no contexto do abrigo, com o intuito de fomentar o processo criativo individual, propiciar uma escuta individualizada e fomentar o processo reflexivo. A adolescência é um período marcado por impactantes transformações, deixando marcas indelévels que constituirão o futuro próximo, movido por expectativas, mas também por preocupações e incertezas. Na concepção de Frankel (1998), esses extremos podem ser apreciados a partir do sentido prospectivo, ou seja, o quanto as experiências adolescentes, por vezes dolorosas, indicam possibilidades de resoluções para o futuro. Nesse sentido, momentos para refletir sobre o processo do acolhimento é um importante passo para que o adolescente entre em contato com suas problemáticas. Quando a adolescência é vivida dentro de uma instituição de acolhimento, outros fatores como: proibição ou limitação de saídas, tempo de espera para acesso a programas de orientação, cuidados psicológicos e farmacológicos, e pouca oferta de programas que invistam em processos individuais de autonomia e desenvolvimento criativo, acabam por gerar comportamentos inadequados e de não conformidade com as regras estabelecidas por cada instituição. Exemplos que ilustram estes comportamentos são: uso de drogas e consumo de cigarro no



mesmo ambiente onde coabitam crianças, saídas não autorizadas e evasões. No Levantamento Nacional dos Abrigos para Crianças e Adolescentes realizado em 2011, totalizando 2.624 abrigos, Assis e Farias (2013) ressalta uma lacuna considerável nos serviços de acolhimento destinados especificamente ao público adolescente. Em relação ao tempo de permanência, crianças e adolescentes ficam em média 24,2 meses nas instituições de acolhimento, e a idade influi no tempo de permanência, especialmente dos adolescentes mais velhos. Embora a maioria seja atingida aos dezoito anos conforme preconiza o ECA (2012), o que se observa é que esse período pode se estender além da maioridade, provocando prejuízos para o adolescente (Porto, Szortyka, Heidrich, 2012), e quanto maior o tempo de espera, maiores serão os prejuízos, afetando tanto a sociabilidade quanto a manutenção de vínculos afetivos na vida adulta (Silva, 2004). A utilização de recursos expressivos com adolescentes no contexto do abrigamento se destaca por desenvolver processos criativos com foco no ganho de aptidão técnica, autonomia e princípios de cidadania em ambiente comunitário (Camargo, 2015); favorecimento da integração e elaboração de aspectos dissociados relativos à vivência da institucionalização (Tafner, 2013); e, maior capacidade de expressão e elaboração de situações conflituosas (Barth et al, 2012). Essas intervenções buscam suprir uma demanda que urge por formas variadas de expressão, uma vez que a dinâmica do funcionamento institucional e os cuidados que exercem para com o adolescente priorizam ações coletivas. Foram utilizados dois recursos expressivos em dois adolescentes: com “A Artista”, adolescente de 15 anos com suposto diagnóstico borderline, priorizou-se os materiais secos (pastel seco e oleoso) em virtude de sua familiaridade com estes materiais, mas também por promover controle na expressão do desenho. Com “O tatuado”, adolescente de 17 anos, foi utilizada a técnica expressiva Paisagem Psíquica, uma técnica de pintura sobre superfície aquosa em função de sua postura de afrontamento às normas da instituição: uma estratégia expressiva para flexibilizar sua rigidez. “A Artista”, adolescente com grande envergadura expressiva, se utiliza do poema e do desenho como formas de expressão. Seu anseio é evadir porque não se sente acolhida e, principalmente, compreendida. Pular o muro da instituição é, para ela, a possibilidade de levar uma vida própria. Um dos desenhos que produz, intitulado “Fui ver a lua e já volto”, simboliza esse anseio e um pedido de clamor, de confiança. “O Tatuado” carrega marcas de tatuagem sobre o corpo e, em função delas, sofre constantemente revista policial. Confessa que usa drogas, esporadicamente, como alternativa para suportar as ‘perseguições’ dentro da instituição. Costuma cantar trechos de músicas de funk durante os atendimentos, cujos conteúdos reforçam o não conformismo, a revolta. A introdução de recursos expressivos no contexto do abrigamento promove a liberação de conteúdos dolorosos, cuja extensão revela a dinâmica entre as demandas que são típicas da adolescência, agravadas pelo tolhimento de



expressão, individualidade e liberdade, que muitas vezes são sentidas nas instituições de acolhimento em função do foco em ações coletivas e não individualizadas. Entrar em contato com os adolescentes, conhecer suas histórias e poder de alguma forma contribuir para a manutenção de um processo reflexivo, ajuda não só a ampliação do conhecimento do adolescente sobre si mesmo, mas também revela a necessidade de se pensar estratégias de amparo psicológico ao adolescente no contexto institucional.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescente; Acolhimento Institucional; Recursos Expressivos; Psicologia Analítica.

REFERÊNCIAS

ASSIS, S.G.; FARIAS, L.O.P., (orgs.) **Levantamento nacional das crianças e adolescentes em serviço de acolhimento**. São Paulo: Hucitec, 2013.

BARTH, L.F.B. *et al.* O brincar como espaço de prevenção e intervenção psicológicas em crianças e adolescentes. **Barbarói**, n. 37, p. 235-250, jul.-dez. 2012.

CAMARGO, A.C.A.C. **Ateliê acaia e clínica extensiva: uma perspectiva psicanalítica na construção de um projeto institucional**. 2015. 230p. Tese (Doutorado). Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano. Instituto de Psicologia – USP, 2015.

ECA. Estatuto da Criança e do Adolescente. **Lei no. 8.069, de 13 de julho de 1990**, e legislação correlata. 9. ed. 2012. Acesso em: 20.01.2016. Disponível em:
http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/camara/estatuto_crianca_adolescente_9ed.pdf

FRANKEL, R. **The adolescent psyche: Jungian and Winnicottian Perspectives**. London: Routledge, 1998.

PORTO, A.M.; SZORTYKA, A.M.; HEIDRICH, A.V. A saúde mental permeando o desacolhimento de adolescentes dos abrigos institucionais da cidade de Pelotas: um relato de experiência. **Journal of Nursing and Health**, v. 2, 2012. Acesso em: 20.01.2016. Disponível em:
<<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/enfermagem/article/view/3500>>

TAFNER, A.M.S. **Oficina expressiva de desenho e pintura com crianças e adolescentes abrigados e seu cuidador**. 2013. 251p. Dissertação (Mestrado). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.



ARTETERAPIA AJUDANDO A ATINGIR NOSSO POTENCIAL

Otilia Rosângela Souza - INTEGRARTE, AMART

RESUMO: Vivemos na época do neoliberalismo desenfreado, consumismo e supressão de direitos humanos fundamentais. Por isso é crescente o sentimento de vazio existencial, de falta de sentido de vida, de depressão e ansiedade. Isso porque as pessoas se preocupam com o ter em detrimento do ser. É notório que junto com o grande desenvolvimento científico e tecnológico, aumenta a carência de introspecção. Por isso ao lado das conquistas materiais é imprescindível para o ser humano resgatar a saúde perdida. Para tanto é necessário o encontro do equilíbrio interior, o reconectar com a espiritualidade, como modo contínuo de viver, como desenvolvimento interno. Vários teóricos modernos apontam que o ser humano é portador de potencial para o desenvolvimento. Carl Ransom Rogers, afirma que o ser humano possui intuições. (1997. p. 91) Viktor Frankl, diz que nele o espiritual é instintivo, fala sobre a existência de um “Deus inconsciente”, na psique humana. (2007.p.51) Para Abraham Maslow, é necessário um paradigma de valores, uma filosofia de vida, uma religião, pois o homem precisa disso assim como precisa do Sol, cálcio ou amor. (MASLOW.p.51) Roberto Assagioli, acredita na existência, em cada indivíduo, de um “Centro unificador”, de um “Eu superior”. (HURDING, 1995.p. 187) Da mesma forma Ken Wilber, aponta a existência de um “Eu transcendente”. (HURDING, 1995.p.197) Também Carl Gustav Jung, destaca a necessidade de autorrealização, da transformação espiritual e da experiência da plenitude do lado transcendente da vida. Para ele os sintomas, são necessários para a adaptação da personalidade, eles são importantes para a cura da alma, para a saúde mental, que chamou de processo de individuação. Nesse processo de crescimento da personalidade, segundo Jung é necessário o contato com o centro interior, o *Self*, é preciso “Religar-se à sua função espiritual e comprometer-se com a jornada do crescimento espiritual” (MULLER, 2016.p.38). A necessidade de realização espiritual, é um fenômeno universal, instintivo e espontâneo. Mas o Indivíduo precisa ter consciência do processo e interagir com ele. É nesse ponto onde a Arteterapia é de suma importância pois pode ajudar na confrontação, no diálogo do inconsciente e do consciente, propiciando o crescimento psíquico, que normalmente é involuntário e natural, mas o ego precisa estar atento e se entregar ao impulso interior de crescimento (FRANZ 1964.p.160). Processo que Jung chamou de Individuação, que possibilita o ser se tornar quem realmente ele é. “Assim como a semente de uma árvore o ser humano traz em si todo seu potencial” (VERENA, 2013. p.9.) “A aceitação e o vivenciamento por parte do indivíduo de sua própria natureza



específica”. (HURDING, 1995.p.398) Vai levar à Integração dos aspectos do inconsciente à consciência. No processo arteterapêutico ocorre a expressão espontânea do inconsciente e o indivíduo tem a oportunidade de relacionar com o inconsciente de forma criativa. Espontaneamente vão surgindo símbolos. Quero enfatizar a importância do trabalho com imagens espontâneas durante um processo de arteterapia, pois nos remete ao centro da psique, onde está o Sagrado em nós. O objetivo desse trabalho é o autoconhecimento, a introspecção, cura e renovação. É nos intervalos entre estarmos acompanhados que conversamos conosco. Na quietude nós podemos até ouvir a voz de Deus. “Para ouvir a palavra interior da divindade, o melhor é escutar o repouso e o silêncio. Quando Deus deve falar, tudo deve calar. Para que Deus aja em nós, devemos deixá-lo agir, ceder-lhe o lugar, porque não pode agir, se agimos de nossa parte”. (LEPARGNEUR, 1997, p.9) Durante as sessões vamos trabalhando questões da vida, a luz e Sombra, as crenças limitantes e os valores. O indivíduo se depara com questões que precisa confrontar. Vai adquirindo olhos de águia, aprendendo a olhar em todas as direções. Compreende que há um propósito para sua vida muito mais grandioso e significativo do que talvez jamais tenha considerado. Em nossa prática, com frequência nas imagens produzidas pelo cliente, surgem símbolos do Centro integrador da personalidade, sinalizando que existe algo na psique provocando o processo de individuação. Fundamentalmente a Arteterapia, pode ajudar o indivíduo a atingir seu potencial, sua auto realização, a individuação. Metaforicamente podemos dizer que funciona como uma “mágica”, que assertivamente, pode ajudar o ser humano a se transformar de lagarta em borboleta.

PALAVRAS-CHAVE: Arteterapia; Sentido; Autoconhecimento



AS NARRATIVAS IMPLÍCITAS NA ARTE DA CRIANÇA: POSSIBILIDADE DE INVENÇÃO E DE REINVENÇÃO

Dilaina Paula dos Santos

dilaina@terra.com.br

RESUMO: Toda e qualquer forma de linguagem traz implícito um texto. Uma pintura, uma peça de teatro, um poema, uma música, uma escultura, possui uma textualidade narrativa, tem uma história que de alguma forma está sendo contada. Para a criança, essas narrativas são produzidas nas suas brincadeiras. É a brincadeira que permite a autoria da criança através do diálogo entre o interno e o externo. Segundo o psicanalista Winnicott 1975, apud Santos, 2006, a brincadeira é um fenômeno transicional, isto é, percorre o mundo interno e externo do sujeito. Santos pontua que “para a criança, a sua arte, a sua brincadeira, tem história, produz narrativas(...). O texto que a criança vai criando está conectado com sua vida”. (SANTOS, 2006, p.68). As histórias, contidas nas expressões plásticas das crianças e adolescentes, podem tomar forma quando o arteterapeuta se mostra curioso e realmente interessado naquilo que elas têm para contar. Movida por esses conceitos, tenho uma prática em atelier arteterapêutico, em que promovo ludicidade nas criações plásticas e produções de narrativas a partir delas. Os casos clínicos que trago para este congresso, permitem que observemos como essa dinâmica se dá num processo de intervenção arteterapêutica. O primeiro é de um garoto de 11 anos que chegou com a queixa de ansiedade muito grande. Para conhecer um pouco da criança e oferecer um espaço acolhedor, garantindo que seus trabalhos tivessem um local para estarem, sugeri a confecção de uma caixa. Nesta foram produzidas imagens criadas por ele com tinta guache. O convite de contar sobre a imagem produzida trouxe um universo imaginário riquíssimo e a vontade de contar mais na produção de um livro, em que eu fiquei no papel de escriba. A cada encontro parte da história era contada, sempre resgatando o que havia sido produzido no encontro anterior. Ao final, a história foi digitada por ele, impressa e organizada no formato de livro. Alguns objetos foram criados a partir dos personagens/cenas utilizando outros materiais artísticos. Esses objetos, que faziam parte da história e foram observados pelo menino em seu simbolismo, puderam trazer à consciência aspectos que antes não eram percebidos. O segundo caso apresenta uma menina de 8 anos que apresentava problemas de relações sociais com amigos na escola. Construiu uma cena na caixa de areia e, ao ser perguntada sobre o que acontecia lá, narrou uma história que se transformou em livro. A partir dele ela pode falar sobre seus sentimentos diante das situações, inclusive para seus colegas, já que compartilhou sua história na



escola. Os personagens que protagonizaram as narrativas dessas duas crianças, viveram situações em que elas puderam se identificar. Ao observar partes da história e constatar que o que foi expresso estava dentro deles, perceberam algumas questões como suas, assim como estratégias para lidar com elas. Trabalhamos a amplificação de alguns temas, fortalecendo o que era trazido como potencialidade. Esses processos serão apresentados em slides com partes das histórias e fotos dos trabalhos que foram produzidos, relacionando com as percepções que as crianças tiveram em relação ao que se passava dentro delas. A partir de propostas como estas podemos perceber que as histórias contadas pelas crianças a partir de suas expressões plásticas podem dizer muito sobre elas, pois são expressos sentimentos carregados de simbolismo. Esse acesso ao universo imaginário infantil ajuda na criação dos próprios conceitos e na recriação do que vive, para que reinvente assim a realidade. Por meio de suas próprias narrativas, a criança se percebe no mundo e se torna a protagonista de sua história.

PALAVRAS-CHAVE: Protagonismo; História; Brincadeira; Simbolismo.

REFERÊNCIAS

GIORDANO, N.A. **Contar histórias: um recurso arteterapêutico de transformação e cura**. São Paulo: Artes Médicas, 2017

JAFFÉ, A in JUNG, C.G. (org). **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002

SANTOS, D.P. **Psicopedagogia dos Fantoches: Jogo de imaginar, construir e narrar**. São Paulo: Vetor, 2006

SUNDERLAND, M. **O valor terapêutico de contar histórias: para as crianças: pelas crianças**. São Paulo: Cultrix, 2005.

VYGOSTKY, L.S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.



ARTETERAPIA COMO RECURSO PARA O TRATAMENTO DA DEPRESSÃO: ESTUDO DE CASO

Edeltraud Fleischmann Nering - ACAT

traudi10@gmail.com

RESUMO: A depressão tem sido considerada o mal-estar da atualidade. De tão comum, é tratada como sendo normal. O presente texto tem como objetivo contribuir para a reflexão sobre a importância da Arteterapia como recurso para o tratamento da depressão. A metodologia empregada é o estudo de caso e pesquisa com fundamentação teórica em Jung, Frankl, Tommasi, entre outros. Descreve-se brevemente sobre: Depressão, Arteterapia e sua aplicabilidade no atendimento de uma jovem diagnosticada com TDM – Transtorno Depressivo Maior. Os atendimentos se deram em formato de Oficinas Arteterapêuticas e foram de extrema importância uma vez que durante o processo, observou-se melhora do humor, recuperação da autoestima, maior flexibilidade e aceitação em relação à medicação e seu retorno aos estudos. Por meio de diversos materiais expressivos, oportunizou-se e estimulou-se a criatividade, desvelando potenciais adormecidos que lhe asseguraram a volta para si mesma. Apesar de todos os progressos nas pesquisas no campo da neurociência, ainda persistem muitas dúvidas e questionamentos a respeito da origem da depressão, dos seus sintomas e dos tratamentos. Especialistas e pesquisadores das áreas médica, psiquiátrica, psicanalítica, entre outras, buscam desenvolver um conceito que melhor explique sintomas pessoais que oprimem e tornam a vida sombria. Segundo Sene-Costa apud Nering (2018), para o campo da psiquiatria, a depressão é uma doença mental crônica que desafia a ciência a buscar formas mais efetivas de tratamento, conduzindo os pacientes deprimidos a uma remissão sintomática e a um desaparecimento do processo fisiopatológico e mórbido. O termo depressão pode ser utilizado tanto para sintomas isolados (situações normais da vida) ou associados a manifestações clínicas, como em síndromes clínicas com vários sinais e sintomas depressivos, ou, ainda, como uma perturbação primária do humor. A depressão afeta o organismo por inteiro. Altera a maneira do sujeito ver as diversas situações da vida. Tudo passa a ser mais difícil e cansativo, tornando-o frágil diante de si e dos outros. Na visão de Lowen (1983), a depressão é uma morte viva e comum porque muitas pessoas perseguem objetivos irrealistas que não têm uma relação direta com suas necessidades básicas como seres humanos. A depressão afeta o organismo por inteiro. Altera a maneira de se ver as diversas situações da vida, tudo passa a ser mais difícil e cansativo. Embora a gravidade e os sintomas sejam diferentes para cada pessoa, a depressão expressa a falta de alguma coisa,



um vazio, que dificilmente se apaga no decorrer da doença. O funcionamento global do deprimido está integralmente comprometido, interferindo não somente no seu cotidiano como, fundamentalmente, nas suas relações sociais, merecendo, por isso, urgência de rigoroso tratamento. Segundo a Organização Mundial de Saúde – OMS, a depressão já é considerada uma epidemia mundial que merece cuidado e atenção. Os medicamentos podem ser um caminho para quem está sofrendo e não consegue lidar com seus pensamentos e emoções. Já se sabe que há uma estreita relação entre a bioquímica e as emoções, e neste caso a medicação pode auxiliar no restabelecimento do equilíbrio corporal, porém se não houver mudança de comportamento, o organismo poderá criar resistência ao remédio e os sintomas reaparecem. Na depressão, nada está evidente como numa ferida, numa inflamação. É a dor da alma, a dor que não se explica, que sufoca, que fantasia a finitude. Sofre-se por não compreender o sofrimento, culpa-se pela falta de dinamismo para as atividades. Recolher-se, afastar-se parece a solução adequada. É ter pressa para chegar a lugar nenhum! É uma doença dos sentimentos que vai desde uma sensação de tristeza até o mais profundo desespero e prostração. Nos casos graves as funções físicas são afetadas, levando inclusive ao suicídio, pois a dor da alma em conjunto com a dor física torna-se insuportável. Neste contexto a Arteterapia é uma ferramenta eficaz, uma vez que por meio do material expressivo, o sujeito expressa sua dor, materializa o que lhe tira o brilho da vida, e como cita Nering (2008), ao exercer seu potencial criativo em qualquer que seja a atividade, o ser humano configura sua vida, retoma o seu sentido, se aproxima do Criador e encontra uma melhor imagem de si mesmo. Pelo processo arteterapêutico o sujeito narra sua história. Em sua produção, estará registrada a história pessoal, conflitos internos repletos de conteúdos simbólicos. A expressão simbólica traduz o esforço do sujeito para decifrar o que lhe está inconsciente. Ao entrar em contato com esses conteúdos é possível dar um novo sentido para o que causa dor e inquietação. Tal esforço foi observado na jovem atendida. I.L. de 36 anos, separada, um filho de 12 anos e uma filha de 18. Escolaridade: 1º grau completo. Modeladora numa empresa de plásticos, foi encaminhada pela Médica e diagnosticada com TDM – Transtorno Depressivo Maior, sendo resistente a medicamentos alopáticos, e à ajuda de outros profissionais, mesmo havendo indicação para tal. Após aceitação à prática arteterapêutica, iniciaram-se os atendimentos com duração de 1 hora e 30 minutos, a cada quinze dias, utilizando-se diversas técnicas e expressões artísticas: colagem, pintura, modelagem em argila e massinha, etc. A música foi inserida para o relaxamento corporal e energização. A paciente apresentava aparência deprimida, olhar distante, cansada física e psicologicamente. Relatou ataques de pânico e alucinações. Pai alcóolatra, agressivo e mãe depressiva. Infância carente de afeto, com dificuldades financeiras. Sua mãe tentou abortá-la, uma vez que a gravidez ocorreu pós ser violentada sexualmente pelo marido embriagado. Casou grávida aos



16 anos com um rapaz de 18, que não a deixava sair de casa. Com complicações na gravidez perdeu os bebês (gêmeos). O que seria o terceiro filho faleceu logo após o parto. Fez tratamento, engravidou e com muitos cuidados teve a filha. Anos depois, mesmo usando anticoncepcional, engravidou. Desesperou-se temendo passar por mais perdas. A gravidez foi tranquila e teve o filho. Tempos depois, o marido pediu a separação para ficar com a amante. Tentaram reatar o casamento, sem sucesso, se separando definitivamente. Desencadeou-se aí o primeiro episódio depressivo. Tentou matar os filhos e após, tentaria suicídio, porém não efetivou o ato. Buscou alívio para sua dor num relacionamento amoroso com um homem casado que prometera deixar a família para ficar com ela. Fato que não se concretizou, piorando seu estado depressivo. Neste contexto, as Oficinas foram preparadas partindo-se de um tema apropriado para cada fase e desenvolvido em uma sequência de três encontros para melhor aprofundamento. Para facilitar o diálogo-reflexivo, utilizou-se o Método Socrático e a Hermenêutica como ferramenta para esclarecer, interpretar ou anunciar conceitos relativos às falas e expressões artísticas. Destacaram-se as Oficinas: “Meus monstros, meus medos”: modelagem com argila. “Fechando páginas, abrindo outras”, trabalhando com a linguagem escrita. “De corpo e alma”, utilizando a música para movimentos corporais e a pintura para expressar partes específicas do corpo. Os encontros foram de grande apoio para a recuperação do bem-estar da paciente. Como resultado, após um ano de atendimento, tornou-se mais flexível quanto às medicações e tratamentos necessários. Buscou ajuda de uma psiquiatra. Terminou seu relacionamento amoroso, voltou a estudar, passou a cuidar de sua aparência, e ficou mais tolerante consigo e com os que a cercam. Diante disso, torna-se evidente a importância da Arteterapia para o tratamento da Depressão.

PALAVRAS-CHAVE: Depressão; Arte; Terapia; Saúde.

REFERÊNCIAS

ENGBRECHT, S. **Aprendendo a lidar com a depressão**. 2 ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

FRANKL, V.E. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. 18.ed. São Leopoldo, Sinodal: Petrópolis: Vozes, 2003.

FRANKL, V.E. **A presença ignorada de Deus**. 8 ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2004.

FRANKL, V.E. **Um sentido para a vida**. 13 ed. São Paulo: Aparecida: Idéias & Letras, 2005.



FRANKL, V.E. **Psicoterapia e sentido de vida**: fundamentos da logoterapia e análise existencial. 4. ed. São Paulo: Quadrante, 2003.

NERING, E.F. **Arteterapia**: um caminho terapêutico para a superação da depressão. Monografia de conclusão da Pós-graduação em Arteterapia: Fundamentos Filosóficos e Prática. Faculdade São Luiz - FSL, 2008.

TOMMASI, S.M.B. (Org). **Revisitando a ética com múltiplos olhares**. São Paulo: Vetor, 2005.



EROS E PSIQUÊ: UM CAMINHO POSSÍVEL PARA PENSAR A DOCÊNCIA

Lídia Lacava - Faculdades Facon

lidialacava@gmail.com

RESUMO: A presente proposta abre um espaço de reflexão para adentrar no universo da subjetividade do ser-e-fazer(-se)-professor. Apresenta a arte e o conto como recursos expressivos e reflexivos para ampliação da consciência na atividade da docência. Ressignificar o lugar e o papel do professor através de “oficinas de sensibilização” trazem outra qualidade para a ação, buscando-se uma maior integração entre aspectos cognitivos, afetivos, sociais e políticos que a relação ensino/aprendizagem privilegiam. A pedagogia simbólica aliada ao pensamento lógico pode estimular a sensibilidade, a percepção do sujeito, ativando novas experiências para uma autorreflexão crítica e coerente do papel do professor e da sua relação com os alunos. Objetivos: Valorizar o papel do professor reconhecendo seus sentimentos, gestos, emoções, desejo, insegurança e coragem. Reconhecer o professor como ser social e histórico refletindo sobre a condição humana, a complexidade das relações e a não fragmentação do conhecimento. Exercitar um fazer (psico)pedagógico que busque ampliar a consciência do professor/educador possibilitando desvelar sua essência para poder ser e estar com o(s) outro(s). Vivenciar situações desafiadoras através das tarefas de Psiquê que se transformam em símbolos estruturantes de uma nova identidade docente. Adentra-se no universo subjetivo do professor para que ele, de posse de seu saber e de um fazer criativo, possa atuar e despertar o saber e o ser criativo de seu aluno. A proposta que se apresenta foi desenvolvida em “oficinas de sensibilização” – por meio de vivências apoiadas nas 4 tarefas de Psiquê para resgatar o amor de Eros. Através delas, procura-se fazer um paralelo com as tarefas do professor, buscando ampliar o cenário de reflexão da prática docente. A primeira tarefa traz o exercício reflexivo do “saber discriminar”, saber separar papéis, funções; com a segunda tarefa exercita-se a “espera sábia”, para a tomada de uma decisão precisa no momento adequado; já com a terceira tarefa o exercício reflexivo consiste em se estar atento para “conter a essência”, o que é principal em qualquer situação caótica e com a quarta tarefa busca-se o “saber lidar” com situações desafiadoras que surgem no cotidiano da profissão. Em cada tarefa trabalha-se com o elemento simbólico correspondente, sempre buscando integrar a ação reflexiva a um fazer arteterapêutico. Acresce-se a esse estudo, as pesquisas dos tipos psicológicos de Carl Jung que, também, foram vivenciados em cada encontro: pensamento, sentimento, sensação e intuição acabaram desvelando outras possibilidades de se perceber o mundo. A proposta originou-se da dissertação de



mestrado da autora que realizou sua pesquisa em uma escola particular do Estado de São Paulo, com professoras do Fundamental I. Vivenciou-se o tema em nove encontros com a duração de 2 horas cada. A ênfase foi dada à linguagem verbal e não-verbal como veículo de autoconceito, de troca, de interação entre as professoras. Buscou-se realçar, no contexto das vivências, as prováveis analogias com o ser e fazer do professor, no sentido de que, o que fora evocado através do conto, pudesse ser direcionado para situações de vida pessoal e profissional. Os resultados foram bastante positivos, pois as professoras trouxeram dados de que as atividades com arte aliadas à narração de um conto fizeram toda a diferença para pensarem sua atuação docente e sua relação com o aprender. É um recriar-se, redescobrir-se de outro jeito, ampliando-se contextualizações de significados/ação. É um contato “com-tato” no universo subjetivo do professor. A proposta contempla uma pedagogia simbólica, centrada no ecossistema corpo humano-meio, dentro de abordagens cognitivas e afetivas do indivíduo inserido em sua cultura e no mundo. São os quatro pilares para uma nova proposta em Educação – apresentados por Jacques Delors na Unesco - que, metaforicamente, foram vivenciados: aprender a ser, aprender a fazer, aprender a conhecer, aprender a viver juntos. O pensar advindo desse trabalho, onde se integra o conto com a Arteterapia, traz para a Educação contornos mais humanos, mas não menos competentes e desencadeadores de uma nova consciência crítica, atuante e transformadora. Trazer uma “reforma para o pensar”, uma nova forma de estar com o outro onde se valoriza a dimensão relacional e vincular, só será possível quando o primeiro passo for em direção ao mundo interno, à subjetividade do professor que se manifesta através de suas crenças, expectativas, anseios, certezas, medos e tantas coragens. Aí, efetivamente, encontra-se não só sua identidade docente, mas também sua grande qualidade e habilidade que poderão reverberar na sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: Mitos; Pedagogia; Educação.

REFERÊNCIAS

ANGWIN, R. *Cavalgando o dragão: o mito e a jornada interior*. São Paulo: Cultrix, 1994.

BERNARDO, P.P. *A prática da arteterapia: correlação entre temas e recursos*. São Paulo: editado pela autora, 2008.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*, 35. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

BYINGTON, C.A. *Pedagogia simbólica: a construção amorosa do conhecimento de ser*. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Ventos, 1996.



JOSSO, M.C. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.

JUNG, C.G. *O homem e seus símbolos*, 17 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

KAGIN, S.; LUSEBRINK, V. *The arts in psychoterapy*. Pergamon Press, v. 5, 1978.

MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação*. São Paulo: Cortez, 2001.

NEUMANN, E. *Amor e Psiquê: uma contribuição para o desenvolvimento da psique feminina*, 10 ed. São Paulo: Cultrix, 1995.



ATENDIMENTO ARTETERAPÊUTICO COM IDOSOS EM DIFERENTES ESPAÇOS E SITUAÇÕES

Tania Cristina Freire - Centro dia Senior Vita Exclusive Care

tania-freire@uol.com.br

Deolinda Fabietti - Atendimento em domicílio

Zilia Nazarian - Centro Dia Público

RESUMO: A Organização Mundial de Saúde prevê que em 2025 no Brasil teremos 34 milhões de pessoas idosas. Considerando o aumento significativo desta população, a discussão sobre a temática do envelhecimento passa a ser de suma importância, principalmente nas profissões que englobam a saúde e os aspectos sociais. A Arteterapia torna-se um caminho para o idoso compreender e elaborar questões emocionais presentes em cada etapa do seu envelhecer. Nosso objetivo é estabelecer uma reflexão apresentando o idoso em diversas abordagens, em contextos diferentes, no entanto com resultados semelhantes. As três apresentações elaboradas relatam o processo do trabalho arteterapêutico. Deolinda Fabietti trará o processo de atendimento de duas idosas com diagnóstico de demência vascular, abordando as vantagens e possibilidades de ação em domicílio, dando ao profissional a possibilidade de avaliar as condições do dia-a-dia do idoso, sua rotina, seus hábitos, observar e de alguma forma orientar os cuidadores, aproximar e aconselhar os familiares. Tania Cristina Freire abordará um estudo de caso de idoso com diagnóstico de Doença de Parkinson atendido em Centro Dia particular. Nos encontros semanais foram realizadas atividades de pintura, trabalhando e estimulando a percepção visual e a coordenação motora do participante, além da contextualização dos elementos visuais escolhidos para a reprodução, associados a momentos de vida do paciente. As atividades realizadas culminaram com a participação em exposição no espaço, favorecendo melhor aceitação do quadro clínico, melhora da qualidade de vida do paciente junto aos familiares. A abordagem da Arteterapia em Centro dia Público será a temática de Zilia Nazarian que discutirá as vantagens e desvantagens de se aplicar a Arteterapia em grupo de idosos semi-dependentes que frequentam um centro dia, analisando como é possível promover a satisfação aliada ao desenvolvimento sensorial e artístico de um público carente de atenção e cuidados em seu cotidiano. Verifica-se que a integração sociocultural do grupo supre as sensações de isolamento e baixa autoestima individuais geralmente presentes neste público. Em abordagens diferentes, em contextos diferentes verifica-se que a Arteterapia tem um papel



importante na reflexão do processo do envelhecer e também na manutenção de autoestima da pessoa idosa.

PALAVRAS-CHAVE: Terapia pela Arte; Envelhecimento; Serviços de Saúde para Idosos; Demência; Atendimento Domiciliar.

REFERÊNCIAS

FABIETTI, D.M.F. **Arteterapia e envelhecimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2015.

SOUZA, O.R. **Longevidade com criatividade**. Belo Horizonte: Armazém de Ideias, 2005.

LEME, R.J.A. **Saúde é consciência: medicina da saúde x medicina da doença**. São Paulo: Principis, 2012.



O JOGO DE PINTAR: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA O ARTETERAPEUTA

Soraya de Carvalho Lucato – FAMOSP

soraya.lucato@gmail.com

RESUMO: Iniciei meus estudos sobre o trabalho de Arno Stern, em 2010 e desde então me dedico a estudar, observar, comparar, registrar e difundir seus conhecimentos. Nessa apresentação, mostrarei como o Jogo de Pintar me auxiliou a olhar os clientes e apoiá-los em seus processos arteterapêuticos, durante meu estágio para o curso de pós-graduação. Os objetivos são de difundir os conceitos de Arno Stern (Breve histórico, o que é um ateliê Closlieu. Formulação e a Semiologia da Expressão) e apresentar 2 casos como mostra de como usar os conceitos na arteterapia. Arno não é um pedagogo, ou terapeuta, ou artista, como propõe alguns textos a seu respeito, ele é um *Servant*, termo cunhado por ele próprio para designar seu ofício de mais de 70 anos, que tem elementos educativos, terapêuticos, criativos, e de pesquisa. Seu ateliê foi montado para o resgate da capacidade humana da espontaneidade, da iniciativa sem referência à modelos, e do aprofundamento pessoal, sem esquecer do grupo e da capacidade de convívio harmônico. Closlieu significa lugar abrigado, protegido. *Clos* = abrigo + *Lieu* = lugar. E remete a um estado de permanência, propício à calma e à concentração, onde não há interferências com o meio externo e não existem destinatários. A pessoa reencontra a espontaneidade e o prazer de brincar/jogar. O Jogo de Pintar é extremamente estruturado. É um jogo de equilíbrio entre raciocínio e espontaneidade, entre individual e coletivo. Uma técnica simples que consiste em pintar num papel (cartolina), na vertical, utilizando pincéis e tintas específicas. Crianças e adultos sem limite de idade, pintam ao mesmo tempo, porém cada um em seu espaço. As sessões acontecem em 1h. O objetivo é resgatar a capacidade do desenho original. No Jogo de Pintar os grupos são necessariamente heterogêneos. O desenho, segundo Stern é fruto de uma série de traços que respeitam leis e princípios inerentes à espécie humana, a isso ele denominou de Formulação. O jogo de pintar se fundamenta nesse código original, coerente e universal que tem sua origem na memória celular. (STERN, 2008). Ela obedece a três princípios, que estão relacionados com a forma que o ser humano aprende: Evolução, Simultaneidade e Reiteração. Seu desenvolvimento acontece em três fases distintas: Figuras Primárias, onde não há representação. Desenho = corporalidade. Objetos-Imagem, há representação. Traço conquistado = analogia com o que existe à volta. Fase da transcendência - Figuras Essenciais. Os materiais a serem utilizados são: Jogo de Pintar, método descrito e estudado. Mesa-paleta, instrumento que sustenta os godês com tintas guache, água e os pincéis; Cartolina; *Servant* – profissional que



promove assistência para que cada um tenha somente a preocupação de jogar. O papel do mediador, conhecido como “Servant”, é o de proporcionar um ambiente sempre pronto para a prática e auxiliar tecnicamente cada pessoa para que possa expor sua vontade. Não há temas nem julgamentos, nem análises posteriores. (STERN, 2013). Apresento dois casos acompanhados por seis meses. M, autista de 11 anos, e L, uma mulher de 37 anos com distonia. M, chegou ao ateliê, trazido por sua mãe, que relatou todo o histórico do menino durante uma longa entrevista de quase três horas. A mãe apontou todas as habilidades e dificuldades de M e mostrou a principal preocupação, o fato de M não conseguir expressar suas emoções, nem por palavras, nem por gestos. M apresentava uma dificuldade de interação, embora fosse bem articulado. A mãe também relatou a fixação de M por navios e pela expressão nazista da 2ª grande guerra. A primeira sessão de M foi em meio a outras 5 pessoas, sendo um homem de 57 anos, uma mulher de 38, uma menina de 12, uma menina de 11 e um menino de 7 anos. Estava muito ansioso, falava aleatoriamente, sem conexões aparentes. Ao longo da sessão ele foi acalmando. Como de hábito M fez um navio, porém algo o modificou quando iniciou o segundo trabalho. Desenhou uma festa, que certamente foi fruto de uma sensação, que M, estava vivendo naquele momento. Para ele a festa existia e as pessoas da sessão faziam parte. A partir desse momento M sentiu-se mais a vontade e saiu mais tranquilo e menos falante. Sua mãe relatou que ele ficou mais tranquilo e que tinha desejo de voltar ao ateliê. O processo de segurança vivenciado por M no ateliê é o cerne do conceito que Stern nos mostra a respeito do local onde a atividade deve ser realizada. O espaço do ateliê tal como é proposto por ele, dá condições para que esse desenho espontâneo, pessoal e inerente ao ser, possa ser vivenciado sem cobranças, sem julgamentos, livre do olhar estrangeiro e principalmente, abrigado. (STERN, 2011). L tem 37 anos e desde os 22 convive com distonia, uma seqüela derivada de de uma vasculite no sistema nervoso central. L, tem limitações motoras nas mãos, a direita ficou imóvel e a esquerda tem tremores que aumentam quando ela tem alterações emocionais. L. iniciou os trabalhos no ateliê com bastante medo e constrangimento pelo fato de tremer sem controle e por ter outras pessoas presentes, mesmo após nossa conversa prévia de que as pessoas na sessão, estariam tão absortas em seus mundos que certamente não teriam reações por conta da conduta de L. Ao final da sessão, L estava radiante de felicidade pois percebeu que não era notada, nem comparada nem tão pouco observada pelos demais e que o meu papel como Servant era somente o de fazer o possível para que ela conseguisse apenas pintar suas vontades. Quando falo de vontades, acho importante ressaltar que o desenho é fruto de uma necessidade física, um desejo de materializar o gesto, de deixar sua marca. Concluo que as experiências no ateliê Cloliê, os conceitos de Stern, unidos com a arteterapia apontaram positivamente para dar as respostas às questões por mim levantadas, pois é possível implementar os conceitos Arno



Stern no trabalho arteterapêutico e mostrar que eles podem auxiliar no processo de desenvolvimento expressivo do sujeito. A análise dos casos acima mostram que conhecer o Jogo de Pintar e por conseguinte a Formulação, certamente fará com que o arteterapeuta tenha uma amplitude de conhecimento acerca do traço e do traçado, pois conhecendo esses conceitos sabe-se que o ser humano é complexo em suas expressões e que o desenho não está somente ligado às vivências diretas do dia-a-dia e sim está contido na célula viva que armazena sensações inimagináveis, onde o verbal não alcança.

PALAVRAS-CHAVE: Desenho; Expressão; Jogo; Arteterapia.

REFERÊNCIAS

STERN, A. *Del dibujo infantil a la semiología de la expresión*. 2 ed. Espanha, Samaruc, 2008.

STERN, A. *Le Jeu de Peindre*. Paris, Actes Sud, 2011.

STERN, A. *Le Closlieu, le jeu de peindre et la Formulation: articles inédits - 1995 - 2007*. Paris, HD diffusions, 2013.



ARTETERAPIA AFROCENTRADA: OLHARES E PENSAMENTOS SOBRE O MULTICULTURALISMO NA PRÁTICA DA ARTETERAPIA

Adélia Azevedo dos Santos - Clínica Pomar, RJ

imaginacao3adelia@gmail.com

Marcelo Adão dos Santos - Clínica Pomar, RJ

RESUMO: A Arteterapia AfroCentrada é uma abordagem terapêutica inserida no processo acadêmico brasileiro em Arteterapia. O termo AfroCentrado, foi introduzido pela Arteterapeuta Adélia Azevedo dos Santos na sua prática Arteterapêutica. É embasada nos autores Muniz Sodré e Neusa Santos Souza, e em reflexões com o Arteterapeuta Marcelo Adão. Deriva dessa interação o pensamento referenciado na cosmovisão de mundo africano, objetivando o resgate das Culturas de matrizes africanas, através das Artes e da Espiritualidade. A Arteterapia com a proposta AfroCentrada estabelece a África, a "Tradição", como eixo civilizatório da diáspora negra nas Américas e Caribe. Objetivo: Debruçar-se sobre o processo de fortalecimento da Identidade pessoal e coletiva, deve ser um caminho constante na Arteterapia AfroCentrada, estabelecendo como referencial os sistemas mitológicos de matrizes africanas. A presente proposta busca intervir e colaborar para ampliar e garantir a permanência do aprimoramento de práticas e valores que respeitem, e reconheçam adequadamente a diversidade de experiências étnico-raciais nos amplos sistemas de educação e ensino, formal e informal, assim como nos sistemas de saúde pública e privada. Muitos são os autores que se debruçaram sobre este tema, porém, novos estudos estão ainda sendo realizados na sociedade brasileira, considerando a relevância do assunto e os confrontos cotidianos de um país onde as práticas de preconceito, discriminação e racismo são recorrentes e estabelece-se como marca cultural de determinados grupos sociais. A concepção histórica da Arteterapia é fundamentada na Psicologia Analítica de C.G. Jung. Trata-se de um processo terapêutico que resgata técnicas milenares de promoção, prevenção e expansão da saúde. Na compreensão da Psicologia Analítica de C.G. Jung, os símbolos transportam conteúdos psíquicos até à consciência e unem o consciente e o inconsciente na psique. Neste contexto, a Arte e a Criatividade são os pilares fundamentais na prática do desenvolvimento terapêutico em Arteterapia. Considerando o Inconsciente Coletivo, como um arquivo psíquico, que armazena a diversidade cultural e artística da humanidade. Uma abordagem AfroCentrada propicia o despertar deste conteúdo, estabelecendo a conexão do consciente e inconsciente, favorecendo a construção da Identidade e do AutoConhecimento na cura



das dores ancestrais. Essa conexão é facilitada pelos Sistemas Mitológicos Africanos, através da prática de contação de histórias, que despertam no inconsciente coletivo, os conteúdos arquetípicos. Lembrando que: "Os mitos, com certeza são histórias sociais que curam". Guiados por debates históricos, aliando-se às técnicas arteterapêuticas de produção simbólica, elaborar e promover atividades que possam instrumentalizar os indivíduos afrodescendentes no conhecimento de sua própria história e de seus ancestrais. Percorrendo o substrato arquetípico existente na memória das populações, investigar como os conteúdos psíquicos enraizados no inconsciente coletivo repercutem no processo de desenvolvimento da psique pessoal. Fazendo uso da escrita criativa, e da contação de história, assim como vivências corporais e visitas a lugares de memória que favorecem as conexões criativas com as culturas de Matriz Africana. Pode-se observar na prática arteterapêutica de abordagem AfroCentrada, que o processo arteterapêutico permite uma comunicação muito íntima com a memória ancestral, provocando processos profundos de transformação e desvelamento. Questões relativas à identidade Africana emergem como uma memória iconográfica do inconsciente coletivo, e também como imagens de um arquivo de emoções do inconsciente pessoal. A conexão entre essas duas realidades, através dos símbolos, simultaneamente é um facilitador da expressão de conteúdos transcendentais e transgeracionais, facilitando o resgate da afetividade e da espiritualidade. Pesquisas no campo da saúde mental, indicam a necessidade de uma atenção especializada da saúde pública com as populações Afrodescendentes. São inúmeros os registros de enfermidades mentais relacionadas ao racismo e à discriminação social, assim como o adoecimento pela crise de identidade, e ruptura com a ancestralidade, temas que ganham cada vez mais amparo e apoio de pesquisas científicas ultrapassando as questões de um discurso que militava apenas no âmbito das organizações dos movimentos negros. Em um tempo onde a Arteterapia, incluída nas PICS (PRÁTICAS INTEGRATIVAS COMPLEMENTARES EM SAÚDE) passa a fazer parte do Sistema Único de Saúde e os afrodescendentes são a grande maioria de usuários do SUS, é imperioso abrir essa janela para se discutir as formas de recepção e tratamento dessas populações Afrodescendentes, em suas diferentes cronologias. Deve-se praticar uma fenomenologia arteterapêutica capaz de acolher essas populações em sua matriz mais genuína e original, tendo como centro as Artes e a cosmovisão Africana vinculada à "Tradição." Essa discussão é bastante atual e pertinente dentro das escolas de Psicologia. Disciplinas como Psicologia Social e Psicopatologias estão passando por revisões programáticas e metodológicas não só no Brasil, mas em diversos países onde a problemática etno-racial se apresenta. É ainda necessário revisar os currículos para que as especializações e formações de Arteterapia contemplem também os conteúdos culturais e sócio-psico-patológicos, ligados à África.



PALAVRAS-CHAVE: Multiculturalismo; Arteterapia Afrocentrada; Espiritualidade; África.

REFERÊNCIAS

CABRAL, M.S.A. **Pensar Nagô**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2017.

JUNG, C. G. **Espiritualidade e transcendência**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2015.

SOUZA, N.S. **Tornar-se negro**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.



ARTETERAPIA, PATCHWORK, APPLIQUÉ E QUILTING: UM ESPAÇO DE LIBERDADE PARA A RESSIGNIFICAÇÃO DA HISTÓRIA DE VIDA NA MATURIDADE

Eliana Maria Brunelli Yazbek - UNIP

eli.by@hotmail.com

RESUMO: A justificativa para este trabalho foi a de procurar estudar as possibilidades da união da arte com os tecidos, linhas e agulhas mediados por processos arteterapêuticos. Partindo de “acontecimentos” vividos em minhas experiências como terapeuta e com os encontros de costura em meu ateliê, fui experienciando que os retalhos “internos” eram costurados na mesma dimensão dos retalhos de tecidos e se transformavam em pedaços de alegria e realizações. Objetivo: Restaurar as histórias de vida, permitindo a abertura de um espaço de liberdade para que as participantes pudessem atribuir novos significados a “acontecimentos” existenciais, despertando todo o potencial criativo na maturidade e ressignificando a própria vida. Proposta mediada pelas técnicas do patchwork, appliqué e quilting em oficinas arteterapêuticas. Para a realização deste trabalho foram realizados oito encontros no espaço “Ateliê Eliana Maria” (espaço próprio), numa frequência de uma vez por semana, com duração de 3hs cada encontro, com um grupo composto por três mulheres, assim identificadas: Esmeralda, 35 anos; Jade, 48 anos; Cristal, 79 anos. As oficinas seguiram um eixo de realização formado por: apresentação do tema, sensibilização, atividade expressiva, socialização do trabalho e fechamento da proposta. Material: tecidos, linhas, manta de poliéster, régua para patchwork, cortador circular, placa de corte, alfinetes, máquina de costura, caneta para tecido, agulhas, luvas para quilting, alfinetes de segurança, termocolante, tesouras, desmanchador de costuras e ferro elétrico. Oficina 1 – Costurando o vínculo, o suporte: Esse encontro teve como objetivo criar um espaço que pudesse ser acolhedor e continente, para que todas as participantes pudessem se sentir seguras e à vontade durante o processo. Facilitar, através do ato de costurar, um processo de abertura para novas possibilidades. Sensibilização: foi apresentado o vídeo do filme “Colcha de retalhos”. Atividade expressiva: preparo do “alicerce”, da base, do suporte físico e psíquico para receber o trabalho a ser executado nas outras oficinas desse estudo, que na linguagem do Patchwork é o “forro”. Oficina 2 – Costurando sua graça: Esse encontro teve como objetivo permitir o resgate da história de vida, desenvolver o amor próprio e investigar o posicionamento em relação ao seu próprio destino, costurando sua “graça”, seu nome. Sensibilização: música “Só Eu Sou Eu” do cantor e compositor Marcelo Jeneci. Atividade expressiva: costura do primeiro bloco que constitui a Colcha de Retalho, utilizando a Técnica Appliqué para



confeccionar um “Totem Protetor”. Oficina 3 – Costurar para descosturar: O terceiro encontro teve como objetivo despertar, através de recursos criativos, o desejo de se conhecer, olhar para si, para seu centro com atenção e ver onde está sua luz, seu poder, num ato de costurar para descosturar. Sensibilização: tecemos com palavras o conto árabe “O alfaiate desatento”. Atividade expressiva: costurar o segundo bloco da Colcha de Retalho, criando uma Mandala, utilizando a técnica de Patchwork, o bloco Dresden Plate. Oficina 4 – Costurando os caminhos da vida: O quarto encontro teve como objetivo criar possibilidades de trazer para a realidade as questões internas e entrelaçar com o mundo externo, olhar para si próprio sem críticas, despertar estas questões através do ato de cortar e costurar...cortar e costurar, no qual são os caminhos da nossa vida: passado, presente e futuro. Sensibilização: tecemos com palavras o conto árabe “Uma fábula sobre a fábula”. Atividade expressiva: costurar o terceiro bloco que compõe a Colcha de Retalhos, o “Olho de Deus ou Olho Mágico” em tiras de tecidos. Oficina 5 – Refazendo a costura a partir das experiências: O quinto encontro teve como objetivo promover o processo de renascimento, renovação, transformação e reconstrução a partir das experiências. Despertar a criatividade, o desejo de se conhecer, através de estímulos como as cores e estampas dos tecidos e a costura; recosturando a jornada da vida. Sensibilização: tecer com palavras o conto grego “Fátima a Fiandeira”. Atividade expressiva consistiu em costurar o quarto bloco que formou a Colcha de Retalho, utilizando a técnica do Patchwork Crazy. Oficina 6 – Costurar integrando com a jornada da vida: O sexto encontro teve como objetivo resgatar a história de vida, unindo os fragmentos de nossa jornada diária em conjunto com a costura do patchwork, appliqué e quilting, resultando numa composição prazerosa de sabedorias. Sensibilização: conto “A montanha e a pedra” de David Mckee. Atividade Expressiva: Nesta oficina, foi feita a união dos blocos com as faixas preparadas no primeiro encontro e compondo o topo da Colcha de Retalhos. Oficina 7 – Costurando a trama com os fios da sabedoria: O sétimo encontro teve como objetivo despertar um equilíbrio através da costura da trama com determinação, buscando deixar na escrita do caminho de vida, marcas com fios de sabedoria. Sensibilização: tecer com palavras o conto “O Equilibrista” de Fernanda Lopes de Almeida e Fernando de Castro Lopes. Atividade expressiva: Nesta atividade foi feito o acolchoado, que seria a montagem, a união do topo com a manta e o forro, com o Quilting (à máquina, ou à mão) da colcha de retalhos. Oficina 8 – Costurar, criar, dar forma a algo – era o que eu mais queria! No oitavo encontro objetivou-se a permissão para um contato com as próprias possibilidades e oportunidades, utilizando o melhor dos próprios recursos de engenhosidade e criatividade, despertando um caminho para desenvolver o potencial de criatividade na vida cotidiana. Sensibilização: Tecer com palavras o conto “A moça Tecelã” de Marina Colassanti. A atividade expressiva: finalizar o trabalho com o



debrum. Considerações Finais: A proposta deste trabalho foi a união, a integração da Arteterapia com os recursos da costura “patchwork, appliqué e quilting” possibilitando um espaço de criação e liberdade para o autoconhecimento. Em relação aos objetivos propostos neste estudo, notou-se que a costura tornou-se, no mundo dessas mulheres, um “acontecimento” de grande importância, dando credibilidade às suas capacidades de criação, num processo de (re)construção, transmutação e ressignificação do momento presente de suas vidas. Através da linha, da agulha e do tecido foram alinhavados momentos de caos que puderam ser transmutados pela liberdade do ato de criar exteriorizando registros do tempo de suas vidas que foram evocados em cada encontro, em cada momento. O gratificante era o efeito instantâneo desse lembrar que ficava impresso no ato da costura. O efeito terapêutico obtido foi bastante presente em vários momentos dando lugar a uma sensação de calma e tranquilidade que acontecia em cada encontro. Contudo, existe a oportunidade de tecer e destecer o tecido e, metaforicamente, a própria vida! Concluo sugerindo que cada um poderá pegar seu ponto e sair para caminhar, formando e criando a linha de sua vida!

PALAVRAS-CHAVE: Arteterapia; Patchwork; Maturidade; Criatividade.

REFERÊNCIAS

BERNARDO, P.P. **A prática da arteterapia: correlações entre temas e recursos**, Volume I, Temas Centrais em Arteterapia, 4 ed. São Paulo: Arterapinna, 2013.

LYNETTE, C.; LEWIS, J. **501 Quilt blocks: better homes and gardens - a treasury of patterns for patchwork & appliqué**. United States of America: Medredith Corporation.

OSTROWER, F. **Criatividade e processos de criação**. 30 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SOUZA, O. R. **Longevidade com criatividade: arteterapia com idosos**, 2 ed. Belo Horizonte: Editora da Autora, 2014.

URRUTIGARAY, M.C. **Arteterapia: a transformação pessoal pelas imagens**, 5 ed. Rio de Janeiro: Wak, 2011.



RESGATANDO FORÇAS ANCESTRAIS: ATIVIDADES EXPRESSIVAS INSPIRADAS NA MITOLOGIA AFRICANA NA PROMOÇÃO DO AUTOCONHECIMENTO E DESENVOLVIMENTO PESSOAL

Oneide Regina Depret - UNIP

oneidepret@gmail.com

RESUMO: Do ponto de vista da Psicologia Analítica, podemos considerar que os mitos dos Orixás representam padrões arquetípicos atuantes na psique de homens e mulheres. Sendo assim, oficinas arteterapêuticas elaboradas a partir do relato destes mitos, com a realização de atividades expressivas correlacionadas podem, além de promover a oportunidade de contato com a sabedoria ancestral de matriz africana, também estimular o reconhecimento de potenciais a eles associados e presentes em cada um de nós. Objetivo: apresentar os principais Orixás e seus atributos, indicando recursos arteterapêuticos capazes de, pela ativação dos símbolos a eles associados, favorecer o trabalho com as questões que representam em nossas vidas, assim promovendo o autoconhecimento e desenvolvimento pessoal. Segundo a mitologia iorubá, Olorum, o Ser Supremo, vivia só e decidiu criar um mundo em que houvesse movimento, e pudesse, a cada momento, ver algo diferente. Criou os orixás para que o governassem em seu nome, e atribuiu a cada um deles um de seus poderes (PRANDI, 2007). Assim, cada um dos Orixás representa um aspecto ou força da natureza, além de responder por questões presentes em nossas vidas, expressando potenciais que podem ser acessados para contribuir com nosso desenvolvimento psicológico (BERNARDO, 2009). A seguir, apresentarei resumidamente cada Orixá, principais características (LIGIERO, 1993), e exemplo de recurso expressivo indicado para lidar com as questões com as quais se relacionam (BERNARDO, 2009): EXU: Mensageiro, senhor de todos os caminhos, por isso, as suas oferendas são colocadas nas encruzilhadas. Ligado às trocas materiais entre as pessoas, como dinheiro e sexo. É brincalhão, malandro, astuto, briguento, amoral, crítico da moral e das formas estabelecidas. Construtor de pontes entre os diferentes planos de consciência e o inconsciente para manter o equilíbrio. (ZACHARIAS, 1998). Seu mito pode nos ajudar, por exemplo, a compreender e lidar melhor com nossas escolhas e seus desdobramentos, e com aspectos relacionados à sombra pessoal e coletiva (BERNARDO, 2009). Atividade sugerida: construção de um tridente simbolizando os diferentes caminhos possíveis em cada situação. OGUM: Senhor do ferro, a guerra, as habilidades manuais e a agricultura estão sob o seu domínio. Pioneiro e conquistador, promove a abertura dos caminhos; começando coisas novas e expandindo os limites da humanidade. Pode ser



indicado para se trabalhar a agressividade, impulsividade e coragem, independência e autodeterminação. Ex. construção da espada. OXÓSSI: Caçador e protetor dos animais, vive no mato, em harmonia com a natureza. Representa o herói. Pode ser associado à capacidade de acessar o inconsciente e de lá trazer elementos necessários à vida consciente (ZACHARIAS, 1998). Ex. construção de arco, flecha e alvo. OSSAIM: Orixá das folhas selvagens. Ligado à flora e à manipulação das ervas, é curandeiro, conhece os segredos da floresta. Muito poderoso, pois o uso das folhas está presente em todos os procedimentos rituais, ligados a todos os orixás. (LIGIERO, 1993). Ensina que o contato com nossas florestas internas pode trazer alívio para nossas dores, orientação, sabedoria e nos ajudar a manter ou recuperar nosso equilíbrio psicofísico (BERNARDO, 2009). Ex. arranjo ou pote com folhas e flores. IROKO: Orixá - árvore; a árvore que liga a terra ao céu. Seu domínio é o tempo. É o caminho para Oxalá: tem profundas raízes na terra e com os ramos toca o céu. Representa a ligação entre o céu e a terra, da qual depende a harmonia da vida, simbolicamente, o enraizamento na realidade conectado à abertura para os sonhos e possibilidades (BERNARDO, 2009). Ex. confecção de árvore em argila. OMULU - OBALUAIÊ: Orixá das doenças e da cura. Apresenta-se coberto de palha para ocultar as marcas da varíola. Associado ao arquétipo do curador ferido. Conhece os mistérios da morte e do renascimento. Representa aspectos negativos da vida, que não podem ser ignorados, mas transformados. Ex. Transformação de imagem. OXUMARÊ: Serpente arco-íris que vive girando em redor do mundo. Perpetua o ciclo das águas no planeta: representa as riquezas escondidas no subsolo e tem a função de levar a água de volta ao palácio de Xangô, no céu. Representa o eterno movimento do universo, a dualidade, ligado à cura e ao clima. Pode ser associado simbolicamente à autorrenovação promovida pelo contato com as potencialidades criativas do inconsciente (BERNARDO, 2009). Ex. construção do pau de chuva. XANGÔ: Orixá da justiça e do trovão. O rei. Representa o impulso vital. Tem um grande senso de justiça e de dever comunitário. Pode ser usado para se trabalhar o poder pessoal e autoconfiança, atributos também associados ao elemento fogo. Ex. pintura em pedras com giz de cera derretido. IANSÃ - OIÁ: Senhora dos ventos e das tempestades. Aspecto ativo do universo feminino. Guerreira, corajosa, forte e agressiva, mas também jovial, sedutora, perspicaz e fraterna. Sabe olhar as coisas feias de perto, sem medo ou preconceito. Pode auxiliar quando é necessário se efetivar uma mudança na vida, na consciência ou na personalidade. Ex. eruexim (espécie de espanador usado por Iansã). OXUM: Rainha das águas doces. Representa o feminino passivo. Deusa da beleza e da riqueza, física e espiritual. Responsável pela fertilidade feminina e pela reprodução, menstruação e gravidez. Mito adequado para se trabalhar o amor-próprio. Ex. decoração de moldura de espelho. OBÁ: Guerreira corajosa e destemida, mas sente-se desprezada pelo marido Xangô; incompreendida e mal-



amada; pode tornar-se rude e cruel. Representa o feminino ferido. Enfatiza a necessidade de amor-próprio e a capacidade de se “ouvir” e respeitar. Ex. pintura em conchas. EWÁ: A virgem e senhora das possibilidades. Ligada aos mortos, cria uma nuvem de mistério para ficar invisível. Relaciona-se aos mistérios noturnos que guarda em sua cabaça encantada, seu adô. (BERNARDO, 2009). Ex. pintura em cabaça. LOGUNEDÉ: Garoto dos rios e das matas, filho de Oxum e Oxóssi, passa 6 meses do ano com cada um. Apresenta-se como um menino, de espírito jovem e irrequieto, bem-humorado, flexível e de fácil relacionamento social. Ex. modelagem ou isogravura representando o cavalo-marinho, um de seus símbolos. IBEJIS: Um casal de gêmeos, protetores das crianças e dos partos. Trazem saúde e prosperidade. Representam a “criança divina” e o nascimento de uma nova vida interior. Ex. confecção de bonecos. IEMANJÁ: Grande Mãe. Rainha das águas do mar. Boa conselheira, preside o equilíbrio emocional e a loucura. Podemos invocá-la quando uma limpeza espiritual é necessária, pois leva embora os sofrimentos e as sequelas emocionais que prejudicam nossa evolução. Ex. potes decorados. NANÃ BURUKU: A Velha Sábia, a grande mãe dos pântanos. Divindade materna ancestral, ligada ao mundo dos mortos, ou à ancestralidade. Ensina a consciência da necessidade da morte, como encerramento de um ciclo e preparação para o início de outro. Ex. bola de sementes. OXALÁ: Grande Pai, criou os homens a partir do barro. Velho Sábio. Relaciona-se com a sede do caráter e o plano das ideias (a cabeça), proporcionando criatividade e orientando a conduta. Ex. Modelagem em argila. A metodologia se dá com apresentação (montada em PowerPoint) da fundamentação teórica, com imagens e características dos orixás, bem como exemplos de recursos expressivos correspondentes. Partindo da interpretação simbólica de cada mito e da escolha do recurso arteterapêutico mais adequado para a ativação dos símbolos a ele associados, pode-se estimular o reconhecimento dos atributos e potenciais arquetípicos que lhe correspondem, promovendo o autoconhecimento e desenvolvimento pessoal.

PALAVRAS-CHAVE: Mitologia africana; Psicologia analítica; Autoconhecimento; Desenvolvimento pessoal.

REFERÊNCIAS

BERNARDO, P. P. **A prática da arteterapia: correlações entre temas e recursos.** Vol III: Mitologia Africana e Arteterapia: A força dos elementos em nossa vida. São Paulo: Edição da Autora, 2009.

LIGIÉRO, J. L. **Iniciação ao candomblé.** Rio de Janeiro: Record, 1993.

PRANDI, R. **Mitologia dos Orixás.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.



PRANDI, R. *Contos e lendas Afro-brasileiros: A Criação do Mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ZACHARIAS, J.J.M. *Ori Axé, a dimensão arquetípica dos orixás*. São Paulo: Vetor, 1998.



O SAGRADO, O FEMININO E A CIRANDA DA CRIAÇÃO: MITOLOGIA, ARTETERAPIA E EXPANSÃO DA CONSCIÊNCIA

Patrícia Pinna Bernardo - UNIP

pat.pinna@uol.com.br

RESUMO: Masculino e Feminino, como princípios, estão presentes em todos nós, bem como na natureza, e possuem seus atributos próprios. Encontramos esses atributos nas mitologias dos diversos povos, através das histórias envolvendo seus deuses e deusas. Os primeiros rituais de que temos notícias estavam ligados à fertilidade e à menstruação, e eram presididos pelas sacerdotisas. (OWEN, 1994). As sacerdotisas da lua, como eram chamadas, cuidavam do suprimento de água, bem como do fogo sagrado, que representava a luz da lua que não poderia se apagar. (HARDING, 1995). E o que essa luz lunar nos ilumina? A nossa vida interior, com suas marés, seus movimentos ondulantes, cheias e vazantes, o universo de nossos sentimentos, a nossa alma, enquanto o que anima a nossa vida e a vida que se desenvolve na natureza planetária, o universo com seus mistérios. As diversas mitologias nos fornecem mapas, compreensíveis a partir da leitura simbólica, que nos auxiliam resgate da dimensão do sagrado em nossas vidas. (BERNARDO, 2009, 2011). Dentro dessa perspectiva podemos pensar na Arteterapia como propiciadora da vivência de um rito atual de iniciação capaz de promover a expansão da consciência através do desenvolvimento do nosso potencial criador. (BERNARDO, 2010). Nessa apresentação pretende-se mostrar como, a partir da compreensão dos aspectos simbólicos presentes nos mitos do Feminino, descortinada pela Psicologia Analítica de C. G. Jung, podemos trabalhar com suas histórias e recursos arteterapêuticos associados a elas, promovendo a vivência do fluxo da energia criativa em suas diferentes formas de expressão, como um atributo do Feminino a ser conjugado com o Masculino na co-criação da Vida, gerando assim sabedoria, crescimento, harmonia, culminando numa expansão da consciência e reencantamento do mundo. Filha, mãe e avó são três personagens ligadas à mesma raiz arquetípica, estando relacionadas às fases da lua, respectivamente: crescente, cheia e decrescente e nova (lua negra). Na mitologia Grega elas correspondem à deusa tríplice em suas expressões: Ártemis (donzela), Selene (mãe) e Hécate (anciã). (BRANDÃO, 2000). Ártemis é uma deusa ligada ao mundo vegetal e selvagem, à fertilidade da terra e das mulheres, protetora do casamento e dos partos, também chamada de “a que alimenta e educa”, acompanhando as meninas em sua fase de crescimento. De acordo com Amaral (2007), devido à sua associação com a Lua Crescente, Ártemis está relacionada ao vir a ser, e Selene, correspondendo à Lua Cheia, à sua realização: à gravidez e ao parto.



Selene, a “luz noturna”, percorria a noite em sua carruagem de prata, lançando a sua luz sobre o mundo. Durante a gravidez, a barriga da mulher vai se arredondando, como se ela tivesse a lua dentro de si, e é curioso que os partos crescem em número na entrada da lua cheia! Toda incubação, seja de uma vida humana ou de sonhos e projetos, envolve a necessidade de um recolhimento às nossas florestas inconscientes, onde dormitam as imagens e fantasias, da proteção do útero, do véu do mistério, longe das críticas e julgamentos do ego, até que o que está sendo gerado esteja pronto e forte o suficiente para vir à luz. Hécate, correspondendo à Lua decrescente e nova, era considerada pelos antigos gregos como detentora do real poder da Lua, como deusa da prosperidade e abundância, conferindo vitórias e favores aos homens, bem como senhora da magia, inspiração e clarividência, e em seu aspecto obscuro, da loucura. Por estar ligada às sombras da noite e aos mistérios do inconsciente, ela é ao mesmo tempo a que traz uma tocha em cada mão para iluminar essas regiões, e seguida por éguas, lobas e cadelas é a deusa invocada pelas bruxas em seus encantamentos. Como deusa das transformações, ela representa o poder da Criação, da ordenação das forças do Caos para que a Criação possa acontecer, marcando as passagens do velho ao embrião do novo. Por causa da sua capacidade de andar pelas regiões sombrias, ela pode auxiliar os enfermos e libertar as almas enclausuradas em situações de angústia, dificuldades e de extremo sofrimento, tendo grande poder de cura e regeneração. Como clarividente, ela enxerga o que está oculto, e como Madona Negra e senhora das encruzilhadas, ela nos brinda com sua visão para que possamos fazer escolhas que nos conduzam ao nosso melhor. Como Mãe Vermelha, ela é a parteira e liga-se aos mistérios da menstruação e aos rituais de passagem, que envolvem sempre uma morte simbólica que precede a inauguração de um novo ciclo existencial. Como Mãe Branca, ela nos acolhe com sua pureza e compaixão, iluminando os nossos caminhos. A nossa vida se processa através de ciclos, marcados por crises, e toda crise nos coloca num impasse que nos impulsiona para um novo posicionamento diante da vida, para uma nova etapa em nosso desenvolvimento psicológico. Por isso é que os povos ancestrais praticavam rituais de iniciação que acompanhavam as mudanças de ciclo, tanto na esfera humana quanto natural: estações do ano, plantio e colheita, nascimento, puberdade, casamento, cura, morte, etc. Esses rituais tinham a função de auxiliar as pessoas nessa difícil passagem do velho para o novo momento, com suas atribuições e desafios. Os arteterapeutas podem ser considerados como modernos xamãs nesse sentido de auxiliar o ser humano, a partir de recursos criativos, a lidar saudavelmente com suas crises, deflagradas pelos momentos de passagem. A criatividade era considerada por C. G. Jung como um dos instintos humanos. O processo criativo desencadeia processos de transformação que nos permitem ressignificar pontos importantes de nosso percurso existencial, abrindo-nos a um novo campo de experiências em nosso desenvolvimento. A



metodologia se dá com apresentação em Datashow (powerpoint) de mitos associados ao Feminino, mostrando recursos em Arteterapia que podem favorecer o trabalho com o conteúdo simbólico desses mitos. Se o mundo pode ser visto como um lugar para se fazer alma (HILLMAN, 2010), os recursos da Arteterapia, associados ao trabalho com mitos e contos, podem ajudar a devolver alma à experiência de viver em um mundo tão des-animado e tão pouco propício ao estabelecimento de relacionamentos significativos com a Vida, como podemos atestar nos dias de hoje, resgatando a dimensão do sagrado através da vivência de processos criadores.

PALAVRAS-CHAVE: Feminino Sagrado; Psicologia Analítica; Criatividade; Expansão da Consciência.

REFERÊNCIAS

AMARAL, M.T.M.B. Ártemis Sagitária, in: ALVARENGA, M.Z. *et al.* **Mitologia simbólica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

BERNARDO, P.P. **A prática da arteterapia: correlações entre temas e recursos**. Vol VI: Sexualidade, Amor, o Sagrado e a Arteterapia: aproximações mitológicas entre Oriente e Ocidente. São Paulo: Arterapinna Editorial, 2011.

BERNARDO, P.P. **A prática da arteterapia: correlações entre temas e recursos**. Vol V: A Alquimia nos Contos e Mitos e a Arteterapia: Criatividade, transformação e individuação. São Paulo: Arterapinna Editorial, 2010.

BERNARDO, P.P. **A prática da arteterapia: correlações entre temas e recursos**. Vol III: Mitologia Africana e Arteterapia: A força dos elementos em nossa vida. São Paulo: Arterapinna, 2009.

BRANDÃO, J.S. **Dicionário mítico-etimológico**. Vol I e II. São Paulo: Vozes, 2000.

HARDING, M.E. **Os mistérios da mulher**. São Paulo: Ed Paulinas, 1985.

HILLMAN, J. **O pensamento do coração e a alma do mundo**. Campinas: Verus, 2010.

OWEN, L. **Seu sangue é ouro**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994.



A CONSTRUÇÃO DE SABERES E VÍNCULOS EM SALA DE AULA: PROCESSOS ARTETERAPÊUTICOS EM AULAS DE ARTE NO ENSINO REGULAR

Bonna Straccialini

bonna_straccialini@yahoo.com.br

RESUMO: Este trabalho considera uma busca pessoal, em que aborda a arte na educação de acordo com processos terapêuticos dentro da sala de aula, no ensino regular de Artes de uma escola pública periférica de São Paulo. O contexto de uma escola pública e tradicional, geralmente centralizada na missão de cientificar, matematizar e mecanizar saberes e sistemas, e o meu papel como educadora me levaram a questionamentos. Como professora de arte, com uma formação complementar em arteterapia, uma série de inquietações me iniciaram na busca por respostas e encaixes que transformassem os métodos e meios de arte na sala de aula. É comum ouvirmos que “as crianças gostam das aulas de artes, porque é um momento de relaxamento”, como forma de representar o motivo das aulas serem tão esperadas, mas durante muito tempo considerei essa afirmação extremamente desrespeitosa. Com todo o conteúdo e material que levava horas para pesquisar e preparar para as aulas (que eram sempre baseadas no currículo nacional), não achava justo que se limitasse a apenas uma aula de “relaxamento”. Porém, os anos de experiência – quinze como arte-educadora, dos quais nove figuravam minha especialização em arteterapia e um longo processo de autoconhecimento- me fizeram reconsiderar essa fala. Passei, então, a adaptar técnicas e conteúdos obrigatórios com ferramentas e dispositivos considerados terapêuticos. Dado que, nas condições em que me encontrava, não era possível fazer oficinas ou encontros específicos de arteterapia: 35 crianças de 7 a 10 anos, duas aulas por semana de 50 minutos cada. Porém, aplicação de técnicas expressivas era, assim, urgente, tanto para mim, quanto para elas. Para Jung “a Arte é a linguagem da alma e se quisermos conhecer o mundo devemos mergulhar em nós mesmos” (JUNG, 2009). Portanto realizar experimentos para expandir o “fazer” artístico, é permitir que se entre em contato com o mundo interno para que seja possível ver aquilo que nos habita. Não proponho que o currículo deve ser abolido como um todo, ou que toda aula de arte se torne um “setting terapêutico”, pois acredito que a Arte, como disciplina, é indispensável para a formação do indivíduo, plena e que deve ser tratada com seriedade. O que se propõe, então, é incentivar e promover uma rotina criativa mais ampla, respeitando os limites da sala de aula, abrindo caminho e revelando os conteúdos que estão em nossa psique de forma generosa. Nesse sentido, contribuindo para construir uma ponte entre as expressões artísticas e o nosso inconsciente. A



característica da arte é estimular e encorajar o desenvolvimento do que é individual à pessoa, ampliar o potencial criativo, estimulando e inserindo o contato com as emoções, através de propostas que utilizem objetos imateriais: conflitos, desejos e sentimentos internos; e objetos materiais, como objetos plásticos, que ao serem manuseados, se tornam a representação desses objetos imateriais, ou seja, os materiais plásticos dão forma ao que não tem forma, ao que só se sabe e sente. Como dito anteriormente, através das minhas experiências, vi a possibilidade de unir os dois caminhos na função de estimular e educar a criança para que ela entre em contato com esse conteúdo, o qual não lhe seria possível de outra forma. A diversidade da arte, o fazer artístico puro e o desenrolar criativo simples fazem o caminho que vai à contramão da uniformidade. Fayga nos conta que:

Nas crianças, a criatividade se manifesta em todo seu fazer solto, difuso, espontâneo, imaginativo, no brincar, no sonhar, no associar, no simbolizar, no fingir da realidade e que no fundo não é senão o real. Criar é viver para a criança (Ostrower, 2009).

Nesse sentido, meu foco torna-se o estímulo da tomada de consciência das qualidades emocionais e, ainda, o estímulo de sua própria expressão. O método de “fazer” e “pensar” a arte como meio integrador de conteúdos inconscientes a torna, dessa maneira, o próprio veículo de assimilação dos mesmos. Promovendo, assim, a ampliação dos potenciais criativos, o estabelecendo de mais qualidade em suas relações com as pessoas e o mundo e, por fim, desenvolver um caráter estético carregado de vivência pessoal. A partir da leitura minuciosa de livros de Jung, estudos sobre educação, métodos eficazes de ensino e da educação pelo afeto e criação de vínculos. Além de explorar a relação sobre o uso da arte em sua essência e de seus efeitos sobre a psique humana, através da importância do reconhecimento da dimensão simbólica e de minha própria experiência como arteterapeuta, baseando-me nas práticas, resultados e propostas do uso de recursos corporais e artísticos no setting arteterapêutico. As aulas tem como finalidade a expressão de sentimentos e o “fazer” livre, um “fazer” brincando e fácil através de técnicas expressivas, contos, música e de rodas de conversa. Além de uma reelaboração constante da prática em sala e do contato com os alunos e, da experiência em si, será importante contextualizar o que foi desenvolvido e os resultados obtidos com a teoria previamente estudada. Foram quase quinze anos vivenciando praticamente uma guerra interna, na qual sempre com muito sofrimento, eu me “espremia” para caber no espaço da sala de aula, acreditando no fundo que este lugar estava ultrapassado e falido como sistema de formação. Ao mesmo tempo que não conseguia visualizar ou materializar novas formas de fazê-lo, sentia-me, em geral, limitada como se não coubesse mais lá, pensei em desistir muitas vezes. Porém, dentro do setting terapêutico, a liberdade de olhar que o potencial criador dispara de forma diferente em cada pessoa (seja por experiências adquiridas pela vivência ou



pela forma como aprendemos as coisas), me fazia constantemente questionar minha capacidade e formas de fazer mudança e adaptações inviáveis. Percebi que não, nada disso era necessário, a minha dor era desnecessária e descabida. Em pouco mais de um ano transformei meu modo de pensar e agir nas aulas, porque mudei meu modo de me ver como ser no mundo. Sou antes de tudo Bonna, arte-educadora e arteterapeuta, não apenas no meu trabalho, mas na vida.

PALAVRAS-CHAVE: Arte-educação; Arteterapia; Transformação.

REFERÊNCIAS

ALBANO MOREIRA, A.A. **O espaço do desenho:** a educação do educador. São Paulo: Loyola, 2002.

ANDRADE, L.Q. **Terapias expressivas.** São Paulo: Vetor, 2000.

ARCURI, I. G. (Org.). **Arteterapia de corpo e alma.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

ARCURI, I. G. (Org.). **Arteterapia:** um novo campo de conhecimento. São Paulo: Vetor, 2006.

HILLMAN, J. **O código do ser:** uma busca do caráter e da vocação pessoal. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JUNG, C.G. **O espírito na arte e na ciência.** Petrópolis: Vozes, 2011.

JUNG, C.G. **O eu e o inconsciente.** Petrópolis: Vozes, 2011.

JUNG, C.G. **O homem e seus símbolos.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

JUNG, C.G. **Símbolos da transformação.** Petrópolis: Vozes, 2006.

OSTROWER, F. **Criatividade e processos de criação.** Petrópolis: Vozes, 2009.

SILVEIRA, N.G. **Imagens do inconsciente.** Rio de Janeiro: Alhambra, 1981.

URRUTIGARAY, M.C. **Arteterapia:** A transformação pessoal pelas imagens. Rio de Janeiro: Wak, 2003.



A CERÂMICA NA ARTETERAPIA

Elainy Mota Pereira - UNESP

projetoeramica@gmail.com

RESUMO: O trabalho visa buscar a compreensão de como a produção plástica, através de oficinas de cerâmica com recorte focado na Arteterapia, e projetos sociais inseridos em comunidades podem contribuir com o resgate de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Foi criado um projeto denominado *Ser Âmica: A Modelagem de Um Novo Amanhã*, localizado no Instituto Movere de Ações Comunitárias em Artur Alvim, zona leste da capital paulista, onde montou-se um ateliê para atender ao público alvo da pesquisa, com idade entre sete e dezoito anos. Após realização de trezentas oficinas, num período de três anos não consecutivos, foram encontrados elementos que permitissem a reflexão sobre o potencial de oficinas culturais e seus desdobramentos para compreender o processo individual de cada aluno na formação de cidadãos mais conscientes da realidade em que vivem, possibilitando, desta maneira, o vislumbre de um futuro melhor através das contribuições que o diálogo com a Arte e a cerâmica pode representar ao seu desenvolvimento pessoal e social. Em nenhum momento houve pretensão da autora de tornar os jovens atendidos em ceramistas profissionais. Buscou-se, antes, possibilitar aos atendidos um reencontro de si no resgate da autoestima e do autoconhecimento. O projeto social *Ser Âmica: A Modelagem de Um Novo Amanhã* foi criado em São Paulo - SP no ano de 2007, para estabelecer um diálogo entre culturas distintas, contribuir junto ao processo sócio educacional, ao conectar conhecimentos e saberes através do manuseio do barro para permitir a ampliação do entendimento da realidade vivida por cada jovem atendido e, assim, proporcionar opções para as transformações necessárias em aspectos que tangem a solidariedade, a tolerância, a luta pela igualdade e pelo respeito a si mesmo e às diferenças. Com o recorte a partir da sua dimensão social, a Arte e a Arteterapia propiciaram os processos de experienciar e refletir socialmente, onde cada adolescente foi preparado para estabelecer a sua relação com o seu entorno (família, escola, sociedade) e, assim, ampliar a sua consciência acerca de suas potencialidades de atuação sobre o mundo. Com a possibilidade de ponderar sobre suas atitudes, comportamentos e valores, foram fornecidos oportunidades e recursos como forma de estímulos, através de vivências teórico-práticas - logos e práxis. O objetivo deste estudo foi desenvolver oficinas de cerâmica utilizadas como recurso arteterapêutico para resgatar a autoestima, autoconfiança e autoconhecimento através do



empoderamento pessoal e desenvolvimento de habilidades com o público alvo, constituído por crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social em Artur Alvim, extremo leste da capital paulista. Basicamente, foi utilizado o delineamento quanti-qualitativo, cujos resultados práticos surgiram a partir das diversas vivências e técnicas utilizadas nas oficinas. Embora o projeto exista desde 2007, para a pesquisa de mestrado, foram considerados as três últimas etapas (2014 a 2017), nos quais foram realizadas trezentas oficinas práticas intercaladas em diversas técnicas da cerâmica, trabalhos onde praxis e logos estiveram empiricamente ligados um ao outro. A pesquisa foi dividida em três capítulos: 1 - Projetos sociais em comunidades na abordagem de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social; 2 - O projeto social Ser Âmica; 3 - A execução do projeto Ser Âmica - praxis e logos. No primeiro capítulo, foi possível entender a trajetória e o surgimento das ONGs no Brasil e a importância dos trabalhos sociais realizados por elas. Foi através das Organizações Não Governamentais que se iniciou o trabalho de movimentos sociais e lutas de classes que começaram a dar voz aos menos favorecidos. A ditadura militar excluiu muita gente, jogando-os à margem da sociedade e, através do trabalho efetivo das associações, posteriormente denominadas ONGs e atualmente conhecidas como Terceiro Setor, é que as comunidades puderam seguir com novos rumos no mundo globalizado no que tange ao trabalho humano. O segundo capítulo trata diretamente do projeto Ser Âmica, desde a sua formação inicial ao formato que segue hoje. O escopo do atendimento sempre foi o de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Inicialmente, o projeto abordava somente a questão estética do barro, focada na produção para venda das peças. Após perceber as melhorias comportamentais, foi necessário recorrer a outros recursos para dar mais subsídios ao trabalho e, desde 2010, a Arteterapia foi incluída como ferramenta nas oficinas de cerâmica. Foi abordada também a importância da formação educacional em Arte para o desenvolvimento social de crianças e adolescentes em vulnerabilidade social. No terceiro capítulo foram descritas e ilustradas as vivências Arteterapêuticas e tudo o que as praxis dos processos refletiram na vida dos jovens. Foi possível verificar através dos depoimentos de alunos, ex-alunos e monitores os resultados palpáveis que mostraram a importância e o impacto de projetos socioculturais ao serem inseridos em comunidades com o objetivo de dirimir a violência. Tais projetos poderão propiciar experiências sensíveis sob os territórios infinitos de cada ser humano. A sociedade precisa acordar da letargia de cobrar do governo ações que podem ser realizadas por cada indivíduo, quando este se propuser pensar em como poderá mudar a realidade ao seu entorno. Como será visto em Dewey (2010), a experiência é única e só pode ser vivenciada por cada um. Portanto, fazer o bem só dará retorno positivo a quem o faz. Como? Através de ações simples, pautadas na ética, com valores que as gerações contemporâneas têm perdido, tornando-se cada vez mais a geração da



intolerância e do ódio. A sociedade atual não tem tolerância ao que é incomum. O novo é tratado com desprezo. Bullying nas escolas e nos ambientes de trabalho são recorrentes e infelizmente, pouco punidos ou repreendidos. Embora plural, o Brasil está longe de respeitar as diferentes raças, crenças e etnias que abriga em sua nação. Infelizmente, além de questões políticas que atrasam os países de terceiro mundo, o preconceito atrasa as pessoas que neles vivem e o Brasil tem disparidades ímpares neste quesito. Por isso a importância de tentar tratar estes valores distorcidos através de formas de educação, sejam elas formais ou não, que possam introjetar valores para a construção de uma sociedade e de uma nação mais igualitária, democrática e consciente. O desenvolvimento de um país, depende do desenvolvimento de cada ser humano que nele habita. O Ser Âmica buscou reafirmar os benefícios da atuação de projetos culturais em que a cerâmica foi utilizada como instrumento da Arte e da Arteterapia, com a influência da modelagem do barro no processo socioeducacional. O nome do projeto sintetiza exatamente isso: Ser Âmica. Através da cerâmica, cada adolescente pode remodelar-se como um novo “Ser” e/ou moldar-se em bases legitimadas e exitosas historicamente. Com isso, objetivou-se o comprometimento de transformar Arte e Arteterapia em responsabilidade social, visando o desenvolvimento sócio-histórico-cultural dos adolescentes e da comunidade à qual estão inseridos e galgando transpor os umbrais do gueto.

PALAVRAS-CHAVE: Arteterapia; Cerâmica; Adolescentes; Violência.

REFERÊNCIAS:

ALBUQUERQUE, A.C.C. **Terceiro setor: história e gestão de organizações.** São Paulo: Summus, 2006.

ANDRADE, L.Q. **Terapias expressivas: Arteterapia.** São Paulo: Vetor, 2000.

BACHELARD, G. **A água e os sonhos: ensaios sobre a imaginação da matéria.** São Paulo: Martins Fontes, 2013.

BACHELARD, G. **A terra e os devaneios da vontade: ensaio sobre a imaginação das forças.** São Paulo: Martins Fontes, 2013.

BARBOSA, A.M. **A imagem no ensino das artes: anos 80 e novos tempos.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.

BARBOSA, A.M. **John Dewey e o ensino da arte no Brasil.** São Paulo: Cortez, 2001.



BERNARDO, P.P. **Arteterapia: a arte a serviço da vida e da cura de todas as nossas relações.** In: ARCURI, I.G. *Arteterapia: um novo campo do conhecimento*, São Paulo: Vetor, 2006.

BERNARDO, P.P. **A prática da arteterapia: correlações entre temas e recursos, volume I: temas centrais em Arteterapia**, 4. Ed. São Paulo: Arterapinna Editorial, 2013.

BERNARDO, P.P. **A prática da arteterapia: correlações entre temas e recursos, volume II: mitologia indígena e Arteterapia: a arte de trilhar a roda da vida**, 3 ed. São Paulo: Arterapinna Editorial, 2013.

BERNARDO, P.P. **A prática da arteterapia: correlações entre temas e recursos, volume III: mitologia africana e Arteterapia: a força dos elementos em nossa vida**. 2 ed. São Paulo: Arteterapinna Editorial, 2012.

BOURDIEU, P. **Lições da aula**. São Paulo: Editora Ática, 2001.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo. Perspectiva: 2005.

DEWEY, J. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GALEANO, E. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: L&PM, 2002.

GOHN, M.G. **Educação não formal e cultura política**. São Paulo: Cortez, 1999.

GOHN, M.G. **Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. São Paulo: Cortez, 2010.

GOUVÊA, Á.P. **Sol da terra: o uso do barro em psicoterapia**. São Paulo: Summus, 1989.

GRINBERG, L.P. **Jung: O homem criativo**. São Paulo: FTD, 2003.

GULLAR, F. **Argumentação contra a morte da arte**. Rio de Janeiro: Revan, 1999.

GUTIERRA, B.C.C. **Adolescência, psicanálise e educação: O Mestre "Possível" de Adolescentes**. São Paulo: Avercamp, 2003.

MATTAR, S. **Sobre arte e educação: Entre a oficina artesanal e a sala de aula**. Campinas, SP: Papirus, 2010.

OSTROWER, F. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 2014.

OSTROWER, F. **Acasos e criação artística**. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

PAÍN, S. **Diagnósticos e tratamento dos problemas de aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 1984.

PAÍN, S.; JARREAU, G. **Teoria e técnica da arte: a compreensão do sujeito**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

SALIS, V.C. **Ócio criador, trabalho e saúde**. São Paulo: Claridade, 2004.



UBAAT - União Brasileira de Associações de Arteterapia. **Contribuição da arteterapia para a atenção integral do SUS.** Disponível em: <<http://www.ubaat.org>>. Acessado em 20/05/2017.

URRUTIGARAY, M.C. **Arteterapia: A transformação pessoal pelas imagens.** Rio de Janeiro: Wak, 2003.

WINTHER, M.; ZATYRKO, F. **Mandala: A Arte do Conhecimento.** São Paulo: Pensamento, 1997.

ZEM, A.M.; FUNCK, A.T. O ensino da cerâmica para crianças. IN GABBAI, M.B.B. (Org.). **Cerâmica: arte da terra.** São Paulo: Editora Callis Ltda, 1987.



ARTETERAPIA: CUIDADOS COM MÃES CUIDADORAS

Marilice Costi - Sana Arte

marilicesanacosti@gmail.com

RESUMO: Familiares de pessoas com deficiências psicossociais não costumam cuidar de si. Viram máquinas, um trator, como disse uma mãe cuidadora. E adoecem muito. Dores, pressão alta, fibromialgia, depressão, entre outras doenças crônicas. Esta conta é do SUS, dos planos de saúde, da família. Para os profissionais chama-se burn-out – a exaustão do cuidador – e os aposentados, para os pais não é considerada. Esses cuidadores familiares são invisíveis. Seu sofrimento é secundário, não se dão o direito de “despencar”. Quem cuidaria do filho? Como ficaria a família? Na rede SUS, sabe-se de muitos abandonos: a) Consideram que, se o filho estiver atendido, a família ficará bem; b) Quando a família pede apoio, não há quem possa assumir; c) Na rede Psi, há quem culpe o pai ou a mãe de causarem o transtorno; d) A família pode até ser afastada do filho; donos da verdade, tratam com isolamento, ironia e desrespeito, desvalorizam a fala dos cuidadores; e) Se a mãe ou o pai são atendidos e o tratamento for interrompido a pedido do terapeuta, não repassam a outro profissional, abandonam sem dar satisfação; f) O familiar deverá repetir matriciamento quando seu terapeuta o deixa, como se existisse tempo e saúde para recomeçar; g) Em CAPS, acessam memórias doloridas da mãe (baú de histórias de dor) sem o mínimo cuidado, apenas para não ler o prontuário, a mãe deprime por vários dias; h) O objetivo é atender o filho, a família não faz parte do cuidado; i) Quando a família precisa de ajuda, há quem não lhe dê voz, nem credibilidade. Não basta cuidar apenas do filho. É preciso estender o suporte aos familiares. O atendimento arteterapêutico trabalha todas essas questões que giram ao redor desse cuidador, elas surgem e podem ser tratadas. As dores que tanto deprimem, poderão ser aliviadas. A capacitação a esses profissionais não tem o conteúdo real do cotidiano de uma dessas famílias. É como se houvesse um manual pronto a ser seguido. O abandono social também ocorre. Mais de 50% das mulheres cuidam sozinhas, ninguém as convida para festas: a sociedade não sabe lidar com tantas ausências nos encontros (e desistem). Raros compreendem o que passam e o seu cansaço permanente. Com os anos, adoecem e se tornam incapazes de continuar cuidando. É quando a sociedade é mais perversa e a culpa por isso. Entregar o filho ao cuidado de outro é sofrido para todos. E muitas vezes, não possui recursos para isso. Responsáveis por tudo, sem cuidados, quantas morrem antes do filho? Objetivos: Informar sobre a necessidade de atenção diferenciada à família, em especial, a quem exerce o cuidado; Informar das necessidades do cuidador para tratar de esvaziamento,



abandono, solidão, rejeição, cansaço, baixas energia e autoestima; estimular emoções positivas para ampliar sua resiliência, estimular repertório afetivo e fortalecer para o enfrentamento cotidiano; reconhecer habilidades, desenvolver socialização e demonstrar resultados de trabalho arteterapêutico executado, fornecendo espaço continente, acolhedor e afetivo. As angústias e o descompasso na vida pessoal e social de cuidadores familiares são comuns, assim como a depressão e o enorme cansaço. Tempo e saúde somem no cotidiano. Quando o casal se cobra, surge a solidão e o “abandono”, o homem se sentirá incapaz de administrar seus sentimentos também, mas buscar suporte é incomum. A mulher, ao se empoderar no cuidado, poderá “expulsar” o marido. Há atitudes seculares no funcionamento familiar e se manifestam nessas famílias (ROSA, 2008). O cuidado intensivo, quando se é jovem, frustra, impede crescimento profissional, os sonhos. Perceber o filho frágil e “eterno” deprime. Difícil de administrar (COSTI, 2001), o casal precisa de apoio, mas a maioria se separa. Mãe tem medos, cortisol alto. O suicídio é risco, pois ser forte e guerreira é fantasia. E se algo me acontecer? E se eu morrer? Sua finitude e separação são temas que ocorrem. Há mães que se estruturam bem e se preparam para a velhice. Depende de cada uma. Separar-se traz medo e culpa - a sociedade e a religião reforçam (ROSA,2008). Há mães que são tão carentes de abraços, que não sabem mais abraçar. Na rede SUS, o movimento corporal é de distanciamento. Profissionais são treinados nas faculdades, o que ocorre em hospitais de referência (COSTI, 2011). Como diz JULIANO (1999): é preciso acolher o cliente com tudo que ele traz de tenebroso ou de sublime, deixando-o depositar no chão sua bagagem, que se tornou pesada de tanto carregar nas costas. Em 2000, atendi um grupo de mães com Arteterapia. A proposta foi cuidá-las com: respiração e relaxamento, estímulos corporais, recursos artísticos diversos, percepção de sentidos, leitura, escrita (COSTI, 2012), contação de histórias, caixa de sussurros, novelas de lã e barbantes, música, meditação ativa (COSTI, 2016). O momento era só delas. Seus sonhos precisavam fluir e se reposicionarem. As participantes compreenderam o quanto seu lugar fora invadido, e podiam recuperá-lo. Trataram a culpa por desejarem espaço pessoal (privativo), liberdade, direitos. O grupo foi continente. Havia mãe de autista, de pessoa com esquizofrenia e também com lesão cerebral. Todas obtiveram alívio, maior compreensão do momento e do que passaram, mais percepção da “solidão” e aprenderam umas com as outras. Respirar, dançar e abraçar eram energizantes e relaxantes, ampliaram olhares. Leituras ajudam: Uma mãe relatou que se identificara com um livro indicado. Sentir-se cuidada, reduzindo a solidão e o abandono, foi fundamental. Após cada sessão, elas buscavam o filho em uma atividade na mesma OSCIP. Este trabalho foi apresentado no Congresso Sul-americano de Criatividade, Porto Alegre/RS, 2005. A Arteterapia pode auxiliar muito no cuidado a familiares. Além de lhe proporcionar o cuidado, socializa. Como suas vidas são invadidas pelas



necessidades do filho necessitam muito de direcionamento a si mesmas, por isso falar sobre o filho foi permitido apenas na 1ª. Sessão. Chamo isso de continente para o autocuidado. Os ambientes interferem em nossas sensações, por isso a mesa deve ter apenas o necessário à atividade. Somos responsáveis pelos vínculos que estabelecemos, logo é preciso delicadeza para penetrar no mundo do outro e respeito com ética sair dele. Importante tratar sentimentos de abandono e separação com técnicas de suporte. Como não há padrões devido à singularidade do filho, compreender a diferença de cada uma, auxilia. Atuar com equipe multidisciplinar e orientar em caso de busca por moradia e acolher em alguma sessão, todo o grupo familiar, se possível. Sugere-se que o pai, participe em algum momento. Criar um Laboratório de Sensibilização e Criatividade com atendimento concomitante ao do filho facilita a vida da mãe. Promover passeios, escambo e encontros desenvolvem muito a socialização. É fundamental rir e brincar, alimentar sua alegria de viver, reposicionar seus sonhos de vida para que possa construir seu repertório feliz e acionar em momentos de dificuldades. A Arteterapia pode ajudar muito.

PALAVRAS-CHAVE: Familiar cuidador; Deficiência Psicossocial; Arteterapia; Cuidados.

REFERÊNCIAS

- CARLOTTO, M.S. Quando o desgaste é excessivo. **O cuidador**. Porto Alegre: v.2, jan-fev, 2009.
- COSTI, M. **A fábula do cuidador**. Porto Alegre: Sana Arte, 2016.
- COSTI, M. Abraço, mais que acolhimento! In: TOMMASI, S.B. (Org.) **Arteterapeuta: um cuidador da psique**. São Paulo: Vetor, 2011.
- COSTI, M. Caviardage. **O cuidador**. Porto Alegre, v.25, p.18-19, nov-dez, 2012.
- COSTI, M. **Como controlar os lobos?** Proteção para nossos filhos com problemas mentais. Porto Alegre: AGE, 2001.
- JULIANO, J.C. **A arte de restaurar histórias: libertando o diálogo**. São Paulo: Summus, 1999.
- ROSA, L. **Transtorno mental e o cuidado na família**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2008.



A ESPIRITUALIDADE NATURAL NO CUIDADO INTEGRAL À SAÚDE

Maria Carolina de Góes Ulrich - UNIVALI

mariacarolinaulrich@gmail.com

Maria Glória Dittrich - UNIVALI, ACAT, UBAAT, CDVBA

RESUMO: Essa pesquisa tratou do tema sobre espiritualidade natural e sua relação com o cuidado integral. Foi um trabalho de iniciação científica desenvolvido dentro do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade do Vale do Itajaí. A pesquisa teve como objetivo compreender a concepção de espiritualidade natural no cuidado integral na visão de professores do Curso de Enfermagem da UNIVALI. Foi uma pesquisa com abordagem qualitativa de caráter teórico-prática, ou seja, utilizou de fontes primária e secundárias que abrangeu publicações impressas ou eletrônicas e entrevistas com professores do Curso de Enfermagem e apresentou dados quantitativos somente como forma de caracterizar os participantes. A pesquisa teve como base teórica primária os escritos de Viktor Frankl e outros da área filosófica e da saúde, no campo da fenomenologia, bem como, as falas dos participantes da pesquisa. A coleta de dados se deu por meio de entrevistas utilizando como base um roteiro semiestruturado, foram realizadas 22 entrevistas e após, a compreensão dos dados foi feita com base na hermenêutica fenomenológica. Os resultados foram organizados em quatro categorias: Concepção de Ser Humano; Saúde além do paradigma biomédico; Cuidado à saúde do ser integral e Espiritualidade Natural e sua relação com o cuidado. Foi demonstrada fragilidade na concepção dos entrevistados quanto aos temas discutidos, apesar do esforço em apresentar uma visão mais ampla e holística de ser humano, saúde e cuidado integral. Os resultados apontaram para a manutenção da visão unidimensional do ser humano, do modelo biomédico de compreensão do processo saúde-doença e da prevalência das patologias quando tratado do cuidado integral. A visão de espiritualidade natural dos entrevistados tornou visível a falta de domínio e conhecimento acerca do tema. Nas considerações ficou compreendido que os objetivos da pesquisa foram alcançados, que a metodologia foi apropriada e que o referencial teórico foi adequado. Fica aberta a possibilidade de maiores pesquisas sobre o tema e sobretudo da importância da inserção do tema espiritualidade no currículo de formação em Enfermagem.

PALAVRAS-CHAVE: Espiritualidade, Cuidados Integrais de Saúde, Enfermagem.



AUTORRETRATO DE UM ARTETERAPEUTA: O TRAUMA NA ORIGEM DO PROCESSO CRIATIVO

Marcelo Adão dos Santos - Clínica POMAR, RJ

marcelo.adaodossantos@gmail.com

RESUMO: Existe no corpo uma dor, uma projeção sombria, um desejo egóico, que se expressa através do autorretrato. O processo criativo em Arteterapia se apresenta como Prática Integrativa e Complementar aos processos de cuidado psicoterápico, e psiquiátrico. Marcado por sofrimentos e perdas profundas, que emergiram como energia criativa em diversos processos plásticos quando da Graduação em Artes, o autor encontrou ressonâncias emocionais em vivências experienciadas em múltiplas propostas terapêuticas (EMDR, Coach, Cinesiologia, Experiência Somática). Buscou conhecer a origem das dores e das angústias e transformá-las de forma plástica e criativa. Objetivo: Utiliza-se da gravura em metal, da cerâmica, do desenho e da pintura, criando um repertório de processos gerativos e fixadores de imagem que remetem aos processos alquímicos de descoberta da imagem e de transformação da matéria. O autor se defronta com todo potencial da Arteterapia enquanto prática formativa durante o curso de Especialização/Pós-Graduação, e também como processo terapêutico e prática integrativa na experiência da "Arte da Ponte". Métodos: Ancorado no processo de individuação Junguiano o artista se utiliza de linguagens da arte como bússola de auto-orientação em jornada curativa e criativa, capturando imagens sobre si mesmo, capazes de elucidar o movimento da desordem à ordem psíquica vivenciados no processo de criação. A força motriz da criação é acionada pelo impulso emocional do artista, em busca da autoimagem que o represente e o leve a superar a feição esgarçada pelo acúmulo de experiências traumáticas em sua trajetória de vida. O autor inicia suas pesquisas de autorretratação na graduação em Artes Plásticas, prosseguindo na pós-graduação em Arteterapia, onde mergulhou na busca da identidade e compreensão de seus conflitos íntimos. A Gravura em Metal, traz a possibilidade de fixação do reflexo, remetendo à experiência imagética de Narciso diante do reflexo de seu rosto ao se defrontar com sua autoimagem na fonte líquida (água). A partir desse encantamento é que se mergulha no inconsciente e no processo criativo, momento em que o artista adentra na busca de uma anatomia física, emocional e sensível através de sua própria fisionomia. O resultado é grande produção de autorretratos em gravuras, desenhos, pinturas e cerâmicas, com os quais o autor constrói de forma metafórica e poética o processo de ordenação e integração da psique e do corpo. É na experiência da "Arte da Ponte" intermediada e facilitada pela



arteterapeuta Annie Rotteinstein que o trabalho arteterapêutico do autor revela a origem do trauma, remetendo-o não só ao mito de Narciso, mas, ao de Quíron, o curador ferido.

PALAVRAS-CHAVE: Autorretrato; Identidade; Individuação; Processo Criativo.



A ARTE CRIATIVA NA ECOFORMAÇÃO: PROCESSOS TERAPÊUTICOS E EDUCATIVOS

Maria Glória Dittrich - UNIVALI, ACAT, UBAAT, CDVBA

gloria.dittrich@univali.br

Vanderlea Meller - UNIVALI

Claiza Barreta - UNIVALI

Larissa Fernanda Dittrich - UNIVALI, CDVBA

Lisandra Aline Adriano Cunha - UNIVALI

RESUMO: As relações que o ser humano estabelece consigo mesmo, com o outro, com a cultura, meio ambiente e transcendência é de aproximação e sentimento de pertencimento nas trocas vitais-cognitivas e de sensibilidade perceptiva. Possibilitar práticas em contato com a natureza é uma maneira educativa e terapêutica de fortalecer a ligação do ser humano em sua multidimensionalidade existencial. Este estudo tem como objetivo compreender a arte criativa na ecoformação como um método terapêutico e educativo para os processos de saúde do ser humano. Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, amparado no método da hermenêutica fenomenológica, realizado com 23 crianças da Instituição Lar Fabiano de Cristo, de Itajaí. As práticas foram planejadas e desenvolvidas na proposta de intervenção do Projeto de Extensão “Mãos de Vida”, da UNIVALI, no ano de 2018. A atuação ocorreu na perspectiva transdisciplinar integrando ações e saberes de 6 áreas de formação Educação Física, Letra, Nutrição, Filosofia, Enfermagem e Psicologia. A proposta foi organizada integrando as crianças na natureza, no envolvimento do corpo sensorial e reflexivo nos propósitos ecoformativos. A ecoformação é entendida como uma maneira sintética, integradora e sustentável de entender a ação formativa, sempre em relação ao sujeito, à sociedade e à natureza. O caráter de sustentabilidade somente é possível quando estabelecem relações entre todos os elementos humanos. A arte como processo criativo espontâneo oportuniza a vivência terapêutica de na ligação entre sensibilidade e racionalidade do ser humano, que se expressa em expressões com diferentes linguagens. As principais atividades desenvolvidas envolveram o canto, a dança na criação de uma horta com canteiros mandalísticos, alinhando o sentir, pensar, agir e conviver no contato direto com a terra, o ar o fogo, e água. O método abriu para a manipulação e o conhecimento sobre diversas plantas comestíveis e não comestíveis e o plantio dessas espécies, considerando, a ligação com a nutrição biopsicofísica e espiritual do ser humano. Foi possível perceber saberes que envolvem as plantas. As crianças quase não reconheciam as espécies. Na maioria as plantas eram identificadas como “mato”. Esse processo envolveu a degustação,



a inspiração dos aromas, as sensações das texturas e as cores que ativaram muitas sensações e percepções do ser, na vibração de falas, olhares, movimentos corporais ao redor do canteiro da mandala, no plantio das plantas. A construção de um ambiente de cultivo e cuidado ao ser humano, por meio da arte criativa de bem viver foi significada no símbolo mandala como um bolo nutritivo decorado com o plantio de chás, hortaliças e flores comestíveis. A organização das formas na mandala ocorreu na decisão coletiva do grupo, a partir do imaginário das crianças, no contato direto com a terra e plantas. Todos tiveram a oportunidade de manusear a terra e plantar. O plantio foi um ato sensorial de contato perceptivo e cuidado com a vida que ali se buscava cultivar. Durante todo o processo de diálogo em relação ao plantio, e como as plantas usavam o sol e a água para o seu crescimento, as crianças trouxeram de seu cotidiano múltiplas experiências de suas vivências. As colocações das crianças trouxeram à tona experiências vividas por elas que confirmavam as sensações e a energia que estavam recebendo ao explorar a natureza e a terra. Ao observar a mandala construída, no movimento do ser expressivo uma criança disse “Nossa mandala parece raios de sol, como um templo sagrado”. Os resultados do trabalho aguçaram a sensibilidade e a percepção visual e de contato corporal entre os participantes. Essa dinâmica possibilitou atenção ao meio, nas diversas habilidades sensoriais de sentir e apoiar os pés no terreno, na busca de trajetórias e de se estabelecer confiança no outro, bem como respeito à vida. A horta e as experiências com a natureza tornaram-se um laboratório vivo educativo e terapêutico de diversas práticas de ecoformação.

PALAVRAS-CHAVE: Arte criativa; Ecoformação; Mandala.



ARTETERAPIA E ESPIRITUALIDADE

Edineide Alves de Oliveira Novais - Espaço Terapêutico Corpo Artes INCORPORARTE

edineideuniesp@hotmail.com

RESUMO: Tendo em vista o conhecimento de que todo sujeito está numa busca frenética do sentido de sua própria vida, a finalidade não é desvendar o mistério da arte e muito menos o da espiritualidade, mas mostrar a sua atuação como canal sensível de possíveis contentamentos de respostas que não são dizíveis, porque falam do invisível. Na busca incessante de compreensão do que lhe é sobrenatural e inalcançável, o homem apropria-se de meios que lhe proporcionem satisfação, ainda que esta seja momentânea, por meio da arte aproxima-se o quanto pode do sobrenatural. A relação da Arteterapia e da Espiritualidade, como um processo terapêutico com vastas e diversificadas formas de atuação, coopera para que a vida seja vivenciada de forma recompensadora. A Arteterapia é capaz de abrir novos canais de diálogo e entendimento que facilitam o acesso ao inconsciente por intermédio das múltiplas formas de expressão, criação e recriação com diferentes materiais, e contribui para a integração do eu e do sagrado, permitindo uma compreensão mais ampla da vida. Assim, todo ser humano encontra dentro de suas particularidades seu espaço sagrado e busca meios de conectá-lo com todo universo, sente-se pleno e parte de um mundo que está ao seu redor na mesma intensa busca de seu espaço e sentido existencial. A Arteterapia torna possível este encontro entre o espaço físico enquanto matéria e o espaço sagrado enquanto espírito, promovendo, além do autoconhecimento, também a sensação de plenitude, que tem por consequência a profunda paz de espírito, gerando equilíbrio emocional e qualidade de vida. Num ambiente próprio, adequado para momentos de silêncio, interiorização, torna-se possível o encontro consigo mesmo e com o outro tendo em vista a vasta e diversificada gama de materiais como: objetos específicos, imagens, velas, flores, tecidos, pequenos vasos de cerâmica e pães; dispostos de modo a tornar possível o encontro do olhar do indivíduo e toda esta ornamentação de objetos representativos de espiritualidade na vivência arteterapêutica. Percebeu-se o rápido vínculo criado entre Arte e Espiritualidade, voltou-se à infância, vivenciou-se momentos da própria história enquanto crianças, trazendo à tona memórias e toques intensos. Narrações de situações boas, más e de muitas saudades, percepção de coisas, fatos, costumes ou hábitos perdidos ao longo da vida e que hoje fazem muita falta. Experimentou-se também evidências mais voltadas à transcendentalidade, conseguiram experimentar ou exprimir, por meio de sensações ou visualizações, lugares de paz, harmonia e tranquilidade, representados por gramados enormes, espaços religiosos, sol, luz, brisa suave,



alegria, lágrimas, silêncio e sensação de paz. Houve uma profunda conscientização das dimensões humanas, de modo a compreender e perceber o desapego da matéria para o encontro do espaço espiritual próprio de cada um. O fato de o homem trazer em sua natureza esta necessidade de compreender o mistério sobrenatural de sua vida, desde o seu nascimento, independentemente de sua religiosidade, o levou a buscar alternativas para explicar o indizível. Sentiu-se despertado para entrar em contato com um Ser Superior, ainda que de modo inconsciente, desejando unicamente a sensação de plenitude de sua totalidade. Em conjunto com a espiritualidade própria de cada ser tornou-se possível a desfragmentação de suas dimensões físicas e espirituais, realizado por meio de momentos de silêncio e introspecção, o encontro destas dimensões básicas do homem. Devolvendo-lhe a harmonia, a quietude, a tranquilidade e a posse de seu espaço sagrado.

PALAVRAS-CHAVE: Arte; Espiritualidade; Terapia.



MEDITARTE PARA CRIANÇAS ABRIGADAS

Suely Harumi Ioshii - Incorporar-te Espaço Terapêutico Corpo Artes - Curitiba / ONG Transforme Sorrisos

suely_ioshii@hotmail.com

Juliana Muniz Barreros de Oliveira - Incorporar-te Espaço Terapêutico Corpo Artes - Curitiba / ONG Transforme Sorrisos

Suzana Pires - Incorporar-te Espaço Terapêutico Corpo Artes - Curitiba / ONG Transforme Sorrisos

RESUMO: O Projeto “Meditarte para Crianças Abrigadas” apresenta uma oportunidade de se aplicar as técnicas de meditação e da Arteterapia para crianças em vulnerabilidade social. Contribui para realizar um trabalho de reintegração e fortalecimento do self, da identidade, além de oferecer ferramentas para que se tornem crianças valorosas e corajosas, preparadas para as adversidades da vida. Assim, as práticas meditativas surgem como recursos simples, profundo e acessível, que poderá ser desenvolvida e aprofundada através da constância de uso. Deste modo, ocorre uma preparação preliminar que favorece e potencializa a expressão criativa com as técnicas de Arteterapia, o que torna possível realizar uma correlação terapêutica comportamental das crianças com o desenvolvimento cognitivo, afetivo e psicológico, apresentados durante estes três meses. Os objetivos são identificar os benefícios da prática meditativa no processo criativo, simbólico e expressivo da criança propostos pela arteterapia; reforçar os conceitos de valores humanos e de hábitos saudáveis como uma aprendizagem para a vida toda. As atividades foram oferecidas no período da manhã para 6 crianças em média. A metodologia utilizada envolve as seguintes etapas: 1ª Etapa: Roda de Conversa - É o momento de acolhimento e boas-vindas. 2ª Etapa: Práticas Meditativas - São realizadas posturas de yoga, técnicas de respiração, relaxamento e a meditação. 3ª Etapa: Atividades de Arteterapia - Foram apresentados temas específicos, tais como valores humanos, autoconhecimento, comunicação, cooperação e com o uso de diferentes materiais e canais de expressão. Atividades lúdicas também foram utilizadas através dos jogos e outras brincadeiras que estimulem uma convivência coletiva harmoniosa e o senso de equipe e de si mesmo. 4ª Etapa - Finalização É o momento do encerramento das atividades, podendo ser finalizado com um relaxamento conduzido ou não e com um ritual criado pelo Grupo. Constata-se que as práticas meditativas contribuíram positivamente no processo criativo, simbólico e expressivo das crianças. O processo criativo das crianças, referente aos símbolos e expressões, foi analisado com base na Psicologia Analítica de Jung e na Análise Psico-orgânica segundo Boyensen. Pode-se correlacionar que as práticas



meditativas e o trabalho voltado para a educação em valores humanos desperta-as para maior consciência da respiração, oferece uma sensação de maior autocontrole e fortalecimento interior e uma maior consciência e discernimento quanto a correta postura perante a vida. Assim, este Projeto se apresenta como um caminho de fortalecimento e contribuição às crianças com vistas a oferecer instrumentos e condições para um enfrentamento tranquilo, seguro e consciente da sua jornada heroica rumo à individuação. As crianças precisam dessa orientação e de estímulos para que possam sentir que tiveram realmente a possibilidade de escolha, mas principalmente que foram preparados para essa escolha. Juntamente com o cuidado ao corpo físico através das posturas de yoga e da respiração, foi dado foco também a atenção com a mente. Para tanto, utilizou-se da prática de ioga, meditação e relaxamento, a fim de formar um indivíduo consciente, saudável, íntegro e corajoso. Além disso, o Projeto utilizou dos recursos da Arteterapia como uma abordagem terapêutica através da arte a fim de oferecer uma oportunidade lúdica, sensível e com múltiplas possibilidades de aplicação para o desenvolvimento do potencial criativo das crianças nos abrigos e favorecer uma melhor aprendizagem dos valores emocionais e intelectuais e o amadurecimento saudável da personalidade. Espera-se a longo prazo, que as crianças estejam mais preparadas para a sua jornada heroica a partir das práticas meditativas e atividades de arteterapia vivenciadas. Seria favorável que, caso sigam para outras Casas de Acolhimento, cuja faixa etária é de 15 a 18 anos e cujos enfrentamentos são mais desafiadores, este mesmo tipo de suporte, a exemplo do Projeto MeditARTE seja oferecido e que os governantes possam adotar esta prática como uma política pública de fortalecimento e empoderamento saudável às crianças e adolescentes.

PALAVRAS-CHAVE: Meditação; Ioga; Arteterapia; Valores Humanos; Crianças Abridadas.



OFICINAS ARTETERAPÊUTICAS EM SALA DE INCLUSÃO E RECURSOS (SIR)

Luciane do Canto Winter dos Santos - IERGS, UNIASSELVI

lucianewinterr@gmail.com

RESUMO: A escola é o lugar onde a necessidade de ser aceito e fazer parte de um grupo se torna gritante. Muitas vezes, o ambiente escolar pode transformar-se em um lugar sufocante ou perturbador, principalmente para os alunos com Necessidades Educativas Especiais. A Arteterapia é uma ferramenta, alicerçada pela Arte e pela Psicologia, que envolve técnicas propulsoras para uma psique saudável. Além disso, a oficina arte terapêutica também pode conduzir a uma reestruturação do ser e da sua integridade/identidade, alicerçando-o em suas situações de conflito e estimulando a melhora emocional, o alívio do estresse e, conseqüentemente, o fortalecimento das relações sociais que fundamentarão a construção de um ambiente inclusivo no espaço escolar. Nesse sentido, a Arteterapia é um instrumento poderoso no desenvolvimento da resiliência, pois instiga a reflexão e a adaptação do sujeito frente as adversidades da vida, permitindo que este desenvolva um novo jeito de perceber o mundo, com outras cores e outros tons. Através das vivências arteterapêuticas podemos ressignificar nossos medos e anseios, moldando um comportamento flexível que contribuirá para que os alunos ultrapassem não só as dificuldades escolares cotidianas, mas também as dificuldades da vida, contribuindo para a construção de uma nova identidade: resiliente, forte e vitoriosa. Proporcionar aos alunos um ambiente lúdico e acolhedor para que estes possam se expressar e refletir sobre suas emoções, potencializando a resiliência no processo de inclusão/exclusão que enfrentam no ambiente escolar. As oficinas são realizadas regularmente com grupos de alunos de 7 a 18 anos que manifestam o desejo de participar na sala de artes ou sala da SIR. Inicialmente, utiliza-se um relaxamento inicial, que poderá ser feito com a leitura de uma história, ouvindo uma música, prestando atenção na sua respiração ou com exercícios de meditação, para que o aluno torne-se mais sensível e consciente da prática que irá vivenciar. Logo a seguir, apresenta-se a proposta artística da atividade, com consígnia sobre a técnica artística que será utilizada. Este é o momento em que deixamos a imaginação fluir, utilizando os mais diferentes materiais: tinta, argila, recorte e colagem, lápis de cor, giz de cera, canetinhas, lantejoulas, purpurina, sucatas, etc. Estes serão os instrumentos para que cada aluno possa expressar-se, criando um movimento interno e externo que promoverão o autoconhecimento e a reflexão sobre seus conflitos e interesses. Para fechamento cada aluno mostra a sua criação e fala um pouco sobre ela, refletindo sobre os significados que a sua obra expressa para ele. É importante ressaltar que não existe uma avaliação



da obra em si, mas sim dos significados que ela expressa para cada aluno-artista, que possivelmente representará o seu estado emocional momentâneo. O foco principal do trabalho é o autoconhecimento, a consciência das suas emoções e de seus sentimentos, o fortalecimento da autoestima positiva e a reconstrução da qualidade de vida. No ambiente escolar o foco da Inclusão está na área intelectual/cognitiva e na área física, deixando as emoções no campo do esquecimento. As oficinas arteterapêuticas na SIR permitem um resgate deste importante material: o emocional. Essas oficinas oportunizam a expressão das angústias e dos conflitos dos alunos através da arte e potencializa a resiliência dos mesmos frente às questões escolares que enfrentam referentes à Inclusão/exclusão que permeia suas vidas.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Inclusão; Arteterapia.



MAPA ASTROLÓGICO E ARTETERAPIA ENQUANTO CAMINHOS COMPLEMENTARES PARA AMPLIAÇÃO DE CONSCIÊNCIA

Valéria Gonçalves da Cruz Monteiro - UNIP

7valmonte7@gmail.com

RESUMO: Este trabalho apresenta a experiência de se utilizar Arteterapia e Astrologia como ferramentas complementares para ampliação de consciência. A astrologia, através do mapa natal, ao trazer à luz da consciência do indivíduo suas tarefas e dificuldades, bem como suas fortalezas e ferramentas para que elas se transformem em energia potencial de cura, aprendizado e crescimento interior, torna-se um importante canal entre inconsciente e consciente podendo ser efetivo suporte ao processo de individuação. Já a arte é um mergulho cego no reino de todos os potenciais que permite acessar símbolos. A Arteterapia é a ferramenta ideal para direcionar este processo integrativo entre arte e astrologia, ela, aplicada em acordo com os temas das casas astrológicas e dentro dos princípios da boa prática, poderá contribuir para o entendimento da jornada, os caminhos trilhados no mapa natal de cada participante, o reconhecimento do modus operandi, suas dificuldades e fortalezas, das tarefas e as bagagens, dos bloqueios e desvios. Os resultados advêm do trabalho de conteúdos expressos, mostrando possíveis caminhos para a energia psíquica e os símbolos que surgirem com objetivo de trazer tomada de consciência e aceitação, mudanças de padrão, reforço de autoestima e o sentimento de pertencimento e identidade, saúde, equilíbrio e bem-estar. Neste relato o percurso de um projeto em Arteterapia aplicado a um grupo de sete indivíduos adultos, plenos em capacidade e inseridos em sociedade dispostos a trilhar o caminho do autoconhecimento. Foram desenvolvidas quatorze atividades em Oficinas de Criatividade que aliam a simbologia arquetípica das casas astrológicas com os temas de autoconhecimento, correlacionados a elas, aos materiais e recursos arteterapêuticos com o propósito de gerar reflexão sobre quem é o indivíduo, como atua em sociedade e onde se encontra em sua jornada pessoal. As oficinas foram elaboradas tendo como base as doze casas astrológicas e suas correlações energéticas baseadas no eletromagnetismo. Foram considerados os elementos, os chacras, os temas, os conflitos duais, os eixos alquímicos, tanto para a escolha das atividades quanto para os materiais empregados. Resultou em autoconhecimento, auto percepção, mudança de atitudes frente a situações de vida e fortalecimento de autoestima. Face aos resultados significativos este trabalho apresenta a possibilidade da utilização de Arteterapia e Astrologia como ferramentas complementares para ampliação de consciência.



PALAVRAS-CHAVE: Arteterapia; Astrologia; Consciência; Autoconhecimento.



DESATANDO OS NÓS DA VIDA PARA O AUTOCONHECIMENTO

Áurea Mafra Silva - UNIVALI

aureamafrasilva@gmail.com

Juliana Vieira De Araújo Sandri - UNIVALI

RESUMO: O envelhecimento da população brasileira apresentou, nas últimas décadas, um rápido crescimento, fenômeno este, que atinge todas as classes sociais, tornando-se um grande desafio para as políticas sociais. Promover a saúde e o autoconhecimento na maturidade envolve ações práticas que estimulam sentimentos de responsabilidade sobre as experiências que cada um desenvolve no seu viver. **Objetivos:** Descrever e aplicar dinâmicas arteterapêuticas que auxiliem no desenvolvimento do autoconhecimento em adultos na maturidade; analisar as dinâmicas aplicadas que contribuem para o autoconhecimento. **Material e métodos:** este trabalho é parte da dissertação de mestrado apresentada à Universidade do Vale do Itajaí, para obtenção do título de Mestre em Saúde e Gestão do Trabalho, cuja pesquisa foi realizada com alunos do Univida (Universidade da vida), um curso Superior de Extensão da Universidade do vale do Itajaí (UNIVALI) voltado para adultos acima de 40 anos, independentemente do nível de escolaridade e tem como objetivo promover o envelhecimento saudável e a ação voluntária. A coleta de dados ocorreu no segundo semestre de 2015 e teve como base as produções artísticas e as falas dos interagentes durante a realização de oficinas e, também, nas respostas das entrevistas obtidas na aplicação de um roteiro pré-estruturado, objetivando reconhecer junto aos participantes se as dinâmicas (oficinas) aplicadas contribuíram (ou não) para o autoconhecimento favorecendo a promoção da saúde. Os dados foram apresentados de modo descritivo na dinâmica de Arteterapia realizada nas oficinas refletindo sobre cada tema com enfoque para o auxílio do desenvolvimento do autoconhecimento, utilizando o sistema de categorização (classificação). No presente trabalho será abordado uma das categorias apresentadas na dissertação, denominada “Desatando os nós da vida para o autoconhecimento”. Este estudo ocorreu dentro dos padrões éticos, conforme o que determina a Resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 466/12 sobre pesquisa envolvendo seres humanos e a pesquisa foi inscrita no SISNEP como o CAAE: 47425215.0.0000.0120 e submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da UNIVALI obtendo a aprovação com o número do parecer: 1.177.938, em 14/08/2015. **Resultados:** Na apresentação do tema, “Desatando nós”, objetivou-se potencializar e promover o autoconhecimento. Cada interagente foi convidado a representar sua vida e seus “nós”, através da arte pictórica em uma folha, partindo do eu (no centro)



para as relações afetivas (à esquerda), familiares (abaixo), sociais (acima) e profissionais (à direita). A meta desta oficina foi oportunizar um instrumento para identificar e desatar estes “nós”, em que cada interagente pode dar sentido a sua obra. A família aparece como centro dos “nós”; contudo, a espiritualidade auxiliou no fortalecimento e na sua superação, inclusive, tendo o próprio grupo como apoio emocional. Considerações finais: A relação afetiva dentro de um grupo social é própria da natureza humana, servindo como instrumento para troca de experiências, cujo objetivo é a constante busca da paz interior e, conseqüentemente, a harmonização pessoal dentro do meio, especialmente no núcleo familiar. Desse modo, esta prática integrativa nos auxilia no autoconhecimento e no desenvolvimento de instrumentos que possam orientar os desafios que a vida nos impõe.

PALAVRAS-CHAVE: Envelhecimento; Qualidade de Vida; Terapia pela Arte.



A ARTETERAPIA COMO SUPORTE TERAPÊUTICO COMPLEMENTAR EM PROGRAMA DE INSERÇÃO SOCIAL NA ONG UNILEHU, CURITIBA – PR

Mariel Terezinha Wanderley Granato - UNILEHU

marielgranato@LZA.com.br

RESUMO: Este resumo tem como finalidade apresentar a experiência inovadora da aplicação da Arteterapia como suporte terapêutico complementar a um grupo de quatro pessoas, variando a faixa etária entre 32 anos a 54 anos, sendo três homens e uma mulher todos participantes do “Programa Mais Eficiência”, desenvolvido pela UNILEHU – Universidade Livre para a Eficiência Humana - ONG sediada em Curitiba, Paraná. O “Programa Mais Eficiência” tem como objetivo qualificar e incluir pessoas com deficiência no mercado de trabalho. Os objetivos trabalhados nesta experiência arteterapêutica, norteiam necessidades terapêuticas prementes dos participantes, nos quais se encontram pessoas com deficiência neurológica, visual parcial, intelectual e do espectro autista, visando auxiliá-los em sua inserção no desenvolvimento da empregabilidade. A construção do processo arteterapêutico realizado pelo grupo em questão tem por base os objetivos de promover a autoestima, desenvolver a autonomia, despertar a autopercepção, possibilitando destravamento emocional, melhorando a comunicação e a expressão verbal e motora, resultando na diminuição da ansiedade e no aumento da autoconfiança. No decurso metodológico de sua realização, são utilizadas diferentes práticas criativas, envolvendo técnicas de modelagem, desenho, pintura, tecelagem, construções com sucata, recorte e colagem, expressão corporal, música, leitura de contos e mitos, teatro de improviso, produzindo composições com materiais diversificados, como: tinta, lãs, pedras, papéis, lápis de cor, giz cera, revistas, cola colorida, peças de bijuteria, argila, atadura gessada, tecidos, dentre outros materiais plásticos. O acompanhamento do grupo teve início no mês de maio de 2017, estando em continuidade até o presente momento, realizando-se em sessões semanais, cada uma com duração variando de 50 (cinquenta) minutos até 1 (uma) hora e 30 (trinta) minutos. O tempo de realização varia de acordo com a proposta prática criativa realizada na sessão, considerando os níveis de comprometimento de cada participante em suas características de assimilação intelectual e condição motora. No decorrer deste período pode-se observar até o momento, que a aplicação da Arteterapia por meio de seu processo terapêutico, vem apresentando resultados satisfatórios. Estes resultados estão sendo demonstrados por todos os participantes quanto ao alcance dos objetivos iniciais, sendo que dentre os participantes do grupo, a pessoa com deficiência visual parcial, recebeu liberação do acompanhamento por ter atingido



os objetivos buscados quanto ao equilíbrio emocional, elevação da autoestima, retornando às suas atividades profissionais. Outro participante, com deficiência intelectual recebeu liberação do acompanhamento arteterapêutico por ter percebido melhora quanto à autonomia, autoestima e autoconfiança, superando a ansiedade excessiva, atingindo seu equilíbrio emocional. Os demais estão em processo de contínua evolução, especialmente quanto à autonomia e equilíbrio emocional. Assim, pode-se concluir que a proposta inovadora da aplicação da Arteterapia, realizada pela profissional arteterapeuta credenciada pela APAT- Associação Paranaense de Arteterapia, nas dependências da UNILEHU, sinaliza resultados positivos, ratificando a eficácia do processo arteterapêutico como suporte facilitador na inserção de pessoas com diferentes deficiências, no contexto de sua vida social, profissional e familiar, tornando-se reconhecidos como cidadãos ativos na sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Arteterapia; Autoestima; Ansiedade.



“A ESSÊNCIA DO BEIJA-FLOR”: O PERCURSSO CRIATIVO DE ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE RUA

Carolina de Carvalho Santos – Arteterapiabh

carol03carvalho@gmail.com

RESUMO: No primeiro semestre de 2018, foram realizadas sete oficinas de arteterapia com os adolescentes do Projeto Coração da Terra, este projeto visa trabalhar a temática da Educação Ambiental com adolescente em situação de rua. Os adolescentes são atendidos por um serviço de proteção de média complexidade, para crianças e adolescentes em situação de rua. As oficinas de arteterapia tiveram como objetivos inicialmente estimular a ampliação da criatividade dos adolescentes. Por meio das oficinas de arteterapia trabalhamos como tema norteador: “A Essência do Beija Flor” e os aspectos simbólicos de sua representação. Durante este período, trabalhamos os quatro elementos da natureza: água, fogo, ar e terra, utilizamos modalidades expressivas relacionada com os elementos. Por meio das oficinas de arteterapia buscamos promover espaços de escuta, reflexão e elaboração de questões subjetivas a partir das construções expressivas. Tivemos como desafio o curto espaço de tempo das oficinas. No entanto, identificamos que é possível estimular a ampliação da criatividade, a apropriação ao espaço de atendimento/acolhimento da instituição, e para reconstrução de vínculos com os funcionários do espaço. Compreende -se que a arteterapia possa ser utilizada em ações/atividades institucionais com grupo de adolescentes em situação de rua.

PALAVRAS-CHAVE: Criatividade; Arteterapia; Adolescentes.



**A ARTE DO PALHAÇO NO CONTEXTO HOSPITALAR SOBRE AS INTERAÇÕES DO
GRUPO “ESPECIALISTAS DA ALEGRIA” NO HOSPITAL ONCOLÓGICO ERASTO
GAERTNER, CURITIBA – PR**

Cleonice Soares de Sales - HEG - EA

cleo.sales@gmail.com

RESUMO: Todos sabem que um hospital concentra um número alto de pessoas que estão em momento de fragilidade emocional, quer porque internados para tratamento, ou porque são os familiares que acompanham o paciente, igualmente preocupados. Para o profissional arteterapeuta que atua neste contexto, o olhar é de acolhimento. E, para este resumo, focaremos na atuação dos “Especialistas da Alegria”, grupo que trabalha com a figura do “palhaço” para viabilizar vivências terapêuticas pontuais com este público difuso. O Grupo Especialistas da Alegria foi fundado no ano de 2012 por Jefferson Bertoldi, Regiane Menin e Rosenir Gonçalves. Atualmente é composto por 14 (quatorze) palhaços com formação profissional compatível (bacharel em artes cênicas, Arteterapeutas, Psicólogos, Pedagogos, entre outros) e atua exclusivamente no Hospital Erasto Gaertner em Curitiba/PR, referência nacional no tratamento de câncer, fazendo intervenções quatro dias por semana. No final deste ano, o grupo completará cento e noventa e nove dias de atuação, com uma abordagem média de cinquenta e sete mil e seiscentas pessoas. Mas, afinal, o que faz um palhaço no hospital? O objetivo do projeto é contribuir com o fortalecimento do afeto dentro do ambiente hospitalar e, através da figura do palhaço, promover o riso e o aumento da autoestima dos pacientes em tratamento oncológico, acompanhantes e colaboradores. As vivências são norteadas pela necessidade de apoio emocional de pacientes e acompanhantes, consideradas terapêuticas. Enquanto atuam os palhaços, são observadas todas as pessoas no contexto, ou seja, pacientes, acompanhantes e colaboradores. As interações visam fortalecer o sentido da vida, os laços familiares e afetivos, assim como o relacionamento intra e interpessoal entre todos os sujeitos envolvidos no ambiente em questão. O palhaço não está no hospital apenas para fazer as pessoas rirem, mas para oportunizar o diálogo e a expressão de sentimento, compartilhar sonhos, desejos, histórias e angústias. No momento da fragilidade emocional, um abraço é sempre muito bem vindo, e uma conversa com o casal onde um está enfermo e o outro sem chão, acolher mães que perdem seus filhos e filhos que perdem suas mães, são interações que renovam e fortalecem a harmonia, o diálogo, a afetividade, o equilíbrio emocional, o sorriso e a esperança, tão necessárias para quem a vida colocou diante da adversidade. Para as



interações, os palhaços se utilizam de recursos simples, de materiais lúdicos, expressão corporal, música e jogos teatrais. Porém, um dos recursos mais procurado e esperado, são as mensagens, e há muitos relatos do quanto as mensagens ajudam na construção do acreditar que tudo vai dar certo. O grupo pode atuar em todo o contexto do hospital: priorizando os quartos aonde não existe risco de contaminação, no setor de quimioterapia, radioterapia e U.T.I. Após cada atuação os especialistas se reúnem para conversar sobre aquele dia, e um especialista registra em relatório os momentos que mais marcaram ou que sobressaíram nesta atuação. Também são registrados os relatos que agradecem por terem tido a oportunidade de dizer ao outro o quanto o amava, o quanto era importante estarem juntos, pelo encontro, mensagem ou pelo abraço daquele dia. Em outros momentos não tem palavras, apenas lágrimas e um abraço. Por fim, os especialistas também fazem suas próprias reflexões, na forma de resposta a uma pergunta simples: porque valeu a pena eu estar aqui hoje? Estes relatórios discriminam, em detalhes e em casos concretos, o “bem terapêutico” que a arte do palhaço oferece àquele contexto, e que de fato existe uma transformação positiva tão visível quantos os sorrisos e a luz de cada olhar. Dentro dos objetivos da intervenção arteterapêutica, o resultado desta atuação é muito positiva, hábil para amenizar a dor, perfeitamente adequada e fundamental dentro do contexto hospitalar.

PALAVRAS-CHAVE: Palhaço; Hospital; Oncologia.



LIVRE CRIAÇÃO: ARTETERAPIA E O MÉTODO DA DRA. NISE DA SILVEIRA

Mariana Lorenzet Florian - UVA

mariana.florian@gmail.com

Débora Coelho Lucas - UVA

Leandro da Costa Santos - UVA

Elizabeth Cristina Cotta Mello - UVA

RESUMO: Seria possível trabalhar com os princípios da Dra. Nise da Silveira numa Arteterapia em grupo com não-psicóticos? É a isso que nos propusemos experienciar com o Grupo Arteterapêutico Livre Criação. Tendo fundamentado nossa prática a partir do trabalho da psiquiatra, o grupo foi formado, porém, com uma clientela diferente e em outro contexto - uma pequena sala de atendimento e 25 sessões. À nossa disposição, além de materiais de desenho, pintura e modelagem, materiais para mosaico e a expressão vocal. Tendo por objetivo oferecer atendimento arteterapêutico para adultos e o intuito de favorecer a emergência de símbolos através da livre criação, tivemos por fundamento principal o método de trabalho desenvolvido pela Dra. Nise da Silveira no, então, Centro Psiquiátrico Pedro II. Constatando a quase inexistência da prática da livre criação na Arteterapia voltada para não-psicóticos e em grupo, este trabalho se apresenta como relevante e inovador, uma vez que permite a ampliação das possibilidades práticas e teóricas neste campo. A espontaneidade da criação - ou livre criação, como denominamos - se configura como um princípio do trabalho da psiquiatra. O que se cria, nestas condições, passa a atender as necessidades da própria alma. Para além de uma perspectiva meramente comunicativa, as imagens que surgem das profundezas da psique, ricas em símbolos, não apenas expressam os conteúdos da vida interna do cliente, mas também despotencializam sua força avassaladora, como se podia ver no caso dos psicóticos, e, sobretudo, transformam. Entendemos que a Arteterapia, em sua dimensão de arte - portanto, de criação -, deve, essencialmente, possibilitar que a imaginação, a atividade criativa da psique humana, se materialize, tome forma, se realize. Nesse sentido, a livre criação, ao não restringir a imaginação a uma orientação ou conduta externa, alheia a ela própria, permite que a fantasia brote em sua força criadora sob as exigências, unicamente, da própria imaginação, aproximando o cliente, sob o ponto de vista terapêutico, de uma experiência que lhe seja muito mais significativa, porquanto necessária. Buscamos, assim, favorecer a espontaneidade, ser aquilo que se é verdadeiramente, o que quer dizer, em termos psicológicos, mover-se no e a caminho do processo de individuação. Praticamente todo o trabalho foi desenvolvido com uma única consigna,



“criar livremente”, seguida das adaptações necessárias para se trabalhar com clientes não-psicóticos e em grupo. Os materiais disponibilizados foram baseados nas principais oficinas criadas por Nise da Silveira, pintura, desenho e modelagem: grafite, lápis de cor, hidrocor, giz de cera, pastel oleoso, pastel seco, aquarela, cola, tesoura, guache e argila. Foram ainda incluídos impressos para colagem, materiais para mosaico e a expressão vocal, por fazerem parte do processo criativo dos terapeutas. Por se tratar de um grupo de livre criação, nos perguntamos inicialmente se iríamos acompanhar o percurso individual dos clientes ou se poderia surgir um tema comum ao grupo. Ao longo das sessões, percebemos alguns temas comuns, até que a manifestação do arquétipo do Curador Ferido na figura do Orixá Omulu se impôs. Esta sincronicidade, passível de se observar em grupos junguianos, nos levou a questionar a respeito da existência de um Self Grupal, e elaborar uma proposta para encerramento. Apesar das diferenças entre o trabalho desenvolvido pela Dra. Nise da Silveira e o nosso no Grupo Arteterapêutico Livre Criação, temos clareza de que simplesmente transpor o método da psiquiatra para outro contexto seria uma ação inócua. A busca por estruturar uma prática arteterapêutica para não-psicóticos e em grupo que se fundamente em seu trabalho é tarefa desafiadora e inacabada, mas que demonstrou ser possível de ser realizada e efetiva na capacidade de transformação dos clientes, assim como dos próprios arteterapeutas.

PALAVRAS-CHAVE: Arteterapia; Nise da Silveira; Livre Criação.



ARTETERAPIA E PATCHWORK: UMA TESSITURA APLICADA NA REABILITAÇÃO

Márcia Gallo De Conti - AACD

mconti@aacd.org.br

RESUMO: A transformação corporal decorrente de uma lesão física invasiva traz impactos na autoimagem podendo resultar no rebaixamento da autoestima. Fatores como fragilidade, solidão e dependência interferem na maneira como o sujeito se relaciona consigo próprio e com o mundo. Propor a reconstrução da autoestima constitui-se numa perspectiva que contempla o respeito, o amor e a crença em si mesmo. O trabalho com grupos de mulheres baseia-se nos pilares, da Arteterapia, o Patchwork e Reabilitação. O Patchwork é um trabalho artístico que une retalhos em tecidos e promove uma tessitura pessoal pelo viés da costura e dos Contos. A construção coletiva de um Panô com mulheres pós-lesão vislumbra auto percepção diante das habilidades pessoais oferece uma modalidade inventiva com os tecidos, auxiliando um percurso linear entre a costura e a reabilitação na AACD (Associação Assistência à Criança Deficiente). Este projeto promove a construção e desconstrução de partes trazendo possibilidades de ações como acolher, imaginar, compartilhar, resgatar, dividir e criar, reconhecendo as singularidades e a ressonância individual nas produções simbólicas. O objetivo é contribuir para a melhora da autoestima de pacientes com deficiência física no âmbito da reabilitação. Os materiais utilizados são: tecidos de algodão com estampas variadas, tesouras para tecido, cortadores para tecido com lâmina circular, papel termocolante, cola de tecido, caneta para tecido preta, lápis para tecido branco e vermelho, agulhas manuais, agulhas para máquina de costura, lantejoulas e canutilhos de cores variadas. Os grupos são compostos de 3 a 5 pacientes mulheres em processo de Reabilitação das clínicas de Amputados, Lesão Encefálica Adquirida (LEA) e Poliomielite. Os critérios de exclusão, déficit visual grave que impeça o desenvolvimento das atividades manuais, comprometimento de membro superior que impeça o desenvolvimento de atividades manuais (como amputação em MMSS, hemiplegia ou hemiparesia grave), instabilidade clínica. O projeto contemplou 4 grupos de mulheres sendo 16 pacientes beneficiadas pelo processo de experiências coletivas. Na análise das produções dos Panôs foram compreendidos os medos, expectativas, conflitos e emoções, assim como a aprendizagem deste tecer possibilitou a manipulação das texturas, tesoura, linhas e agulhas, de forma adaptada, porém livre reinventando as possibilidades. Compartilharam momentos vividos antes e depois da lesão. Os tecidos e os contos reverberaram parte da abstração e organização interna e cognitiva, proporcionaram a busca para novas estratégias na descoberta de habilidades e enfrentamento. Ao salientar que o



Patchwork acontece com adversidades, teceu-se as diferenças. Texturas, estampas, cores, costuras, dentre outras vivências, os grupos intensificaram a liberdade de compor. Desenvolveu-se uma manifestação interna singular onde a emenda também se faz de dentro para fora, o que se viu foram costuras internas numa amostragem artística revelada e enriquecida.

PALAVRAS-CHAVE: Arteterapia; Patchwork; Autoestima; Contos; Reabilitação.



ARTETERAPIA E AUTISMO: O SER E A ARTE

Patrícia Feijó Evangelista Winck - ACAT

patriciawinck@gmail.com

RESUMO: O foco central desse trabalho inovador é protagonizar atendimentos arteterapêuticos para pessoas com Transtorno do Espectro Autista-TEA. Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais-DSM-V, o TEA caracteriza-se por comprometimento na comunicação e interação social e comportamentos restritos e repetitivos, em vários contextos sociais, cuja gravidade varia nos níveis: leve, moderado ou severo, com ou sem comprometimento intelectual. Para acolher a pessoa com TEA, em suas especificidades, uma vez que cada indivíduo apresenta peculiaridades, intensidades emocionais, corporais, sensoriais e/ou psicomotoras próprias, faz-se mister oportunizar um espaço que permita a pessoa vivenciar seu potencial criativo, emocional, sua auto expressão genuína, possibilitando o desenvolvimento da linguagem e comunicação visando a interação social nos mais diversos contextos. Em outras palavras, a Arteterapia favorece o desabrochar do indivíduo, daquilo que lhe compõe, em oposição às características diagnósticas que lhes imputam, pois, o olhar e o fazer encontram-se no mundo das possibilidades e essas, no setting terapêutico da Arteterapia. A presente pesquisa baseia-se no estudo de caso de uma criança, de cinco anos, não verbal, diagnosticada dentro do TEA, atendida, no período de 09/2016 a 12/2017, na Clínica de Aprendizagem e Espaço Terapêutico em Palhoça, Santa Catarina. Os dados foram coletados e registrados por sessão e analisados durante todo o período citado, incluindo também, a intervenção e acompanhamento da mãe. Durante o período realizaram-se 43 atendimentos, de 50 minutos cada. Os encontros semanais privilegiaram o acolhimento/desenvolvimento de vínculo afetivo e a liberdade de escolha de materiais e ação, estimulando assim as funções executivas, permitindo o estado de fluidez e a consequente emergência de expressões simbólicas. Para as sessões foi realizado um planejamento detalhado e com estratégias específicas de trabalho. A “Mala Mágica” era composta por materiais artísticos tradicionais como: tinta guache e pincel; giz pastel; argila; e outros materiais tridimensionais, criteriosamente pensados. M. chegou por sua mãe. Sua rotina de estimulação multidisciplinar compreendia outras cinco terapias. Apresentava estereotípias, atraso de desenvolvimento, alimentação seletiva, irritabilidade, dificuldade de interação e comunicação, ainda chorava muito ao realizar algumas terapias de rotina. Segundo a mãe era importante que ele tivesse momentos de alegria, pois gostava muito de pintar, encontrando essa possibilidade na Arteterapia. Já na primeira sessão, entregou-se ao momento, permanecendo sozinho,



sem a presença da mãe, para sua surpresa, já que nas outras terapias, o período de adaptação foi superior a três meses. Iniciou o processo arteterapêutico escolhendo giz pastel oleoso, mas, na evolução do trabalho, passou a querer a tinta com pincel, mas preferencialmente com as mãos e eventualmente, com os pés. Com as expressões artísticas, foram despontando os símbolos, sua leitura simbólica e transdisciplinar. Assim, emerge o beija-flor, a árvore e o menino. As questões foram pontuadas conforme os símbolos surgiram, as avaliações acolhidas e as intervenções realizadas. Inicialmente M. demonstrou muita alegria em estar presente nas sessões de Arteterapia. Sua atenção e foco eram pequenos, onde seu estado desatento foi identificado no símbolo emergente. A necessidade de uma atividade corporal era premente, sendo acolhida e realizada. Seus resultados foram evidentes em todos os contextos. Na escola, seus ganhos foram gradualmente crescentes, tanto em seus processos cognitivos, quanto na comunicação e linguagem e, conseqüentemente na sua interação social. Em sua autonomia e independência, adquiriu controle total dos esfíncteres, inclusive utilizando o vaso sanitário, evidenciando assim, grande avanço frente as suas limitações. M. passou a reconhecer o caminho da clínica, tirando seus tênis e meias ainda no carro ao chegar ou comunicando com o olhar o seu desejo e prazer de estar ali, ao passar próximo ao local. O processo arteterapêutico criou oportunidade de M. mostrar-se comprometido ao seu criar, entregando-se às cores, nuances e matizes, refletindo seu estado emocional. O último símbolo surgiu revelando a presença de amadurecimento e crescimento emocional e avanços significativos no seu desenvolvimento. Os resultados apresentados nesse estudo evidenciaram a importância e contribuições da Arteterapia para a pessoa com TEA. Estar com M. permitiu essa descoberta possível e Feliz!

PALAVRAS-CHAVE: Arteterapia; Autismo; Desenvolvimento; Aprendizagens.



ARTE REABILITAÇÃO: O TEATRO COMO LINGUAGEM EXPRESSIVA NA REABILITAÇÃO COGNITIVA

Tania Cristina Freire

tania-freire@uol.com.br

RESUMO: A arteterapia, com foco na reabilitação (arte-reabilitação), trabalha diversas formas de expressão artística, desenvolvendo potencialidades sensório-motoras, além das perceptivas, cognitivas e simbólicas. A arte favorece a expansão do pensamento, dos sentimentos, dos valores, presentes nas formas mais variadas de representação. Dentre as linguagens artísticas empregadas na arteterapia está a linguagem cênica, o Teatro, esta linguagem favorece o encadeamento de ideias e fatos, favorecendo sequenciamento temporal, percepção e explorações espaciais, expressão de sentimentos, estímulo a linguagem e percepção corporal. O objetivo deste trabalho é apresentar o uso das linguagens cênicas em atividades com pessoas com deficiência física e idosos, como recurso para o estímulo cognitivo e social. Como metodologia foram utilizados os exercícios de Viola Spolin, baseado em atividades de improviso, atividades de voz e corpo. Analisando o discurso dos participantes dos grupos. Verificou-se nos grupos atendidos aumento da socialização dos participantes, o que contribuiu para a diminuição da timidez e aumento de autoconfiança, proporcionando a abertura para novas experiências. Concluímos que a linguagem cênica favorece no processo de reabilitação em diferentes contextos, sendo um recurso importante no processo de reinserção social e estímulo cognitivo.

PALAVRAS-CHAVE: Terapia pela Arte; Relações Interpessoais; Pessoas com Deficiência; Idoso.



METÁFORAS - SEMENTES QUE CURAM

Joeliete Vitória de Matos

jovitoria.matos@gmail.com

RESUMO: Faz parte da natureza humana a prática de ouvir, contar e recontar histórias por meio de mitos, lendas, parábolas, fábulas, contos e cordéis. E através de séculos, variadas figuras de linguagem são empregadas na produção desses gêneros literários, a exemplo da metáfora, para tornar o vocabulário mais expressivo e provocar o entendimento de um evento por meio de outros. Estas narrativas tem o dom de captar a atenção de diferentes plateias, e devido a sua força na emissão de mensagens, passaram a ser utilizadas em contextos terapêuticos e educacionais. É inegável o valor dessas histórias no desenvolvimento humano, pois ao apresentarem temas pertinentes com a realidade, conduzem pessoas a refletirem sobre sua existência. O resultado positivo dessas narrativas, tem levado diversos profissionais a conceberem seus próprios contos com fins terapêuticos, designados simplesmente por metáforas, em correspondência ao recurso de linguagem de mesma denominação. Devido ao seu potencial de comunicação indireta, nota-se com frequência, a inserção deste gênero literário em palestras e seminários, bem como na divulgação de ideias em perfis e mídias sociais. Sendo assim, a comprovação de que a metáfora é um recurso aplicável e que traz resultados positivos, serviu de inspiração para esta apresentação, que tem por objetivo, estimular o exercício de criação de contos eficazes e incentivar a sua aplicação para beneficiar um maior número de pessoas em diferentes contextos. É bom ressaltar, que não basta contar qualquer história, somente uma boa analogia com a realidade do ouvinte mobiliza emoção e provoca uma avaliação. Para atender a esta finalidade, esta exposição está organizada em três segmentos. O primeiro engloba as etapas de criação de metáforas, desde a coleta de informações do indivíduo e a escolha de analogias apropriadas, até a sugestão de desfechos positivos da história, que impulsionem a pessoa a fazer contato com os seus recursos internos para solucionar a sua questão. Este percurso será exemplificado, através da relação de paridade estabelecida entre a situação problema de um estudo de caso e a criada para uma história. O segundo bloco perpassa pelas recomendações na aplicação de metáforas no contexto terapêutico, desde a relação de confiança e segurança, bem como da necessidade de acompanhamento durante todo o momento da narrativa. Importante ressaltar, também o que não é recomendado nestas intervenções e que o êxito ou efeitos indesejados dependem da analogia do tema e do personagem escolhidos. O último segmento aborda sobre experiências de criação de histórias em dinâmicas coletivas, onde os participantes são



organizados em grupos e estimulados a desenvolverem seus contos a partir de situações específicas. O compartilhamento entre pessoas com mesmo objetivo, cria um campo fértil para a criação, por isto, após a leitura dos textos, é aconselhável a troca de ideias e sugestões de outras analogias e de contextos possíveis para a sua utilização, bem como de possibilidades de amplificação do conteúdo trabalhado. O resultado esperado desta palestra é estimular a prática da criação de metáforas e revelar, através do seu uso, novas possibilidades de resgate dos recursos internos de cada indivíduo, pois, grandes mudanças podem acontecer cada vez que o ser é tocado na emoção por sua própria história. E dessa forma, podemos refletir que cada profissional torna-se um semeador, assim como cada metáfora é uma semente com potencial de cura e tempo certo de semear, germinar e frutificar.

PALAVRAS-CHAVE: Metáforas; Contos; Histórias; Analogia.



A ARTETERAPIA E O TEATRO COMO AUXÍLIO PARA O DESENVOLVIMENTO DA IDENTIDADE DO ADOLESCENTE SUPERDOTADO

Beatriz de Avila Moiana Sampaio - ITECNE

beatriz.moiana@gmail.com

Karina Inês Paludo - ITECNE

RESUMO: A identidade humana compreende a inter-relação da percepção que a pessoa tem de si como também o modo como o outro a percebe, o que influencia diretamente na forma como o sujeito atuará no mundo. Ao superdotado - indivíduo que apresenta potencial/desempenho em um nível superior ao que se espera para sua faixa etária - torna-se de vital importância questões de autopercepção, visto que uma de suas características mais frequentes é a autocrítica, e esta pode ser negativamente afetada por metas irreais impostas por eles. Partindo do pressuposto da necessidade de se oferecer recursos e espaço para que o adolescente superdotado reconheça seus atributos e particularidades, construiu-se uma proposta de extensão universitária. Que se constitui de estratégias e técnicas da arteterapia, que possibilitam ao sujeito a externalização simbólica do inconsciente através do imaginário, possibilitando a compreensão de suas características. Com isso, oportuniza-se ao adolescente a construção positiva de “si mesmo”. O teatro, também adotado, acontece a partir da observação de si e do outro e, à medida que o indivíduo realiza a observação, também propicia a construção da percepção de si mesmo. Tal proposta tem sido aplicada a um grupo de 6 adolescentes formalmente identificados com altas habilidades/superdotação, participantes de uma sala de recursos localizada em Curitiba/PR. São realizados encontros semanais com 2 horas de duração. Em cada encontro são escolhidos temas para trabalhar com o grupo, a partir do interesse daqueles sujeitos. Para a escolha das técnicas teatrais, optou-se por trabalhar com o método do Teatro do Oprimido, de Augusto Boal (1996), que defende a teoria de que, constantemente, todos os indivíduos atuam, agem e interpretam suas vidas. Desta forma, busca-se incentivar os participantes para o levantamento de histórias reais para a criação das cenas propostas. Utiliza-se também do método de consciência dos movimentos de Moshe Feldenkrais (1977), na busca da ativação dos 5 sentidos (visão, olfato, tato, paladar e audição) e da memória corporal e afetiva dos participantes. Com isso, toma-se o conhecimento do corpo, das sensações e das lembranças vividas, onde o adolescente pode (re)validar e (re)conhecer sua identidade. Partindo do pressuposto de que a autoimagem está sempre em constante mudança, se transformando a cada nova ação, é possível que os adolescentes ressignifiquem a maneira que se autopercebem. Em relação à arteterapia, até o momento, foram



trabalhadas técnicas de desenho e de escrita criativa. Utilizando, respectivamente, técnica criada especificamente para o projeto e nomeada de “Crachá dos Símbolos”, que consiste na criação de um crachá pessoal onde o cliente desenha os símbolos que o representam ou que demonstram seu sentimento atual. Além disso, adotou-se a técnica do “Caderno do Eu”, na qual o adolescente, ao final de cada encontro, anota suas reflexões e percepções sobre o que foi trabalhado no dia. É perceptível o desenvolvimento de todos os participantes. Porém, um deles teve especial desempenho e resposta aos exercícios propostos. Durante alguns encontros “L” apresentou uma situação de conflito com o pai. Informações subjetivas que apareceram no seu “Crachá dos Símbolos”, no primeiro encontro, foram compreendidas durante o processo. Percebeu-se a reflexão sobre o caso e melhor aceitação por parte de “L”, que, atualmente, apresenta maior autoconfiança e interação com o grupo. Com isso, acredita-se que ao atuar ou assistir, é constante a percepção sobre quem se é e como se age. Constata-se que, com base na fala dos participantes do projeto, as intervenções têm permitido reavaliar as crenças e reestruturar elementos da identidade dos adolescentes superdotados.

PALAVRAS-CHAVE: Arteterapia; Altas habilidades/superdotação; Teatro; Identidade.



O EFEITO TERAPÊUTICO DA PRÁTICA ARTÍSTICA: PROJETO DE PESQUISA JUNTO AOS CAPS DE GOIÂNIA

Guilherme Henz Franco - UFG

ghenzfranco@gmail.com

RESUMO: O uso da arte com fins terapêuticos começou em princípios do século XX. No Brasil referências pioneiras são o trabalho dos psiquiatras Osório Cesar, a partir de 1925, e Nise da Silveira, a partir de 1946. Foi justamente a partir da segunda metade do século XX que a Arteterapia se consolidou como uma atividade profissional específica. Essa consolidação foi internacional, com criação de categorias de classe e cursos de formação específicos e, em alguns países, regulamentação legal do exercício da profissão. Atualmente, a Arteterapia é prática consolidada em consultórios particulares e nos CAPS (Centros de Atenção Psicossocial) brasileiros, assim como no resto do mundo. Nos CAPS são utilizados como serviços substitutivos ao internamento, no espírito do movimento internacional da Reforma Psiquiátrica. Estes serviços públicos têm sido um referencial importante na consolidação de práticas mais humanas e dignas no tratamento de transtornos mentais. Neste estudo, a nossa intenção é contribuir para o fortalecimento dos serviços públicos de Atenção à Saúde Mental. O objetivo geral de nossa pesquisa é entender como as práticas artísticas têm sido usadas, com fins terapêuticos, por profissionais no âmbito do serviço público da Atenção Psicossocial na cidade de Goiânia. Utilizamos a pesquisa bibliográfica com vistas a dar fundamento à posterior pesquisa de campo (observação participante e entrevistas), buscando também identificar e descrever os efeitos terapêuticos atribuídos à arte e, por conseguinte, à Arteterapia, e ainda compreender as perspectivas teórico-metodológicas que embasam a Arteterapia (segundo a Arteterapia e a Psicologia). A pesquisa bibliográfica até agora empregada tem sido efetuada em português, inglês e espanhol, nas plataformas Google, Sciencedirect, Indexpsi, Scielo e Pub-Med-MeSH, e também buscando as referências consideradas clássicas pelos arteterapeutas. Até o momento, mapeamos as origens dos fundamentos teóricos nas teorias Psicanalítica (Freud) e da Psicologia Analítica (Jung). Observamos que a partir da década de 1950, se acentuam também as produções bibliográficas específicas dos arteterapeutas, das quais trazemos as pioneiras publicações de Adrian Hill (1945), Margaret Naumburg (1947) e Edith Kramer (1958), bem como os exemplos mais recentes de Judith Rubin (2009), Caroline Case e Tessa Dalley (1992). Alguns dos arteterapeutas buscaram referenciar suas práticas em outras teorias psicológicas como, por exemplo, Humanismo, Gestalt, Existencialismo, Fenomenologia, Psicologia



Cognitiva e Positiva, mas a Psicanálise e a Psicologia Analítica ainda são as teorias mais comumente referenciadas. Por fim, nota-se incipiência, mas aumento na produção bibliográfica brasileira sobre o tema, bem como número relevante de publicações em inglês com mensurações empíricas do efeito da Arteterapia em diversas dificuldades, tais como: demência, ansiedade, depressão, isolamento social, além de eventos traumáticos como abusos e lutos. Dentre efeitos destacados, temos aumento da expressividade e da comunicação, aumento da consciência de si, revisão da identidade, minimização de aspectos negativos da doença mental, promoção de autonomia e protagonismo, elevação da autoestima e da confiança, coordenação das próprias emoções, aumento na sensação de bem-estar, melhora do humor, redução da dor e da ansiedade, aumento no senso de realização, estímulo à criatividade, ao enfrentamento e à solução de problemas, melhora da atenção, aumento da coordenação motora, aumento no senso de pertença e desenvolvimento de confiança na relação com o terapeuta. Notamos ainda que estudos com diagnósticos, gêneros e idades distintos sugerem que estes efeitos terapêuticos não se restringem a segmentos exclusivos, muito embora limitações físicas e mentais possam limitar o uso de técnicas específicas e em consequência diminuir ou anular sua eficácia. Estas são as conclusões parciais a que chegamos a partir da pesquisa bibliográfica, que continua em andamento. Para aprimorar os resultados, é necessário aprofundar-se, tanto na leitura das obras clássicas quanto dos estudos mais recentes. Esta pesquisa de Mestrado está sendo financiado pelo CNPQ e está sob orientação da Profa. Dra. Susie Amâncio Gonçalves de Roure.

PALAVRAS-CHAVE: Arte; Arteterapia; Reabilitação Psicossocial; Reforma Psiquiátrica.



A MANDALA COMO FORMA DE REINTEGRAÇÃO DO EU EM USUÁRIOS DO CAPS

Maíra Brêtas - CAPS II

mairabretas@gmail.com

RESUMO: A Arte é uma importante aliada no tratamento de pacientes esquizofrênicos e novos usuários CAPS (Centro de Atenção Psicossocial). Este trabalho pretende investigar a contribuição da Arteterapia em foco nas mandalas como forma de tratamento de pacientes psiquiátricos. São pessoas com transtornos mentais graves, em especial os que estão em situação de desinstitucionalização do Hospital Psiquiátrico Santa Lúcia, em Nova Friburgo, região serrana do Rio de Janeiro. O Hospital está para fechar a qualquer momento, e o CAPS II está recebendo pacientes para passar o dia, alguns com mais de 30 anos de internação. O objetivo deste trabalho é compreender o papel da criatividade como elemento fundamental na articulação da subjetividade do ser humano, e trabalhar as imagens originárias dos arquétipos constelados pelo dinamismo do processo psicótico, na atuação de confecções de mandalas de forma simbólica, na busca pela reintegração do EU, conscientização de recuperar algo de si, propiciar o convívio social e ajuda-los a exercer os direitos de cidadão. Essa reintegração foi feita através de uma oficina de Mandalas terapêuticas, utilizando vários materiais como CDs velhos, palitos de pirulitos, linhas coloridas, tintas, imagens de revistas, entre outros. Foi realizada com 6 desses novos usuários, fui mediadora da busca da autocura, na tentativa de criar uma forma dentro do caos, e tentar compensar a desordem interna. Este trabalho também vai abordar questões como a reforma psiquiátrica, a abertura de residências terapêuticas, a questões de pacientes de outros municípios, definições básicas de transtornos mentais, e como as Mandalas pode atuar em pensamentos e linguagens dissociadas de modo que a realidade externa resgate o sentido pragmático e marcando as etapas do processo de individuação desses pacientes. O hospital ainda não fechou, está sendo feito todo um trabalho para que seja fechado até dezembro deste ano. Estes pacientes irão voltar a residir com seus parentes ou os que são rejeitados pela a família em residência terapêutica. Estamos fazendo todo um trabalho para a reintegração destes pacientes no convívio social, e as mandalas têm apresentado uma melhora na coordenação motora fina, na atenção e controle de futuros surtos, aliados as medicações corretas e a todo o tratamento e apoio que o CAPS oferece a esses pacientes e familiares.

PALAVRAS-CHAVE: Mandalas; CAPS; Desinstitucionalização; Hospital.



A ARTE NO ENSINO DAS PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES NO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM DA UNIVALI - ITAJAÍ

Maria Denise Mesadri Giorgi - UNIVALI

denisemesadri@yahoo.com.br

Angélica Garcia Couto - UNIVALI

RESUMO: Trata-se de um relato de experiência sobre a prática pedagógica no ensino em enfermagem das Práticas Integrativas e Complementares (PICS). Elas contribuem para um resgate da cultura popular, incluindo diversos saberes e conhecimento que ultrapassa os milênios da civilização e agora retornam fortemente para o cuidado em saúde. As PICS estão ganhando destaque ao longo do tempo, desde que foram inseridas no serviço de saúde, e implementadas no processo de trabalho por diversos profissionais de saúde, possibilitando o alívio de dor, diminuição da ansiedade através de técnicas diferentes, utilizadas por profissionais capacitados, objetivando na qualidade de vida do paciente e melhora no processo de trabalho. As PICS foram inseridas em 2006 no SUS e agora em 2018, foram instituídas um total de 29 práticas. Para tanto, precisamos de profissionais preparados para atuar no cuidado em saúde, com o uso das PICS, uma vez que é recente sua aprovação, tem-se a necessidade premente de preparar muitos acadêmicos para esta atuação. O objetivo desse trabalho é fazer um relato de experiência com o ensino das Práticas Integrativas e Complementares no Curso de Graduação em Enfermagem da UNIVALI- ITAJAÍ. Foi realizado um estudo descritivo, por meio da reflexão da prática do ensino da disciplina de Práticas Integrativas e Complementares, realizada nas atividades de docente do Curso de Enfermagem da UNIVALI. A Disciplina é optativa, oferecida semestralmente desde 2008 e compõe a grade curricular do acadêmico de enfermagem. Para a atividade didática neste semestre, foram utilizadas diversas dinâmicas como: rodas de conversa, atividades artísticas como desenhos, pinturas em papel, uso de aromaterapia, uso da música instrumental em práticas de relaxamento, trabalhos em grupo com atividades de danças circulares, dentre outras. Durante o desenvolvimento da disciplina, as atividades foram preparadas para oferecer uma sensibilização do futuro profissional para o uso das PICS no cuidado em saúde e também no cuidado de si. Como futuros profissionais, os acadêmicos percebem o papel importante nas PICS, seja na promoção da saúde, que contribui para ações que possibilitam responder aos interesses e demandas da população objetivando a melhoria do nível de sua saúde, ou na disseminação da informação sobre as práticas, promovendo o conhecimento para a população acerca da finalidade dessa terapêutica. Em destaque para os enfermeiros(a), ou para o



aluno de graduação, uma vez que irá disseminar os conhecimentos e aplicar na assistência e no cuidado da população. Os acadêmicos informaram que após a realização da disciplina, passaram a cuidar mais de si e também no cuidado do outro de forma humanizada, mais integral. Eles informam que gostaram muito das dinâmicas, sentindo os seus benefícios, ficando mais relaxados. Para finalizar, um grupo de alunos explanou sobre a arteterapia e proporcionaram um momento impar quando todos fizeram desenhos com a mãos, utilizando tintas e papel. Representaram nos desenhos, a sua intencionalidade com o aprendizado, demonstrando muita alegria em vivenciar este momento. Usar dinâmicas e metodologias ativas em sala de aula que possibilitem aflorar sentimentos e emoções, sem dúvida mostra o caminho para a docência. Muito embora o tempo de curso desta disciplina tenha sido curto, mesmo assim, as atividades pedagógicas, proporcionaram um grande avanço. O uso das PICS possibilitam um cuidado integral do ser humano, equilibrando seu corpo, sua mente e seu espírito, entendendo como um ser único e seu equilíbrio ou desequilíbrio alteram seu estado de saúde. As abordagens das PICS, contribuem para a ampliação da corresponsabilidade dos indivíduos pela saúde, para que ele perceba seu papel no processo de cura. Este estudo pretendeu sensibilizar o acadêmico sobre a importância de inserir as práticas integrativas no processo de trabalho da enfermagem, em diversas áreas de atuação em saúde com um olhar ampliado sobre as PICS.

PALAVRAS-CHAVE: Práticas Integrativas e Complementares; Ensino de Enfermagem; Cuidado.



ARTETERAPIA E PSICOPEDAGOGIA: O MITO DO BOI DE MAMÃO CLAREANDO A ESCUTA POÉTICA DE UM JOVEM COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

Jandira Paes de Carvalho de Melo - Instituto Casa do Todos, São Paulo, SP

jandiracarvalho47@gmail.com

Lídia Lacava - Instituto Casa do Todos, São Paulo, SP

RESUMO: O presente trabalho é o relato de experiência dos atendimentos semanais realizados no Instituto Casa do Todos a um jovem de 22 anos com diagnóstico de Deficiência Intelectual. Na primeira sessão, ele manifestou o interesse em resgatar suas histórias de infância, especialmente o mito do Boi de Mamão, que conheceu por meio de seu avô paterno. O estudo do mito possibilitou a criação de um percurso criativo, utilizando recursos da Psicopedagogia no apoio à aprendizagem e das linguagens expressivas da Arteterapia, possibilitando um percurso de construção do Boi de Mamão, que vai do desenho passando pela modelagem em argila e finalizando com a técnica de papietagem, colagens e costura. Trabalhar com os mitos permite promover o autoconhecimento e o equilíbrio emocional, bem como o resgate da memória cultural e social ultrapassando fronteiras, uma vez que o mito do Boi de Mamão guarda tradições, memórias e identidades de diferentes regiões do Brasil. **Objetivos:** Percorrer um caminho arteterapêutico, proporcionando autoconhecimento, a expressão das emoções e o fortalecimento da autoestima. Facilitar o processo de aprendizagem por meio de atividades de leitura, de criação e de experimentações na construção do boi. Os materiais utilizados no trabalho são: argila, papel, tintas, papelão e tecidos. Trata-se de um relato de experiência realizado no Instituto Casa do Todos, Espaço de Cuidar por meio da convivência e das Artes, em sessões semanais com duração de 1h30min, com sensibilização, atividade expressiva e finalizando com comentários e escrita ou desenhos dos sentimentos no caderno artesanal. O processo apresenta resultados expressivos relacionados à melhora da atenção, da escrita e do cuidado com os materiais expressivos. Autonomia para pesquisa em livros sobre histórias e músicas relacionadas ao estudo das diferentes manifestações do Boi de Mamão, compartilhando com desenvoltura e alegria as descobertas. A experiência nesse trabalho tem mostrado a riqueza do percurso arteterapêutico, ampliado pelo olhar psicopedagógico, na realização de um projeto de criação contribuindo para ampliar o potencial criativo do sujeito, aprimorando seus talentos e conquista da autonomia.

PALAVRAS-CHAVE: Arteterapia; Psicopedagogia; Mito.



A ARTETERAPIA COMO RECURSO NA EXPRESSÃO DOS SENTIMENTOS DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

Isabela Meirinho - UNIVALI

isabela.gmeirinho@hotmail.com

RESUMO: A deficiência intelectual é caracterizada por significativas limitações tanto no funcionamento intelectual como no funcionamento adaptativo, que abrange habilidades sociais e práticas diárias envolvendo raciocínio, solução de problemas, aprendizagem, comunicação, responsabilidade social e independência pessoal. Dessa forma, a expressão efetiva de sentimentos aumenta a probabilidade de que as necessidades de uma pessoa sejam atendidas, por isso, diante dos obstáculos no desenvolvimento das habilidades sociais, mais especificamente nas interações sociais estabelecidas por pessoas com deficiência intelectual, destaca-se a arteterapia como um possível catalisador para promovê-las. A arteterapia estimula a imaginação, libera as manifestações de símbolos, trabalha a afetividade, a expressão criativa, trabalha com o ser humano em sua totalidade. Neste projeto foram desenvolvidas intervenções com dois grupos de alunos que frequentam a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais - APAE, localizada no município de Itajaí. Assim, o grupo, como um contexto propício, aliado aos recursos de expressividade proporcionados pela arteterapia, cria um ambiente favorável à aprendizagem de formas adequadas de expressão de sentimentos. No entanto, aprender a expressar os sentimentos de maneira apropriada pode proporcionar a inclusão da pessoa com deficiência intelectual nos diferentes contextos sociais. À vista disso, o objetivo desse trabalho é apresentar um relato de experiência de um estágio específico, com dois grupos de pessoas com deficiência intelectual que através da arteterapia expressaram seus sentimentos, revelaram a sua interioridade, seu mundo e a forma como cada um constrói a sua história e vivências. Contudo, na intervenção primeiramente foi realizado uma técnica de relaxamento conduzido para facilitar o processo de expressão com o grupo de alunos, posteriormente a pintura, uma vez que é uma forma de externalizar o que o indivíduo está sentindo, como uma forma de alívio. Destacou-se que tais práticas estimularam diversas funções e habilidades, uma vez que foram inseridas com o propósito de perceber as habilidades sociais e necessidades de cada sujeito e que as potencialidades simbólicas e criativas dos recursos técnicos artísticos são ativadas no processo criativo desenvolvido em arteterapia. Dessa forma compreende-se que esta ativação recorre à simbologia associada a cada material e que é significativa



mediante as necessidades expressivas e criativas do sujeito e o recurso técnico artístico facilitou a expressão de determinados tipos de afetos, sentimentos e emoções.

PALAVRAS-CHAVE: Arteterapia; Deficiência Intelectual; Habilidades Sociais.



ARTETERAPIA: A ESPIRITUALIDADE COMO FENÔMENO PROPULSOR DE VIDA SAUDÁVEL NA BUSCA DE SENTIDO

Catarina de Sene Lima e Silva Caldas - CDVBA

catacaldas@hotmail.com

Maria Glória Dittrich - UNIVALI, ACAT, UBAAT, CDVBA

RESUMO: A arteterapia e a espiritualidade são fenômenos relacionados a vida existencial do ser humano. Elas estão na raiz do movimento criativo da vida em uma corporeidade criadora multidimensional. Por outro lado do ponto de vista prático, podem ser manifestações propulsoras de saúde e que pode levar à descoberta de sentido de vida. Com efeito, esta é a proposta desta pesquisa, dentro do Estágio Supervisionado em Arteterapia, na Pós-Graduação em Arteterapia: Fundamentos Filosóficos e Prática. A pesquisa é teórico-prática de ordem fenomenológica. Seu objetivo visa compreender a espiritualidade na arteterapia como fenômeno propulsor de uma vida saudável e de descoberta de sentido à vida nesse processo. O estudo procura trazer o fator biopsico e espiritual do ser humano, por meio de uma prática humanizada em arteterapia, por meio da arte criativa, visando perceber os comportamentos apresentados e de relacionamentos inter-geracional, vivenciados pelas pessoas nos encontros de arteterapia (oficinas). Farão parte do estudo cinco pessoas: 3 adultos e 2 jovens de idades e sexos diferentes, os quais frequentam um Ateliê de Arte em Balneário Camboriú - SC. A coleta de dados será através de dez oficinas de três horas/semanal, sendo os dados anotados através de diário de campo, de ficha de registro e de produções de arte. A pesquisa sendo estudo de caso (em grupo) fará a compreensão dos dados pela Hermenêutica Fenomenológica. Serão utilizados como base teórica Frankl, Buber, Vaz e Sperling. Os resultados esperados são: melhoria da qualidade de vida e descoberta de sentido de vida, bem como a percepção do próprio participante da pesquisa sobre sua existência comportamental.

PALAVRAS CHAVE: Arteterapia; Espiritualidade; Sentido de vida; Saúde.



A ARTETERAPIA COMO PRÁTICA TERAPÊUTICA PARA O DESENVOLVIMENTO DA CORAGEM DE SER DA MULHER QUE SOFRE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Mariângela Medeiros Teixeira Fuganti - CDVBA

marifuganti@gmail.com

Maria Glória Dittrich - UNIVALI, ACAT, UBAAT, CDVBA

RESUMO: A pesquisa teórico-prática tem como tema, “A arteterapia como prática terapêutica para o desenvolvimento da coragem de ser da mulher que sofre violência doméstica”. O objetivo geral é investigar o porquê a arteterapia pode desenvolver a coragem de ser da mulher que sofre violência doméstica. A arteterapia, que se utiliza da expressão espontânea na arte, configura-se um caminho para desenvolver a coragem de ser da mulher no enfrentamento de violências domésticas. Diante disso, o problema dessa pesquisa é por que a arteterapia pode desenvolver a coragem de ser na mulher que sofre violência doméstica? A pesquisa, usará a abordagem fenomenológica para sua metodologia. Os autores fundamentais para embasar as ideias são Frankl, Tillich, Jung, Dittrich, Espíndola. A metodologia será composta por 10 oficinas de 03 horas semanais com mulheres que sofrem violência doméstica, e recebem o apoio da Ong Casa das Anas, em Balneário Camboriú. A coleta de dados será feita através de diário de campo e serão referentes as falas e produções artísticas das participantes durante as oficinas. Para a compreensão dos dados se utilizará a hermenêutica fenomenológica sustentada pelo referencial teórico. Os resultados esperados são que as mulheres que participaram dessa pesquisa tenham se sentido acolhidas, percebido o desenvolvimento da sua coragem de ser para amenizar o sofrimento gerado pela violência doméstica e que a arteterapia possa fortalecer a autoestima, despertar alguns de seus talentos através do autoconhecimento, fazendo com que essas mulheres encontrem sentido para viver e restabeleçam sua saúde física, emocional e espiritual.

PALAVRAS-CHAVE: Coragem de ser; Mulher; Violência; Arteterapia.



A ANTROPOLOGIA MULTIDIMENSIONAL DO CUIDADO À SAÚDE NA ARTETERAPIA

Maria Carolina de Góes Ulrich - UNIVALI

mariacarolinaulrich@gmail.com

Maria Glória Dittrich - UNIVALI, ACAT, UBAAT, CDVBA

RESUMO: Esse resumo corresponde a parte de uma pesquisa realizada para conclusão do curso de Graduação em Enfermagem e teve como objetivo investigar o conceito de antropologia multidimensional e a sua relação com o cuidado integral em saúde na arteterapia. A pesquisa foi de caráter teórico-prático que teve como base as obras de Frankl, na Logoterapia e Dittrich na teoria do Corpo Criante. Como metodologia usou-se a hermenêutica fenomenológica e foi realizada no período de 2017 à 2018. Como principais resultados, ficou compreendido que o ser humano é um ser de múltiplas dimensões, sendo em sua tríade de dimensões principais as dimensões biológica, psicológica, espiritual, social e ecológica. Para Frankl o ser humano é multidimensional e tem uma profundidade espiritual que é a dimensão de vontade de sentido. Para Dittrich o ser humano nos processos de cuidado à saúde na arteterapia deve ser olhado na sua multidimensionalidade, considerando que pelos símbolos e signos ele busca descobrir respostas para os seus questionamentos. Todo humano, para Frankl, visa na liberdade e responsabilidade por sua vida encontrar no amor, na dor ou na criatividade um sentido para viver saudável. Assim, o ato de cuidar de forma integral para um viver saudável, leva em consideração o ser como um todo e se faz a partir do uso da própria humanidade para assistir a do outro - como ser único, que é composto de corpo, de mente, vontade e emoção, mas também de seu espírito. Ao realizar o cuidado integral à saúde na Arteterapia leva-se em consideração não somente a dimensão biológica, nem muito menos divide-se o ser humano em partes, mas sim, ter um olhar de amorosidade com o ser integral, pois o cuidar tem o sentido de promover a vida, o potencial vital, o bem estar dos seres humanos na sua individualidade, complexidade e integralidade. Com base em Frankl, pode-se dizer que o cuidado na arteterapia pode ser vivido em três estágios pelos quais o ser humano nas vivências de expressões terapêuticas passa para elucidar os questionamentos quanto ao sentido de sua vida. O primeiro deles é a tomada de consciência acerca da responsabilidade do seu ser para com o sentido da sua vida, essa é compreendida como a responsabilidade consciente. Em um segundo estágio do desenvolvimento é descoberta a espiritualidade inconsciente, que age nas profundezas humanas para a tomada de decisões existenciais, dessa forma fica compreendida que existe não apenas a responsabilidade consciente, mas também a responsabilidade inconsciente. A terceira



etapa do desenvolvimento revela-se dentro da espiritualidade inconsciente, sendo ela a religiosidade inconsciente que possui um sentido de relacionamento inconsciente com Deus, que, para o autor é imanente do ser humano, apesar de que pode manter-se latente durante muito tempo. Nesse percurso de descobertas o eu que é consciente e responsável, demonstra-se também inconsciente e também espiritual, sendo que essa espiritualidade é transcendente na relação com Deus. Relação esta que, para Frankl sempre foi existente, como fica claro em sua fala: “sempre houve em nós uma tendência inconsciente em direção a Deus, sempre tivemos uma ligação intencional, embora inconsciente com Deus. A visão que Frankl tem de ser humano pode parecer inicialmente difícil de compreender, mas é essencial que seja retratada aqui, pois esse autor não vê o humano como um ser movido apenas por instintos e em busca da sobrevivência ao suprir suas necessidades básicas, mas sim como um ser em eterna transcendência o que implica buscar o sentido de sua vida a cada momento e quando o encontra pode e vai fazer tudo para cumpri-lo e isso o mantém vivo. Como considerações finais, ficou compreendido que essa reflexão sobre o ser humano pode ser feita uma vez que considerada a sua multidimensionalidade, especialmente a dimensão espiritual, pois esta é aquela que define o ser humano, que o distingue dos demais seres vivos e que o instiga e o move em direção a busca do seu sentido de viver.

PALAVRAS-CHAVE: Arteterapia; Ser Humano; Cuidados à Saúde.



A ARTETERAPIA COMO POSSIBILIDADE DE ESTIMULAÇÃO NAS HABILIDADES SOCIAIS COMUNICATIVAS INFANTIS: UM ESTUDO DE CASO

Diego da Silva - ITECNE

diegodasilva.psicologia@gmail.com

RESUMO: As habilidades sociais são a capacidade que uma pessoa tem para expressar seus desejos, opiniões, sentimentos e atitudes de forma adequada, nos diferentes contextos. Dentre elas, temos as habilidades assertivas (saber se manifestar com equilíbrio, reconhecer erros e lidar com críticas). Habilidades comunicativas (saber como começar conversas, responder perguntas e elogiar os demais). Habilidades empáticas (saber se colocar no lugar do outro, reconhecer seus sentimentos e necessidades). Habilidades de sentimento positivo (saber ser solidário e criar vínculos de amizade). Habilidades de civilidade (saber agradecer, apresentar-se e despedir-se). Habilidades de trabalho (saber falar em público, solucionar problemas, tomar decisões). Para uma criança, nem sempre desenvolver estas habilidades é uma tarefa fácil, e, quando ela não consegue se expressar de forma adequada, se expressa agressivamente. A Arteterapia é um mecanismo que pode colaborar nesse sentido. O presente trabalho tem por objetivo a realização de um estudo de caso, a partir de intervenções em Arteterapia como possibilidade de estimulação das habilidades sociais comunicativas infantis. Realizou-se um estudo de caso, que consiste na utilização de métodos qualitativos que estudam e descrevem profundamente um dado ou fenômeno específico. Na realização deste estudo de caso, foram utilizadas técnicas arteterapêuticas voltadas para as artes visuais com desenhos e pinturas. Houve também a entrevista inicial com o cuidador responsável, escuta e observação atenta dos conteúdos emocionais trazidos pela paciente e familiares. Foram realizadas 5 sessões, com duração de uma hora cada, semanalmente. A partir dos dados observados nesse período através das intervenções, foram descritos os resultados do trabalho. A paciente será chamada de “A”. Tinha 5 anos de idade. Foi levada ao primeiro dia de atendimento por seu avô, que respondeu a anamnese. O avô disse que a garota está residindo com ele e com sua esposa há mais ou menos 40 dias. “A” é filha de seu enteado, mas este não tem contato com a criança. O pai da menina resolveu não ter contato com a filha para se vingar da mãe dela, que se separou dele. O avô disse que procurou terapia para a criança porque esta passou por momentos difíceis com sua mãe e com seu padrasto e está muito agressiva e com dificuldades de comunicação. Quarenta dias antes, a mãe da menina e o padrasto foram presos por tráfico de drogas, onde a mãe logo foi colocada em liberdade e aguardava o julgamento do processo. O padrasto continuava preso e era um



homem perigoso. Este casal também possui um filho recém-nascido. “A” apresenta um quadro de “revolta”, rebeldia, não obedece aos adultos, faz muita “birra”, tem dificuldades de se comunicar, não consegue aprender e se concentrar na escola, e faz muita bagunça. Frequenta o CMEI e ainda não sabe escrever o próprio nome. Gosta de assistir programas de violência. Durante a semana a menina fica na casa dos avós e no fim de semana vai para casa da mãe. Ela adora sair para o shopping e ir brincar nos plays. Gosta também de ir ao McDonalds, pois a mãe sempre a levava quando vendia entorpecentes. Através das intervenções em Arteterapia com a referida paciente, foi possível perceber uma melhora significativa em habilidades sociais comunicativas e baixas na agressividade. Percebeu-se que a mesma vinha de um contexto conturbado e confuso que estimulava pouco sua comunicação e deixava sua cognição em atraso. Ela apresentava agressividade ao apagar os desenhos, ou escondê-los com tinta guache, o que era reflexo direto de um contexto social obscuro. A falta de clareza nas regras por parte dos familiares, bem como mudanças contextuais bruscas num curto período de tempo deixavam a paciente confusa e sem espaço para expressar-se de forma adequada.

PALAVRAS-CHAVE: Habilidades Sociais; Arteterapia; Infância; Comunicação.



ARTETERAPIA PARA IDOSOS: BENEFÍCIOS PARA MEMÓRIA E PREVENÇÃO DE ALZHEIMER

Diego da Silva - ITECNE

diegodasilva.psicologia@gmail.com

RESUMO: A Arteterapia é o uso da arte em prol da saúde. Embora seja uma atividade milenar, se desenvolveu há cerca de 60 anos. Não consiste na criação de material com preocupação estética, mas sim na expressividade de sentimentos. O envelhecimento é um processo adaptativo, lento e contínuo, que se traduz numa série de modificações. A existência de uma mudança cognitiva depende de fatores fisiológicos, emocionais e ambientais que está sujeita a uma grande variabilidade interindividual. Apesar dos déficits de memória fazerem parte do envelhecimento saudável, de forma controversa, seu bom funcionamento é essencial para a capacidade funcional do idoso. Desta forma, memória é a capacidade de elaborar, estocar, recuperar e utilizar a informação. É também a capacidade de aprendizagem, conservação, armazenamento e evocação de informações sobre nós mesmos e sobre o mundo que nos cerca. A doença de Alzheimer afeta diretamente a memória. Sendo assim, as atividades artísticas permitem que a pessoa simbolize as suas percepções sobre o mundo, sobretudo, quando não consegue expressar-se verbalmente ou através da linguagem escrita. Com a Arteterapia é possível trabalhar outras linguagens não-verbais, como a sonora, a corporal, a plástica, estimulando também a audição, a visão, as funções motoras e cognitivas. O presente trabalho tem por objetivo refletir sobre como a Arteterapia pode ser um mecanismo importante de intervenção junto às pessoas na terceira idade acerca da prevenção do Alzheimer e estimulação da memória. Foi realizada pesquisa de revisão integrativa de literatura nas bases de dados Scielo, Pepsic, Bireme e Google Acadêmico. Os descritores de busca envolveram a combinação de palavras que englobaram a “Arteterapia”, “idosos”, “Memória” e “Doença de Alzheimer”. Foram incluídos estudos publicados em língua portuguesa, portanto, realizados no Brasil nos últimos 10 anos. As publicações deveriam conter conceitos e intervenções claras de Arteterapeutas com o público idoso, enfocando a prevenção da doença de Alzheimer e a estimulação da memória. Os materiais utilizados, a temporalidade das intervenções e resultados encontrados também foram verificados nas publicações. Inicialmente foram localizadas 75 publicações que se apresentaram coerentes com os critérios de seleção desta pesquisa. Ao refinar as publicações, muitas delas foram excluídas por não atenderem critérios como idioma português, por serem pesquisas de literatura, por trabalharem outros aspectos nos idosos (autoimagem, diabetes, câncer, problemas renais,



dermatológicos, etc.) e por não terem deixado claro as intervenções realizadas junto ao público-alvo do artigo. Dentre as estratégias arteterapêuticas observadas nos textos, as que englobavam artes visuais (desenho, pintura, fotografia, artesanatos) foram as mais encontradas. Intervenções que utilizaram a linguagem do teatro, contação de histórias, da música e da dança também foram localizadas, entretanto, em menor proporção. A temporalidade das intervenções foi variável, ficando em média de 15 encontros com duração de uma a três horas cada, semanalmente. A maioria dos estudos evidenciou resultados positivos das intervenções. Através dos resultados desta pesquisa, ficou evidente que a Arteterapia pode ser considerada uma prática complementar bastante eficiente na prevenção da doença de Alzheimer, bem como na estimulação da memória em pessoas da terceira idade. Faz-se necessário que mais pesquisas na área sejam realizadas, haja vista que estas informações são pouco difundidas, o que justificaria a maior parte das intervenções serem hospitalocêntricas e biomédicas.

PALAVRAS-CHAVE: Idoso; Arteterapia; Memória; Alzheimer.



A ARTETERAPIA COMO POLÍTICA PÚBLICA PARA O CUIDADO À SAÚDE DE ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL NA EDUCAÇÃO

Jeane Beatriz Godoy - UNIVALI

jeane.godoy49@gmail.com

Maria Glória Dittrich - UNIVALI, ACAT, UBAAT, CDVBA

RESUMO: O Ministério da Saúde com o objetivo de integrar a medicina moderna a estas práticas alternativas, lançou em 2006, a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares – PNPIC. Esta política surgiu para atender aos princípios norteadores do SUS, com o objetivo de apoiar, conhecer, incorporar, implementar e incentivar experiências que já vinham sendo praticadas em todo o território brasileiro. Espindola e Dittrich definem a arteterapia como uma prática de terapia que tem como foco principal as expressões artísticas, nas suas diversas linguagens (pictórica, musical, cênica, etc.) fundamentadas por várias áreas do conhecimento humano, como a filosofia, a arte, a psicologia, a pedagogia, a medicina, entre outras. Segundo Dittrich, criar é expressar a existência, as emoções humanas mais profundas [...] significados de vida, que é pura criatividade e espiritualidade, [...]experiências vividas no amor e na dor, na alegria e sofrimento, na ignorância e na sapiência. O processo terapêutico é educativo. Dentro de uma visão fenomenológica existencialista tem sua concepção de ser humano integral, considerando suas dimensões: biológica, psíquica e espiritual, integrado ao mundo em que vive nas suas mais complexas relações de existir; primando pela criatividade, seja intencional ou espontânea, fazendo conexões com o consciente e o inconsciente. A pesquisa teórico prática, fenomenológica, trata sobre a arteterapia como política pública, no cuidado à saúde de adolescentes em vulnerabilidade social. O problema em processo de investigação é: Como usar a arteterapia para o cuidado criativo artístico à saúde de adolescentes em situação de vulnerabilidade social? O objetivo geral implica apresentar estratégias da arteterapia para o cuidado à saúde na educação de adolescentes em situação de vulnerabilidade social. A pesquisa é qualitativa, com proposta metodológica para compreensão dos dados na hermenêutica fenomenológica. Dentro desta proposta investigativa a coleta de dados está sendo efetuada através da aplicação de 10 (dez) oficinas de terapias expressivas com 3 horas de duração com os seguintes temas: porta e janela, minha construção, flor, crachá, amuleto, livro do futuro, retrato da linha do tempo passado, presente e futuro, livro do futuro, bordando/costurando a vida, pintando em duplicidade. A coleta de dados está sendo feita através de diário de campo. Os sujeitos da pesquisa são 10 adolescentes em vulnerabilidade social,



participantes do Projeto de Extensão “Mãos de Vida, da UNIVALI, no Lar Fabiano de Cristo, em Itajaí - SC. Os resultados desta pesquisa serão relevantes para o desenvolvimento de resiliência e aumento da autoestima de adolescentes expostos as mais variadas vulnerabilidades sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Arte Criativa; Cuidado; Educação; Política Pública.



A ARTETERAPIA E O ACOLHIMENTO DAS EDUCADORAS NO AMBIENTE ESCOLAR

Christiane Mesadri Córdova Diniz - ACAT

chrimesadri@bol.com.br

RESUMO: Num cenário mergulhado em crises e transformações que saltam aos olhos com imensa rapidez, o ser humano, no afã de atender às necessidades da sociedade e das instituições em que está inserido, acaba questionando a importância e a existência de seu papel. As instituições, por sua vez, também sofrem as consequências das mudanças, pois são regidas por leis e protocolos. No ambiente escolar, por exemplo, não é diferente, e as profissionais, na condição de educadoras, com tantas responsabilidades, atribuições e demandas, necessitam de um olhar de acolhimento, voltado para a condição de lidar com essas demandas, que se fazem presentes na escola. Por isso, a Arteterapia encontra nesse ambiente um campo fértil para atuação, como apoio às necessidades de saúde, qualidade de vida, reduzindo níveis de estresse das educadoras. A importância do trabalho da Arteterapia, visando um ambiente escolar mais salutar, foi constatada, por meio de oficinas vivenciais, em um trabalho voluntário, realizado pela autora deste resumo, em uma instituição educacional na cidade de Itajaí, SC, no período de 2015 a 2017. Os objetivos foram observar como as educadoras lidam com as frustrações, situações de conflito e cansaço no ambiente escolar, e a como Arteterapia pode mediar esses anseios e conteúdos emocionais das educadoras, viabilizando um ambiente propício, envolvendo a prática do acolhimento das necessidades dessas profissionais. Os materiais utilizados foram tintas, papéis variados, sulfite, papel cartão, fotografias de obras de arte, gravuras, mandalas, folhas de revistas, flores, folhas, cactos, papel jornal, giz de cera, cola, massas de modelar, cartas variadas de tarô, xamânicas, aparelhagem de som, tambores e instrumentos musicais. Para a análise geral dos dados, trabalhou-se com a maiêutica socrática, com perguntas e análise de respostas, a fim de se chegar às verdades e/ou contradições, visando a estimulação do pensamento, buscando novas possibilidades de lidar com as situações vivenciadas no contexto escolar. As reuniões aconteceram uma vez por semana, com duração de duas horas, no período de 2015 a 2017. As oficinas arteterapêuticas, aliadas às rodas de conversa e reflexão, proporcionaram um ambiente ideal às educadoras, que puderam expressar por intermédio dos materiais oferecidos suas situações de conflitos e frustrações, que se revelaram através seus desenhos, movimentos corporais, verbais e gestuais trazendo à tona seus conteúdos emocionais. A partilha dessas dificuldades e anseios nas rodas de conversa proporcionaram a elaboração de respostas, oportunizando a reflexão e a elaboração sentimentos, sensações, dificuldades vivenciadas. Percebeu-se



que essas dificuldades tinham muito conteúdos vivenciados em comum. Esse compartilhamento fortaleceu autonomia e a autoconfiança das educadoras, que se ajudavam mutuamente, reforçando suas alianças e seus processos criativos, parte importante da solução de vários conflitos frustrações e anseios. No processo das trocas, respostas surgiram e soluções, de maneiras simples e práticas, diante das necessidades apresentadas, soluções essas que um bom acolhimento pode proporcionar. A função da Arteterapia no ambiente escolar proporcionou, para as educadoras, pois, várias reflexões acerca da necessidade de reconhecimento e fortalecimento de suas habilidades nas soluções dos conflitos cotidianos. O cansaço foi mencionado como um dos fatores limitantes, gerado pela sobrecarga de trabalho, maior causador de suas frustrações. As mudanças e reflexões advindas do acolhimento interferiram diretamente na autoimagem das educadoras, proporcionando aprofundamento do autoconhecimento. Serviu de meio para que essas profissionais pudessem reencontrar um equilíbrio saudável no ambiente de trabalho. A Arteterapia, e sua vasta utilização em qualquer contexto, seja ele organizacional, comunitário ou individual, proporciona uma fonte de co-criação e ressignificação que, conseqüentemente, transforma, positivamente, qualquer espaço de convivência.

PALAVRAS-CHAVE: Arteterapia; Acolhimento; Educadoras; Escola.



ARTETERAPIA E AVC: ENTRE A DOR E A DESCOBERTA DO PODER DE CURA

Corina dos Santos Flores - Faculdade São Luiz

corinaflores.arte@hotmail.com

Maria Glória Dittrich - UNIVALI, ACAT, UBAAT, CDVBA

RESUMO: Este resumo traz o resultado da pesquisa teórico-prática desenvolvida em 25 oficinas de estágio supervisionado de Arteterapia, realizadas no “Ateliê de Arte Corina Flôres”, em Itajaí -SC com o Caso S., 44 anos, portador de sequelas de AVC. O objetivo principal foi compreender as contribuições da Arteterapia como processo facilitador em busca do autoconhecimento, no combate ao vazio existencial e na busca do sentido de viver do indivíduo portador de sequela de AVC em sua idade produtiva, cujas sequelas motoras provocaram sofrimento e alteração na vida social e no trabalho. Buscou-se, na revisão de literatura, a concepção de Arteterapia e do ser humano como ser criador em sua multidimensionalidade, especialmente na visão da Antropologia Filosófica de Lima Vaz, na Fenomenologia Existencialista de Viktor Frankl e na teoria do corpo-criante de Dittrich. A metodologia teve como abordagem a hermenêutica fenomenológica. Os resultados mostraram que, apesar do sofrimento, o participante buscou o enfrentamento de sua problemática. Como conclusão, houve alcance à esfera psíco-emocional-espiritual de S., uma melhora no seu senso de humor, na relação com o olhar para si e com o olhar do outro e no enfrentamento de seus medos. A Arteterapia proporcionou o encontro com sua força interior, fortaleceu sua coragem e vontade, trazendo a esperança do seu crescimento em busca do possível poder de cura.

PALAVRAS-CHAVE: Arteterapia; Autoconhecimento; Poder de Cura.



ARTETERAPIA E FRACASSO ESCOLAR: AUTOESTIMA EM JOGO

Dionatan Batirolla - FEEVALE

profdionatan@gmail.com

RESUMO: Este estudo de caso apresenta parte do processo de melhora na autoestima de Antônio – adolescente com 13 anos de idade rotulado como “exemplo de fracasso escolar” – após dez sessões individuais de arteterapia. Antônio foi transferido da escola na qual estudava desde o primeiro ano do Ensino Fundamental neste ano, o que prejudicou significativamente o seu rendimento escolar e o seu amor-próprio. Ele permanecerá apenas este ano na nova escola, sendo transferido novamente ao final do ano letivo. As trocas de escola influenciam muito na vida de Antônio, dificultando o estabelecimento de vínculos com os novos colegas de turma e a própria aprendizagem escolar. Há possibilidade de Antônio ser disléxico e/ou disortográfico, inclusive. Assim sendo, a arteterapia aproxima-se da educação, e da psicopedagogia, promovendo bem-estar emocional e mais segurança no dia a dia na nova escola. Com o intuito de fortalecer a autoestima e ofertar conforto e novas possibilidades a Antônio, as sessões de arteterapia buscaram ressignificar a sua autoimagem, ainda muito vinculada ao fracasso escolar. Para tanto, foram organizados dez encontros, realizados na Clínica Reaprender, nos quais se experimentou diversos materiais artísticos e possibilidades terapêuticas: desenho, pintura, colagem, dobradura, massinha de modelar, argila, jogos, imagens mentais. Observou-se, ao final das dez sessões, que Antônio já estava mais seguro em relação à nova escola, a si próprio e à sua inteligência. No entanto, serão necessárias mais sessões de arteterapia para consolidar a sua nova autoimagem, produtora e capaz de enfrentar qualquer desafio na escola e na vida. A arteterapia, neste caso, serviu como ferramenta para eliminar as barreiras emocionais que estavam prejudicando o rendimento escolar de Antônio, demonstrando quão funcional e exitosa ela é para situações como esta.

PALAVRAS-CHAVE: Arteterapia; Fracasso Escolar; Autoestima.



ARTETERAPIA: ABORDAGEM E PROCESSO CRIATIVO DO SUJEITO

Marilde do Amaral Lima - CENSUPEG

amarilde@yahoo.com

RESUMO: Diante do atual contexto educacional, há diversos fatores que influenciam no sofrimento psíquico de educadoras, como estresse, exigências, falta de estímulo, e ainda a carga assumida enquanto mulher com inúmeras responsabilidades, tais sintomas refletem e repercutem em seu trabalho pedagógico bem como na qualidade de vida. A Arteterapia está cada vez mais se inserindo em diversos campos de atuação, para justamente atender de forma humanizada os sujeitos levando novas possibilidades e benefícios. As mulheres desenvolvem diferentes papéis, na família, no trabalho e na vida social, paralelo à este fator, observa-se questões frequentes como insegurança, submissão, conformismo, baixa autoestima e conseqüentemente conflitos internos que carregam sem mesmo ter consciência de sua influência no seu comportamento e autonomia, sem saber de quão necessário é descobrir sua essência, para compreender e modificar o seu cotidiano. A pesquisa foi desenvolvida a partir do Estágio Supervisionado e de pesquisa bibliográfica tendo como base teórica a Psicologia Analítica de Carl Jung e literaturas afins. Sabe-se o quanto é importante uma função que é desempenhada diretamente relacionada ao outro, o que denomina-se também de cuidadores, a mulher educadora no objeto desta pesquisa, desenvolve os papéis de professora, mãe, funcionária técnica da secretaria municipal de educação, enfrentou diversas movimentação em questões de relacionamento conjugal, em pouco espaço de tempo passou por situações de abortos, sendo que diante dos fatos, convive ainda com seus conflitos internos, sem saber que estes que limitam sua evolução. O grupo foi composto a partir da questão da profissão, enquanto educadoras e especificamente mulheres, a intenção foi focalizar a autoestima das participantes, prezando pela interação, e buscando conduzir com a sensibilização e acolhida do grupo, à cada tema proposto, desenvolvendo atividades expressivas e socializadoras, propondo diferentes materiais, e utilizando o método da maiêutica nesta integração. O objetivo da pesquisa era trabalhar a autoestima tão fragilizada da figura da mulher destacada neste caso, foi possível observar os efeitos e benefícios desde os primeiros encontros diante das intervenções aplicadas, sendo que ao término confirmou-se pelos relatos da experiência vivenciada pela própria sujeita do processo, o que à luz da Psicologia Analítica, e das sessões arteterapêuticas, demonstram resultados significativos, principalmente ao sujeito que é pesquisado, que passa a compreender sua própria história de vida. Aliado aos propósitos deste recurso da arte, e atendendo ao objetivo de



benefício ao sujeito participante, esta pesquisa propiciou um relevante aprendizado enquanto formação arteterapêutica, na mesma proporção que é válida enquanto ferramenta mediadora de maiores e aprofundadas pesquisas relacionadas à sujeito de pesquisa da área educacional e sendo especificamente do gênero feminino, o que é enriquecedor, pois proporciona autoconhecimento, descoberta de própria essência, diminuição de estresse e ansiedade e causando melhora da autoestima, resultados de uma qualidade de vida saudável. Como trata-se de uma análise de sujeito o qual faz parte de um contexto profissional educacional, convém relembrar que esta característica também fez parte das observações deste processo, o que reforça a importância de um profissional Arteterapeuta no espaço educacional, neste caso relativo ao quadro de educadores, o que certamente refletirá positivamente nos discentes, proporcionando uma educação de maior qualidade afetiva, e de bons frutos para o processo de aprendizagem. A Arteterapia torna-se uma ferramenta para a evolução, autoconhecimento e transformação da mulher diante do seu contexto de vida, para que possa reconhecer-se enquanto sujeito histórico e social, bem como, proporcionar às pessoas com quem convive em seu entorno, o mesmo processo. Diante de todo trabalho de pesquisa, percebe-se a Arteterapia como sendo um processo estruturado, por meio de atividades pré organizadas, explorando diferentes materiais artísticos, delimitando a abrangência de atuação como em encaminhamento específico deste profissional e com formação adequada, demarcando cronologias, acompanhamento e avaliações.

PALAVRAS-CHAVE: Arteterapia; Educação; Autoconhecimento; Criatividade.



A VALORIZAÇÃO DA VIDA RODA NA RODA DAS ARTES LITERÁRIAS E CORPORAIS

Cleide J. M. Pareja - UNIVALI

cleidepareja@hotmail.com

Alan Moraes - UNIVALI

Maria Glória Dittrich - UNIVALI, ACAT, UBAAT, CDVBA

Carolayne Edna dos Santos - UNIVALI

RESUMO: O Projeto de Extensão “Mãos de Vida”, da Universidade do Vale do Itajaí, projetado numa visão ecoformativa para intervenções transdisciplinares no campo da saúde e educação, para promover uma nova atitude frente à vida sob uma base sólida, realiza atividades na Instituição Parque Dom Bosco que recebe crianças e jovens no contra turno escolar e oferece educação complementar. O objetivo é dinamizar o desenvolvimento de atividades literárias, artísticas e corporais sob o olhar da Dinâmica da Roda da Saúde, na concepção de escolas criativas. O projeto oferece atividades literárias, artísticas e corporais com vistas à reflexão de que ao trabalhar a arte o jovem terá possibilidade de abrir-se para pertencimento ecoformativo estabelecendo novas conexões relacionais. A metodologia utilizada é qualitativa de intervenção. A coleta de dados é a partir das observações das intervenções realizadas e registradas no Diário de Intervenção e no plano das oficinas. O aporte teórico principal é DITTRICH *et al.*, (2016); STEINER (2009); FRANKL (1989); BELO (1998) e MORAES *et al.*, (2018). A equipe do Projeto reúne-se mensalmente para formações teóricas com a Coordenadora que apresenta as dimensões teórico filosóficas do trabalho a ser realizado em cada encontro, o que dá base para o planejamento. Esta pesquisa está em andamento, no entanto, ocorreram diversas práticas dinamizando o ser sensível, criativo e problematizador de maneira integrada. As rodas de leitura de poesias, contos e de capoeira tornaram-se um universo dinâmico, que envolveu a expressividade e as diversas formas de linguagem mental, afetiva e corporal. Que contemplaram a liberdade de se deixar envolver pelo fluxo energético que conduz o olhar e sentir a roda, na dinâmica dos processos vitais cognitivos de todos os envolvidos. No primeiro encontro foi aplicada a Dinâmica “Mãos que falam” que promoveu pelo diálogo e pelas expressões corporais a abertura de consciências para o sentir e o fazer sensível. Movimento, música, e produção artística com o desenho das mãos para refletir sobre o ser e materializá-lo em palavras para consciência da necessidade de mudanças. Foram lidas histórias pelo Grupo ContArte promovendo momento de silêncio e diálogo interior com as ações e motivações dos personagens. No segundo encontro a ênfase foi para as atividades corporais com a apresentação do jogo



da capoeira, e atividades de interação com balões. A circularidade se faz presente em todas as ações. No terceiro, fez-se a leitura do poema sobre o encantar-se com o espelho, o jogar na roda e ver no outro o seu espelho que foi o ponto de partida para leitura do conto a Branca de Neve (Irmãos Grimm) usando a arte literária como uma manifestação engenhosa que promove impulsos nascidos da espiritualidade para religar-se e ligar-se ao outro. É o espelhamento na construção do novo ser que está adormecido. Seguindo a mesma roda da vida fez-se novamente a roda da capoeira e atividades finais de reenergização. A última atuação usou a noção de mandala que pela teoria “Junguiana”, é o círculo mágico que representa a luta pela unidade total do eu. Todas as atividades literárias, artísticas e corporais ativeram-se nesta concepção. Na roda dançante da leitura poética foram escolhidos poemas com inspiração na mandala. Após, fez-se a leitura do conto “A infinita fiandeira” (Mia Couto), com intuito de criar a imagem da teia com a da mandala para, finalmente, nas atividades corporais concretizar-se corporalmente na criação da mandala humana (Ubuntu). A conexão da “Roda da Saúde” com as rodas poéticas, artísticas e corporais estabeleceram avanços na proposta inter e transdisciplinar, fortalecendo um processo educativo na descoberta de novas formas de saber e de maneiras de ser no mundo. A energia vital foi evidente, pois é a base da prática das propostas, que foram dinamizadas nessa interação, potencializando a expansão da criatividade no poder imaginativo no pensar, sentir e agir diante do outro. Ou seja, a criação de uma nova reorganização da psiquê pelo processo de educação ecoformativo, espiritual constituindo o que se pode chamar de Escola Criativa.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura; Saúde; Educação.



LETRAS E EXPRESSÃO: RELATO DA EXPERIÊNCIA DE OFICINAS DE ARTETERAPIA COMO RECURSO NO CUIDADO OFERTADO A PESSOAS EM USO PROBLEMÁTICO DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS

Carolina de Carvalho Santos - CERSAM - AD

carol03carvalho@gmail.com

Natália Raquel Pereira Loures - CERSAM - AD

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo apresentar a experiência da oficina “Letras e Expressão” realizada em 2017/18, em um Centro de Referência em Saúde Mental Álcool e outras Drogas de Belo Horizonte (serviço tipo CAPS AD). A oficina em questão visa favorecer a reflexão e recriação de si mesmo através da expressão de imagens, seja através de técnicas como: colagem, pintura, desenho, música entre outras. A proposta não visa uma exigência estética, mas aposta na arte como forma de expressão dos sujeitos, com o auxílio da arteterapia. A referida oficina acontece semanalmente, com duração de 1h30min em média, na própria unidade de saúde. O público alvo são os usuários do serviço acompanhados em regime de PD (permanência dia). Os mesmos participam ativamente da construção da oficina, sugerindo, como gatilho para o momento de expressão, a letra de uma música ou poema, que é lida no espaço coletivo e as percepções pessoais são compartilhadas no grupo. Após esse momento, é proposto que os sujeitos expressem por meio da arte seus sentimentos, percepções ou o que lhes surgir à mente a partir da discussão estabelecida.

PALAVRAS-CHAVE: Oficina; Saúde Mental; Arteterapia.



UMA JANELA PARA OS SONHOS: A ARTETERAPIA COMO POSSIBILIDADE DE UM NOVO OLHAR SOBRE A VIDA

Sueli Antonusso - UNIP

antonusso@gmail.com

RESUMO: O presente estudo baseou-se na abordagem de Hollis sobre os períodos de mudança de ciclo que representam tempos de crise e perturbações. Jung dedicou-se à temática referente ao si mesmo partindo do pressuposto que o si mesmo é “uma grandeza mais abrangente que inclui o eu”. Por sua vez, Bernardo, afirmou que a Arteterapia, como técnica expressiva, promove a criação de um universo imaginário e, favorece o desbloqueio de forças cristalizadas no inconsciente. Em decorrência da manifestação dessas forças reprimidas a consciência cria, recria e organiza a vida para si e para o outro. Os objetivos foram estimular o autoconhecimento, incentivando a criação de um olhar atento por meio de um contato significativo com o si mesmo, com a finalidade de realizar mudanças e promover uma vida saudável. Para as atividades arteterapêuticas foram escolhidos materiais expressivos relacionados com o tema de cada oficina. Os contos e as visualizações criativas desencadearam insights que os participantes expressaram de forma simbólica em seus trabalhos e, assim, puderam ampliar a percepção através de um olhar mais profundo sobre si mesmo. O processo de Arteterapia foi realizado tendo em vista que a intenção era atender pessoas da comunidade em torno da meia idade, sem distinção de gênero. O grupo foi formado por uma mulher e dois homens. Foram realizados oito encontros semanais com duração de duas horas e meia, cada um. O processo arteterapêutico baseou-se no método sugerido por Bernardo para a realização das atividades expressivas e na Busca Heroica de Angwin para o encadeamento das oficinas. Com exceção da última oficina todas as outras tiveram o mesmo formato: respiração para eliminar as restrições, sensibilização, atividade expressiva, roda de conversa e fechamento com uma palavra ou frase para representar o sentimento ou pensamento vivenciado na atividade. Os resultados do processo foram assimilados de modos diferente por cada participante. M. demonstrou maior abertura para apropriar-se das reflexões desencadeadas pelos trabalhos que realizou para empreender mudanças em sua vida. DAA conseguiu abrir-se para o grupo no final do processo demonstrando ter conquistado uma maior autoconsciência, porém manifestou certa rigidez para mudar suas atitudes. S. manteve-se resguardado, falou através de metáforas e símbolos e somente no último encontro foi capaz de abrir-se, comentando que preferia preservar-se, pois poderia ser mal interpretado. Entretanto, S. demonstrou-se consciente da necessidade de conquistar o equilíbrio e a integração para



embrenhar-se na aventura de uma Busca Heroica e ser capaz de realizar a transformação a cada ciclo da sua vida para compartilhar com a coletividade os bens conquistados durante a sua jornada. O processo ocorreu de forma gradativa, respeitando o momento de cada um para entrar em contato com suas questões mais dolorosas, suas limitações e os impedimentos para olhar dentro de si. O ambiente facilitou comunicação com o potencial de cada um despertando o interesse pela realização dos sonhos adormecidos. Dessa forma, a partir dos trabalhos realizados e das reflexões geradas acreditamos que a Arteterapia desencadeou um processo de autodescoberta e favoreceu a ampliação do olhar sobre si mesmo. Dessa forma, as sementes foram lançadas, cada um à sua maneira e a seu tempo fará a sua colheita!

PALAVRAS-CHAVE: Arteterapia; Autoconhecimento; Busca Heroica; Si mesmo.



A CRIAÇÃO E O ESPAÇO DO BRINCAR EM ARTETERAPIA: “UM LUGAR MÁGICO E REAL”

Rogéria Rodrigues Figueiredo - AMART

rogeria.figueiredo13@gmail.com

RESUMO: A arteterapia constrói pontes entre arte, psicologia, ciência e espiritualidade, compondo caminhos capazes de promover mudanças equivalentes a verdadeiras transformações alquímicas, capazes de dar novos sentidos à vida e de abrir novos campos de experiência. Em arteterapia, são favorecidos os processos de subjetivação que se atualizam numa experiência, além da junção da ação terapêutica e da vivência estética, que propiciam que o sujeito redirecione o seu olhar sobre o mundo e redimensione seus projetos de vida. Apresento um recorte da pesquisa realizada no mestrado em psicologia na PUCMINAS. Trata-se de um estudo de caso de uma oficina de arteterapia com um grupo de mulheres em uma escola de Belo Horizonte. Defendi a hipótese que a arteterapia favorece a criação de “espaços potenciais”, conforme Winnicott, considerando que a criação no setting de arteterapia, tal qual “o brincar” da criança favorece a criatividade e o viver criativo. Os objetivos foram investigar o trabalho criativo em arteterapia, visando entender como a arte pode mudar a vida e compreender como a liberdade de criação e o brincar no setting de arteterapia promovem a confiança e o surgimento do “espaço potencial”. Utilizamos papéis, tintas, lápis, linhas de lã e ervas. A metodologia baseou-se na exploração das técnicas de expressão gráfica e na cuidadosa constituição do ambiente de cuidado. A oficina aconteceu como um grupo aberto, e recebeu 33 pessoas, entre 25 e 65 anos de idade. E, como um grupo frequente, permaneceram oito mulheres. A cada sessão semanal, privilegiei o cumprimento das seguintes etapas: a) sensibilização e imaginação ativa; b) expressão plástica livre; c) transposição da linguagem, por meio da escrita criativa; d) compartilhamento com o grupo, visando à elaboração da experiência vivida. O espaço potencial surgiu na arteterapia grupal, gerado pela cuidadosa constituição desse ambiente de acolhimento. Aconteceu o resgate da memória pessoal e cultural, e também um gradual agenciamento da criatividade. Houve crescente empoderamento, tanto na realização das obras na oficina de arteterapia, como nos projetos de vida fora dela. A arteterapia atendeu às necessidades de pertencimento e de reconhecimento dessas mulheres de existir para si mesmo e para os outros. A pesquisa clínica verificou que, no caso das mulheres atendidas, a arteterapia levou à superação da submissão em prol de novas formas de fazer, pensar e projetar a própria vida. Constatei que a arteterapia favoreceu o surgimento de uma certa “interiorização”, que possibilitara às pessoas daquela oficina,



resgataram um ritmo próprio, em contraste com o hiperfuncionamento de si e a alienação evidenciada inicialmente. Segundo elas, a arteterapia configurou-se como “um lugar mágico e real”, onde buscaram o próprio ritmo, voltando a habitar o próprio corpo, a própria vida e espaços de criação na comunidade. Na oficina, houve a constituição de um tempo de liberdade e pacificação, um verdadeiro espaço sagrado, pelas mulheres. Necessária para o desabrochar pleno de nossa individuação, a espiritualidade como dimensão profunda do humano, foi promovida pela criação no espaço potencial em arteterapia. Nessa perspectiva, pode-se dizer que as vivências em arteterapia abrem um trânsito entre os caminhos da arte, da espiritualidade e trabalham em prol de uma ciência ampliada. É possível afirmar que a “práxis” em arteterapia vai formatando um caminho, um espaço de transição entre subjetividade, objetividade e espiritualidade. Ela busca configurar uma continuidade entre experiências simultâneas, pois a arte convida-nos a estabelecer um trânsito entre os veículos da busca humana: do eu, dos sonhos e das realidades. Propiciando transitar entre experiências diferentes e divergentes, a arteterapia cuida da cisão entre sujeito e objeto na cultura. Sendo assim, ela nos convida a trabalhar as potencialidades da alma humana.

PALAVRAS-CHAVE: Espaço Potencial; Espiritualidade; Interioridade.



CONTRIBUIÇÕES DA ARTETERAPIA NA DESPONTENCIALIZAÇÃO DO COMPLEXO PATERNO NA CLÍNICA JUNGUIANA

Thais Isabela da Veiga - UNIVALI

tat-thais@hotmail.com

Sueli Terezinha Bobato - UNIVALI

RESUMO: Trata-se de um estudo de caso a partir do atendimento psicoterapêutico realizado na Clínica de Psicologia da Univali na abordagem analítica de Carl Gustav Jung, com uma mulher de 35 anos, casada há 15 anos e mãe de uma filha adolescente. Após busca espontânea, foram evidenciadas demandas referentes ao difícil relacionamento com o pai, bem como relacionamento conjugal conflituoso, permeado por infidelidade do parceiro, sentimentos de insegurança e baixa autoestima. Na perspectiva junguiana, a psique possui tanto elementos masculinos quanto femininos, independente da condição genital do indivíduo. Portanto, o animus constitui-se como o aspecto masculino na psique da mulher e ele deriva do arquétipo do Pai, constituído pela figura paterna, mas também pelas demais figuras masculinas ligadas afetivamente à mulher, no decorrer de seu desenvolvimento. O complexo se constitui a partir da quantidade de energia e de afeto que lhe oferecem magnitude e força. Pode ter um caráter traumático e outras vezes apenas doloroso e altamente acentuado, bem como pode ser ativado a partir de um conflito moral ou choque emocional. Considerando tais pressupostos, mulheres que vivenciam a experiência de terem sido abandonadas pela figura paterna, muitas vezes, se engajam em relacionamentos amorosos que parecem ter a função de preencher as lacunas afetivas deixadas por aquela ausência. Depositam nos parceiros amorosos todas as frustrações e expectativas de resgate do abandono imposto pela figura paterna na infância, dificultando o estabelecimento de um relacionamento saudável e equilibrado em decorrência do estado de submissão e dependência estabelecido. O parceiro amoroso torna-se o Pai, figura indispensável e portadora do poder masculino, sem a qual a mulher se vê destituída de possibilidade de sobrevivência emocional, sentindo-se desamparada e solitária, lançada num mundo hostil sem a sua presença. Segundo Jung, esse processo desfavorece o processo de individuação, necessário para que um ser se torne realmente uma unidade, uma totalidade, pela integração consciente de seus vários aspectos inconscientes. Este processo pode ser facilitado com a mediação da criatividade artística, considerada por Jung, como uma função psíquica natural e estruturante, cuja capacidade de cura consiste em dar forma, em transformar conteúdos inconscientes em imagens simbólicas. À vista disso, o objetivo deste



estudo foi compreender a influência do complexo paterno na constituição da feminilidade e das vivências afetivo-amorosas, manifestada por meio de suas representações simbólicas com a mediação da arte. Foram realizadas 14 sessões psicoterapêuticas, utilizando-se da técnica de amplificação simbólica a partir das seguintes estratégias: entrevista clínica, elaboração de desenhos, análise de sonhos e a técnica da imaginação guiada. Os materiais artísticos foram sendo disponibilizados a partir das demandas trazidas durante as sessões, como também após o término da técnica da imaginação guiada. No decorrer do processo, por meio de seus relatos, bem como de desenhos das representações simbólicas do casamento, família atual e o casamento de seus pais durante a infância, evidenciou-se sentimentos de grande frustração no âmbito afetivo-amoroso. As representações simbólicas permitiram compreender a dinâmica projetiva do seu relacionamento conjugal, reproduzindo inconscientemente os conflitos vivenciados no casamento de seus pais, o que possibilitou reflexões sobre a necessidade de mudanças efetivas em sua vida. Por meio dos atendimentos realizados evidenciou-se que a dissociação da função masculina na própria psique, reflete-se nas projeções de aspectos como ação, organização, criatividade e assertividade. A psicoterapia teve como objetivo favorecer o processo de integração dos princípios masculinos da psique (animus), pois sem o masculino, o feminino não se desenvolve, dificultando o processo de individuação. Com o reconhecimento e aceitação de suas características pessoais, com seus anseios e frustrações, a mulher poderá relacionar-se de forma menos projetiva. A arteterapia constituiu-se como um recurso intermediário no contato com conteúdos do inconsciente pessoal de modo a favorecer seu reconhecimento e integração na dinâmica psíquica, auxiliando o processo de individuação.

PALAVRAS-CHAVE: Psicoterapia Analítica; Complexo Paterno; Arteterapia; Processo de Individuação.



PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: CONTRIBUIÇÕES DA ARTE NO PROCESSO GRUPAL

Thaís Isabela da Veiga - UNIVALI

tat-thais@hotmail.com

RESUMO: Atualmente sabe-se que as atividades artísticas proporcionam um desenvolvimento gradativo e dinâmico em todos os indivíduos, sendo capaz de trazer resultados ainda mais significativos na vida de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e deficiência intelectual, possibilitando oportunidades de mudanças no comportamento e nas atitudes, além de colaborar com suas interações interpessoais, capacitando-o à comunicação, à imaginação, à criação e à transformação, além da participação social e uma vida independente. A deficiência intelectual, bem como o autismo, apresenta limitações associadas a duas ou mais áreas de habilidades adaptativas, entretanto, o cuidado e os recursos da arteterapia podem favorecer na diminuição dessas limitações. A partir disso, este trabalho tem como objetivo relatar a experiência do uso das ferramentas da arte como possibilidade de identificar e expressar os sentimentos e as emoções de pessoas com deficiência através dos processos grupais que ocorreram por meio de um estágio específico do curso de Psicologia. Foram realizados dez encontros grupais, utilizando-se da arteterapia a partir das seguintes estratégias: música, desenhos, pinturas e origami. O grupo foi composto por três mulheres com deficiência intelectual e uma com autismo em acompanhamento na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais - APAE de uma cidade do Vale do Itajaí-SC. Para os encontros semanais foram propostos temas variados que foram definidos a partir das demandas do próprio grupo, tais como: as fases da vida (desenvolvimento humano), saúde e higiene, sexualidade, valorização da imagem, bem como, os sentimentos e as emoções. Os materiais utilizados foram papéis, folhas coloridas, lápis de cores, quadros, tintas, revistas e tecidos, além do instrumento musical (violão). O uso da arte trouxe resultados positivos para o desenvolvimento do grupo, pois conseguiram compreender e acompanhar as atividades, além de identificar as diversas emoções e sentimentos relacionando-as com as expressões faciais e também com suas capacidades cognitivas. Além disso, auxiliou com que o grupo expressasse os momentos em que sentiam medo, tristeza, raiva e alegria, favorecendo assim, as trocas e o empoderamento do grupo. Diante de tais resultados, percebe-se que a arteterapia favoreceu também na comunicação e interação entre o grupo/indivíduo e coordenadora do grupo (estagiária de psicologia), ainda, facilitando o entendimento dos temas propostos, bem como a adesão nas atividades. Dessa forma, recomenda-se o uso das diversas ferramentas que a arte dispõe em



diferentes contextos e ocasiões, contribuindo de forma significativa no campo intelectual e comportamental de pessoas com deficiência.

PALAVRAS-CHAVE: Arteterapia; Processo Grupal; Deficiência Intelectual; Autismo.



A IMPORTÂNCIA DA ARTETERAPIA COMO CAMINHO PARA DESENVOLVER A SENSIBILIDADE NO PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Inara Linhares - CDVBA

inararte@gmail.com

Maria Glória Dittrich - UNIVALI, ACAT, UBAAT, CDVBA

RESUMO: Esta pesquisa possui perfil teórico prático e trata sobre a importância da arteterapia como caminho para desenvolver a sensibilidade no profissional da educação básica. O objetivo é: Investigar como a Arteterapia pode auxiliar a sensibilização no processo de formação continuada dos professores da educação básica que atuam na área inclusiva. Humanizar a educação e entender que a criança precisa ser compreendida na sua integralidade é um caminho importante, onde o professor pode usar estratégias com metodologias adequadas e menos segregadas. Para responder à questão norteadora e fundamentar do presente estudo, foram realizadas leituras que relacionaram o tema proposto com a teoria de pesquisadores das áreas de educação, psicologia, filosofia e artes. A Arteterapia como uma prática terapêutica por meio da arte espontânea configura-se um caminho de aprendizado na perspectiva do sensível do ser humano nas suas percepções sobre, sobre o outro e sobre o seu histórico de vida na sociedade e no meio ambiente natural. Neste sentido ressalta-se o fato de que as histórias pessoais são diversas, portanto, são múltiplas as possibilidades de construção e expressão dessas manifestações visuais no processo educacional. O projeto prático terá de início 10 oficinas, realizadas com três professoras auxiliares, que acontecerão semanalmente as quais terão duração de três horas, com prática arteterapêutica e registro das vivências, que seguirão um planejamento com os seguintes dados: Tema da oficina; Objetivo da vivência proposta; Preparo do ambiente; Acolhimento do ser; Cuidado do ser, Espaço e movimento para a saúde integral (aplicação do método); Acolhimento amoroso de despedida e Considerações finais. Pretende-se destacar a importância da docência neste processo, uma vez que é necessário um olhar abrangente e sensibilizado para a função da escola enquanto meio primordial de difusão de saberes. Para a compreensão dos dados se utiliza a hermenêutica fenomenológica. Espera-se como resultados finais oportunizar práticas terapêuticas com a arte no sentido de sensibilizar o olhar dos professores sobre as relações de cuidado na saúde e educação na educação básica.

PALAVRAS-CHAVE: Arteterapia; Sensibilidade, Ser humano; Educação Básica.



BONECAS DE ARGILA COMO FERRAMENTAS DA AUTOEXPRESSÃO

Tamara Nowascky Gonzales - CENSUPEG

tamara@tamaranowascky.com

Sonia Bufarah Tommasi - CENSUPEG, UNIPAZ, ACAT, UBAAT

RESUMO: Arteterapia, como técnica expressiva, estimula o universo imaginário a criar espontaneamente, a plasticidade dos materiais dão forma as imagens internas, e ao concretiza-las as emoções cristalizadas quebram como se fossem pedaços de um copo de cristal. Conteúdos que as vezes estão há muito tempo reprimidos emergem para consciência. O processo auxilia a psique a criar, recriar e organiza-se interna e externamente. O material utilizado foi a argila. A produção de bonecas modeladas em argila é um recurso de auto expressão com grande potencial terapêutico. Sua força reside tanto nas figuras retratadas, que são construídas com grande liberdade de criação, quanto na plasticidade da argila, que oferece um meio de fácil utilização para expressar sentimentos profundos – simbolicamente vinculados ao elemento terra. As bonecas nos conectam com símbolos e arquétipos, que fazem surgir, através da modelagem espontânea, conteúdos mais profundos do inconsciente. O objetivo foi de identificar e expressar o feminino reprimido. As peças foram modeladas após uma prática de meditação sobre o elemento primitivo barro e o sentido de percepção que representam. As imagens que emergiram foram o feminino com formas dos quatro elementos ar, água, terra e fogo, conectando o sujeito a vida natural. Os resultados propiciaram uma reflexão sobre o ser feminino enquanto filha, mãe, esposa e mulher. Permitiu integrar e reconhecer aspectos desconhecidos da psique. A utilização da modelagem direcionada à construção de bonecas pode acrescentar profundidade ao recurso de expressão com argila, permitindo ao usuário acessar conteúdos mais profundos da psique e caminhar em seu processo de individuação.

PALAVRAS-CHAVE: Feminino; Argila; Auto expressão; Autoconhecimento.



ARTETERAPIA COM UM PORTADOR DE ALZHEIMER IDOSO

Heidi Penz - CENSUPEG

heidipenz@outlook.com

Sonia Bufarah Tommasi - CENSUPEG, UNIPAZ, ACAT, UBAAT

RESUMO: O presente artigo, relata a experiência desenvolvida durante o estágio de Arteterapia da Instituição CENSUPEG, com idosos moradores na Instituição Oikemera Centro Dia, em Florianópolis/SC. O sujeito S. F. S., sexo feminino, com 83 anos de idade, foi acometido com Alzheimer, há 2 anos. O primeiro sinal do Alzheimer é a dificuldade em recordar a eventos recentes. Tendo como objetivo estudar se as técnicas da Arteterapia podem retardar o desenvolvimento da doença, e ao mesmo tempo, acolher as emoções sentidas neste primeiro estágio da doença. S.F.S. participa do processo com a Arteterapia. Em uma das sessões foi trabalhado a raiva e S.F.S. lembrou da raiva sentida na infância, relacionado a preconceito racial e econômico. Relatou que recorda da intensidade desta emoção, e que perdura até o presente momento, desta sessão. Com a técnica de argila o sujeito pode expressar a sua raiva, que foi reprimida desde a infância. A argila serviu de suporte, e ao ser amassada serviu de veículo de expressão de seus sentimentos reprimidos durante muitos anos. A expressão foi bem significativa, pois foi o ápice que trouxe à tona esses sentimentos e emoções reprimidos, que vinham aparecendo nas sessões anteriores. Durante o período o sujeito passou a se comportar de outra forma, parecendo não sentir a raiva por aquele momento. A metodologia utilizada foi a Maiêutica Socrática, baseada na teoria da Psicologia Analítica. Os objetivos foram atingidos parcialmente, pois a pesquisa encontra-se em andamento.

PALAVRAS-CHAVE: Idoso; Arteterapia; Alzheimer; Argila.



PROJETO HOJE É DIA DE MARIA

Marilde do Amaral Lima - Secretaria Municipal de Educação de Pinhão, PR

amarilde@yahoo.com

Iara Oliveira - Secretaria Municipal de Educação de Pinhão, PR

Eroni Camargo - Conselho Municipal de Educação de Pinhão, PR

RESUMO: O Projeto Hoje é dia de Maria – A arte de ser mulher, foi pensado para um grupo de doze mulheres, que semanalmente por 08 encontros, se encontraram para momentos de Autoconhecimento à luz das vivências da Arteterapia. Este grupo foi idealizado visando atender um grupo de mulheres de diferentes setores públicos do município de Pinhão por iniciativa particular enquanto mulheres e não funcionárias, porém almejando resultados que certamente iriam refletir no seu trabalho, as profissionais que formaram o grupo, pedagogas, assistentes sociais, publicitária, advogada, engenheira civil e enfermeiras, interessante relatar da diversidade que compôs este trabalho sendo bastante enriquecedor, pois ambas se colocam na posição em comum de “cuidadoras”. Objetivos que nortearam este trabalho que se refere à Mulher enquanto “cuidadora” e portanto necessário oportunizá-las momentos de saúde e qualidade de vida, para que então possam cuidar de si mesmas, proporcionar autoconhecimento e auto imagem, a expressão de sentimentos, emoções e conflitos, florescer seu potencial criativo, pois dentro do mundo moderno, acumuladas de funções, trabalho e família, a pressão da dupla jornada, dentre outros fatores, são contribuintes para intimidar a criatividade e a essência da mulher. Afastadas também do convívio com a natureza, e por consequência da sua própria natureza, passam a não notar a presença do arquétipo feminino, da força, da intuição, dos seus ciclos naturais. Por conta deste cenário, os problemas como medos, ansiedade, depressão, fragilidade, desconforto, falta de criatividade, dentre outros sinais, são consequências do afastamento desse feminino, do instinto que nós mulheres possuímos. Mulheres de diferentes idades, que buscam equilíbrio, se autoconhecer, diminuir o estresse e ansiedade, encontrar suas essências. Através da expressão artística, contos, música, buscou-se o contato com nosso silêncio, com nosso criativo, com o nosso ser. A opção foi pelo trabalho em Grupo que é acolhedor e para um número reduzido de mulheres proporciona uma sintonia maior. Além disso, foi um caminho percorrido através do qual cada uma pode encontrar possibilidades de expressão através de técnicas e materiais artísticos diferentes, e então processar, elaborar e redimensionar suas dificuldades na vida. A repercussão deste trabalho, que já foi solicitado pelas participantes que haja uma continuidade, e que fez com que



formasse um grupo de encontros frequentes para socialização, refletiu os seguintes resultados de acordo com os relatos no percurso final, os aspectos evidenciados foram de: Conversar consigo mesmo, identificar os sentimentos, não reprimir sentimentos, principalmente os negativos, identificar a necessidade da busca por reconhecimento, aprovação e agradar, aprender a dizer “não posso, não quero, não vou, não sinto” ou ao menos identificar quando sentiu vontade de dizer não mas não conseguiu, acreditar na capacidade de mudar o que quiser, ser responsável pela própria felicidade, saindo assim do papel de vítima e infinitas lamentações, questionar as crenças que nos foram transmitidas como verdades absolutas, libertar-nos das prisões da ignorância sobre si mesmo, aprender a ouvir os próprios desejos, sentimentos, enfim, sua própria voz, valorizando a intuição, transformar as culpas do passado em responsabilidades para modificar o presente, e principalmente sentir-se em paz. O resultado principal foi um grupo que se encontra mensalmente no intuito de socializar-se e dar apoio umas às outras, fortalecendo-se mutuamente, agregando ainda viagens turísticas do grupo que batizaram de “Marias”, como uma de suas metas. Pretende-se dar continuidade aos encontros numa nova fase, bem como proporcionar outros iniciantes.

PALAVRAS-CHAVE: Arteterapia; Cuidadora; Mulher; Autoconhecimento.



A BUSCA DO SENTIDO NA JORNADA DO FEMININO

Rosângela Franklin dos Santos Rozante - Espaço terapêutico Caminhos do Self

caminhodoself@globo.com

Helayne da Costa Coelho - Espaço terapêutico Caminhos do Self

Ana de Jesus Esteves de Almeida - Espaço terapêutico Caminhos do Self

RESUMO: Este trabalho com grupo de mulheres apresenta uma modalidade de tratamento em arteterapia onde estar em companhia do outro transformou a percepção de cada integrante dos grupos. Cada encontro viabilizou a metamorfose conjunta e a reorganização individual. A experiência compartilhada acarretou em cada integrante a reflexão e insight para mudanças de comportamentos e atitudes. Escolhemos a mitologia Greco-romana para proporcionar uma vivência com os arquétipos do feminino, provocando o encontro com as nuances do inconsciente coletivo pulsante em todas as mulheres, para tomarem consciência dessa poderosa força que nos habita através do conhecimento e da vontade. Utilizar estas forças no exercício do desenvolvimento e da busca da integridade psíquica. Os objetivos foram produzir espaço de acolhimento em Arteterapia, propondo um fortalecimento egóico através de vivências expressivas que levassem a consciência dos seus desejos, motivações, fraquezas e recursos para fazer escolhas. Foram divididas em grupos com o máximo de 10 anos de diferença de idades entre elas. Tiveram sessões de 2 horas semanais por período de 10 meses. A Classe social, etnia e grau de escolaridade não foram consideradas. Escolhemos trabalhar com técnicas que trouxessem questões humanas. Usamos relaxamentos, materiais de arte variados, consignas que as levassem a uma reflexão, mitos Greco-romanos, contos de fada, poesia, vídeos debates e expressão corporal através da música, teatro e dança. Fase I Diagnóstica - DESBLOQUEIO E ATIVAÇÃO DO PROCESSO CRIATIVO - da 1ª a 8ª sessão; Fase II- Estímulos Geradores: “IDENTIDADE E RECONHECIMENTO DO EU” - da 9ª a 24ª sessão; Fase III - “PROCESSOS AUTOGESTIVOS E AUTONOMIA” - da 25ª a 40ª sessão. **RESULTADOS:** Realizado com 07 grupos de mulheres, iniciados em 2013 até o ano de 2017. Num total de 67 mulheres: 05 solteiras, 31 casadas, 19 separadas, 08 divorciadas e 04 viúvas, foram inscritas, com idades entre 26 e 73 anos. Neste somatório, o maior grupo se estabeleceu entre a faixa de 50 à 69 anos. O resultado mostrou também que 52 delas conviveram com a arte na família e 15 delas não tiveram nenhum acesso. Os indicadores colhidos em entrevistas individuais com as mulheres, apontaram as seguintes sintomatologias: 19 - com Transtorno de Ansiedade; 18 - com Depressão; 13 - com Solidão; 04 com Síndrome de Pânico; 01 - com



Transtorno Obsessivo Compulsivo. Observou-se também 27 casos de busca sem queixa, embora apresentassem baixa autoestima. Todas tiveram a Arteterapia como sua 1ª experiência terapêutica, que buscaram, motivadas por suas sintomatologias e busca de autoconhecimento. Este trabalho de grupo, em relação ao feminino, mostrou que a passagem pela meia idade, apontou um ressignificado de vida, com trocas de experiências. As energias foram canalizadas para conferir identidade em: relações amorosas, família, escolha profissional, trabalho, necessidades advindas de normas culturais, sociais e espiritualidade. O trabalho de grupo vem fortalecido também pelo que Jung diz “O encontro de duas personalidades é como o contato de duas substâncias químicas: Se houver reação, as duas são transformadas”.

PALAVRAS-CHAVE: Arteterapia; Mito; Feminino.



INTERCULTURALIDADE NA FORMAÇÃO DE ARTETERAPEUTAS

Eliana Nunes Ribeiro - AARJ

lianrib@gmail.com

RESUMO: Apresenta a experiência docente em Curso de Especialização em Arteterapia, onde observa-se que a proposta pedagógica da disciplina Arte, Identidade e Cultura nas Sociedades Contemporâneas enfocando as várias matrizes culturais formadoras do que denomina-se povo brasileiro tem possibilitado aos arteterapeutas em formação as diversas concepções de pessoa e de saúde presentes em nossa formação cultural. Como objetivo, tanto da disciplina quanto desta apresentação, busca-se sensibilizar arteterapeutas profissionais e em formação para o potencial de integração e saúde presentes nas diversas manifestações culturais incentivando, assim, uma prática dialógica, intercultural e transdisciplinar. Metodologicamente, ao longo de quatro encontros contando com a exibição de vídeos, textos os arteterapeutas em formação são incentivados a realizar e relatar visitas a grupos que se organizem ao redor de atividades expressivas, tais como blocos carnavalescos, grupos de folguedos e dança; esta atividade vem produzindo fecundos debates sobre hegemonias e silenciamentos de concepções e práticas propiciadoras de saúde, bem como proporcionando aos arteterapeutas em formação a dimensão política contida em sua futura prática profissional. Neste sentido, a interculturalidade, entendida como conceito que engloba uma atividade contínua, de permanente relação, comunicação e aprendizado entre pessoas, grupos, conhecimentos, valores e tradições distintas cujo objetivo é reforçar as identidades tradicionalmente excluídas para construir, na vida cotidiana, uma convivência de respeito e legitimidade, ao ser o caminho pedagógico para a formação de arteterapeutas é capaz de produzir novos conhecimentos e ampliar a compreensão simbólica do mundo. Desde a Conferência Internacional sobre Cuidados Primários de Saúde (Alma-Ata, 1978) este aspecto vem sendo ressaltado, torna-se fundamental, portanto, que a conexão entre saberes de várias matrizes culturais seja fortalecida, preservada e torne-se presente, de vários modos, na formação dos profissionais em Arteterapia.

PALAVRAS-CHAVE: Formação; Interculturalidade; Cuidados Primários de Saúde.



A ARTETERAPIA COMO DISPOSITIVO DIAGNÓSTICO E INTERVENTIVO NO CUIDADO INTEGRAL DE PACIENTES ONCOLÓGICOS EM INFUSÃO QUIMIOTERÁPICA

Roselene Herhardt - UNIVALI

rosih_h@hotmail.com

Sueli Terezinha Bobato - UNIVALI

RESUMO: Trata-se de um relato de experiência de um estágio em Psicologia no Ambulatório Oncológico do Hospital de uma cooperativa médica do Vale do Itajaí/SC, com intervenções voltadas ao cuidado complementar dos pacientes por meio da arteterapia. Esta ferramenta constitui-se como um conjunto de procedimentos que utiliza materiais expressivos, proporcionando a estimulação da criatividade e a mobilização de energia vital, buscando harmonia e bem-estar. Dada a sua relevância no cuidado integral à saúde, esta prática foi reconhecida e integrada pelo Ministério da Saúde em 2017 pela Portaria nº145/2017 que amplia os procedimentos oferecidos pela Política no Sistema Único de Saúde. Apesar de seu reconhecimento no âmbito das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde, no Brasil a arteterapia é utilizada desde a primeira metade do século passado entrelaçada à psiquiatria e influenciada pela vertente psicanalítica e junguiana. Embora possa ser desenvolvida a partir de diferentes referenciais teóricos, a arteterapia se define em todos eles por um ponto em comum, o uso da arte como meio à expressão da subjetividade, ampliando a abordagem tradicional baseada na linguagem verbal. Os objetivos foram proporcionar aos pacientes oncológicos em terapia de infusão quimioterápica a oportunidade de expressão e elaboração de sentimentos relacionados às vivências frente ao diagnóstico e tratamento do câncer por meio da arteterapia. O público alvo foram cinco pacientes em seguimento clínico no Ambulatório Oncológico de um Hospital, no período de maio a julho de 2018. Os atendimentos foram prestados na sala de infusão quimioterápica e no leito hospitalar, com periodicidade semanal, quinzenal ou mensal. As atividades propostas envolveram acolhimento e escuta terapêutica, mediadas por técnicas de Arteterapia, mais especificamente a "Linha da Vida" "Diário dos sentimentos", "caixa mágica", registros pictóricos, relato oral e escrito, sob os aportes epistemológicos da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung. A atividade da elaboração da "Linha da Vida" possibilitou conhecer o histórico de vida dos pacientes em suas diversas fases desenvolvimentais de forma lúdica, localizando a fase do diagnóstico de forma espontânea. Possibilitou ainda identificar as necessidades psicossociais inerentes à condição de saúde e repercussões emocionais



que emergem no processo do tratamento. O Diário dos sentimentos possibilitou a oportunidade de expressão dos sentidos e significados de sua existência, constituindo-se como um momento de reflexão e autoconhecimento. Foram evidenciados aspectos enantiadrômicos em suas produções, por meio das cores mais vibrantes e vivas, como o amarelo, verde e vermelho, bem como das intitulações “Minha nova vida” e “Diário da Esperança”, com conteúdos que faziam referência à esperança, alegria e prazer em viver, capacidade de perdão e o valor da saúde. Em contrapartida, foram evidenciadas cores escuras que apareceram, em alguma proporção, na maior parte dos trabalhos, sendo referenciadas como “o lado escuro da vida” ou “aquilo que a gente quer esquecer”. Outra atividade proposta foi a decoração de uma caixa feita de origami com a designação de constituir-se como um presente para alguém importante, cujo objetivo foi o estímulo à criação de imagens de superação e trocas interativas entre os pacientes. Concomitantemente foi realizada uma escuta ativa sobre o processo saúde e doença, cujos relatos foram acompanhados de conteúdos ansiogênicos envolvidos ao processo de tratamento, angústias relacionadas ao futuro, bem como das estratégias de enfrentamento da realidade, permeadas pela religiosidade, cura pela fé, coragem e força. Os resultados evidenciaram disposição e energia dos pacientes para a produção das atividades de arteterapia propostas, favorecendo o resgate de memórias específicas que estavam na base da angústia vivenciada, inerentes a fatos importantes da própria história de vida, até então muito pouco compartilhados ou com elementos ainda desconhecidos. Os recursos utilizados contribuíram para melhor comunicação consigo próprio, favorecendo a integração dos próprios conteúdos e compreensão do funcionamento psíquico. A estagiária constituiu-se como facilitadora na oferta das atividades expressivas que se converteram em experiências metafóricas, possibilitando que conflitos fossem representados e reconhecidos simbolicamente na experiência de conviver com o câncer, contribuindo para o bem-estar subjetivo dos pacientes oncológicos.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia; Arteterapia; Oncologia.



ARTETERAPIA E CULINÁRIA: UMA METÁFORA DA ALMA

Glícia Manso - IFEP

diretoria@institutofenix.com

Alinne Manso - IFEP

RESUMO: Muito mais do que um ato fisiológico, comer é um ato que antecede a história da humanidade. É um ato de sobrevivência, responsável pela manutenção da vida, pela perpetuação da espécie animal, e a muito séculos, principalmente após o advento da manipulação e controle do fogo vem se desenvolvendo como um ato de imaginação que é a mediação entre a natureza e a cultura por meio da amplificação dos nossos mitos pessoais no ato de cozinhar e de comer. O ato de comer está submetido a vários fatores, físicos psíquicos, socioculturais, econômicos, geográficos, acompanhando a linha do tempo do desenvolvimento da sociedade. Da escassez do alimento, à oferta de alimentos prontos, processados e congelados, produzidos de forma artificial e sempre disponíveis, observamos o crescimento demográfico da população que tem se distanciando cada dia mais do ato de comer e cozinhar como uma atividade saudável e prazerosa. O que podemos observar na atualidade é que o ato de comer não ficou impune aos despropósitos da nossa sociedade contemporânea. A obsessão pelo corpo magro, pela estética é propalado nas mídias, nas redes sociais. Inibidores de apetite, suplementação, vitaminas, e etc. somados ao abuso, a compulsão, a abstenção, e aos excessos são o terreno fértil para inúmeros tipos de transtornos como bulimia, anorexia e obesidade. A alimentação saiu dos lares e porque não dizer do entorno das fogueiras, dos fogões à lenha, para o shopping e *self services*, favorecendo a desnaturalização do ato sagrado de comer. A Arteterapia em seu caminho rumo ao autoconhecimento pode estar resgatando a imaginação, a memória, a simbologia, o ritual e a mitologia pessoal e coletiva no entorno não só do ato de comer e cozinhar, mas do ato de confraternizar, celebrar, partilhar histórias e convívio nas relações pessoais e interpessoais religando o indivíduo ao alimento e aos seus valores essenciais para uma vida saudável. A proposta do trabalho é investigar e refletir para além do ato de comer, ressignificando-o a fim de que “comer” seja nutrir-se física e emocionalmente. Para tanto utilizaremos como enfoque os contrastes na cozinha, termos populares que envolvem o alimento, reflexões sobre saúde e doença, a importância fundamental da função fisiológica do comer, o lugar simbólico da cozinha, as funções Junguianas, o desenvolvimento do Paladar, o universo dos sabores, as memórias involuntárias provocada pela experiência culinária, os cinco sentidos, imagens mitológicas ligadas ao comer (Ex. Uroborus, Imagens Alquímicas, Cronos), os quatro elementos (Água, Terra, Fogo



e Ar), as operações alquímicas do ato de cozinhar e sua função simbólica e os próprios alimentos. Os materiais a serem utilizados serão: avental TNT, tesoura, cola, cola quente, vasilhas plásticas, colheres plásticas, alimentos, sementes e bacias. Os resultados esperados são de fomentar o olhar do campo de saber da Arteterapia para incentivar mais pesquisas nessa área uma vez que, há uma incidência muito grande de doenças e transtornos, oriundos de hábitos alimentares que além de afetar a saúde como um todo, incidem no comportamento social e nas relações interpessoais ocasionando um grande número de casos de automutilação, depressão e tentativas de suicídio inclusive em crianças e adolescentes que muitas vezes são motivadas por falta de vínculo afetivo haja visto que com o ritmo acelerado da vida contemporânea corroborado por diversos recursos que favorecem essa dissolução do ato de comer no cotidiano da casa, feito com o grupo familiar, essencialmente como ritual de sociabilidade, onde as crianças aprendem repartir, ouvir, compartilhar, discutir e conviver. A relevância para o evento está em contribuir para pesquisas no campo da Arteterapia, utilizando como linguagem o ato de comer e nutrir-se, fisicamente e emocionalmente: a comida como metáfora da alma.

PALAVRAS-CHAVE: Culinária; Alquimia; Mito Pessoal e Coletivo; Afetividade.



O FENÔMENO ARTÍSTICO

Zilia Nazarian e Regina Chiesa - Atelier Arteterapêutico Espaço Aberto

zilianazarian@gmail.com

RESUMO: O Fenômeno Artístico é uma oficina que se baseia em metodologia empregada pela École Afratapem de Arteterapia de Tours, França, chamada Operação Artística (OA), criada pelo filósofo e musicoterapeuta Richard Forestier (1999). Segundo esse autor, a OA é a interface entre o ser humano e a Arte. Ela organiza mecanismos humanos e artísticos envolvidos na atividade artística em fases, as quais observadas individualmente, podem vir a ser um lugar de intervenção do profissional atento em seu cliente/paciente. Nesse percurso, analisa-se o indivíduo tanto nas suas sensações mais íntimas (parte invisível), como em suas reações emocionais, psíquicas e motoras (parte visível). A ciência do Belo, a estética, é o que impulsiona essa operação. O Objetivo é ter uma melhor acuidade profissional na localização das deficiências desse cliente/paciente, acarretando propostas e estratégias mais adaptadas e convenientes ao alcance do seu bem-estar. A metodologia será dispor imagens de modo museológico, pedindo a cada participante do grupo para observá-las e por alguns minutos contemplar a que mais lhe agrada. Prazer e emoção sentidos podem então desencadear um desejo pessoal do agir de forma expressiva. A seguir, um material artístico variado será oferecido a todos para que a impressão sensorial recebida possa agora ser expressa concretamente em conexão com os recursos individuais mais profundos de cada um. Dá-se então o Fenômeno Artístico propriamente dito - Intenção, Ação e Produção. O processo da OA é dividido em 8 fases a saber: a primeira traduz a obra de arte escolhida, como um acidente espaço-temporal. Ela existe e antes dela, todo um contexto relativo ao indivíduo se apresenta - ancestralidade, cultura, meio em que vive, educação e outros elementos que o constitui e que vão influir na captação sensorial desse objeto, constituindo assim a segunda fase. Diferenças entre Ver e Olhar, Ouvir e Escutar são aí analisadas pelo profissional. A estética orienta esse processo. Na terceira fase vemos o ser humano no que há de mais arcaico. É a fase do reflexo e da gratificação sensorial, o prazer pelo prazer, sem conceitualizar o objeto em questão. Dá-se a autorregulação entre o mundo exterior e o interior; o tratamento bruto da informação é elaborado mentalmente, ocasionando uma possível reação de incentivo ao desenvolvimento das capacidades, potencialidades e faculdades do espírito e do corpo. Entre esta e a quarta fase, a Arteterapia passa a atuar pelo mecanismo da emoção que se faz presente. Embrião artístico. A quarta fase traduz o tratamento sofisticado da informação. Intenção/pulsão de representar o sentimento captado. As atividades cognitivas e a faculdade crítica



enriquecem a expansão espiritual. Escolhas a serem feitas. Na quinta fase os mecanismos psicomotor e cognitivo entram em ação conjunta. Passagem da atividade contemplativa para a produtiva. A técnica se impõe. Organiza-se para a produção. Na sexta fase a motricidade é autorregulada pela relação que existe entre a sensação sentida, a intenção proposta e a síntese do conjunto de mecanismos implicados na ação. Gestos adaptados. Produção em curso. Na sétima fase a obra é concluída. Princípio de distanciamento. Nas artes corporais as fases cinco, seis e sete estão intimamente ligadas não sendo possível usar esse princípio. Na oitava fase a obra se insere no domínio público se o autor assim o desejar. O indivíduo interage com o meio social em que vive. O resultado esperado dessa análise fracionada está em que o facilitador propicie maior criatividade, engajamento e amplitude do ser em seu cliente/paciente gerando bem-estar e qualidade de vida. A relevância é apresentar uma nova metodologia de avaliação em atelier arteterapêutico.

PALAVRAS-CHAVE: Sensação; Prazer; Emoção; Arteterapia.



VER OU ENXERGAR: TÉCNICAS DE DESENHO EM ARTETERAPIA PARA AMPLIAÇÃO DE CONSCIÊNCIA

Valéria Gonçalves da Cruz Monteiro - UNIP

7valmonte7@gmail.com

RESUMO: Este trabalho apresenta a experiência de se utilizar técnicas de desenho desenvolvidas a partir de estudos em neurociência como ferramentas em processos de Arteterapia. O desenho expressa imagens mentais de objetos e relações objetivas no contexto e na época em que foram fixados pelo indivíduo e qual o grau de afetividade envolvida. Assim, o simples desenhar já nos traz pistas de como este indivíduo enxerga o que está à sua volta, tece suas relações e interpreta o meio em que vive. Trabalhar com o desenho pode promover reorganização mental e atualização de padrões de comportamento pelo simples fato de atualizar os padrões de imagens prefixados; e se o processo for direcionado dentro dos princípios da Arteterapia os resultados podem ser ilimitados. O método do processo arteterapêutico desenvolvido neste é dirigido no sentido de trazer ampliação de consciência a partir da percepção de que o que vemos não necessariamente corresponde à realidade externa, mas sim a um conjunto intrincado de memórias, emoções e filtros internos desenhados a partir de como vivemos nossas experiências individuais no meio ambiente ao qual pertencemos, do micro ao macro sistema, abrindo assim a possibilidade de novos olhares para diversos aspectos de nossa vida, promovendo resiliência e *mindfulness*. Os materiais a serem utilizados na prática serão papel sulfite e caneta hidrocor preta. A oficina contará com uma parte teórica, apresentada em powerpoint onde serão explicados princípios de neurociência e funcionamento cerebral, seguida de exemplos de processos já aplicados e seus resultados. Após a explanação teórica faremos a demonstração prática. O método utilizado é uma mescla de técnicas de desenho em uma sequência determinada a partir de estudos em neurociência, utilizando as lateralidades cerebrais, princípios integrativos e de neuroplasticidade. Entre as técnicas utilizaremos desenho cego, desenho invertido e de observação de maneira a promover a transição cognitiva do automático para o estado de atenção presente e a possibilidade de entendimento e comparação de ambos bem como de seu resultado no papel. A transição cognitiva é o que permite ao indivíduo trazer a mente focada integralmente no presente momento, como no princípio de *mindfulness* e assim ter uma visão diferenciada do que o cerca. Resulta em aceitação, autoconhecimento, auto percepção, estruturação mental, mudança de atitudes frente a situações de vida, equilíbrio e fortalecimento de autoestima. Uma ferramenta tão poderosa como o desenho é subutilizada e se perde



em técnicas e resultados estéticos. O uso do desenho como ferramenta dentro de processos arteterapêuticos ajuda no entendimento do trânsito de informações do eixo inconsciente e consciente, seu entendimento e incorporação ao consciente.

PALAVRAS-CHAVE: Arteterapia; Desenho; Neurociência; Resiliência.



MOVIMENTO CRIATIVO, ARTE E EXPRESSÃO NO PROCESSO TERAPÊUTICO

Priscila Ferreira

prishferreira@yahoo.com.br

RESUMO: Durante o processo de desenvolvimento da vida humana, são incorporados padrões sociais, repetitivas normas de disciplina, repetição de gestos e experiências passadas pela própria história deste corpo. Integrar o olhar ao corpo e ao movimento construído, é uma atitude essencial dentro do contexto de busca da melhoria na qualidade de vida. Trabalhar com o movimento pressupõe propor mudanças na mente, no corpo e no gesto. Não existe a necessidade de afastar-se do que é vivenciado no cotidiano, pelo contrário, ele pode ser aproveitado como uma forma de harmonizar o movimento para criar um novo caminho de crescimento e conhecimento. Pensar no movimento como aspecto terapêutico pode trazer ao indivíduo novas maneiras de relacionar-se com a vida, sendo até mesmo, um aliado para sair do conforto e da inércia. Assim, abre-se espaço para recriar o cotidiano de forma que se pareça mais conosco, atendendo às nossas reais necessidades. Neste ponto é que a Arte entra. Ela serve de canal para resgatar, despertar e fortalecer a confiança e a criatividade deste corpo. A arte levamos à possibilidade de libertar-nos de nossas mecânicas e repetições, a termos atitudes criativas e ações criadoras. O objetivo é resgatar o potencial do corpo através do movimento corporal criativo vivenciado junto com a expressividade plástica durante o processo arteterapêutico, possibilitando aos participantes reflexões que contribuam para que este corpo seja descoberto, reconhecido, acolhido e vivenciado, proporcionando um melhor entendimento de seus anseios, suas dificuldades, medos e melhoria na qualidade de vida. Serão utilizados tecidos, penas, papel 40 kg, giz de cera, carvão vegetal, fita adesiva, potes e som. Sala ampla e possivelmente sem móveis. Os participantes podem ir com roupa confortável. A oficina criativa é composta de estratégias combinadas de movimento criativo e arteterapia, estruturada na metodologia de Rudolf Laban (1889-1958). A proposta da oficina permeia momentos como relaxamento, respiração, estímulo sensorial, percepção do movimento voluntário e involuntário, aplicação do movimento, criação de gestos que atuam como estímulo gerador para o livre fluir do movimento, quando podem explorar movimentos possíveis de concretizar, que surjam naturalmente. Como continuidade, para elaborar a expressão realizada até então, porém mantendo-se no nível não verbal, os participantes são redimensionados para transposição da linguagem. Isto é, passam os conteúdos para uma nova expressividade, desenvolvendo-a em uma plástica através da modalidade do desenho. O movimento expressivo atua exercendo um importante papel nos processos



criativos na arteterapia. Espera-se facilitar a expressão, comunicação e materialização do mundo interno do indivíduo, possibilitando o resgate de sua identidade e autoestima. A relevância para o evento se dará em possibilitar o contato com esta experiência arteterapêutica que integra o movimento criativo à expressividade plástica, beneficiando grupos de várias idades e especificidades.

PALAVRAS-CHAVE: Arteterapia; Movimento Criativo; Expressividade Plástica; Identidade.



CADERNO CRIATIVO E ESCRITA DE SI: ENCADERNAÇÃO ARTESANAL E ESCRITA CRIATIVA

Jandira Paes de Carvalho de Melo - Instituto Casa do Todos - São Paulo, SP

jandiracarvalho47@gmail.com

RESUMO: Há várias possibilidades de definir Arteterapia. No seu artigo “Mas o que é mesmo Arteterapia?”, publicado na Revista de Arteterapia “Imagens da Transformação, Rio de Janeiro, vol. 5, a arteterapeuta e artista plástica Angela Philippini (1998, p.2) apresenta a definição de que “Arteterapia é um processo terapêutico decorrente da utilização de linguagens e materiais expressivos diversos, que servem à materialização de símbolos”, que atuam como facilitadores na relação terapêutica entre o sujeito, o símbolo e o arteterapeuta. Complementando, em artigo da Revista de Arteterapia da AATESP (2015), para Sonia M.B. Tommasi, “o recurso arteterapêutico estimula a imaginação, desperta simbolismos e metáforas que enriquecem o processo de autoconhecimento e de desenvolvimento cognitivo, afetivo-emocional e criativo”. A partir desse contexto, a Oficina de construção de um caderno criativo e escrita de si propõe, inicialmente, a criação de um caderno artesanal a partir da técnica da “arte cartonera”, projeto que surgiu na Argentina e se caracteriza pela construção da capa do caderno utilizando caixas de papelão reaproveitáveis. Fazer o próprio caderno usando uma técnica manual em tempos de industrialização e de consumo exagerado, traz um sentido de experiência pessoal de autoria. Posteriormente, com o caderno pronto, haverá momentos de escrever no caderno a partir de exercícios de escrita terapêutica, do contato com suas palavras, expressões e histórias. No texto “O saber e o saber da experiência”, Jorge Larrosa (2002) afirma que “as palavras criam realidades e, às vezes, podem funcionar como potentes mecanismos de subjetivação, de dar sentido ao que somos e ao o que nos acontece”. Ao final da Oficina, os participantes que desejarem poderão compartilhar suas experiências com o grupo. A oficina tem como objetivo oferecer diferentes possibilidades de utilização do caderno criativo no processo arteterapêutico, bem como atribuir sentidos à palavra e contribuir para o desbloqueio criativo da escrita de si. Para a realização da oficina serão utilizados os seguintes materiais: caixas de papelão, folhas de papel sulfite reciclado, fios para a costura, papéis artísticos, sacolinhas de papel, revistas, cola, tesoura, miçangas diversas. O espaço adequado é uma sala com cadeiras, mesas para apoio dos materiais ou carteiras. A oficina é elaborada a partir de metodologia pautada em princípios da Arteterapia, oferecendo quatro momentos: apresentação da proposta e sensibilização, vivência expressiva, elaboração sobre a vivência e fechamento da atividade. Espera-se que os



participantes acolham a oficina como um processo de autoconhecimento, de experiência e de aprimoramento e ampliação de seu repertório de linguagens e de materiais expressivos em Arteterapia. Considerando o tema “Desafios da Arteterapia: Saúde, Educação e Políticas Públicas, a oficina apresenta relevância especialmente em dois aspectos, o primeiro é o processo criativo, a transformação e a criação de algo novo, ressignificando materiais descartáveis, ou seja, oferecer uma nova “vida” ao papelão e criar um caderno meio livro, que será o lugar, o suporte para acolher os sentimentos, as reflexões e os sonhos, promovendo autoconhecimento, autoria e beleza. Todas essas elaborações de conteúdos psíquicos, mediadas por um profissional arteterapeuta, contribuem para a saúde do sujeito, uma vez que ele vai se apropriar da escrita como meio terapêutico. O segundo é oferecer um momento de trocas de experiências com profissionais arteterapeutas, estudantes de Arteterapia e demais profissionais da área de saúde que costumam frequentar Congressos da área.

PALAVRAS-CHAVE: Arteterapia; Escrita; Criatividade; Reutilização de Materiais.



ARTE, AMOR E ÊXTASE: CONTATANDO A SUA MUSA INTERIOR

Patrícia Pinna Bernardo - UNIP

pat.pinna@uol.com.br

RESUMO: A amplificação simbólica do universo mítico, empreendida a partir do referencial da Psicologia Analítica de C. G. Jung, nos proporciona um olhar aprofundado e ampliado sobre questões importantes e cruciais em nosso desenvolvimento psicológico, com suas dificuldades e desafios. Os mitos expressam, através de suas imagens arquetípicas, conteúdos que ajudam a organizar a socialidade e a ordenar forças psíquicas em nosso mundo interno, podendo contribuir para que enxerguemos as nossas vidas cotidianas como partícipes de uma estrutura dramática mais ampla, que não começa nem acaba em nós. Com isso podemos nos perceber como co-autores de nossos enredos existenciais, bem como auxiliados e ancorados em nossos conflitos e dificuldades pela nossa ancestralidade como ser e sua sábia guiança. A amplificação simbólica de mitos como os de Afrodite, deusa do amor, da beleza e da arte, de seu filho Eros e de seu séquito de deusas: as Horas, as Cárites ou Graças, as Musas, de Dioniso, deus do teatro, do êxtase e do entusiasmo, entre outros, nos permite vislumbrar caminhos possíveis no trabalho com os temas da criatividade, amor e individuação. Podemos encontrar pontos em comum e complementares entre as visões de mundo das diferentes culturas, e uma das formas de nos espelhar em elas e olharmos para nós através de suas mitologias é convidando, através do trabalho com recursos arteterapêuticos, essas forças a participar da nossa vida. O processo criativo desencadeia processos de transformação que nos permitem ressignificar pontos importantes de nosso percurso existencial, abrindo-nos a um novo campo de experiências em nosso desenvolvimento. Não dispomos atualmente de um mito coletivo que ofereça orientação diante do caos, o que nos impulsiona a buscar em nosso mundo interno essa orientação. A Arteterapia floresce justamente num momento em que a humanidade se depara com esse caos coletivo, constituindo-se numa aliada no processo de resgate da vida simbólica, trazendo à tona a dimensão do sagrado - como era e ainda é entre os povos ancestrais o papel da arte - para comungar com a existência humana. O trabalho com recursos artísticos, associado à perspectiva mitohermenêutica, pode proporcionar o intercâmbio energético da consciência com a dimensão inconsciente, onde deuses, fadas e seres fantásticos nos habitam como forças psíquicas, promovendo uma maior integração de nossa personalidade. A Arteterapia constitui-se, assim, numa aliada no processo de resgate da via simbólica em nossa jornada pessoal que Jung denominou de processo de individuação. O objetivo é de promover o acesso e desenvolvimento da criatividade através



do contato com os aspectos simbólicos do mito de Afrodite e seu séquito de deusas e recursos arteterapêuticos associados. Os materiais a serem utilizados são cartolina, giz de cera, tinta guache, tesoura, cola, velas coloridas, argila. Inicialmente farei uma apresentação sobre a amplificação simbólica, a partir do referencial junguiano, do mito de Afrodite e seu séquito de deusas, mostrando como se pode trabalhar com esses temas através de recursos arteterapêuticos. Posteriormente faremos a vivência com esses recursos a partir da sensibilização do mito e um fechamento através de roda de comentários. Os resultados esperados são de favorecer o contato com a possibilidade da vivência de processos criadores a partir da escuta e abertura da consciência ao princípio de orientação interior (Self), despertando a escuta da consciência para o chamado da alma (vocação). A relevância para o evento será de levar o participante a perceber as possibilidades de enriquecimento ao trabalho arteterapêutico proporcionada pelo contato com o universo mitológico e recursos expressivos associados.

PALAVRAS-CHAVE: Arte; Vocação; Criatividade; Individuação.



O ARQUÉTIPO DA CRIANÇA DIVINA

Lígia Diniz - Arteterapia Lígia Diniz

dinizligia@globo.com

RESUMO: O arquétipo da criança divina diz respeito a nossa criatividade, espontaneidade, essência - é o futuro em potencial. A criança interior divina tem inocência, espontaneidade, representa o desejo profundo da alma humana por expandir-se e explorar ilimitadas regiões. O aparecimento desse arquétipo revela a possibilidade de renovação e expansão, a busca pelo novo, a ânsia de realizar a si próprio. Esse Workshop tem como objetivo mostrar a importância do arquétipo da criança divina a partir das noções básicas de psicologia analítica de C.G.Jung, utilizando a arteterapia e a SoulCollage® como meios facilitadores da conexão com esse arquétipo. Utilizaremos imagens de revistas, colas em bastão, tesouras, plásticos, cartões de SoulCollage, som e projetor. Começaremos explicando o significado do Arquétipo da Criança Divina; depois faremos alguns exercícios de Biodança, os quais facilitam a transcendência e a conexão com o Arquétipo da Criança Divina. Conduziremos uma imaginação dirigida com o intuito de acessar esse Arquétipo; e então, convidaremos os participantes a confeccionarem uma carta de SoulCollage para esse Néter, a Criança Divina. No final, em roda, cada um compartilhará a sua experiência. Como resultados esperados temos: trabalhar a ativação do Arquétipo da Criança, e, através do resgate dessa criança interior, recuperar a criatividade - fundamental no processo de individuação. Propiciar a mobilização do sujeito com sua criança interna, seu Self, permitindo a expressão e a expansão de todo o potencial criativo que esse arquétipo contém. A criança é criativa. Libertando a criança interior, ativamos a capacidade de inventar, de criar, de se expressar e de transformar. Aproximar o ser humano de sua essência, ajudando a colocá-lo em contato mais estreito com sua própria alma. A relevância para o evento se dá no sentido de que uma vida empobrecida consigo mesmo é uma vida empobrecida também com os outros, no seu âmbito familiar, profissional e social. Uma sociedade rígida, paralisada, se torna repressora, crítica e limitadora. A saúde para Jung é sinônimo de flexibilidade, que nada mais é do que o fluxo livre da libido (energia psíquica). Ao se resgatar a criança interna de cada indivíduo, estamos possibilitando sua revitalização, e consequentemente, a revitalização da humanidade.

PALAVRAS-CHAVE: Arquétipo da Criança Divina; SoulCollage; Arteterapia; Biodança.



ARTETERAPIA E ANCESTRALIDADE: A CONEXÃO FUNDAMENTAL COM NOSSAS RAÍZES

Fábia Lombardi Martins de Souza - Reverbera

fabia@reverbera.com.br

RESUMO: Nossas raízes são a base, a sustentação para a construção de uma vida frutífera. Se não olhamos, não honramos e não aceitamos essa raiz, teremos uma vida sem força e sem vida. Por isso, estar conectado e alinhado com a ancestralidade nos proporciona a base firme para esse desenvolvimento. O objetivo da oficina é possibilitar a percepção, fazer contato e na medida do possível (sempre respeitando o tempo de cada um), fazer a reconexão com as raízes ancestrais para o fluir da vida atual. Serão utilizados folhas de papel A3 e giz de cera. Faremos uma meditação reflexiva envolvendo a ancestralidade. Passaremos por várias relações e aos poucos faremos o realinhamento e reconexão com os ancestrais que surgirem. Ao final faremos o registro, através de desenhos, do símbolo que surge dessa possibilidade de conexão e realinhamento feita nesses momentos da oficina. Este símbolo carrega em si o potencial de cura para os aspectos vividos nesse momento. Todos os símbolos serão colocados no centro do círculo de trabalho para serem observados por todos como se os participantes pudessem ser testemunhas oculares da reconexão do outro. A partir do surgimento do símbolo, faremos uma partilha das experiências sentidas no trabalho para algumas pessoas (o número de partilhas dependerá do tempo que ainda teremos disponível). É esperado que os participantes saiam mais integrados com suas raízes e apropriados desse símbolo de cura que surgiu do inconsciente que nasce como um Talismã. Além de ter impacto direto na vida cotidiana e por isso na saúde emocional de quem faz essa oficina, a mesma oferece a possibilidade de reconexão não apenas espiritual, mas energética com suas raízes, possibilitando a reverberação dessa boa vibração em suas vidas trazendo força e solo com boa sustentação.

PALAVRAS-CHAVE: Ancestralidade; Reconexão; Espiritualidade; Leitura Simbólica.



MEMÓRIAS DA PELE, PALAVRAS DA ALMA

Eliana Nunes Ribeiro - Associação de Arteterapia do Rio de Janeiro - AARJ

lianrib@gmail.com

RESUMO: A pele é o nosso maior órgão e quase todo contato com o mundo é realizado com sua mediação. Superfície capaz de nos guiar à profundidade, a pele é o suporte para marcas que revelam identidades como as tatuagens, os grafismos corporais dos vários povos originários, as marcas ritualísticas das tradições afro-brasileiras. A oficina inspirada em sua concepção nos grafismos do povo Krenak e nos relatos do xamã yanomami Davi Kopenawa enfatizando a pele como suporte as marcas identitárias e sagradas presentes em diversas culturas tem como objetivo proporcionar a experimentação da pele como suporte possível/privilegiado para receber produções imagéticas as palavras da Alma. Desse modo, enfatiza a tessitura da espiritualidade, com a educação e a saúde. Elegendo a pintura como modalidade expressiva a ser utilizada, serão utilizadas tintas para pintura corporal e pincéis, bem como papéis e lápis para eventuais registros. Metodologicamente, após o acolhimento aos participantes e apresentação da proposta de trabalho, serão realizados exercícios de sensibilização após os quais os participantes serão convidados a realizar uma pintura na própria pele; em seguida, reunidos em pequenos grupos, terão oportunidade de integrar a experiência, compartilhando verbalmente suas percepções; encerrando, será feito um grande círculo onde a concepção metodológica do trabalho poderá ser debatida, proporcionando a oportunidade de troca entre os profissionais participantes. Espera-se, com esta proposta que originou-se do estudo intercultural sobre a pele como suporte do sagrado e do pertencimento identitário sensibilizar arteterapeutas para o potencial de integração e saúde presentes nas diversas manifestações culturais incentivando, assim, uma prática dialógica, intercultural e transdisciplinar. Torna-se, assim, relevante para o evento por buscar ressaltar a indissociabilidade dos conceitos de espiritualidade, educação e saúde.

PALAVRAS-CHAVE: Corporeidade; Pele; Grafismo; Espiritualidade.



MOVIMENTO E LEVEZA, UM NOVO OLHAR...

Marlene Pires Maciel - Ateliê Casa da Vila

mpmaciel03@gmail.com

RESUMO: A presente oficina surgiu no Ateliê Casa da Vila, espaço de trabalhos, atendimentos e encontros artísticos localizado em Brasília-DF diante da necessidade dos frequentadores do ateliê em revisitar o passado, onde as lembranças eram dolorosas e pouco consideradas. A possibilidade do fazer artístico, o desenvolvimento da criatividade e visualização da própria história, como proposta plástica e autobiográfica, se projeta em placas suspensas e que se movem. O processo filosófico e crítico é uma das sugestões na oficina para abarcar conceitos sobre saúde, educação e espiritualidade que se entrelaçam na brincadeira com as imagens, possuindo como produto final a confecção de um móbil memorial e subjetivo do participante. O processo de retirar as lembranças das “gavetas” e criar um material histórico, imagético e flutuante, facilita o entendimento da vida passo a passo e recorda a existência com mais leveza. O trabalho propõe uma reflexão que inter-relacionam os móveis do artista Alexander Calder e a leveza das imagens pessoais que surgem e vibram no ar em movimento, delicadeza, equilíbrio e harmonia. A oficina propõe como objetivo geral um resgate dos acontecimentos históricos pessoais dos seus participantes através da prática artística, enquanto ferramenta dinâmica, aberta a múltiplas possibilidades de expressão e ludicidade. O reconhecimento dos percursos vivenciados se mesclam temporalmente (passado, presente e futuro), disponibilizará para o participante a oportunidade de entendimento sobre o desenvolvimento da sua identidade, como também uma reflexão sobre os acontecimentos que formaram sua personalidade (quem eu sou?), sua posição atual no mundo através das experiências (onde estou?) e uma possível projeção de realizar vontades e sonhos (para onde vou?) a partir da visualização do móbil confeccionado. Como objetivos específicos possui o interesse em proporcionar aos participantes um ambiente confortável, generoso e sensível para compartilhamento do “móbil memorial” em grupo. O outro escuta e possui a possibilidade de falar, desfazendo-se de preconceitos ou julgamentos, tornando-se um espaço saudável de trocas. A criação desse ambiente efêmero e flutuante será como o material a ser confeccionado: fluido, leve e conectivo. A proposta em relacionar a história da arte, a partir da referência artística de Alexander Calder, possui caráter educacional e informativo, que acrescentará o repertório intelectual do participante da oficina. Os materiais a serem utilizados serão: Espiral de acetato (30cm x 30cm - diâmetro); Placas de garrafas pet (6cm x 6cm); Tinta esmalte/Tinta vitral cores diversas; Fio de nylon; Texto “Meu corpo, minha



casa”; Sensibilização com a música Fragata; Leitura do texto; Início do trabalho: Montagem do móbile; Leitura e análise das imagens. Espera-se que a oficina desperte em seus participantes um pensamento crítico e reflexivo sobre suas memórias. observando o papel de ser protagonista da sua própria história de vida, que cria possibilidades de reviver, renovar, ressignificar, reinterpretar, transformar o que desejar e precisar ser tocado, independentemente do tempo. Torna-se pertinente para o evento receber oficinas que contextualizam conceitos relevantes para a arteterapia, com finalidade de mostrar práticas e metodologias alternativas que poderão servir de modelo e referência para os demais profissionais da área.

PALAVRAS-CHAVE: Arteterapia; Imagem; Memórias.



ACIDENTE DE PERCURSO: COMO LIDAMOS COM RUPTURAS NO DECORRER DE NOSSAS VIDAS

Kira Burro - Solar Azul do Galo Cantante - Atelier e Residência Artística e Arteterapia

kira.artes@gmail.com

RESUMO: A penosa jornada de individuação e aprendizado ao longo dos anos do arteterapeuta, fez com que ele obtivesse condições para compreender os sofrimentos e como tratar seus clientes, apesar que o terapeuta está em contínuo autoconhecimento e cura através de seus clientes, em uma relação de transformação mútua. Por isto, esta oficina vem com uma proposta de aperfeiçoamento e aprofundamento nas questões intensas do ser arteterapeuta, sendo o propósito, como lidar com situações inesperadas, no qual houve um rompimento na construção de um sonho ou projeto pessoal. A questão da resiliência como a capacidade do indivíduo lidar com problemas, adaptar-se a mudanças, superar obstáculos ou resistir à pressão de situações adversas é uma questão que será muito discutida e reconhecida, pois sendo uma oficina prática, os participantes poderão sentir e reconhecer suas capacidades resilientes. Trabalhar estas questões num Congresso de Arteterapia, vem proporcionar ao profissional ou estudante da área, um aprendizado único e denso nestas questões. A oficina proporcionará uma vivência no processo arteterapêutico com abordagem analítica e fenomenológica. A ministrante foi participante de outros Congressos de Arteterapia como em Porto Alegre, Ouro Preto, Rio de Janeiro, Goiás, São Paulo e uma das que ajudou na construção do Congresso em Canela, sempre participando comoicineira realizando workshops, pôsteres, discussões de caso, este assunto já foi abordado várias vezes com resultados surpreendentes. A oficina não é recomendada para pessoas que não estão preparadas para uma forte e profunda vivência neste contexto de congresso. A oficina tem como objetivo mostrar como cada participante encara seus problemas depois de uma ruptura ou perda inesperada de um projeto de vida. Reconhecer seus enfrentamentos perante diferentes tipos de circunstâncias. Reconhecer suas capacidades resilientes. Mostrar através de uma vivência de grande impacto, atitudes de empoderamento, criatividade, intuição. Reconhecer movimentos internos e posicionamentos positivos. Descobrir seus potenciais de transformação. Reconhecer as escolhas e mudanças alcançadas. Vivenciar atividades criativas e arteterapêuticas. Na oficina serão usados papel A3, diversos tamanhos de pinceis, tintas temperas, cola, tesoura, papéis diversos, sucatas, fita crepe, barbantes, papel ou panos para limpeza dos pinceis, potes para água, fios, e aparelho de som (pode ser caixa de som p Bluetooth). É necessária mesa de apoio e algumas cadeiras e mesas, caso participem



pessoas com dificuldades de trabalhar no chão. Serão usadas técnicas de pintura, colagem, escultura, expressão corporal e discussão sobre o vivenciado. Com formação em abordagem Juguiana e complemento em Gestalt, o trabalho terá ênfase nos aspectos simbólicos, fenomenológicos e corporais. Os resultados esperados serão que cada participante após a vivência possa compreender como lidaram, enfrentaram e transformaram a situação de grande choque de forma positiva. Esta vivência foi realizada em outros eventos de Arteterapia e obteve muitos resultados positivos, portanto, trará para os participantes uma experiência profunda e enriquecedora. Será um trabalho que irá trazer reflexões sobre o assunto e sentimentos pouco explorados, acrescentando na vida pessoal e profissional do arteterapeuta e estudantes. Esta oficina será uma vivência prática onde os estudantes de arteterapia poderão conhecer formas de trabalhar em grupo e como utilizar certas técnicas artísticas.

PALAVRAS CHAVES: Morte; Ruptura; Transformação; Resiliência.



NAS ASAS DO TEMPO: OFICINA DE SoulCollage®

Rosiara Pereira Cavalcanti - A Rosa do Sol Cultura e Arte

rosiarapc@hotmail.com

RESUMO: A Oficina de SoulCollage®, seguirá a metodologia criada pela psicóloga e teóloga americana Seena Frost, que tem como base os teóricos Carl Jung (Psicologia Analítica), James Hillman (Psicologia Arquetípica) e Joseph Campbell (Mitologia). Em linhas gerais, consiste na seleção e composição de até seis imagens em um cartão/lâmina. Uma vez finalizada a composição, o participante é conduzido a um diálogo interno mediado pela sentença a ser completada: “Eu sou alguém que....”. A Oficina tem como objetivo geral contribuir para o autoconhecimento dos integrantes ao possibilitar a auto expressão de conteúdos internos a respeito de como estão sentindo e lidando com a questão do tempo. Como objetivo específico, espera-se que cada um dos participantes elabore um cartão seguindo a metodologia da SoulCollage®. Estrutura da Oficina: depois da apresentação geral, os participantes farão um breve momento de introspecção/relaxamento. Em seguida, será a revisitado o mito de Cronos e a projeção de fragmento do filme (Quanto Tempo o Tempo Tem) que ilustram uma grande questão da sociedade contemporânea. Serão convidados, então, a selecionar uma imagem, que ficará reservada. Dando continuidade, será comentado o mito de Kairós, que nos fala do tempo propício, das oportunidades, fazendo um contraponto e enriquecendo as articulações. Novas imagens serão oferecidas e poderão selecionar até cinco. Agora juntas as seis imagens escolhidas, passarão à fase de composição, orientada pela Facilitadora, tendo como suporte um cartão de papel paraná que lhes será oferecido. Ao término, o cartão elaborado será ensacado e ocorrerá o momento para o diálogo interno com a imagem final produzida, em que serão orientados a escrever livremente a partir da sentença provocadora (Eu sou alguém que...). Concluída a etapa, será iniciado o compartilhamento, em que cada pessoa mostra o cartão elaborado, mencionando suas impressões a respeito do seu processo criativo, se assim desejar. Ao encerrar a sua apresentação, cada um coloca o cartão no círculo que estará sendo formado para que todos possam andar em volta e observar as lâminas produzidas pelo grupo. Então, aproveitando essa ocasião em que estarão em torno das lâminas, a facilitadora solicitará uma avaliação em apenas uma palavra ou pequena frase sobre a vivência. A facilitadora se colocará à disposição para dar maiores informações sobre a técnica, conforme o interesse do grupo. Encerrando a atividade, os participantes se cumprimentarão e sairão ao som da música Oração ao Tempo, de Caetano Veloso. Com relação à relevância para o evento, na medida em que a oficina está alinhada ao eixo Arteterapia: Mitos e Contos



acreditamos que vai acrescentar conteúdo, ao revisitar a Mitologia ao mesmo tempo em que divulga a metodologia da SoulCollage® , que pode agregar valor à prática de arteterapeutas, estudantes e outros profissionais de áreas afins que participarem da oficina, pois representa nova possibilidade de acessar conteúdos internos e externá-los utilizando metodologia e técnica potentes. O material a ser utilizado será um Kit de cartões de papel paraná acompanhados dos respectivos sacos plásticos para acondicionamento individual; tesouras; colas em bastão; várias imagens de revistas; papel em branco e lápis

PALAVRAS-CHAVE: Arteterapia, SoulCollage®, Mitologia, Tempo.



AUTOCURA DO FEMININO SAGRADO: UMA JORNADA DA HEROÍNA EM BUSCA DA SUA FORÇA MAIOR

Livia Mendonça - ASBART

mendlivia@gmail.com

Rosedy Palópoli - ASBART

RESUMO: A mitologia é um conjunto de mitos organizados, sendo que cada mito é sempre uma história que dentro de uma lógica, confere alguma linearidade, consistência e coesão. Podem também revelar muito sobre a relação do indivíduo com seu mundo interior e exterior. O vasto material mitológico que Carl Gustav Jung referendou em seus estudos, propiciou um conhecimento mais profundo da humanidade em todos os tempos. Os conceitos como inconsciente coletivo e arquétipo, dentro da psicologia analítica junguiana, ajuda-nos na compreensão do Arquétipo da Heroína, como um recurso psíquico que o ser humano utiliza para sair da infância, personalizar-se e encontrar a si mesmo. A oficina Autocura do Feminino Sagrado, aqui descrita, tem como proposta reconectar a mulher à sua essência divina, numa jornada de várias etapas de CURA, através da exploração e compreensão do seu caminho. Caminho este que será vivenciado no encontro com sua ancestralidade, materializando as figuras femininas da mãe e da avó, através da técnica da visualização criativa e expressões corporais, na busca de uma nova conexão com a vida. Revisitando dores e dificuldades, terão a possibilidade de identificar questões que reverberam no corpo, promovendo o contato com sua estrutura familiar, revendo crenças, medos paralisantes e adoecedores. Utilizando as diversas técnicas expressivas como ferramentas da Arteterapia, a proposta será de uma reflexão e identificação com a heroína interior propiciando uma visão expandida de autoconhecimento que será oferecida através de uma atividade de construção da Heroína Pessoal, utilizando-se de vários materiais como recurso para confecção de um quadro. Os resultados esperados a partir dessa vivência será o acolhimento e compreensão de conflitos, com uma nova perspectiva quanto à forma de relacionar-se consigo mesmo e com o todo, rompendo comportamentos repetitivos, possibilitando a descoberta de uma vida plena de autoamor. A relevância da Oficina Autocura do Feminino Sagrado para o evento é o reconhecimento da Arteterapia como facilitadora desta conexão, compreendendo a importância dos mitos em relação as expressões internas do sujeito em caminhos múltiplos, tornando-o apto a acessar, imergir e resgatar o arquétipo do feminino sagrado em sua plenitude, integrando suas polaridades o feminino e masculino, a fim de vivenciar a perfeita união.



PALAVRAS-CHAVE: Arteterapia; Feminino; Sagrado; Autocura.



OS FIOS QUE CONTAM HISTÓRIAS: BORDANDO SEU MITO PESSOAL, UMA JORNADA HEROICA

Daniel Franco de Oliveira - Clínica POMAR, RJ

danielfranco_vr@hotmail.com

RESUMO: Tão antigo quanto a humanidade, o bordado através do uso dos fios tem sua origem na pré-história, com os seres humanos tecendo suas vestes para se protegerem das intempéries. Eles se utilizavam de agulhas feitas de ossos e tinham linhas compostas por tripas de animais ou por fibras vegetais. Segundo Philippini (2009, p. 60) “a criatividade inerente ao ser humano cuidou de transformar a necessidade de sobrevivência em necessidade de expressão artística.” Assim surgiram tecidos mais elaborados, tramas mais complexas e novas padronagens, sendo ainda é bastante atual e estando presente na produção de artistas contemporâneos como Rosana Paulino ou Bispo do Rosário, com os trabalhos da família Dumont e das redes de sustentação como o coletivo Tramas do Porto, do Rio de Janeiro, composto por senhoras que vivem na região portuária do Rio e têm no bordado sua forma de sustento e de transmissão cultural. O fiar sempre esteve associado a mitos de criação, em que esse fio representava a própria vida. A grande deusa tecelã, associada a figura da aranha ia tramando a vida e todo o universo. Há também as Moiras, um símbolo arquetípico, detêm o fio que marca o início e o fim da vida. Ao criar o mundo, também se criavam história, como no caso de Sherazade que tecia com a palavra e o próprio Anansi, que trouxe o baú de histórias do céu para a terra, compartilhando tais histórias com os homens. Percebe-se com isso a existência de uma Jornada heroica e de temas arquetípicos, de vencer obstáculos, confrontar perigos subjugar monstros. Essa oficina proporá que cada participante confeccione seu mito pessoal, sua jornada heroica através do bordado, permitindo que ele recupere o fio da meada de sua própria história individual. O objetivo é de convidar os participantes a bordarem uma “imagem-guia” da história pessoal de cada um, propiciando o resgate de seu mito pessoal. O material a ser utilizado será tecido de algodão cru e feltro de diversas cores, tesouras, agulhas nº 1 e nº 2, linhas de algodão em novelo de várias cores. Os métodos serão de acolhimento e apresentação sobre a origem do bordado, seu uso terapêutico, de alguns artistas, tradições e coletivos que fazem uso dessa linguagem e mitos ligados aos fios e seu campo simbólico; sensibilização com a leitura do Mito de Anansi, o Velho Sábio e visualização criativa; confecção de seu bordado com sua história pessoal e compartilhamento dessa história e sobre a experiência vivenciada. Os resultados esperados são de que os participantes possam resgatar e tomar contato com sua história pessoal materializando-a



no bordado, de maneira a propiciar um livre trânsito de símbolos pelo eixo ego-Self promovendo sua saúde psíquica. É que possam compreender a importância da linguagem do bordado como recurso arteterapêutico. É relevante, pois resgata o feminino ancestral no próprio ato de bordar tão caracterizado em diversos mitos e contos como o de Atena, Aracne, das Moiras e das Parcas, A Bela Vassilissa e O quadro de Pano. “Tanto os mitos como os contos de fada contêm mitologemas que expressam o percurso de individuação e funcionam como âncoras e sinalizações para o percurso terapêutico.” (PHILIPPINI, 2013, p. 31) Ao bordar-se é possível vivenciar um tempo Kairós, permitindo um emergir e um contato mais demorado com as imagens interiores que serão plasmadas sobre tecido, permitindo que os conteúdos antes inconscientes rumem para o consciente, até serem compreendidos e integrados. Pode-se dizer ainda que tais atividades nos ensinam sobre o cuidado, ordenação, gradualidade, ritmo harmônico, delicadeza, minúcia, lentidão (Kairós), atenção e concentração. E por fim, permitem uma possibilidade de experimentação mais intensa e refinada com a cor e a forma.

PALAVRAS-CHAVE: Bordado; Mito pessoal; Jornada Heroica; Fios.



UM CONTO E UM ENCONTRO COM OS ESTILOS DE APRENDIZAGEM NA VISÃO DA PSICOLOGIA ANALÍTICA

Lídia Lacava - Faculdades Facon

lidialacava@gmail.com

RESUMO: Agregar os Tipos Psicológicos pesquisados por Carl Gustav Jung na área da Educação traz um diferencial significativo e atual quando se trabalha em escola ou clínica. Aliando-se aos tipos os estilos de aprendizagem, percebe-se a maneira como o sujeito se revela no seu contato consigo próprio, com o outro e com o mundo (estilo pensamento, sentimento, percepção ou intuição). A oficina tem a proposta de, por meio de um conto dos Irmãos Grimm, mostrar possibilidades de intervenção, ao integrar ao olhar psicopedagógico um fazer arteterapêutico, buscando estimular e ampliar qualidades de aprendizagem focadas na cognição e na emoção. O lúdico pode estar presente no momento em que o profissional/terapeuta busca integrar Psicologia, Psicopedagogia e Arteterapia aos estilos de aprendizagem. Os objetivos são de vivenciar comportamentos de personagens dos contos através da arte contribui de maneira significativa para que os aprendizes, ao se identificarem com os heróis das histórias, exercitem a projeção e introjeção de atitudes e comportamentos que irão ajudá-los no resgate da autoestima e autoconceito fundamentais para o exercício de uma aprendizagem desafiadora, prazerosa e significativa. Desenvolver, através de um conto, funções cognitivas que configurem qualidades de aprendizagem, tais como: atenção, memória, raciocínio lógico, planejamento e execução, análise x síntese, flexibilidade de raciocínio e autorregulação. Exercitar uma intervenção que favoreça, também, aliar a arte ao resgate de competências para desenvolver a leitura, a escrita, a interpretação de texto, contribuindo, inclusive, para se trabalhar a dislexia (trabalho com consciência fonêmica). Os materiais a serem utilizados são: lápis de cor / giz de cera / canetinha hidrocor; tesoura; cola; barbante. A metodologia a ser realizada é de leitura do conto e criação de estratégias baseadas nos desafios que serão propostos aos participantes. Os resultados esperados são: apresentar a possibilidade de um trabalho com atividades lúdicas sem deixar de lado a estimulação da linguagem oral e escrita; aproximar os estilos cognitivo-afetivos do aprendiz às qualidades e características que os tipos de personagens/heróis permitem, favorecendo identificações, o mais possível, com o perfil de personalidade de cada aluno/cliente. Dessa maneira, o educador/arteterapeuta tem condições de colocar maior intencionalidade em suas intervenções, adequando o conto preciso para poder dialogar terapêuticamente com seu sujeito/aprendiz/cliente. Nesta concepção, privilegia-se o respeito à



singularidade de cada sujeito/aprendiz/cliente, respeitando o seu “jeito singular” de captar a realidade para poder processar o conhecimento. Entretanto, acresce-se a essa proposta a ampliação do olhar, mostrando-lhe novas possibilidades e visões para poder observar o mesmo fato ou situação. Dessa maneira, conceituam-se os estilos cognitivo-afetivos, com enfoque fenomenológico, sem deixar de se considerar a psicodinâmica e as diferentes construções do pensamento e das expressões criativas... como partes de um caleidoscópio que, através do movimento do sujeito, integram-se novas criações em um movimento sem fim!

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia analítica; Contos; Aprendizagem; Arteterapia.



OS TRÊS CABELOS DE OURO - A IDEIA, A PAUSA E A CRIAÇÃO

Bonna Straccialini

bonna_straccialini@yahoo.com.br

RESUMO: O livro “Mulheres que correm com os lobos” conversa diretamente com as necessidades do feminino e é comum que mulheres com acesso a ele se identifique com determinado tema, assunto ou conto dependendo da fase da fase da vida pela qual está passando. O conto Os Três Cabelos de Ouro fala diretamente de um tópico que de tempos em tempos permeiam nossa psique: a necessidade da pausa, o momento nos quais faltam ideias e os bloqueios não permitem os avanços. A pausa e a capacidade de olhar por novos ângulos se fazem necessárias. Os três cabelos de ouro, faz parte do Capítulo 10: As águas claras: o sustento da vida criativa. Essa história desenha o ciclo completo de uma ideia. A pequena chama, a ideia, a quase extinção: pausa; e o acalento da velha La Que Sabe, que proporciona o descanso. Para a proposta será usado os seguintes materiais: Giz de cera colorido, tinta guache preta, pincel largo e papel com gramatura superior a 140g, palito de churrasco. Em um espaço silencioso e com luz baixa, será lido o conto “Os Três Cabelos de Ouro” do livro Mulheres Que Correm Com Lobos. Após a leitura, em silêncio, cada participante preencherá completamente com giz de cera colorido o espaço da folha com manchas, faixas, pedaços de cores, juntas ou sobrepostas. Com a folha completamente preenchida e colorida será passado uma camada de tinta guache preta por toda a folha colorida. Finalizada essa parte a folha será deixada de lado para secagem da mesma, tempo durante o qual, cada pessoa irá escrever ideias que gostaria de colocar em prática, tirar do papel, enfim, tudo que vier na cabeça. Com a tinta guache totalmente seca, começa o processo de raspagem usando a ponta do palito de churrasco, cada um desenhará simbolicamente sua ideia adormecida. Ao fazer isso, parte da tinta preta é retirada da folha, como um desenho de um lápis de ponta colorida em um papel preto, revelando a folha e as cores do giz de cera. Há nessa proposta o caminhar por cada fase do conto: a ideia, a preparação, a pausa – descanso, e a criação. Além do contato com uma técnica extremamente simples e carregada de simbolismo: preparar, o cobrir e o revelar, como o contato com o livro e um dos textos de grande significado e que fala diretamente com quem dialoga quase diariamente com a criatividade, as ideias, como é o caso de Arteterapeutas e de simpatizantes do tema. Passar por todas as fases, simbolicamente através do conto, proporciona o resgate da certeza da capacidade criativa, da necessidade da pausa, cuidado e olhar atento, tão necessários principalmente, ao cuidado daqueles que



trabalham com a criatividade e o cuidado. Além de apresentação de uma proposta, sempre relevante para enriquecer o repertório do terapeuta.

PALAVRAS-CHAVE: Criatividade; Cuidado; Pausa.



O SEGREDO POR TRÁS DA PORTA

Cristiane Gerolis de Moraes

crisgerolis@gmail.com

Jussara Gomes da Costa

RESUMO: A análise do Conto do Barba Azul é bem simples, pois seu tema é recorrente pelo menos a cinco séculos, retrata uma personalidade parcial muito antiga e inata no indivíduo que é o predador da psique. Na mulher aparece como sendo um homem sinistro e diabólico, e no homem geralmente surge como uma mulher assustadora e também diabólica. Ambos obedecem a uma pulsão de morte e se constituem numa imagem arquetípica de tempos imemoriais, que quando surge, o ego se desalinha de sua sensibilidade e pode cometer atrocidades consigo e ou com o outro. Pode-se observar que Barba Azul é um predador de mulheres, um aspecto negativo do masculino, em psicologia analítica é denominado animus negativo. Considerando que a mulher sofre abusos físicos, emocionais e psicológicos por parte dos homens, através do tempo, se formou no inconsciente coletivo a figura de um masculino negativo, um demônio que a quer somente para si mesmo e a seu modo sob seu poder. Essa figura arquetípica apresenta-se em todas as mulheres no seu dia a dia, sobre a forma de um sussurro, tentando torna-la fraca, isolada, despotencializada, enfim uma presa de seu veneno. Todavia, é ainda pior quando esse animus aparece projetado em forma de namorado, marido, amante ou companheiro. Desse modo a mulher fica à mercê desse arquétipo que ganhou corpo físico e pode sofrer o cativeiro por anos a fio sem conseguir se livrar da imensa dor e subjugação que ele vai lhe impor. Devo observar aqui que não se trata de simples gênero, esse fato psicológico pode ocorrer entre casais de todos os tipos de gênero afetivo. O conto trata do terrível aniquilador da psique, vamos examiná-lo com o intuito de compreender que o predador existe e seria sábio e maduro admiti-lo em nossa psique, dessa forma o ego o contém e não mais o deixa projetado no outro, seu fascínio se perde depois de desvendado. Tomando consciência, dificilmente seremos devorados, pois o ego se fortalece no confronto e torna-se menos vulnerável a ingenuidade, a insensatez e à inexperiência. Através desse conto, facilitar a percepção das relações e como por vezes se torna tão difícil se livrar dessa voz que nos sussurra quanto do outro que foi incorporado pelo arquétipo. Deixar fluir todo conteúdo inconsciente que almeja vir à consciência, assim sendo, cabe ao ego fazer o devido enfrentamento, analisar o conteúdo de modo simbólico, pois somente tratando o conteúdo como símbolo poderá alcançar o bom termo com o animus negativo. Os materiais serão: Conto do Barba Azul, portas impressas em folha A3,



cola tesoura, chave de MDF, tintas, pincéis, contas coloridas e fios encerados. A metodologia se desenvolverá em apresentar o conto de forma lúdica e interativa, utilizando-se de imaginação ativa. Oferecer uma chave na qual será trabalhada plasticamente. Diversas portas serão apresentadas. Será concedido um tempo para a colocação da vivência no grupo. Atividade funcionará com um fundo musical. A partir do momento que o conteúdo psíquico é tratado como símbolo, faz com que o indivíduo estabeleça um diálogo com ele, que invente uma forma humana, buscando entender e saber do seu mundo e suas dores e anseios. Somente assim se estabelecerá um processo de alquimia entre o conteúdo psíquico e o ego. Esse arquétipo não tratado dá origem a misandria e a misoginia, um fenômeno social e contemporâneo bem visível, caso contrário se repetirá por mais cinco séculos. Trata-se de um conteúdo de grande importância para a saúde mental, social e política de nossos tempos. Perceber que tudo que se faz e o que se desfaz têm como base o afeto, inclusive o desafeto. Tomar as rédeas da sua própria vida psíquica, ao invés de ser vivida, seja você a potência do Barba Azul que se desprende quando é tornado consciente.

PALAVRAS-CHAVE: Predador Psíquico; Chave; Inconsciente Coletivo; Animus.



OFERENDA PARA AFRODITE: UMA EXPERIENCIA DE AMOR-PRÓPRIO E AUTOCUIDADO

Oneide Regina Depret - UNIP

oneidepret@gmail.com

RESUMO: Dentro da Arteterapia de base junguiana, considera-se que a realização de uma oficina elaborada a partir da narrativa de um mito acompanhada da realização de atividade expressiva correlacionada simbolicamente a ele pode propiciar um diálogo entre as dimensões consciente e inconsciente do participante, estimulando o contato com aspectos arquetípicos representados pelos personagens míticos, assim promovendo maior autoconhecimento e desenvolvimento pessoal. A interpretação simbólica do mito permite que se identifique que potenciais podem ser estimulados pela sua narrativa associada à escolha cuidadosa do recurso expressivo e dos materiais mais indicados para potencializar a integração dos aspectos enfocados. Associar o mito de Afrodite, deusa grega que rege o amor e a beleza, com recursos expressivos nele inspirados pode ser indicado para se trabalhar questões como autoestima, amor-próprio, valorização do próprio corpo, sensualidade, abertura para relacionamentos afetivos saudáveis, criatividade, dentre outras. Afrodite, chamada de Vênus pelos romanos, está ligada à beleza, às artes, à sensorialidade, à sexualidade e às relações pessoais. Dona de grande força de atração, a mais bela das deusas está relacionada à paixão, mas também à comunicação, à amizade profunda e à compreensão empática, todos estes aspectos do amor, fazendo-se presente quando somos tocados por seu poder de transformação, onde quer que a criatividade seja estimulada e potenciais sejam desenvolvidos. Há duas versões do nascimento ou origem de Afrodite: em uma, seria filha de Zeus e Dione, ninfa do mar; em outra, a mais conhecida, nasceu a partir da espuma que se formou quando Cronos, a pedido de sua mãe, a separou de Urano, o pai, cortando e atirando seus órgãos no mar. A deusa teria surgido do mar, sendo recebida e ornamentada pelas Horas, e levada ao Olimpo para ser apresentada aos deuses. Muitos deles quiseram desposá-la, mas, diferentemente das outras deusas, Afrodite teve liberdade para escolher, e escolheu Hefesto, o deus defeituoso, dos artesãos, do fogo e da forja. Para Bolen, seu casamento pode representar a união da beleza e do artesanato, que resulta na arte. Opinião compartilhada por Lindenberg, quando diz que nas obras de arte de diferentes culturas e épocas se encontra presente a união da beleza e do artífice, que tomado por ela, é capaz de criar o 'sublime'. Pelo exposto, pode-se perceber a importância da presença de Afrodite nas oficinas de Arteterapia. Nelas, todas suas características estão bem marcadas: a relação interpessoal, a comunicação,



a importância da Arte, o processo criativo, a interação do participante com sua ‘obra’ (na qual se reflete), a capacidade de reconhecimento e transformação, o desenvolvimento de potenciais antes desconhecidos e o autoconhecimento como resultado dessa “alquimia”. Falando em alquimia, proponho então a produção de sais de banho perfumados e espumantes, remetendo ao nascimento e simbolismo da deusa, que serão acondicionados em frascos decorados com elementos inspirados nos seus atributos e características. Estes sais poderão ser posteriormente utilizados pelos participantes, o que poderá proporcionar uma experiência sensorial e de autocuidado. O objetivo é estimular o amor-próprio e autocuidado, bases para o contato amoroso consigo e com o outro. Os materiais são: frascos plásticos, fios, elementos decorativos e material próprio para a produção de sais de banho (sal, essências perfumadas, corantes alimentícios, Lauril e sulfato de magnésio). A oficina consistirá nas seguintes etapas: apresentação da proposta e fundamentação teórica, possibilidades terapêuticas e recursos expressivos que podem ser associados ao mito de Afrodite; a decoração de frascos e produção de sais de banho perfumados e espumantes, inspirados pela narrativa; comentários sobre os trabalhos e fechamento. O resultado esperado é de favorecer a aquisição de maior consciência e estimulação das qualidades representadas por este personagem mítico, através da experiência criativa e sensorial proposta, promovendo assim o autoconhecimento e desenvolvimento pessoal. A relevância para o evento se dá em mostrar a fundamentação e possibilidade terapêutica de uma intervenção em Arteterapia associando o estudo dos mitos com atividades expressivas relacionadas.

PALAVRAS-CHAVE: Afrodite; Amor-Próprio; Autocuidado; Sais de Banho.



FITOENERGÉTICA E A ARTETERAPIA

Jussara Gomes da Costa

jussaragomesdacosta@gmail.com

Wilma Santos Ribeiro

RESUMO: A Arteterapia e a Fitoenergética passaram a integrar o quadro das PICS (Práticas Integrativas Complementar em Saúde) no SUS (Sistema Único de Saúde) em 2017. “A Fitoenergética atua não só na causa geradora da doença, mas também estimula o aumento da consciência. E é esta a parte mais importante da cura: conseguir o apoio da mente consciente para que o inconsciente se solte” (Gimenes B.J - 2017). Em consonância com os pressupostos da Organização Mundial de Saúde - OMS, a Arteterapia vem auxiliar na promoção, reabilitação e recuperação da saúde, bem como na prevenção através da utilização da arte. Trata-se de um campo de conhecimento transdisciplinar, e uma abordagem terapêutica que se baseia na ideia que o processo criativo e o fazer artístico facilitam a recuperação da saúde, por propiciarem comunicação não verbal de sentimentos e conflitos. Sendo assim a Arteterapia e a Fitoenergética constitui-se em PICS que propiciam a ampliação do cuidado no âmbito da saúde global; a Arteterapia utilizando da Arte e a Fitoenergética na energia sutil das ervas. Estar saudável indica que o nosso corpo físico está bem e o nosso espírito em harmonia. A doença é uma manifestação dos nossos pensamentos e sentimentos conflituosos. Se pensarmos positivo expandimos e ampliamos a nossa energia, da mesma forma se pensamos negativamente perdemos energia, vitalidade e temos a essência alterada negativamente. A Arteterapia por ser multidisciplinar permite um diálogo com a Fitoenergética. Esse diálogo visa ter sobre o indivíduo um olhar cuidadoso e integral do ser humano. A Fitoenergética propicia a recuperação da saúde física e da alma. A prevenção é importante, pois cuidamos da doença quanto esta já se encontra instalada no corpo físico. A doença é um alerta, pois ao manifestar-se no físico, significa que a alma está doente, por não suportar, decepções, tristezas, frustrações e outras. A união dessas duas práticas nos leva a uma maior eficácia em auxiliar ao indivíduo a alcançar a sua cura seja ela para o corpo ou para a alma. O ideal é a educação para a prevenção, no entanto o indivíduo moderno vive no imediatismo, só tratando quando a doença está instalada, o que dificulta o processo de recuperação. O dia em que o ser humano entender que o melhor a fazer é se prevenir de todas as doenças e que elas se manifestam por estar a sua alma em desequilíbrio, talvez tenham menos pessoas em leitos hospitalares. A partir deste panorama podemos estabelecer um caminho de tratamento, embora mais longo, mas eficaz. Unindo essas duas práticas positivas que



possibilitam restabelecer a consciência e agir de modo eficaz na recuperação da saúde perdida. Cada passo trilhado poderá ser compreendido como um fio condutor para reflexão e análise dos equívocos e acertos anteriores e, também para correção da rota a ser empreendida. O presente trabalho tem como objetivo proporcionar aos participantes da oficina a experimentação da ação benéfica que a junção da Fitoenergética e a Arteterapia podem oferecer na prática. O material a ser utilizado será Tarô Fitoenergético, Cartas do Jardim Interior, Lã Merino, Feltro, Agulha para feltragem, Espuma e Power Point. A apresentação de conteúdo sobre a Fitoenergética será em Power Point. A experimentação se dará através da feltragem seca com agulha em tecido industrializado, ao som de uma música instrumental suave. Será utilizado como estímulo gerador para a produção da imagem o Tarô Fitoenergético e as Cartas do Jardim Interior. O resultado esperado é que os participantes conheçam a técnica da feltragem seca, bem como saibam o que é a Fitoenergética e como ela pode ser também um instrumento para auxiliar na melhora do indivíduo, que nos procura pedindo ajuda, mostrar que é possível o diálogo da Fitoenergética com a Arteterapia, e que ambas se complementam. A relevância para o evento será evidenciar as experimentações que a Arteterapia proporciona no âmbito da multidisciplinariedade permitindo ampliar os saberes com a utilização de técnicas variadas através de sua visão multifacetada.

PALAVRAS-CHAVE: Energia Vital; Arte; Cuidado; Alma.



OFICINAS DE ARTETERAPIA COM MULHERES EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE E A EXPRESSÃO DO SENTIR

Tatiane Bagatini - FEEVALE

tatiane.bagatini@gmail.com

Rosane Lisboa Madeira - FEEVALE

RESUMO: A violência contra as mulheres é um tema que vem sendo discutido em pesquisas sobre gênero, apontando as dificuldades de modificar a cultura brasileira. A atenção à saúde da mulher desde a fase adulta até seu processo de envelhecimento tem sido um desafio para as ações e políticas públicas voltadas a esse público, pois abarca uma gama interdisciplinar de conhecimentos. Uma alternativa de atenção à saúde da mulher acontece através do Projeto Laços de Vida: bem-estar de mulheres em situação de vulnerabilidade, um projeto de extensão da Universidade Feevale, em Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, que ocorre desde 2014, vinculado aos cursos de Psicologia, Artes Visuais e com o Programa de Pós-Graduação da Diversidade Cultural e Inclusão Social. Em 2018, a Especialização em Arteterapia passou a integrar a equipe do projeto. O Projeto justifica-se por ações preventivas de atenção à saúde mental e da expressividade humana através de Grupos em Saúde Mental e Oficinas de Arteterapia, tendo como público-alvo mulheres em situação de vulnerabilidade psíquica e socioeconômica residentes em Novo Hamburgo e Ivoti, RS. Os objetivos são apresentar os resultados de Oficinas de Arteterapia com mulheres em situação de vulnerabilidade, realizadas durante o estágio da Especialização em Arteterapia junto ao Projeto Laços de Vida da Universidade Feevale, na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de Ivoti, RS. As oficinas tiveram periodicidade semanal, com duas horas de duração e foram facilitadas por duas estagiárias da Especialização em Arteterapia da Universidade Feevale. Entre os meses de março e julho de 2018, foram atendidas 05 mulheres em 17 oficinas abertas, após passarem por triagem pela equipe do Projeto Laços de Vida. As oficinas aconteceram nas quintas-feiras, no turno da tarde, no espaço cedido pela APAE, composto por uma sala ampla que poderia acomodar até 15 pessoas, com duas mesas grandes, cadeiras, pia, aparelho de som e ar condicionado. Nesta sala, havia um espaço próprio para armazenar os recursos materiais oferecidos pelo Projeto: lápis de cor, canetas Hidrocor, gizes de cera, tintas guache, pincéis, cola branca, tesouras, folhas A3 e A4, papel pardo e revistas para recorte. As técnicas expressivas utilizadas nas Oficinas de Arteterapia foram: desenho individual e coletivo, pintura, frotage, dobradura, rasgadura, recorte, colagem, técnica mista, exercícios de relaxamento, consciência corporal, meditação conduzida,



leitura de poemas e dança livre. Desde a primeira oficina, as mulheres foram informadas que durante a execução dos trabalhos não precisaria haver uma preocupação com o resultado final, sendo que o mais importante era a possibilidade de conseguirem se expressar melhor através dessa linguagem não verbal. Inclusive, foi informado que não haveria expectativa quanto a estética e quanto ao uso da técnica durante a realização das atividades, ou seja, na Arteterapia não existe julgamento de valor. As facilitadoras iniciavam as oficinas com técnicas de relaxamento, consciência corporal e/ou meditação conduzida, para que as mulheres pudessem focar a atenção no momento presente e usufríssem das atividades propostas. Em seguida, havia uma breve reflexão sobre como as mulheres estavam se sentindo. Após, era sugerida uma técnica expressiva como convite a representar plasticamente seus sentimentos, emoções e pensamentos. Na sequência, as mulheres eram convidadas a compartilhar suas vivências naquele momento. No fechamento, era realizada uma atividade como uma palavra ou frase que resumisse a vivência do dia, além da organização coletiva do local. Também foi proposto que as mulheres realizassem um resgate de suas memórias artísticas, lembrando, desde a infância, as vivências com artes, como música, fotografia, bordados, entre outras. Nas oficinas foram trabalhados temas que emergiram em momentos de reflexão e compartilhamento, tais como: significado do nome, resgate das memórias artísticas e das histórias de vida, violência e gênero, além de temas que perpassaram todas as oficinas, como saúde, autoestima e qualidade de vida. As oficinas oportunizaram às mulheres o entendimento de suas produções, o compartilhamento de vivências, emoções e sentimentos, a ampliação da criatividade, o fortalecimento da autoestima, a ressignificação de sua história de vida e de sua bagagem cultural. As participantes conseguiram se integrar, ampliaram a capacidade de escuta e diálogo, expuseram questões que as angustiavam e buscaram soluções a partir das reflexões oportunizadas e da valorização de suas experiências de vida. Os resultados obtidos foram: identificação das mulheres umas com as outras; apoio mútuo, socialização e empatia através das falas e gestos; novas formas de enfrentamento e superação de vulnerabilidades; apropriação de um espaço de escuta e expressão de sentimentos, emoções e conflitos através de atividades plásticas; resgate de histórias de vida; ressignificação de situações de violência pessoal e familiar; fortalecimento da autoestima e empoderamento feminino. Apesar da limitação pelo tamanho do grupo e da baixa assiduidade das participantes nas oficinas por problemas de saúde das mesmas, percebeu-se que as mulheres que compareceram obtiveram um crescimento significativo através das experiências materializadas em obras, acessando memórias, ampliando o repertório expressivo, conciliando saberes, enriquecendo a vida das participantes e das facilitadoras. Acredita-se que, com esta bagagem vivencial, essas mulheres terão melhor autoestima e autoconfiança, refletindo sobre as questões propostas e buscando soluções



criativas. Percebeu-se a importância da Arteterapia como dispositivo interdisciplinar de promoção de saúde mental e de empoderamento feminino. Portanto, entende-se como necessária a manutenção deste espaço de expressão do sentir através de recursos arteterapêuticos no Projeto e ampliando a outras possíveis parcerias junto à Universidade Feevale e outros espaços que se propõe a trabalhar com a expressão do sentir e o empoderamento feminino.

PALAVRAS-CHAVE: Arteterapia; Empoderamento; Feminino

REFERÊNCIAS

BLAUTH, L.; WOSIAK, R. M. R. (Org). **Terapias expressivas ou arteterapia: vivências através da arte.** Novo Hamburgo: Feevale, 2005.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. **Atenção à saúde da pessoa idosa e envelhecimento.** Brasília, 2010. 44p.

CIORNAL, S. (Org.) **Percursos em arteterapia: arteterapia e educação, arteterapia e saúde.** São Paulo: Summus, 2005.

DUARTE, K. R. Oficinas em dinâmicas de grupo com mulheres vítimas de violência doméstica: contribuições metodológicas aos estudos sobre violência de gênero. **OP SIS**, Catalão, v.11, n.1, p.111-124, jan./jun. 2011.

LIEBMANN, M. **Exercícios de arte para grupos: um manual de temas, jogos e exercícios.** 5ª ed. São Paulo: Summus, 2000.

MENEGHEL, S. N. *et al.* Impacto de grupos de mulheres em situação de vulnerabilidade. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.19, n. 4, p. 955-963, jul./ago, 2003.

PAIN, S.; JARREAU, G. **Teoria e técnica da arte-terapia: a compreensão do sujeito.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2003.

PHILIPPINI, A. **Linguagens, materiais expressivos em arteterapia: uso, indicações e propriedades.** 2. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2018.



ARTETERAPIA NA CLÍNICA DIA: UMA EXPERIÊNCIA REVELADORA E TRANSFORMADORA

Angela Maria Junqueira Ferraz Paz - Hospital Espirita de Psiquiatria Bom Retiro - Clínica Dia de Transtorno Mental

angelapazarteterapia@gmail.com

RESUMO: O presente trabalho visa relatar a experiência da inserção do atendimento arteterapêutico como prática terapêutica disponibilizada aos usuários, para tratamento de transtornos mentais na Clínica Dia TM do Hospital Espirita de Psiquiatria Bom Retiro em Curitiba- PR. Este relato refere-se ao primeiro ano (2017/2018) de trabalho da arteterapeuta como parte da equipe multidisciplinar que atende na Clínica. Segundo Arcuri (2006, p. 21), “a Arteterapia pode ser considerada como a utilização de recursos artísticos em contextos terapêuticos, baseando-se na percepção de que o processo criativo envolvido na atividade artística é terapêutico e enriquecedor de qualidade de vida”. Pesquisas apontam a Arteterapia como uma abordagem terapêutica complementar, um recurso facilitador no reestabelecimento do equilíbrio, tanto no corpo físico, como no campo psíquico, emocional e social. No tratamento na saúde mental, esse recurso vem apresentando inúmeros benefícios para auxiliar os pacientes a lidarem com seu estado emocional, fazendo com que o Ministério da Saúde a reconhecesse como uma modalidade terapêutica das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde em janeiro de 2017. Sobre os transtornos mentais e comportamentais, a Organização Mundial de Saúde (OMS) os define como “as condições caracterizadas por alterações doentias de pensar ou do humor e do comportamento associadas à angústia expressiva ou deterioração do funcionamento psíquico global” (OMS, 2016). Os transtornos mentais e do comportamento são problemas clinicamente significativos que se caracterizam por uma alteração de modos de agir, de lidar com o outro ou uma alteração de funções mentais. A Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP) constatou que 23 milhões de brasileiros (12%) sofrem de algum transtorno mental (depressão, a ansiedade e o transtorno de ajustamento), e pelo menos 5 milhões (3%) sofrem com transtornos mentais graves e persistentes (esquizofrenia ou transtorno bipolar) (ABP, 2008). As atuais políticas públicas brasileiras de saúde mental visam a inclusão dos portadores de transtornos mentais à sociedade, e tornam a família a principal responsável pelo cuidado do doente. Assim os pacientes recebem o acompanhamento médico que necessitam, em regime ambulatorial, e permanecem com suas famílias. É neste cenário que se faz necessário uma rede de assistência, onde o Hospital-Dia se consolida como uma estrutura intermediária no tratamento em



saúde mental. Na Clínica Bom Retiro busca-se construir um diagnóstico ampliado, com aspectos clínicos, psiquiátricos, psicológicos, sociais, físicos, culturais, profissionais e espirituais, que possam estar contribuindo para compreensão do paciente. Utilizando como meio de trabalho a integração dos vários saberes, numa equipe multiprofissional, funcionando dentro de uma abordagem interdisciplinar. O tratamento na Clínica Dia tem por objetivo o reestabelecimento psíquico e emocional, capaz de dar suporte ao indivíduo retomar sua vida familiar, social e profissional. As sessões arteterapêuticas são desenvolvidas em grupos livres e abertos, sendo convidados os interessados no momento. Cada paciente é acompanhado pelo mesmo médico e psicólogo durante todo tratamento, bem como pelos outros profissionais (terapeuta ocupacional, educador físico, assistente social, enfermeiro, artesão e arteterapeuta). Em Arteterapia o que nos interessa é a expressão individual, espontânea, lúdica e livre de julgamento. Não há a preocupação com o aprimoramento da técnica, estética ou necessidade de agradar nem a si ou a outros. Uma premissa importante é que todos têm potencial para realizar os trabalhos. Ao serem informados desses aspectos, todos se sentem mais confiantes e confortáveis em se aventurar nessa arena desconhecida para muitos. O presente relato focará na atividade desenvolvida com pintura espontânea. Após momento de meditação breve, cada um é convidado a pintar livremente aquilo que o move, sente ou vem à mente. Uma música suave os acompanha durante toda a sessão, que dura em torno de uma hora e meia. Quando cada indivíduo finaliza o trabalho, pode registrar por escrito seu próprio processo artístico articulando sentimentos, pensamentos e emoções. Para Philippini (2009), “a utilização da pintura no processo arteterapêutico é um recurso de muita efetividade, devido à sua intensa possibilidade de mobilizar emoções, facilitando a fluência e a expressão de afetos proporcionando a liberação e desbloqueio do fluxo criativo, ajudando perder o medo de criar, do inusitado” e tantas outras sensações. A paciente “R”, que já se encontrava próximo ao término do período de tratamento, relatou que uma sessão foi impactante. Ela pintou tranquilamente, não escreveu e nem quis compartilhar suas percepções, externando a necessidade de conversar após todos saírem. A pintura possibilitou “uma catarse” como ela mesmo disse. Ao ver sua pintura, chorou compulsivamente, desfazendo a sua armadura e tomando consciência de seu real estado emocional, sua fragilidade, sua intenção de “desistir de tudo”, “de não dar mais conta e querer acabar com tudo”. Foi pintando, analisando sua pintura e falando dela, que se abriu e revelou tudo que estava acontecendo. A escuta sensível, atenta e acolhedora foi fundamental. Ao relatar os fatos para o psicólogo, ele e a equipe puderam entender a real situação e a necessidade de hospitalização, visto que o seu sofrimento era profundo e o risco de suicídio era real. Após um mês de internamento ela volta bem melhor e com outra postura. Relata que “foi a Arteterapia que me salvou, foi pintando que realmente enxerguei o



que estava passando, calada e sofrendo, e me afundando no vício após anos de abstinência, e tive a coragem para pedir ajuda”. Outro paciente, um jovem “A”, que por duas vezes havia passado por internamento por risco de suicídio, relata que sempre desenhava e pintava, assim como seu avô e seu pai. Ele quis fazer faculdade de artes e foi desencorajado. Deixando estas atividades de lado, voltado ao contato com elas durante o tratamento, sendo constante a sua participação nos grupos de arteterapia. Suas pinturas revelaram de maneira simbólica, dramática e profunda seus pensamentos, sentimentos e emoções, que por anos estavam desorganizados e confusos. A cada pintura surgia um novo tema para suas reflexões, instigando seu pensamento, gerando outros questionamentos. Ele diz “para mim foi de grande importância no meu tratamento, visto que tinha dificuldade em me expressar, mas essa barreira foi quebrada...então, na Arteterapia, como o limite não é as palavras, mas a criatividade, muito do que não é possível expressar em palavras vem em forma de arte, desenho, pinturas,... e muitas outras formas que facilitam os sentimento ocultos se afloram”. A troca de informações, percepções e conteúdo entre paciente, terapeuta de referência e arteterapeuta, possibilitou um trabalho coeso, articulado e direcionado para que a recuperação fosse alcançada. A constatação por parte de “A”, que a arte é um meio poderoso para ele entender seus sentimentos e pensamentos, lhe ofereceu a certeza de que deve continuar. Os dois exemplos ilustram diferentes experiências decorrentes da participação no atendimento arteterapêutico, evidenciando sua valiosa contribuição ao tratamento por favorecer rapidamente o acesso a conteúdos internos. Agindo prontamente na diminuição da ansiedade, no alívio das angústias, na diluição da dor, na revelação e no enfrentamento de suas manias e fobias. Tudo transformado em cor, forma e textura, possibilitando a cada um refletir e organizar seus pensamentos, avaliando seus sentimentos e levantando hipóteses de solução, gerando assim transformação e reorganização. Outro aspecto marcante é a melhora na capacidade de articular os sentimentos e os pensamentos, no aumento da confiança no potencial criativo, na reflexão acerca de suas percepções, afetando sua autoestima, autoconfiança, melhorando sua socialização e fortalecendo os vínculos afetivos, servindo de estímulo a seguir no tratamento.

PALAVRAS-CHAVE: Arteterapia; Autoestima; Expressão.

REFERÊNCIAS

ARCURI, I. G. Arteterapia: um novo campo do conhecimento. In: ARCURI, I. G. (Org.) **Arteterapia: um novo campo do conhecimento**. São Paulo: Vetor, 2006.



BRASIL. Secretaria Nacional de Assistência à Saúde. Ministério da Saúde. **Portaria SAS/MS n° 224, de 29 de janeiro de 1992.** Disponível em:

<http://www.saude.mg.gov.br/images/documentos/Portaria_224.pdf> Acesso em 19 nov. 2018.

HEM. Hospital Espírita de Marília. **O Paciente com transtorno mental e a família.** Disponível em:

<<http://www.hem.org.br/artigos/item/107>> Acesso em: 19 nov. 2018

PHILIPPINI, A. **Linguagens, materiais expressivos em Arteterapia:** uso, indicações e propriedades.

Rio de Janeiro: Wak Ed., 2009.



A ARTE COMO DISPOSITIVO PARA O EMPODERAMENTO DE MULHERES COM FIBROMIALGIA A PARTIR DE UMA EXPOSIÇÃO SOBRE O FEMININO

Marielly de Moraes - FEEVALE

marielly@feevale.br

Tatiane Bagatini - FEEVALE

RESUMO: De acordo com Rolnik (2002), arte é uma forma de experimentação das sensações, exploração do corpo vibrátil que se dá em outra dimensão da subjetividade, sendo esta, diferente da memória, inteligência, percepção e sentimentos; algo além que acontece na nossa relação com o mundo. Trata-se da experimentação de um tipo especial de saúde; trata-se de uma noção ampliada de criatividade. Uma saúde relacionada com o viver, que envolve criação de si e de mundo. Saúde como a possibilidade de exercitar na própria vida a criatividade (LIMA, 2009). Neste contexto apresenta-se aqui alguns movimentos promotores/produtores de saúde mobilizados a partir do encontro com obras de arte. Este relato de experiência retrata a reação de 5 mulheres, que fazem parte de um grupo de Arteterapia voltado para mulheres com fibromialgia, ao participarem da exposição Séries Gráficas IV: [Re]costurando o feminino. A experiência relatada faz parte de um Projeto de intervenção do curso de Especialização em Arteterapia da Universidade Feevale, desenvolvido por duas discentes sob supervisão de uma arteterapeuta docente deste curso. O projeto é destinado a mulheres com fibromialgia que residem em municípios da Região do Vale do Sinos, no Rio Grande do Sul e participam de um grupo. Os encontros do grupo são realizados pelas facilitadoras desde o mês de abril de 2018, nas sextas-feiras no turno da manhã, com duração de três horas, em uma sala na Universidade Feevale, na cidade de Novo Hamburgo. Em um dos encontros do grupo, ocorrido em agosto de 2018, durante o período de 3 horas, as participantes do grupo foram levadas à mostra das obras de arte que reuniu trabalhos plásticos das artistas gaúchas Anna Rosa e Leila Groth Ibarra, que aconteceu entre os dias 30 de julho e 31 de agosto, no Espaço Arte Dois, localizado na Cidade dos Contêineres, no Câmpus II da Universidade Feevale. As artistas abordaram, em obras híbridas, questões sensíveis ao feminino com ênfase em temas como corpo, gênero e identidade social; dentre os quais encontravam-se afetividade e desapego, obediência e subversão, fragilidade e força; partes do corpo feminino que são marginalizadas, ignoradas e ao mesmo tempo objetificadas dentro da sociedade, e uma relação entre diferentes gerações de mulheres. As obras foram constituídas a partir de linguagens artísticas variadas, como gravura, fotografia, desenho, costura, bordado e crochê. De acordo com as artistas a convergência das produções



residiu na utilização da linha e de processos manuais tradicionalmente ligados à feminilidade, questionando-os e ressignificando-os por meio da arte. Dentre os trabalhos de Anna Rosa estão “Grandes Meninas Pequeno Mundo”, que retratou três figuras de meninas de diferentes épocas, dentre elas Anne Frank, as quais na adolescência tiveram coragem de expor suas opiniões em um mundo que teme o empoderamento feminino; “Felizes para sempre?” apresenta pequenas noivas dos anos 30 e 60 transformadas em bonecas de pano que carregam um coração vermelho que transborda a esperança febril da felicidade eterna depositada no casamento. “Em conserva” apresentou corações guardados em potes de vidro, escondidos sob memórias, perdas, amores, desamores, remendos e palavras perdidas. A obra “Renda-se” apresentou rostos de mulheres impressos em preto sobre rendas brancas, mostrando a dualidade entre a fragilidade e a força. No trabalho de Leila Groth Ibarra intitulado “Florescer” a artista retratou os pelos femininos nas axilas e virilha, desenhados como jardins florescendo, os quais, em mulheres, são considerados sujos e desnecessários, diferente da forma como são vistos em homens; apresenta também mamilos femininos, que são censurados e sexualizados. Apresenta a série “PPKs” onde vulvas de diferentes tamanhos e cores são bordadas em crochê a fim de celebrar a diversidade feminina. A autora também apresenta em “Bastidores Transbordados” partes da anatomia feminina numa mistura entre bordado e sangue menstrual com o intuito de desmitificar, desobjetificar e dar visibilidade às partes do corpo feminino. Ainda, em “Traços Gerativos” utilizando uma fronha bordada por sua ancestral, propõe fazer uma ligação entre gerações femininas. Após um tempo apreciando detalhadamente cada obra, cada uma das mulheres foi convidada e elegeu a(s) obras que mais tivesse(m) lhe chamado a atenção e contou ao grupo os motivos de suas escolhas. A ocupação artística rendeu várias reflexões e um interessante debate. Sobre as obras que mais lhes tocaram, estão “Felizes para sempre?”, representando relacionamentos afetivos opressores do passado, do qual um se transformou em “Grandes Meninas, Pequeno Mundo” representando sua libertação após uma sofrida separação na juventude; “Em Conserva” simbolizando relacionamentos familiares afetivos que geram sofrimento, “Florescer”, que retrata a visão de uma das mulheres diante da resistência ao olhar masculino frente aos corpos femininos; e “Traços Gerativos”, que traz à tona lembranças de um forte laço entre uma das mulheres e sua avó da qual carrega o nome. A partir das falas das participantes foi possível perceber que a arte apresentada nas obras trouxe à tona muitos sentimentos fazendo aflorar reflexões sobre si, sobre pessoas do seu convívio, relatos de histórias de vida que acompanham seus corpos marcados por dores físicas e emocionais, histórias de sofrimento, e, ao mesmo tempo, de mudanças de olhar e de postura por parte de algumas, diante de condições de submissão ao masculino (pai, ex-marido), percepções de força e de empoderamento feminino que lhes habitam, de pessoas que lhes fortalecem;



bem como fragilidades que ainda existem e com as quais essas mulheres vem tentando lidar. Foi possível evidenciar nesse encontro que emergiram questões profundas relacionadas com as dores físicas e emocionais que fazem parte das histórias de vida de cada uma dessas mulheres. As obras de arte serviram como um importante dispositivo disparador de reflexões críticas, sentimentos, autoestima, (re)significações e empoderamento; bem como dispararam a solidariedade entre as mulheres neste espaço de compartilhamento e acolhimento onde cada uma se sentiu afetada pela arte e também pela fala e sentimentos das outras. As mulheres referiram se sentirem gratas por poder compartilhar e mais leves depois do grupo.

PALAVRAS-CHAVE: Arteterapia; Empoderamento; Fibromialgia; Feminino.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria 971, 03 de maio de 2006.** Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC). Brasília, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria 849, de 27 de março de 2017.** Institui a Arteterapia no SUS. Brasília, 2017.

GAETA, I. **Memória corporal:** o simbolismo do corpo na trajetória da vida. 3 ed. São Paulo: Vetor, 2016.

GOLDENBERG, E. **O coração sente,** o Corpo Dói: como reconhecer e tratar a Fibromialgia. 6 ed. São Paulo: Atheneu, 2008.

LIMA; E. A. **Arte e cultura na produção de saúde:** ativação da sensibilidade, promoção de encontros e invenção de mundos. Rede HumanizaSUS.

PAÍN, S.; JARREAU, G. **Teoria e técnica da arte-terapia:** a compreensão do sujeito. Porto Alegre: Artmed, 1996.

ROLNIK; S. **Subjetividade em obra Lygia Clark,** artista contemporânea. Projeto História. São Paulo. Dez. de 2002.

ROSA, A.; IBARRA, L.G. **Exposição séries gráficas IV:** [Re]costurando o feminino. Universidade Feevale, 2018.



OFICINA ARTETERAPIA E QUALIDADE DE VIDA “RENASCER”

Jéssica Cristina Leite

jessicaleite7@gmail.com

Sandra Oliveira Hasselmann

RESUMO: A arte, percebida como instrumento de enriquecimento do sujeito, valorização de expressão e descoberta de potencialidades singulares, contribui com a recuperação da saúde. Portanto, utilizar a arte como base de processo terapêutico, é estimular o crescimento interior do indivíduo, ampliar a consciência sobre si e sobre sua existência, em busca de melhor condição de vida. Esta função terapêutica assumida pela arteterapia, lida com a arte fazendo uso de modalidades expressivas como: pintura; modelagem; colagem; desenho; expressão corporal; sons; músicas; criação de personagens, dentre outras, valorizando a expressão simbólica, de forma espontânea, sem se preocupar com qualquer padrão estético. Por isso, não há dúvidas que o despertar da criatividade é a grande fonte da espontaneidade, inspiração e fluidez, sem exigência de qualquer habilidade artística do participante. Estudos comprovam que a arteterapia propicia mudanças nas áreas afetivas, interpessoal e relacional, resultando em melhoria do equilíbrio emocional, da reconciliação de conflitos pessoais e familiares, promovendo inclusive, novas e reais possibilidades de inclusão do indivíduo na sociedade. “Por meio do criar em arte e do refletir sobre os processos e trabalhos artísticos resultantes, pessoas podem ampliar o conhecimento de si e dos outros, aumentar sua autoestima, lidar melhor com sintomas, estresses e experiências traumáticas, desenvolver recursos físicos, cognitivos e emocionais e desfrutar do prazer vitalizador do fazer artístico”. AATA - American Association of Art Therapy - Associação Americana de Arteterapia. O objetivo geral foi de utilizar as múltiplas linguagens da arte a serviço da arteterapia a fim de beneficiar os integrantes de uma interação social, na busca de sua melhor qualidade de vida. Os objetivos específicos foram de possibilitar às professoras da rede municipal de ensino, o acesso às oficinas de arteterapia com a finalidade de ampliação do autoconhecimento e do resgate da autoestima e da autoconfiança. Oportunizar por meio da produção artística, a construção de recursos internos saudáveis para o enfrentamento de situações emocionais conflitantes e impeditivas de boa qualidade de vida. Oportunizar a Arteterapia como processo de estímulo à criatividade e a expressão, abrindo espaço à comunicação de ideias e emoções. Propor um espaço de criação e de facilitação da comunicação verbal e não-verbal visando a ampliação de relações interpessoais das professoras participantes. Materiais e Instrumentos Primários: água, argila, areia e o próprio corpo. Secundários:



tintas, papéis, descartáveis, colas, materiais reaproveitáveis, pincéis e outros. Foram 12 encontros realizados no ano de 2015 e todos os encontros eram iniciados como uma conversa informal, seguidos de um relaxamento com a finalidade de estabelecer uma relação mais aproximada entre os participantes e arteterapeutas e para facilitar a expressividade e a manifestação de cada pessoa. A sequência metodológica construída a partir desse momento estará voltada à livre participação, levando em conta a motivação e a sensibilidade de cada participante em relação às técnicas artísticas e/ou os materiais disponibilizados. Observou-se nas atividades arteterapêuticas realizadas no grupo de professores uma dificuldade inicial em desenvolver as atividades pois eles estão acostumados a cuidar e não receber este cuidado. Mas com as atividades propostas todos conseguiram se soltar e trabalhar seus conteúdos internos que nem sempre podem expressar em seu ambiente de trabalho. E também tivemos um resultado significativo na socialização e integração entre os participantes. E isso favoreceu para que vários conteúdos fossem acessados trabalhados resgatando assim a autoestima e a qualidade de vida. Conclui-se que a Arteterapia pode auxiliar o ser humano a lidar melhor com as questões do seu trabalho e também com suas próprias relações, com outras pessoas e com o mundo, de modo mais criativo, dando-lhe referências para novos modos de atuação em sua vida. Trata-se de fazer o indivíduo perceber no processo criativo a possibilidade de enriquecimento de sua vida e suas relações, permitindo a organização de sentimentos, sensações, daquilo que se dá interiormente. As atividades ligadas à arte evidenciam o potencial criador e possibilitam a exteriorização, fazendo com o indivíduo observe, reflita, interaja, dialogue e elabore em um processo dinâmico que conduz à totalidade do ser.

PALAVRAS-CHAVE: Arteterapia; Qualidade de vida; Autoestima.

REFERÊNCIAS

ACANPORA, B.; ACANPORA, B. **170 técnicas de arteterapia**: modalidade expressiva para diferentes áreas. 2 Ed., Rio de Janeiro: WAK 2014.

ARAÚJO, M. M.; SANTOS, R. B. **Arteterapia transpessoal**. Comunigraf.: Recife, 2010

BOZZA, M.G. **Argila**: Espelho da auto expressão. Curitiba: Index, 2001.

CARDOSO, F. M. **Criatividade**: um guia prático. São Paulo: Futura, 1998.

HERCOURT, D. BI. **Diagnóstico intervencionista em arteterapia**. Rio de Janeiro: WAK, 2014.



Anais do 13º Congresso Brasileiro de Arteterapia e
X Jornada Catarinense de Arteterapia

JUNG, C. G. **Chegando ao inconsciente: o homem e seus símbolos.** 15. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.



A ARTETERAPIA DE MÃOS DADAS COM A PSICOLOGIA CLÍNICA E A IMPORTÂNCIA DO ARQUETIPO PATERNO COMO IMPULSO PARA A VIDA

Célia de Lima dos Santos - UNIP

cel.0201@hotmail.com

RESUMO: Este relato, baseia-se em um recorte do trabalho de conclusão de curso desta autora: A Arteterapia como elo criativo no resgate do arquétipo paterno organizando a psique masculina. A importância de o pai apresentar a vida ao filho está relacionada com uma predisposição que implica em alguns movimentos à disposição em nível presencial e/ou emocional. Porém, para que o trajeto dê certo, é imprescindível o papel da mãe, agindo como intermediadora ao sair do seu papel de protetora e considerando, de forma até intuitiva, a importância do “pai tomar o filho”, neste momento. A iniciativa em relatar essa experiência foi diante das dificuldades com o paciente na clínica psicológica. Ele - R. - 48 anos, engenheiro formado, casado, pai de uma menina de 9 anos e com estabilidade financeira. Demonstrava momentos de irritabilidade, insegurança em relação à educação da filha, baixa energia sexual, dificuldade para falar em público e muito medo de mudanças. Trabalhou sempre na empresa do pai e nunca exerceu a profissão de formação. Sempre teve muita dificuldade de lidar e aceitar os comportamentos do pai, tanto quanto em falar nas sessões psicoterapêuticas sobre qualquer assunto que tivesse tais envolvimento. A queixa que antecedeu o trabalho arteterapêutico foi citada pelo paciente assim” Estou realmente muito mal, fico irritadíssimo e perco a paciência com facilidade, inclusive, fico pior quando me aproximo do meu pai e com receios de chegar aos extremos” Sabedora da resistência para falar de assuntos que envolvessem a figura paterna, foi feita uma proposta ao paciente, de tratar de tais temas através de um processo arteterapêutico que foi autorizado por ele, e que essa autora traz como relato de experiência. Os objetivos foram resgatar os valores e forças oriundos do masculino, ressignificando o papel e lugar da figura paterna na constituição psíquica do filho homem e já adulto. Entrar em contato com a figura mítica do Pai para poder estruturar o arquétipo do patriarcado no processo de individuação do sujeito. Foram organizados 8 encontros, com a duração de 1h30 minutos, no período entre outubro e dezembro 2017. No início de cada encontro foram utilizadas sensibilizações com o uso de música relaxante e era feita uma leitura de alguns mitos e histórias visando promover e estimular a criatividade. Os materiais que serviram de suporte para a criação foram: revistas, argila, cola, tesoura, miçangas, folhas e galhos secos, tintas, pincéis, feltro, metais, cartolina entre outros. Na primeira oficina trabalhou-se, através do conto da Deusa Gaia, o aconchego da figura materna. A



atividade expressiva consistiu na confecção de um ninho e a pintura de ovos que pudesse representar os cuidados da primeira relação mãe-bebê. R. relatou a fragilidade que o ovo apresenta: “O ovo é bonito, mas por dentro é fraco e inseguro” - relatou que quando tinha 8 anos se sentia numa casa preso, cheio de regras. Na segunda oficina, leu-se o conto da casa do João de Barro. Para o paciente, o desafio foi o de manusear a argila e construir uma casa para família morar. Ao entrar em contato seriamente com suas emoções, R. teve muita dificuldade de elaborar a casa quebrando-a continuamente. Disse que nunca tinha sido desafiado daquela maneira. Na terceira oficina, foi utilizado o mito de Sísifo. O movimento expressivo solicitado foi a confecção de um baú de argila, com o propósito de lacrar todas as atitudes cristalizadas e negativas que via na figura do pai. Na quarta oficina o mito escolhido foi o de Osiris/Isis/Hórus. O movimento expressivo foi de visualizar o passado, o presente e futuro através do recorte e colagem. Percebeu que: “preciso me arriscar mais, tendo mais fé”. R. disse que: “foi muito forte essa oficina, quero sair da superficialidade, perfeccionismo, agressividade”. Na quinta oficina, o conto sobre a história de Salomão. O movimento expressivo foi o de timbrar a mão dominante na argila, deixando as marcas da história, como as linhas da mão. Durante a confecção o paciente teve muita dificuldade, por não encontrar o ponto certo, tal qual o ponto certo da maturidade e das decisões. Percebeu que: “deveria quebrar a resistência às mudanças e ter persistência para mudar, evoluir.” Na sexta oficina, o conto lido foi sobre a cobiça e ambição, trazendo a mensagem de que talento requer humildade. O mito de Aracne conta que é preciso agir com naturalidade e responsabilidade para honrar os dons. A proposta da dinâmica foi para que R. construísse sua própria árvore, pensando em como gostaria de resgatar sua identidade nesse momento. Ele buscou todos os talentos aprendidos nos encontros para criar a sua árvore com raízes, folhas, flores e frutos. A visão de si mesmo o deixou emocionado, mostrando-lhe a possibilidade de seguir os talentos positivos, embora com muita dificuldade. Na sétima oficina, foi solicitado a ele que colocasse todas suas obras na ordem em que foram elaboradas e que ele próprio ficasse no centro dos trabalhos para olhar todos eles. Assim poderia organizar melhor suas ideias, entendimentos, compreensões. Depois de alguns minutos disse: “Agora percebo, é como se eu estivesse evoluindo e crescendo junto com todas elas, não sabia que poderia, que era capaz”. Na descrição das oficinas notou-se como cada uma trouxe momentos e situações impactantes que só puderam efetivamente surgir por conta de as experiências terem sido realizadas através de vivências e dinâmicas arteterapêuticas. A arte mediando o processo de autoconhecimento e retomada da própria identidade, na maturidade. Quando R. trouxe sua grande dificuldade em se comunicar, no seu movimento de introversão, de não conseguir falar, foi somente através do ato de criação efetivado através da arte, que ele conseguiu perceber o quanto tinha de possibilidades, dentro de si, que somente



através do verbal ele não conseguia nem se manifestar, nem objetivar tudo o que pensava. Sob os aspectos comportamentais do paciente no contato com a Arteterapia, houve uma contribuição significativa quanto à liberação da expressão verbal, uma vez que sempre afirmava que não via nada de bom no seu pai, mesmo sabendo que ainda dependia dele, para algumas coisas materiais. O paciente percebeu, ao longo das oficinas, que a dependência era dele, pois se sentia como “a criança cujo pai não ensinou nada sobre a vida”. Desse modo, as produções o levaram a percorrer o caminho do herói através dos mitos e das representações, das imagens e de suas próprias experiências subjetivas. Conseguiu construir e elaborar de forma consciente e fluida novos aspectos do seu mundo psíquico, ao resgatar características positivas da paternagem que foi vivenciada por e com seu pai – nova visão do arquétipo do patriarcado no seu aspecto positivo.

PALAVRAS-CHAVE: Arteterapia; Psicologia Clínica; Arquétipo Paterno.

REFERÊNCIAS

BERNARDO, P.P. **A prática da arteterapia** – correlações entre temas e recursos. Temas centrais em Arteterapia, V.I, 4. Ed. São Paulo: Arteterapinna Editorial, 2013.

BULFINCH, T. **O livro de ouro da mitologia:** histórias de deuses e heróis. 26 ed. Rio de Janeiro: Ediouro: 2002.

BYINGTON, C. **Desenvolvimento da Personalidade.** São Paulo: Ática, 1987.

GREENE, L.; BURKE, J.S. **Uma viagem através dos mitos.** O significado dos mitos como um guia para a vida. Rio de Janeiro: Zahar.2001.

SANTOS, C.L. **A Arteterapia como elo criativo no resgate do arquétipo paterno organizando a psique masculina.** Monografia apresentada como término da formação em Arteterapia, na Universidade Paulista/SP, 2017.



RELATO DE EXPERIÊNCIA: A REDE DAS DEUSAS

Fabiany Vieira Peres Alves - A Rede das Deusas

fabiany.arteterapia@hotmail.com

RESUMO: O curso de Arteterapia “A Rede das Deusas - O Despertar da Força Feminina” surgiu a partir da realização da 5ª edição do workshop “A Celebração das Deusas - Honrando Arquétipos do Universo Feminino”, criado e organizado por Fabiany Alves em 2016. Durante as vivências e as performances apresentadas pelas participantes, foi observado o quanto o trabalho terapêutico com as Deusas trazia luz a conteúdos sombrios. Por meio do choro, das emoções afloradas, da expressão corporal, da paixão e da rejeição de algumas mulheres em relação às Deusas confirmaram a importância da mitologia no contexto do autoconhecimento. Assim, o projeto foi criado com a ação estruturada em quatro meses (módulos), nos quais são abordados quatro arquétipos femininos, representados por deusas mitológicas. Para cada arquétipo são destinados dois encontros quinzenais. A cada início de módulo, as participantes recebem um livreto autoral para execução de atividades que registram as experiências vivenciadas em cada Deusa, além de atividades, afirmações positivas e espaços para anotações de sonhos e insights. Na primeira edição, as Deusas escolhidas foram Gaia, Ártemis e Rhiannon (haviam sido estudadas no último workshop). E, por último, Uzume, que fez parte de uma oficina (“Arquétipos Femininos- As Máscaras do Tempo”), que ministrei no 12º Congresso Brasileiro de Arteterapia, em Salvador na Bahia. Na segunda edição, foram estudadas as Deusas do panteão africano: Iemanjá, Oxum, Iansã e Nanã. Na terceira edição, foram escolhidas as deusas indígenas do território brasileiro: Yebá Beló, Jaci, Icamíabas e Jurema. Em dois anos, foram sete turmas assistidas, sendo que duas outras estão em processo com as Deusas Indígenas. Estudar as Deusas e buscar a semelhança que temos com elas é uma oportunidade incrível de acessar, também, as memórias do Inconsciente Coletivo. Para tanto, a mitologia é estudada como fonte de demonstração de padrões de comportamento humano que ainda acontecem atualmente. Nesse rol, empregam-se as imagens das divindades antigas como padrões de tipos psicológicos ancestrais (arquétipos), permitindo a análise da psique humana a partir do estudo dos atributos, comportamentos e história das divindades, especialmente das femininas, bem como a vivência das energias psíquicas inconscientes desses arquétipos e que direcionam o eu (sede da consciência). O curso vivencial proporciona troca de experiências a partir dos conteúdos trabalhados, razão pela qual as turmas têm um número limitado de participantes uma vez que facilita criar o ambiente de confiança, conforto e entrega para a condução



dos trabalhos. Além da aula teórica, das técnicas expressivas em Arteterapia e em Psicologia Transpessoal, as participantes vivenciam Constelação Familiar, além de outras colaborações de profissionais convidados. O objetivo é fomentar o empoderamento feminino por meio do estudo de arquétipos das Deusas, proporcionando às participantes técnicas expressivas que trazem a linguagem simbólica do inconsciente, a fim de facilitar a expansão da consciência e melhorar a qualidade de vida resgatando a autoestima e o amor próprio. O início da Jornada de quatro meses inicia com resposta ao e-mail com a ficha de entrevista preparada especialmente para o projeto. Após uma dinâmica de apresentação para estabelecimento de vínculo, é explicada a proposta do curso e a importância do respeito ao processo e aos sentimentos umas das outras. A partir daí, há o início da jornada teórica com os conteúdos: Matriarcado x Patriarcado; Decadência da Deusa; Conceitos de Inconsciente Coletivo, Arquétipos, Sombra, Persona, Anima e Animus. Esses conceitos que acompanham as reflexões no decorrer do curso. Nas primeiras três turmas, as Deusas trabalhadas foram:

- 1) Deusa Gaia, arquétipo da Grande Mãe (primeiro módulo). Após a narração do mito, as participantes foram conduzidas ao redor de uma fogueira para uma atividade corporal com o objetivo de sentir o próprio corpo e honrar a sua feminilidade. Em seguida, fizeram uma escultura de argila representando a Vagina, como símbolo do feminino. Essa técnica foi elaborada durante dois encontros;
- 2) Deusa Ártemis (segundo módulo), arquétipo da Guerreira. As participantes vivenciaram uma performance simulando um parto simbólico daquilo que precisam parir na vida. Durante a performance, uma mulher fazia o papel de Ártemis\ Parteira, na vida da outra. Em seguida, representaram a individualidade e o empoderamento dessa Deusa por meio de desenho e pintura;
- 3) Deusa Rhiannon (terceiro módulo), despertou o arquétipo da submissa. Após a explicação teórica, as participantes produziram uma colagem representando as situações em que precisavam de liberdade.
- 4) Deusa Uzume (quarto módulo), é a dissipadora de depressão, que desperta o arquétipo da Sexualidade. Após a teoria elas vivenciaram a técnica de colagem e pintura de representar a caverna e os tabus. Cada módulo foi composto por dois encontros.

As turmas 4, 5, 6 e 7 estudaram as Deusas do panteão africano. No primeiro encontro, os conteúdos abordados foram: Poder terapêutico das histórias, Mitologia Africana e Sincretismo religioso. As deusas foram as seguintes:

- 1) Iemanjá, a Grande Mãe, foi estudada e vivenciada no primeiro módulo, e a técnica expressiva foi “O Tesouro de Iemanjá” com a produção de um baú.
- 2) Oxum, com o arquétipo do Amor e da Fertilidade, foi estudada no segundo módulo, e a técnica expressiva foi “A Boneca de Poder” com a produção de uma boneca de papel marchê.



3) Iansã, com o arquétipo da transgressora, foi vivenciada no terceiro mês, e a técnica expressiva foi “O Leque de Iansã” com a produção de um leque.

4) Nanã, com o arquétipo da Velha Sábia, foi vivenciada no quarto módulo, e a técnica expressiva foi “O Xale da Vovó” com a produção de um Xale.

Ao todo foram 7 turmas formadas entre 2017 e 2018 e duas turmas estão em andamento. O trabalho com as Deusas é profundamente enriquecedor e empoderador. As mulheres passaram mais a enxergar os seus desejos e sonhos com mais carinho e respeito. Muitas delas conseguiram quebrar resistências de crenças religiosas, e, segundo relatos, tiveram uma mudança de vida considerável a partir dessas vivências. Elas reconheceram a atuação dos arquétipos das Deusas em suas vidas e assumiram algumas características, tais como: Sedução (Oxum), Disciplina (Iemanjá), Determinação (Iansã), Severidade (Naná), Vingança (Gaia), Irmandade (Ártemis), Mágoa (Rhiannon), Alegria (Uzume). A Persona e a Sombra foram analisadas e reconhecidas em cada estudo das Deusas. A transformação aconteceu também em outros níveis, como, por exemplo, aumento da libido e o aumento da autoestima. O curso “A Rede das Deusas” favorece o resgate do poder feminino saudável e o auto acolhimento com autoconhecimento por meio da narração de histórias e das vivências de Arteterapia Transpessoal, em que o contato com os materiais trouxeram à tona conteúdos ancestrais e pessoais, transformando crenças limitantes advindas do inconsciente coletivo.

PALAVRAS-CHAVE: Arteterapia; Feminino; Mitos; Orixás.

REFERÊNCIAS

BERNARDO, P. *A Prática da Arteterapia: Correlações entre temas e recursos*. Vol. 5. 2008

PRANDI, R. *Mitologia dos orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

JUNG, C. G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis: Vozes, 2000.



A ARTETERAPIA NA RESSIGNIFICAÇÃO DE MEMÓRIAS CORPORAIS DE DOR EM MULHERES COM FIBROMIALGIA

Tatiane Bagatini - FEEVALE

tatiane.bagatini@gmail.com

Marielly de Moraes - FEEVALE

RESUMO: O presente relato parte de uma visão de saúde integral e holística, considerada como resultado da harmonia do sujeito consigo próprio, com seus corpos (físico, mental, emocional e espiritual), sua história de vida e os outros. O sujeito é visto como um ser multidimensional, autônomo, corresponsável e ativo na obtenção e manutenção de sua saúde e não como um mero coadjuvante a quem são oferecidas possibilidades de tratamento viabilizadas pelo paradigma curativo tradicional. Ao conceber o sujeito como um todo integrado, ativo e autônomo diante de sua saúde, o paradigma de saúde é ampliado para contemplar essa totalidade e complexidade, incluindo, além da medicina tradicional, as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS). A Arteterapia é uma dessas práticas que vem se consolidando, sendo reconhecida pelo Sistema Único de Saúde (SUS) em 2017. Considerando os aspectos multidimensionais de saúde envolvidos no contexto de vida de mulheres com fibromialgia, considera-se a Arteterapia como uma ferramenta para o enfrentamento de fragilidades, sendo um dispositivo para a busca de autonomia e de qualidade de vida para essas mulheres. Este relato objetivou compartilhar o resgate e a ressignificação de memórias corporais de dor em mulheres com fibromialgia através da arteterapia. A experiência está inserida em um Projeto de intervenção, em parceria com o Instituto de Ciências da Saúde (ICS) e com o Curso de Fisioterapia, que faz parte do estágio obrigatório do curso de Especialização em Arteterapia da Universidade Feevale, em Novo Hamburgo, RS, desenvolvido por duas discentes sob supervisão de uma arteterapeuta docente deste curso. O público-alvo são mulheres com fibromialgia atendidas no serviço de hidroterapia do curso de Fisioterapia ou vinculadas a uma Unidade de Saúde da Família (USF), local de estágio do referido curso. As oficinas estão sendo realizadas pelas facilitadoras desde o mês de abril de 2018, nas sextas-feiras no turno da manhã, com duração de três horas, em uma sala na Universidade Feevale. Este relato refere-se a duas dessas oficinas. Na primeira oficina, as facilitadoras solicitaram que as cinco mulheres presentes desenhassem seu corpo, escolhendo ficar em pé ou deitadas sobre papel pardo, uma ajudando a outra. Os cartazes contendo os contornos dos corpos foram colocados sobre mesas grandes e as mulheres foram convidadas a representar plasticamente com canetas coloridas, por meio de



desenho livre ou palavras, suas dores e fragilidades. Ao final, as mulheres compartilharam com as demais sua representação de corpo referente às dores resgatadas através de memórias corporais emergentes. Nesse momento, vieram à tona os pontos de dor física e dor emocional decorrentes de sua história de vida. Na segunda oficina, a proposta foi trazer luz ao corpo sofrido, evidente nas dores representadas. Tendo em vista que não somos constituídas somente de dor, mas temos a capacidade de transformar essa dor trazendo a cura, as facilitadoras solicitaram que as mulheres representassem em seu corpo sua forma de cura para a dor. Ao final, as mulheres compartilharam sua representação pessoal e transformadora de cura para a dor do corpo e da alma. Nas entrevistas realizadas com as mulheres antes das oficinas, observou-se que a dor física é uma constante na vida das participantes. Em uma escala de 0 a 10, onde 0 corresponde a sem dor e 10 a dor insuportável, a maioria referiu valor 8, que corresponde a dor intensa. Muitas referiram desânimo, cansaço, ansiedade e falta de energia. Nas oficinas, utilizando a arte como veículo e exploração de materiais expressivos houve a constituição de vínculo com as facilitadoras e a integração das mulheres com estas e entre si, possibilitando o compartilhar de histórias de vida, sentimentos, forças e fragilidades, trazendo à tona autoestima, submissões, violências, crenças, relações com o corpo, com as dores físicas e emocionais; a importância das redes de apoio, bem como, a falta de apoio e o desrespeito evidenciado. Na fala das mulheres, percebeu-se o prazer de estar em grupo e a gratidão por compartilhar deste espaço que, através da arte, cria a possibilidade de abertura à escuta do outro e de si, onde as dores, angústias, fragilidades são compartilhadas e compreendidas, bem como a forma de lidar com elas, aprender a conviver, a transformar e a se fortalecer. Esse convívio originou laços afetivos onde as mulheres se identificam, compartilham e fortalecem umas às outras. Nas oficinas, emergiram questões que tem a ver com a origem da dor física a que essas mulheres foram submetidas na vida. Ao reproduzir plasticamente seu corpo, representar nele suas dores, refletir sobre o processo artístico resultante e compartilhar essa experiência com as demais, cada mulher pode ampliar seu conhecimento de si, das outras e das pessoas de sua história de vida, além de aumentar sua autoestima, lidar melhor com os sintomas e as experiências traumáticas, desenvolver recursos físicos, cognitivos e emocionais para ressignificar suas memórias corporais e enfrentar as dificuldades de quem convive com a doença. A partir do entendimento de que as mulheres com fibromialgia necessitam elevar sua autoestima, despertar o amor próprio e fortalecer a segurança interna até estarem aptas a tomar as rédeas da própria vida, percebe-se a importância de simbolizar a dor plasticamente e a influência do processo arteterapêutico na saúde e qualidade de vida dessas mulheres. Através deste relato de experiência, percebe-se que a Arteterapia é uma ferramenta potente de trabalho aos profissionais de saúde, por representar uma reinvenção do



cuidado na saúde pública e privada, trazendo benefícios que puderam ser experimentados e percebidos visivelmente nas oficinas realizadas. Além de compreenderem com profundidade sobre a fibromialgia, as mulheres relataram entender melhor a si e ressignificar as relações afetivas consigo, com seus corpos e com os outros. Contudo, evidenciou-se que um atendimento interdisciplinar em Arteterapia pode ser realizado de forma inovadora a partir do relato de uma experiência de sucesso e de parcerias efetivas entre os atores sociais comprometidos com as práticas em saúde transformadoras de realidades individuais e coletivas. Portanto, evidenciou-se a importância da Arteterapia como ferramenta que amplia a possibilidade de práticas no cuidado em saúde, contribuindo diretamente na vida das mulheres atendidas e indiretamente na formação de arteterapeutas e na expansão desta apaixonante profissão.

PALAVRAS-CHAVE: Arteterapia; Memórias corporais; Fibromialgia.

REFERÊNCIAS

ARCURI, I.G. **Arteterapia e o corpo secreto: técnicas expressivas coligadas ao trabalho corporal**. São Paulo: Vetor, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria 971, 03 de maio de 2006**. Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC). Brasília, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria 849, de 27 de março de 2017**. Institui a Arteterapia no SUS. Brasília, 2017.

GAETA, I. **Memória corporal: o simbolismo do corpo na trajetória da vida**. 3 ed. São Paulo: Vetor, 2016.

GOLDENBERG, E. **O coração sente, o corpo dói: como reconhecer e tratar a Fibromialgia**. 6 ed. São Paulo: Atheneu, 2008.

LELOUP, J.Y. **O corpo e seus símbolos: uma antropologia essencial**. 23 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

PAÍN, S.; JARREAU, G. **Teoria e técnica da arte-terapia: a compreensão do sujeito**. Porto Alegre: Artmed, 1996.



CAMERATA DE VIOLÕES: UMA EXPERIÊNCIA INORAVADORA NA SAÚDE MENTAL

Rosecler Cazzonato Siqueira - CAPS I, Indaial

rosecler60@hotmail.com

RESUMO: A oficina musicalização ocorre semanalmente no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS I) de Indaial/SC e conta com professores de música e facilitadores especializados objetivando desenvolver as potencialidades interativas e musicais dos usuários da atenção psicossocial, regularmente inseridos conforme Projeto Terapêutico Singular (PTS). As técnicas musicais são apresentadas num ambiente terapêutico que leva em consideração as fecundas vivências dos usuários proporcionando espaços privilegiados de convivência e o desenvolvimento de potencialidades pessoais e grupais indispensáveis ao processo de reabilitação psicossocial. Os efeitos terapêuticos das artes musicais são comprovados na experiência cotidiana dos usuários e profissionais da respectiva oficina. Chama atenção o desenvolvimento de habilidades complexas, tais como a leitura de partituras, a criação e a adaptação de composições musicais, a execução de clássicos da música erudita e popular brasileiras e o manejo de instrumentos musicais. A oficina é um importante instrumento de empoderamento dos usuários tradicionalmente estigmatizados e inabilitados pelo senso comum e por lógicas de tratamento em regime fechado. Incentiva-se, ademais, a reinserção dos participantes desta oficina nos ambientes comunitários por intermédio de apresentações artístico-culturais e relatos de vivências no Município de referência e em outras regiões do Estado de Santa Catarina. No decorrer da oficina os usuários se sentem encorajados a expor situações subjetivamente conflituosas, permitindo que o facilitador do grupo possa trabalhar a ressignificação de vivências mitigando o sofrimento psíquico. Experimenta-se, desta forma, a música como uma elementar forma de expressão, naturalmente sensível ao universo individual e coletivo dos usuários e um recurso terapêutico estratégico no conjunto de ações e atividades que integram os objetivos da reabilitação psicossocial. A musicalização é uma ferramenta terapêutica da Arteterapia, incluída nas Práticas Integrativas e Complementares do SUS, reconhecida pela Portaria n. 145/2017 do Ministério da Saúde, e tem a finalidade de propiciar múltiplas funções cerebrais, audição, ritmo, timbre, cognição, linguagem verbal expressiva, coordenação motora, emoções, ampliando os conhecimentos e a capacidade de percepção, revelando importantes reações mentais que se aplicam as terapias em pacientes com distúrbios variados principalmente psiquiátrico e neurológico. A arteterapia provoca emoções e expressões, propiciando mudanças psíquicas, equilíbrio, expandindo a consciência, reconciliando conflitos emocionais, de autoconhecimento e desenvolvimento pessoal, a identidade com



a música provoca sentimentos, mediando todas as capacidades humanas para que o sujeito busque a integralidade do ser. A música provoca pontos de interação entre os usuários, terapeutas e elementos da própria sociedade, produzindo não apenas vivências mas ações de cidadania, indispensáveis à construção da plenitude do sujeito.

PALAVRAS-CHAVE: Saúde Mental; Musicoterapia; Socialização.